



**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**



**GABRIELE ANTUNES SANTOS**

**APRENDIZAGEM NUMA PERSPECTIVA REFLEXIVA E TRANSFORMADORA EM  
UM CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS:**

Evidências do processo

**São Paulo**

**2022**



**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**



GABRIELE ANTUNES SANTOS

**APRENDIZAGEM NUMA PERSPECTIVA REFLEXIVA E TRANSFORMADORA EM  
UM CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS:**

Evidências do processo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Presbiteriana Mackenzie como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magda Medhat Pechliye

São Paulo

2022

*"Quando vejo alguém se empenhando pelo bem do próximo e do mundo,  
tenho a sensação de estar vendo um diamante entre o cascalho."*

(Mokiti Okada)

*"O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe  
numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com  
ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta,  
mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser  
apenas objeto, mas sujeito também da História."*

(Paulo Freire)

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer à Deus e a Meishu-Sama por toda a minha vida e por sempre guiarem o meu caminho, me utilizando como um instrumento para à construção de um mundo paradisíaco e poder ser útil em minha profissão.

Agradeço à toda a minha família, em especial aos meus pais Glaucio e Andrea, por todo o apoio, paciência, compreensão, força, amor e por toda educação, para que eu conseguisse dar continuidade no meu trabalho e em minha vida.

Agradeço a todos os meus professores desde a escola até a faculdade que contribuíram em meu processo de ensino e de aprendizagem.

Agradeço à Universidade Presbiteriana Mackenzie, ao Curso de Ciências Biológicas por me permitir me formar como professora e bióloga. Agradeço em especial ao meu Coordenador do Curso e professor o Dr. Adriano Monteiro.

Agradeço as minhas queridas professoras de licenciatura Dra. Rosana Jordão e também como a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magda Medhat Pechliye (por toda paciência e compreensão), que propiciaram a construção da minha identidade docente e contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, sem suas aulas e provocações para reflexão acredito que não seria a mesma pessoa com esse embargo de conhecimentos e experiências. Essas pessoas me inspiram em querer ser professora e acreditar que o ensinar e o aprender pode ser transformador.

Agradeço à todas as pessoas da banca e as demais pessoas presentes neste dia.

Agradeço a todos os meus amigos que me deram força, coragem, confiança, otimismo, alegria para que eu me renovasse todos os dias constantemente e fechasse este ciclo com chave de ouro, em especial à Julia Freitas, a Fabiana Moriya, ao Caio Ruiz, a Luna Mayura, a Luana Sdei, a Gabriela Hissa, a Ana Flávia, à Julia Rougreau. Ao Caio, Luna, Luana e Gabriela, muito obrigada por toda a nossa trajetória juntos e que possamos continuar fortalecendo e nos apoiando como amigos e profissionais.

Um agradecimento em especial ao Tadeu Ulisses Barros Leite por me dar força, direcionamento, coragem, confiança, alegria, companhia, incentivo e não permitiu que eu desistisse de concretizar os meus sonhos, objetivos e metas e concluir este ciclo da minha vida.

Por fim, agradeço a todos e a esse caminho que pude construir e dar continuidade mesmo com os seus aprimoramentos e desafios. E que irei continuar construindo e exercer com louvor à minha profissão. E que este trabalho possa ser o resultado de todo o esforço e makoto (sinceridade) nesses anos, e servir de utilidade para que muitas pessoas possam construir sua aprendizagem significativa.

## RESUMO

A relação entre o ensinar e o aprender podem apresentar diferentes evidências neste processo, se os alunos conseguiram aprender e em qual nível de reflexão de aprendizagem podem se encontrar, e assim, permitir avaliar e desenvolver os conhecimentos. E, para isso, visando uma aprendizagem transformadora, ou seja, com uma abordagem mais reflexiva e crítica, holística, interativa e construtiva que agrega pontos de vistas e hábitos de mente para a formação de quadros de referência, das identidades, autonomias e percepções dos alunos, o presente estudo teve como objetivo identificar e analisar possíveis indícios de aprendizagem transformadora. Para tanto, foram analisadas oito aulas gravadas de uma disciplina da quinta etapa do curso de Ciências Biológicas, selecionado as falas de três alunas e elaborado três quadros em formato de rubricas de avaliação consolidadas como ferramenta para avaliar em que nível de aprendizagem cada uma das alunas se encontram, por meio de um processo crítico e reflexivo (ANDRADE, 2000). Utilizando-se nestes quadros, os níveis de reflexão de aprendizagem propostos por Kember et al. (2008) e os parâmetros de competência de reflexão crítica e de comunicação estabelecidos por Peet (2020), assim como das referências abordadas sobre aprendizagem transformadora segundo Mezirow (1997). Com isso, a partir da análise das falas segundo o referencial e de acordo com os quatro quadros quantitativos construídos a partir dos resultados, pode-se compreender que as três alunas se encontram predominantemente no nível de Reflexão e no parâmetro de Exposição ou Pouco e também no parâmetro de Integração ou Mais ou Menos. Portanto, as alunas neste estudo puderam-se caracterizar de modo geral em um quadro mais reflexivo, relacionando com suas experiências pessoais e construindo uma aprendizagem mais significativa. Duas alunas se aproximaram mais da linha de aprendizagem transformadora, que seria na categoria de Reflexão Crítica e Transformação ou Muito, mas ainda quantitativamente, o maior número de respostas foi no nível de Reflexão, já que em suas falas ainda não haviam transformado de fato suas perspectivas, pensamentos, crenças, valores e conceitos antigos. O estudo revela que foi possível identificar e analisar evidências de aprendizagem num nível mais reflexivo, e que houve poucos indícios de aprendizagem transformadora.

**Palavras-chave:** Aprendizagem transformadora. Reflexão crítica.

## ABSTRACT

The relationship between teaching and learning can present different evidences in this process, if the students were able to learn and in what level of learning reflection they can be, and thus, allow to evaluate and develop the knowledge. And, for that, aiming at a transformative learning, that is, with a more reflective and critical, holistic, interactive and constructive approach that aggregates points of view and habits of mind for the formation of frames of reference, identities, autonomies and perceptions of the students, the present study aimed to identify and analyze possible signs of transformative learning. For that, eight recorded classes of a discipline of the fifth stage of the Biological Sciences course were analyzed, selected the speeches of three students and prepared three tables in the format of consolidated assessment rubrics as a tool to assess at what level of learning each of the students meet, through a critical and reflective process (ANDRADE, 2000). Using these frameworks, the levels of learning reflection proposed by Kember et al. (2008) and the parameters of competence for critical reflection and for communication established by Peet (2020), as well as the references addressed on transformative learning according to Mezirow (1997). With that, from the analysis of the speeches according to the referential and according to the four quantitative tables constructed from the results, it can be understood that the three students are predominantly in the Reflection level and in the parameter of Exposure or Little and also in the parameter of Integration or More or Less. Therefore, the students in this study were able to characterize themselves in a general way in a more reflective framework, relating to their personal experiences and building a more meaningful learning. Two students came closer to the transformative learning line, which would be in the Critical Reflection and Transformation or Much category, but still quantitatively, the largest number of responses was at the Reflection level, since in their speeches they had not yet actually transformed their old perspectives, thoughts, beliefs, values and concepts. The study reveals that it was possible to identify and analyze evidence of learning at a more reflective level, and that there was little evidence of transformative learning.

**Keywords:** Transformative learning. Critical reflection.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 - Trechos de falas da Aluna 1

Quadro 2 – Quantidade de respostas Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 - Aluna 1

Quadro 3 – Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 - Trechos de falas da Aluna 2

Quadro 4 – Quantidade de respostas Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 - Aluna 2

Quadro 5 – Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 - Trechos de falas da Aluna 3

Quadro 6 – Quantidade de respostas Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 - Aluna 3

Quadro 7 – Quantidade de respostas Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 – Três alunas



## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2. Referencial Teórico.....</b>	<b>9</b>
<b>3. Procedimentos Metodológicos.....</b>	<b>18</b>
<b>4. Resultados.....</b>	<b>21</b>
4.1. Quadro 1.....	22
4.2. Quadro 2.....	31
4.3. Quadro 3.....	32
4.4. Quadro 4.....	40
4.5. Quadro 5.....	41
4.6. Quadro 6.....	53
4.7. Quadro 7.....	54
<b>5. Discussão.....</b>	<b>54</b>
5.1. Ação habitual – Exposição ou Pouco.....	55
5.2. Compreensão – Exposição ou Pouco.....	55
5.3. Compreensão – Integração ou Mais ou Menos.....	58
5.4. Reflexão – Exposição ou Pouco.....	59
5.5. Reflexão – Integração ou Mais ou Menos.....	63
5.6. Reflexão – Transformação ou Muito.....	66
5.7. Reflexão crítica – Integração ou Mais ou Menos.....	71
5.8. Reflexão crítica – Transformação ou Muito.....	72
<b>6. Conclusão.....</b>	<b>80</b>
Referências.....	82
Anexo (Aulas gravadas e transcritas – Metodologia de Biologia 1)...	84

## 1. INTRODUÇÃO

O conceito de aprendizagem é algo complexo de ser definido e caracterizado seja em seu significado ou na sua qualidade, pois é dependente de critérios e conteúdos que torne o professor agente mediador da relação entre indivíduo e sociedade e o aluno como um aprendiz social (COLL, SOLÉ, 2006). Em sua maioria, o ensino tradicional fundamenta-se em teorias coerentes que revelam a superficialidade daquilo que está sendo apenas transmitido ao invés de ensinado. Então, o que se entende por aprendizagem?

A aprendizagem é polissêmica, ou seja, há diferentes definições, cada autor traz o seu significado do que é aprender. E o aprender está intrinsecamente ligado ao ensinar. O processo de ensino e de aprendizagem pode ser desenvolvido em uma aprendizagem transformadora do aluno, resultando em um ser autônomo, crítico, reflexivo e que permita construir sua identidade, e isso depende dos contextos histórico, político, econômico, social, religioso e cultural que cada um estará inserido.

Os diferentes contextos podem influenciar na construção de uma aprendizagem transformadora. Esta por ser holística, ou seja, que abrange o todo, inclui os indivíduos que compartilham mais suas percepções com o mundo, que englobam diferentes experiências, percepções, pontos de vistas, hábitos de mente e constroem uma diversidade de quadros de referência ou esquemas de significados dos conhecimentos aprendidos; e que pode desenvolver seres criticamente reflexivos (MEZIROW, 1997).

De acordo com Mezirow (1997) esse tipo de aprendizagem que relacionada a uma abordagem reflexiva crítica, permite transformar o indivíduo de dentro para fora, desconstruir e construir continuamente sua rede de conhecimentos e formar alunos que possam não só interagir, mas refletir e reformular conceitos, percepções, crenças e valores antigos em novos, reconstruindo e dando significado ao seu processo. Por ser algo amplo e complexo, de um nível mais profundo de reflexão, há ainda certa dificuldade em se atingir e ter evidências que comprovem uma aprendizagem transformadora, mas por ser algo novo e diferente, pode ser trabalhado e desenvolvido na relação professor-aluno durante o processo de ensino e de aprendizagem como será analisado neste estudo.

Para colaborar no desenvolvimento da relação professor-aluno durante o processo de ensino e de aprendizagem e propiciar a aprendizagem transformadora, Mezirow (1997) afirma que os educadores devem ajudar os alunos a se tornarem conscientes e críticos de suas próprias suposições, auxiliá-los para reconhecer e construir quadros de referência, a redefinir problemas em novas perspectivas, participar da interação e da dimensão dialética interativa. Neste sentido, ao analisar o processo de aprendizagem de três alunas numa disciplina de um curso de Ciências Biológicas, possibilita e estimula apurar o olhar para uma formação de professores mais instruídos em diferentes abordagens de ensino e de aprendizagem, mas que pode direcionar o ensinar dos seus alunos a resultar em uma aprendizagem transformadora.

Para isso, este presente projeto teve como objetivo geral identificar e analisar possíveis indícios de aprendizagem transformadora.

E, para tanto, os objetivos específicos foram:

- Identificar em qual nível de reflexão de aprendizagem e de parâmetro de desenvolvimento de competência cada aluna se encontra ao longo do seu processo de aprendizagem nesta disciplina.
- Construir as possíveis justificativas dos resultados obtidos.
- Perceber se houveram evidências de aprendizagem transformadora.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

O ensinar e o aprender estão intrinsicamente ligados a palavra conhecimento, e para abordar neste estudo sobre as possíveis evidências desse processo é necessário iniciar pela origem do conhecimento. A epistemologia é a teoria do conhecimento, que estuda a origem deste na relação do sujeito com o objeto, Mizukami (1986), aborda três tipos de epistemologias: a empirista (ligada as abordagens tradicional e a comportamentalista), a inatista, (ligada a abordagem humanista) e a interacionista, (ligada as abordagens cognitivista e a sociointeracionista).

Na epistemologia empirista o conhecimento está associado ao objeto de aprendizagem, seja ele o professor como centro na abordagem tradicional e ensinado

o método de transmissão-recepção, ou na abordagem comportamentalista em que se centraliza nos padrões de comportamento que os alunos repetem as ações dos professores e dependem de reforços positivos e negativos para se atingir determinada recompensa ou rejeição por ter realizado adequadamente ou não tal ação e comportamento que o professor requisitou (MIZUKAMI, 1986; MAURI, 1999).

Na aprendizagem tradicional, há uma certa dependência das ações e comportamentos dos professores que acabam transmitindo os conhecimentos, e mesmo assim há certas evidências desse processo, pois muitos indivíduos atualmente são resultado desse ensino, então significa que algo que foi ensinado mesmo que nessa linha transmissão-recepção, serviu de base para poder ir em busca do aperfeiçoamento da aprendizagem.

Neste mesmo sentido de caracterizar o aluno como um recipiente de informações e reflexões e que pode ser modificado quando necessário, Freire (1987) relaciona a educação bancária a um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante, construindo um processo de repetição e de memorização mecânica, oprimindo aquele que não tem o poder do “saber” e tornando o aluno um sujeito passivo, ingênuo e alienado.

Para Mizukami (1986), diferentemente dessa linha da educação bancária, na abordagem humanista, como a própria epistemologia inatista diz, se baseia no fato de que o conhecimento é nato, pertence, e não é transferido para o indivíduo. Freire (1996) ressalta que tanto o aluno como o professor devem ser seres inacabados, ou seja, que não possuem todos esses “saberes” e que tenham espaço para a construção de novos conhecimentos, de acordo com a mediação do educador este deve procurar estimular, despertar a curiosidade, a autonomia e a reflexão dos alunos, respeitar a dignidade e a identidade do educando a partir de questionamentos e provocações de situações-problema, tendo coerência entre o discurso (teoria) e a prática.

Coll e Solé (2006), ao tratar sobre a coerência entre o discurso (teoria) e a prática, trazem autores que defendem que a teoria e a ação se complementam, e outros, que a teoria serve de referencial para se traçar uma ação, visando solucionar os problemas. Ao relacionar a teoria e a prática, possibilita-se formar uma concepção construtivista que é caracterizada por um conjunto articulado de princípios que

permitem diagnosticar, julgar e tomar decisões fundamentais sobre o ensino; e o ensino necessita-se de teorias que forneçam instrumentos de análise e reflexão sobre a prática, sobre como se aprende e como se ensina (COLL; SOLÉ, 2006). Sobre este processo de ensino e de aprendizagem, os (as) professores(as) se fazem tantos questionamentos, muitas vezes sem uma resposta concreta, perguntas como por exemplo: “Como de fato os meus alunos aprendem? O que posso/devo fazer para que aprendam? O que é aprender? Aprender é repetir? É construir conhecimento? O que é construído? Reproduz, aliena, desenvolve?”.

Para poder se construir a relação educador-educando e uma aprendizagem significativa, é fundamental que haja questionamentos e provocações que façam o aluno refletir e se transformar em um ser autônomo, reflexivo e crítico (MEZIRROW, 1997). Mauri (1999) destaca que para isso, é também necessário se criar uma certa intimidade, compreender quem é aquele aluno, quais são suas dificuldades e facilidades, quais são seus conhecimentos prévios e priorizar o ensino dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais). Diferentemente da concepção de adquirir os conhecimentos relevantes, em que os alunos apenas processam as informações obtidas e repetidas, e não as constroem (MAURI, 1999).

A partir apenas do processamento dos conhecimentos adquiridos e da ausência da construção dos conhecimentos como tratado por Mauri (1999), por meio de situações-problemas criadas pelo professor, que se caracteriza como papel de orientador e investigador, estabelece-se certa interação como é retratado na abordagem cognitivista que está dentro da epistemologia interacionista, com o objetivo de que o aluno possa desenvolver a sua inteligência e depositar o conhecimento advindo das experiências na sua estrutura cognitiva, já pronta de acordo com o pensamento piagetiano (MIZUKAMI, 1986).

Segundo Gaspar (2009), Piaget refere-se que a aprendizagem está no processo cognitivo, no qual os alunos já possuem as estruturas cognitivas formadas ao longo do crescimento e que a partir da interação, cresce novos conhecimentos, há uma internalização para depois o compartilhamento com o social. Já para Vygotsky, ele acredita que primeiro ocorre a socialização e depois a internalização, ou seja, a estrutura cognitiva é construída e moldada ao longo das interações e do desenvolvimento dos conhecimentos (GASPAR, 2009).

De acordo com Mauri (1999), as estruturas cognitivas são formadas a partir de esquemas de conhecimento, o qual se concerne no conhecimento armazenado e conectado de forma pessoal, em que cada pessoa constrói o seu esquema ou a sua representação. Este se difere e transforma para cada diálogo, para cada aula, assim quanto maior e de melhor qualidade o embarco de conhecimentos, maior será a percepção sobre um determinado assunto, e mais acessível será sua rede de conhecimentos, podendo-se aperfeiçoar o nível de aprendizagem. Para formar uma estrutura cognitiva é necessário um contínuo processo de desconstrução e construção para formar um verdadeiro equilíbrio dinâmico, uma dimensão do entendimento dos conhecimentos e experiências adquiridas (COLOM, 2004).

A abordagem sociointeracionista apresenta uma maior dimensão do entendimento ao relacionar com esse desconstruir e construir continuamente, pois Mizukami (1986) afirma que é uma relação criada horizontalmente e não imposta, e de que é necessário uma troca, interação entre professor-aluno, e que o papel do professor necessita ser uma prática transformadora, desmistificadora, questionadora e de estar disposto em trabalhar em conjunto. Partindo desse ponto, Freire (1987) traz a educação libertadora, na qual adere a esta epistemologia interacionista, que problematiza, liberta, aborda a dialogicidade, permite a reflexão, a criatividade e a transformação, despertando o ser alienado para o ser consciente de sua realidade.

Ao falar sobre dialogicidade, a palavra diálogo se caracteriza pela sua superficialidade e não processamento e reflexão das informações, permitindo uma troca escassa, diferentemente da expressão dimensão dialética interativa, esta permite a reelaboração e a devolutiva dos conhecimentos nas interações, o que faz construir uma integridade entre o individual e o coletivo (COLL; SOLÉ, 2006).

A comunicação incorporada, ou seja, mais envolvente, específica e interessante que integra, aprofunda e reformula os conhecimentos, permite que tanto o professor como o aluno por exemplo, possam construir uma dimensão dialética interativa com maior descrição e profundidade das experiências, provocando o surgimento de *insights* e aprendizagens ocultas e assim, transformando sua aprendizagem (PEET, 2020).

Assim como a dimensão dialética interativa permite a reelaboração e a devolutiva, o retorno ou *feedback* também atua na revisão do que não está adequado

e permite retornar ao aluno para que este possa analisar, refletir e transformar o conhecimento e assim, devolvê-lo para o professor novamente; permitindo-se essa troca contínua do transformar da aprendizagem e da formação de uma rede de complexidade, agregando-se diferentes saberes (COLOM, 2004).

Ainda Colom (2004) coloca o paradigma da complexidade baseado nos processos e redes de conhecimento e que pode ser complementar a teoria do caos tratado por este mesmo autor, que ao estudar equações não-lineares podem gerar um comportamento complexo, o qual pode chegar no limiar do estado do caos; neste mesmo sentido de reelaboração dos conhecimentos, o caos traz a desordem que se transforma na ordem e vice-versa.

A desconstrução e a construção do processo de ensino e de aprendizagem pode ser relevante tanto para os alunos como para os professores, para que ambos reflitam sobre a sua trajetória e seus erros e assim, possam ter a possibilidade de transformar suas concepções. Para isso, Freire (1996) traz a intencionalidade reflexiva, no qual diz que o professor necessita rever e reformular suas metodologias de ensino, tentar ouvir e se fazer presente com e para os seus alunos, se colocar à disposição e importar-se em respeitar a sua autonomia, sua dignidade e sua identidade discente.

O significado de ensinar para Coll e Solé (2006) é tão complexo, porque depende de muitas variáveis e de diferentes contextos sejam eles sociais, econômicos, políticos, religiosos, culturais, históricos, e que inseridos nestes de alguma forma, definem quem é o sujeito e o momento em que está inserido na sociedade, por isso que o ensinar é dependente da complexidade e, do olhar de quem aprende e de quem ensina, da interação entre as partes.

Com isso, para que se construa uma relação professor-aluno visada em uma rede de complexidade, em uma soma das partes que é maior do que o todo, que é a interação, o papel do professor é desequilibrar, é provocar conflitos, é reformular os esquemas de conhecimento, é construir uma aprendizagem significativa e, assim se chegar a um novo equilíbrio dinâmico (COLOM, 2004). Por ter um perfil conceitual bem diverso, há diferentes conceitos, explicações, abordagens, epistemologias, concepções para se definir o conceito de aprendizagem (FREIRE, 1996). Neste estudo optou em trabalhar sobre o conceito de aprendizagem transformadora.

A teoria ou aprendizagem transformadora, envolve algo profundo e interno, visando uma mudança do aprender de dentro para fora, o aluno acaba sendo literalmente transformado por completo, pois abrange diferentes pontos, contextos, relações que está inserido, construindo indivíduos capazes de desafios mais complexos, de colaboração e um rápido aprendizado; modifica-se como percebem, vivem, funcionam e agem no mundo, e como atuam para transformar a sua realidade incentivando a receptividade, a autoconsciência e a formação da identidade (TRANSFORMATIVE LEARNING PERSPECTIVES, 2015).

Peet (2020), aborda um conceito similar e que contempla o perfil conceitual de aprendizagem transformadora, a chamada Aprendizagem Generativa, a qual permite auxiliar os indivíduos a construir seus conhecimentos generativos que seria o desenvolvimento, o gerar uma melhor versão de cada pessoa emergindo-se de dentro para fora, e assim, alinhando-se os propósitos, capacidades e a relação com o mundo.

A aprendizagem transformadora considera uma relação baseada em que os indivíduos compartilhem mais suas percepções com o mundo, trazendo diferentes pontos de vista e procurando integrar suas experiências e relacionamentos holísticos, ou seja, que abrangem sua totalidade, entendendo o ser como um todo e não apenas as suas partes; desenvolvendo-se assim a autonomia que se refere à compreensão, as habilidades e a disposição para construir um ser criticamente reflexivo (MEZIRROW, 1997).

O pensamento crítico manifestado dentro da consciência permite a formação de quadros de referência os quais são estruturas de suposições que visam compreender as experiências, moldam e delimitam seletivamente expectativas, percepções, cognições e sentimentos (MEZIRROW, 1997). E este processo mais crítico e racional realizado, torna os alunos seres mais inclusivos, discriminadores, abertos, reflexivos e emocionalmente capazes de mudar, gerando crenças e opiniões que se mostrarão mais verdadeiras ou justificadas para guiar as ações em seu processo de aprendizagem (DIRKX; MEZIRROW; CRANTON, 2006).

Com relação às crenças, julgamentos de valor, atitudes e sentimentos, Mezirow (1997) diz que estes influenciam na formação de pontos de vista, os quais se articulam nos hábitos da mente como formas amplas, abstratas, orientadoras e habituais de pensar, sentir, e agir influenciado por pressupostos e seus códigos culturais, sociais,



educacionais, econômicas, políticas ou psicológicas; ambos, pontos de vista e hábitos de mente são as duas dimensões que compõem os quadros de referência, os quais são similares a representações dos conhecimentos que podem ser construídos pelos alunos com a mediação dos professores.

Os pontos de vista são mais acessíveis à conscientização e ao *feedback* dos outros indivíduos. Como Colom (2004) relaciona o *feedback* à uma maneira empática de se comunicar e processar as informações retornando com as devolutivas, torna-os também mais práticos e atingíveis. A comunicação ou o discurso, é um diálogo que examinando criticamente evidências, argumentos e pontos de vista alternativos, sugere que a reflexão crítica e o discurso dialético sejam condições transformadoras para aperfeiçoar e desenvolver o raciocínio (MEZIRROW, 1997).

Para propiciar a aprendizagem transformadora, Mezirow (1997) afirma que os educadores devem ajudar os alunos a se tornarem conscientes e críticos de suas próprias suposições, precisam de auxílio para reconhecer quadros de referência e usar sua imaginação para redefinir problemas de uma perspectiva diferente, assim como necessitam serem auxiliados a participar dos discursos a relação professor-aluno.

O discurso ou a comunicação incorporada sendo um processo social é necessário validar o que e como alguém entende, ou para chegar a um melhor julgamento sobre uma crença, construir uma dimensão dialética interativa aprofundada nas experiências e transformar sua aprendizagem de forma reflexiva (PEET, 2020).

Partindo-se desse ponto Kember et al. (2008) dizem que para avaliar um nível de reflexão de aprendizagem e transformar a relação professor-aluno, entendendo como os alunos aprendem, podem utilizar-se de categorias para promover a prática reflexiva, classificando em: **Ação habitual ou não reflexiva**, **Compreensão**, **Reflexão e Reflexão crítica**. Kember et al. (1999) descreve ainda que dentro dessa classificação das categorias, baseadas em Mezirow, este divide o pensamento reflexivo em sete níveis: ação não-reflexiva, subdividida em ação habitual, ação pensativa (faz uso do conhecimento existente, sem tentar avaliar que conhecimento, de modo que a aprendizagem permanece dentro de esquemas e perspectivas de significado pré-existentes) e introspecção (reconhecimento ou consciência de

pensamentos ou sentimentos) e a ação reflexiva que abrange a reflexão do conteúdo (relacionado à experiência), a reflexão do processo (ligado a como processar a experiência) e a reflexão de premissa (que analisa crenças, valores sobre a experiência). Neste estudo priorizou-se estudar e descrever sobre os quatro principais níveis propostos: Ação habitual ou não-reflexão, Compreensão, Reflexão e Reflexão crítica.

O primeiro nível de Ação habitual ou Não-reflexão (*Habitual action*): acontece quando o aluno responde automaticamente e superficialmente, sem ter uma compreensão acerca do conceito ou teoria e dos princípios abordados, como se estivesse seguindo um livro de receitas, um manual de laboratório ou o próprio professor, acaba-se não estimulando o lado reflexivo dos alunos (KEMBER ET AL., 2008).

O segundo nível de Compreensão (*Understanding*): os alunos apresentam uma certa compreensão sobre os conhecimentos ensinados, mas ainda acabam adotando as concepções dos professores, permanecendo ainda em uma rede de transmissão-recepção, sem impor ou relacionar as suas experiências pessoais, os seus conhecimentos prévios, sem reflexão e sem criar um significado pessoal (KEMBER et al., 2008).

O terceiro nível de Reflexão (*Reflection*): considera a relação dos conceitos com os conhecimentos e as experiências pessoais, a relação da teoria e da prática, os alunos já se tornam sujeitos ativos, despertam da alienação, não aderem somente a respostas prontas do livro, de outro material ou do professor, transformam-se em seres autônomos e livres para essa desconstrução e construção contínua do processo de ensino e de aprendizagem (KEMBER ET AL., 2008).

E, o último nível de Reflexão crítica (*Critical reflection*) ou como Mezirow considera de premissas: intensifica-se essa desconstrução e construção, implicando na transformação das perspectivas dos alunos, modificando-se crenças e valores antes assimilados em novos conhecimentos, como não têm conceitos arraigados sobre um campo ou domínio do conhecimento, permite-se que ocorra essa aprendizagem transformadora (KEMBER ET AL., 2008).

A aprendizagem transformadora ajuda a elaborar, criar e transformar os esquemas de significado (crenças, sentimentos, interpretações, decisões) por meio

da reflexão do conteúdo, do processo de aprendizagem e da formação de premissas (contexto social, história e consequências) e assim a transformar as perspectivas (MEZIROW, 1991; 1997). A aprendizagem transformadora pode ser chamada também de “profunda” como Dirkx classifica por ter um nível profundo de reflexão crítica, a qual desafia pressupostos, noções e significados existentes (DIRKX; MEZIROW; CRANTON, 2006).

Para estimular e relacionar a reflexão crítica e a comunicação dos alunos e levá-los à uma aprendizagem transformadora, Peet (2020), traz parâmetros de desenvolvimento da competência de reflexão e comunicação, que medem em qual etapa o aluno se localiza durante o seu processo de ensino e de aprendizagem, nesta competência aborda três que foram utilizados neste estudo: Exposição, Integração e Transformação. O parâmetro de exposição, retrata que está exposto a algo, apresenta-se ao aluno diferentes tipos de situações, problemas, eventos, conhecimentos, sendo o aluno capaz de entender, aprender e dar significado; o parâmetro de integração, demonstra reflexão e estabelecimento de relação dos conceitos com as suas experiências pessoais, surgimento de questionamentos, curiosidades e permite sair da alienação; e o terceiro parâmetro de transformação, permite que o aluno tome consciência de seus pensamentos e perspectivas transformados por meio de reflexão, e pode rever premissas, valores, pressupostos que leva à mudanças na comunicação, nos discursos e atitudes, e o compartilhar com o social (PEET, 2020).

Portanto, para poder analisar as possíveis evidências do processo de ensino e de aprendizagem numa perspectiva reflexiva e transformadora, e unir os níveis de reflexão de aprendizagem e os parâmetros de competências abordados acima, utilizou-se um instrumento de avaliação chamado rubrica.

As rubricas servem como instrumento no processo de avaliação dos alunos, para que os professores possam averiguar o seu nível e o seu processo de aprendizagem, também podem ser utilizadas como autoavaliação dos próprios discentes, um recurso que pode ser usado como *feedback*, orientação e acompanhamento do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, melhorando as dificuldades e evidenciando os pontos fortes (ANDRADE, 2000).

Neste sentido, Andrade (2000), fala que as rubricas ajudam e mostram aos estudantes como ser mais rápidos e eficientes ao associar e aprender novos conhecimentos, dão suporte para a aprendizagem e para o desenvolvimento de habilidades, e que geralmente é composta por uma lista de critérios e graus de qualidade (que podem variar de acordo com a construção, por exemplo podem ser: Regular, Bom e Ótimo ou Pouco, Mais ou menos e Muito ou como foi realizado no estudo Exposição ou Pouco, Integração ou Mais ou Menos e Transformação ou Muito) medindo estes critérios, além de que o professor pode construir também junto com seu aluno para ensinar e avaliar sobre determinado conhecimento.

Para se construir uma avaliação formativa ao utilizar-se de rubricas como instrumento de avaliação, é necessário que se guie por alguns critérios como: realizar atividades abertas por exemplo, projetos ou situações-problema, que sirvam de janela para despertar, refletir e desconstruir os pensamentos e as capacidades; clareza nas explicações da qualidade do trabalho esperado; possuir *feedbacks* construtivos tanto pelo professor como pelos alunos no desenvolvimento da atividade e a construção de uma autoavaliação acompanhada por evidências coletadas e organizadas pelo próprio aluno auxiliando no processo-reflexivo do aluno (NUNES, 2017).

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente estudo consistiu em uma pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa visando identificar e analisar possíveis indícios de aprendizagem transformadora. Para isso, foram transcritas e organizadas oito aulas síncronas gravadas de uma turma da quinta etapa de uma disciplina do curso de Ciências Biológicas de uma Universidade particular que ocorrem durante o período da pandemia no primeiro semestre de 2021.

Esta disciplina, tem como ementa: comparar as diversas abordagens de ensino, verificando suas semelhanças, diferenças e possibilidades de aplicação na prática docente; possibilitar a apresentação e a análise da abordagem interacionista; discutir sobre o papel da experimentação no ensino de ciências; investigar a prática docente a partir dos estágios supervisionados obrigatórios; aprofundar-se e sensibilizar-se sobre a responsabilidade do papel social do educador e propiciar reflexões sobre as vivências de estágio. E tudo isso, utilizando-se aulas expositivas dialogadas,

dinâmicas de grupos, simulação de aulas, interpretação de textos, elaboração de relatórios e resolução de problemas. Os textos utilizados na discussão das aulas foram ou capítulos retirados de livros ou artigos: Cap. Os professores e a concepção construtivista (COLL, SOLÉ, 2006), Cap. Experimentação em ciências – abordagem crítica e propostas (GASPAR, 2009), Construtivismo e mudança (ROSA, 2003), Cap. Ensinar não é transferir conhecimento (FREIRE, 2010), Pedagogia do oprimido (FREIRE, 2006), Cap. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? (MAURI, 2006), Ensino: As abordagens do processo (MIZUKAMI, 1986), As concepções dos professores sobre a aprendizagem (POZO, ECHEVERRÍA, 2001), e Concepções de professores de ensino superior de um curso de Ciências Biológicas sobre aulas práticas (FRANCISCO, PECHLIYE, 2017).

Para se colocar em prática a problemática a ser investigada foram selecionadas três alunas desta turma que mostraram uma maior participação nas aulas e também maior variabilidade do contexto das falas, permitindo-se analisar em diferentes níveis. E assim, durante as aulas transcritas nas tabelas em anexo, grifou-se em cores as falas das alunas (em amarelo: para a fala da Aluna 1, em rosa: para a fala da Aluna 2 e em cinza: para a fala da Aluna 3, foi grifado em verde também para as partes relevantes em se construir o referencial teórico). Na coleta dessas falas, priorizou-se apenas as referentes as discussões dos textos colocados como material bibliográfico citados anteriormente, não selecionando as falas referentes a atividades como: relatórios, estágios, fichas, atividades e outros trechos que não tinham relevância para a análise.

Após a coleta, as falas dessas alunas foram separadas em três quadros construídos em formato de rubricas de avaliação consolidadas como ferramenta para avaliar em que nível de aprendizagem cada aluna se encontra, um processo reflexivo que corrobora em uma lista de critérios comparada com níveis de gradação de qualidade como é mostrado no exemplo do Quadro 1 (ANDRADE, 2000). Neste caso, essa rubrica foi composta pelos níveis de reflexão de aprendizagem como critérios de acordo com David Kember sendo eles: **Ação habitual, Compreensão, Reflexão e Reflexão Crítica** (KEMBER ET AL., 2008), comparando-se com os parâmetros de desenvolvimento da competência de reflexão crítica e de comunicação abordados como níveis de gradação de qualidade (PEET, 2020), sendo eles: **Exposição (ou pouco), Integração (ou Mais ou Menos) e Transformação (ou muito)**.

Além disso, foram construídos também mais quatro quadros referentes aos resultados coletados nos quadros em rubricas compostos pelas falas categorizadas das três alunas. Nestes, priorizou-se quantificar o número de falas presentes em cada nível e parâmetro de cada uma das alunas, formando cada quadro com a quantidade de falas delas, respectivamente. E, também, foi quantificado um quadro correspondendo ao total de falas selecionadas de todas as alunas em cada categoria, evidenciando o total geral descrito em cada nível e parâmetro. De modo a verificar em qual nível de aprendizagem e de parâmetro de desenvolvimento de competência de reflexão crítica e de comunicação cada aluna se encontra ao longo do seu processo de aprendizagem nesta disciplina, compreendendo se houve evidências de aprendizagem transformadora.

Quadro 1 – Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 - Trechos da Aluna x			
<b>Aluna X</b>	<b>Exposição ou Pouco</b> Retrata que está exposto a algo, apresenta-se ao aluno diferentes tipos de situações, problemas, eventos, conhecimentos, sendo capaz de entender, aprender e dar dignificado (PEET, 2020).	<b>Integração ou Mais ou menos</b> Demonstra reflexão e estabelecimento de relação dos conceitos com as suas experiências pessoais, surgimento de questionamentos, curiosidades e permite sair da alienação (PEET, 2020).	<b>Transformação ou Muito</b> Permite que o aluno tome consciência de seus pensamentos e perspectivas transformados por meio de reflexão, e pode rever premissas, valores, pressupostos que leva às mudanças na comunicação, nos discursos e atitudes, e o compartilhar com o social (PEET, 2020).
<b>Ação Habitual</b> Acontece quando o aluno responde automaticamente e superficialmente, sem ter uma compreensão acerca do conceito ou teoria e dos princípios abordados, como se estivesse seguindo um livro de receitas, um manual de laboratório ou o próprio professor, acaba-se não estimulando o lado reflexivo dos alunos (KEMBER ET. AL, 2008).	exemplos	exemplos	exemplos
<b>Compreensão</b> Os alunos apresentam uma certa compreensão sobre os conhecimentos ensinados, mas ainda acabam adotando as concepções dos professores, permanecendo ainda em uma rede de transmissão-recepção, sem impor ou relacionar as suas experiências pessoais, os seus conhecimentos prévios, sem reflexão e sem criar um significado pessoal (KEMBER ET. AL, 2008).	exemplos	exemplos	exemplos
<b>Reflexão</b> Considera a relação dos conceitos com os conhecimentos e as experiências pessoais, a relação da teoria e da	exemplos	exemplos	exemplos

prática, os alunos já se tornam sujeitos ativos, despertam da alienação, não aderem somente a respostas prontas do livro, de outro material ou do professor, transformam-se em seres autônomos e livres para essa desconstrução e construção contínua do processo de ensino e de aprendizagem (KEMBER ET. AL, 2008).			
<b>Reflexão crítica</b> Intensifica-se essa desconstrução e construção, implicando na transformação das perspectivas dos alunos, modificando-se crenças e valores antes assimilados em novos conhecimentos, como não têm conceitos arraigados sobre um campo ou domínio do conhecimento, permite-se que ocorra essa aprendizagem transformadora (KEMBER ET. AL, 2008).	exemplos	exemplos	exemplos


#### 4. RESULTADOS

A partir desse estudo e análise do processo de ensino e de aprendizagem dessas três alunas nessa disciplina do ensino superior, foram construídos três quadros em formato de rubricas de avaliação consolidadas, contendo os níveis de reflexão de aprendizagem como critérios e os parâmetros de desenvolvimento da competência como níveis de qualidade. Categorizando-se as falas de cada uma das três alunas selecionadas em cada tabela correspondente, de acordo com as referências acerca deste tema. Foram analisadas oito aulas ao todo.

O Quadro 1 abaixo mostra os trechos das falas da Aluna 1 categorizados.



**4.1. Quadro 1 - Modelo de Rubrica: NÍVEIS DE REFLEXÃO DE APRENDIZAGEM x PARÂMETROS DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA**  
**Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021**  
**Trechos de falas da Aluna 1**

 Amarelo: Aluna 1	<b>Exposição ou Pouco</b> Retrata que está exposto a algo, apresenta-se ao aluno diferentes tipos de situações, problemas, eventos, conhecimentos, sendo capaz de entender, aprender e dar dignificado (PEET, 2020).	<b>Integração ou Mais ou Menos</b> Demonstra reflexão e estabelecimento de relação dos conceitos com as suas experiencias pessoais, surgimento de questionamentos, curiosidades e permite sair da alienação (PEET, 2020).	<b>Transformação ou Muito</b> Permite que o aluno tome consciência de seus pensamentos e perspectivas transformados por meio de reflexão, e pode rever premissas, valores, pressupostos que leva à mudanças na comunicação, nos discursos e atitudes, e o compartilhar com o social (PEET, 2020).
<b>Ação Habitual:</b> Acontece quando o aluno responde automaticamente e superficialmente, sem ter uma compreensão acerca do conceito ou teoria e dos princípios abordados, como se estivesse seguindo um livro de receitas, um manual de laboratório ou o próprio professor, acaba-se não estimulando o lado reflexivo dos alunos (KEMBER ET. AL, 2008).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu achei essa mais difícil assim, no texto pelo menos tipo, eu achei o texto mais...palavras difíceis.” – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></li> </ul>		
<b>Compreensão</b> Os alunos apresentam uma certa compreensão sobre os conhecimentos ensinados, mas ainda acabam adotando as concepções dos professores, permanecendo ainda em uma	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Quando você está inserido em uma cultura você está condicionado a ela, mas posso refletir e mudar.” – <b>Aula Met Bio 1 – 12/03/21</b></li> <li>• “Eu achei muito difícil tipo.../ Tudo que ele fala assim, é...eu,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É pra mim, o fato do, ah foi naquela semana de relatório né e nanana. Então foi um, foi um texto meio complexo pra mim assim. Tipo eu não tinha entendido tanto, acho que eu tinha lido meio por cima assim. Agora ficou mais</li> </ul>	

rede de transmissão-recepção, sem impor ou relacionar as suas experiências pessoais, os seus conhecimentos prévios, sem reflexão e sem criar um significado pessoal (KEMBER ET. AL, 2008).

eu acho muito legal e eu e eu concordo, e é o que eu penso assim também de como dar aula, nanana. Só que eu tinha que reler algumas frases assim, 10 vezes pra entender que aquilo lá fazia sentido pra mim sabe. Porque, não sei, tipo palavras difíceis e uma forma mais complexa de escrever que pra mim assim foi, foi mais maçante de ler, que realmente...tipo eu realmente tive que reler algumas coisas até conseguir entender que que ele tava dizendo ali, assim.” – **Aula Met Bio 1 – 12/03/21**

- “É...a construção do conhecimento, eu acho que eu relaciono mais com Freire e com Coll e Solé. Porque eles dizem que, que aprender tipo, que o, que o aluno precisa de...É construir mesmo né de fato, isso principalmente no construtivismo. E o conhecer as respostas corretas eu colocaria no Gaspar, disso, dessas coisas de...Não sei, não tá muito claro na minha cabeça, mas eu colocaria assim.” – **Aula Met Bio 1 – 23/04/21**

claro, mas eu sinto que agora eu quero reler tendo visto isso tudo que você falou, sabe.” – **Aula Met Bio 1 – 23/04/21**

<p><b>Reflexão</b>          Considera a relação dos conceitos com os conhecimentos e as experiências pessoais, a relação da teoria e da prática, os alunos já se tornam sujeitos ativos, despertam da alienação, não aderem somente a respostas prontas do livro, de outro material ou do professor, transformam-se em seres autônomos e livres para essa desconstrução e construção contínua do processo de ensino e de aprendizagem (KEMBER ET. AL, 2008).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É eu não li, mas é...não sei. Eu tava pensando aqui que isso de dar os materiais e falar faz alguma coisa. Me lembra um pouco do que a gente leu do outro texto da redescoberta, meio tipo, pega aí e descobre qual é a lei né, descobre o que que acontece. Eu não sei, passou na minha cabeça de talvez tipo, dar os materiais e falar aonde você quer que chegue? Então tipo eu to te dando esses materiais e eu quero que vocês me mostrem como que com esses materiais vocês conseguem chegar nessa lei. Você não vai descobrir a lei. Eu to te dando a lei. E com esses materiais, você precisa me comprovar a lei. E aí, talvez não fica tão...tão amplo assim. Não sei.” - <b>Aula Met Bio 1 – 26/02/21</b></li> <li>• “Não, eu achei mais fácil também. Só teve uma parte, ele é dividido em itens né? Só teve um item que eu não entendi nada./ Vo pegar aqui qual era. Acho que era o penúltimo. Mais de resto, eu também achei mais fácil. Mas acho que também, eu tava mais entretida assim do que o</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É, porque você.../ Sim, você falando isso, de eu não tenho problema com o erro, eu acho que foi tipo uma das primeiras vezes que eu ouvi um professor falando com essas palavras. Sabe? Porque é isso. Tipo a gente não escuta isso. O professor não chega e fala: gente eu não tenho problema com...O professor chega e fala: a gente vai ter uma prova e que pra vocês passarem, vocês vão ter que acertar.” - <b>Aula Met Bio 1 – 12/02/21</b></li> <li>• “Pro, eu não fiz ainda, não sei dizer exatamente como eu me senti, mas o que eu sinto que eu sentiria, é que eu gosto, eu gosto da ideia de se conhecer mesmo. Eu gosto dessa relação de amizade, eu sinto isso muito aqui, que quando a turma são menorzinhas assim, forma realmente essa relação. Eu fiz PUC antes né, e na PUC eu não sentia, na PUC tinha muita a separação aluno-professor. Não tinha isso de você chegar e dar um abraço num professor sabe, era você passar e falar: bom dia, senhor. E aqui, e aqui não, eu sinto que tem tipo...quando eu te vejo, eu tenho vontade de abraçar e eu acho que é muito disso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É, que no início das atividades de redescoberta também foi um ponto assim, porque eu acho que...não sei. Semestre passado a gente teve que fazer uma atividade pra Professora 2 né, como se fosse pros alunos. E eu acho que eu não tinha essa noção de como tipo, tipo eu tinha meio essa noção sim de, ah vou fazer os alunos fazerem um experimento pra eles chegarem numa lei. Eu tinha isso na minha cabeça. Então isso pra mim foi um conflito cognitivo na minha cabeça. E aí foi bom que depois ele trouxe as, as outras sabe...não foi tipo, não é assim, e pronto acabou. Porque se não ia ficar ai meu Deus acabou o que eu pensava e não me trouxeram uma solução, mas aí eu gostei depois de ler sobre Piaget e Vigostsky também, que aí deu uma esclarecida assim, de que tem como ser de outra forma. Mas não necessariamente daquela que era assim, como eu pensava assim. Então foi legal pra mim.” - <b>Aula Met Bio 1 – 19/02/21</b></li> <li>• “Liberdade? Nesse, nesse, nesse contexto, pra mim é tipo a, não é a educação que vem e te fala: você tem que acreditar nisso, nisso, nisso, igual o seu professor fala. É a educação que te dá a liberdade</li> </ul>
--	--	--	--

	<p>outro. Acho que outro era muita coisa né, era maior e era muita, muita coisa. Esse tipo, eu fiquei mais entretida assim.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Troca.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li> <li>• “Reforça?” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li> </ul>	<p>assim, você não souber nada de mim, eu não souber nada de você, distância né. Então...eu gosto disso, e eu gosto disso de você da gente te conhecer, porque é isso, tipo se você precisa saber da gente, a gente também precisa saber de você, né. Então, eu acho importante sim. Não me incomoda nem um pouco.” - <b>Aula Met Bio 1 – 12/02/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Posso começar. É... em alguma aula de EAD, agora não lembro qual era da licenciatura. A gente tinha visto um pouco essas propostas assim, de ensino e tals. E...então, pra mim o texto tipo, meio reforçou umas coisas que eu já sabia, mas trouxe também outras que eu não lembrava. Acho que eu tinha, enfim eu sabia bem por cima assim, e aí foi bom que deu uma reforçada. E eu gostei da forma que o texto ocorre, tipo dessas separações bem certinhas assim de todos os pontos. É...hum...não sei, eu gostei, porque pra mim esclareceu coisas e eu achei um texto fácil, sabe. Não era...porque a gente nesse EAD, eu lembro que a gente leu um texto gigante sobre o tradicional. Um texto gigante sobre...Então esse texto foi mais</li> </ul>	<p>de escolhas, te oferece ali as possibilidades e dentro disso, você tem a liberdade de entender, de acreditar no que você quiser. Então pra mim, liberdade é isso assim.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu acho que, tentaria fugir do expositivo. / É. Tipo ir fazendo perguntas que possam, tipo perguntas menores que no fim tipo, eu quero chegar numa pergunta maior assim, mais perguntas menores que vai dando pra ir. Entendeu?” – <b>Aula Met Bio 1 – 23/04/21</b></li> </ul>
--	--	--	---

		<p>direto, nos pontos importantes. Eu particularmente, gosto disso. Então, eu..." – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Entender o ponto de vista do outro, não impor o certo e o errado, mas dar ferramentas para escolha dos caminhos.” – <b>Aula Met Bio 1 – 12/03/21</b></li> </ul>	
<p><b>Reflexão crítica</b> Intensifica-se essa desconstrução e construção, implicando na transformação das perspectivas dos alunos, modificando-se crenças e valores antes assimilados em novos conhecimentos, como não têm conceitos arraigados sobre um campo ou domínio do conhecimento, permite-se que ocorra essa aprendizagem transformadora (KEMBER ET. AL, 2008).</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É. Então é...então é muito diferente, tipo a gente vem da escola com essa cabeça de que o aprendizado ali, é você acertar sim. Então, logo o erro é um problema, né? Então é uma, é uma desconstrução que realmente deveria ser feita desde que é...né tipo ok que a escola precisa fazer a prova, você precisa passar na prova, porque é uma coisa exigida, mas não tem essa conversa. De...acho que não tem nem a cabeça né, por muitos professores de que o erro não deve ser um problema, porque enfim, a escola disse ali que você tem que fazer a prova, então você tem que acertar..." - <b>Aula Met Bio 1 – 12/02/21</b></li> <li>• “Hum, não. Eu acho que tipo, se for pra mim, nos, das outras abordagens ficou bastante coisa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Sim, e pro, quando você perguntou pra gente e pá, por que que a gente continua fazendo assim? Eu acho que tipo, vai muito além do ensino né. Tipo, a gente continua fazendo assim, porque o objetivo da escola, de grande parte das escolas, é de fazer passar no vestibular. Pra você passar no vestibular, você precisa decorar coisa e tirar boas notas. Então tipo, pra esse pensamento que é esse, pra quê que você tá aprendendo né? O ensino tradicional funciona, porque faz você decorar as coisas e passar no vestibular, e é isso que querem. Então também tipo, vai muito além né de só mudar o que a escola, tipo, é toda uma estrutura de pensamento que teria que ser mudada. E é isso, é muito difícil. Como que você vai virar e falar: não, agora eu não vou mais te ensinar pra você passar no</li> </ul>

		<p>sabe, dessa pra mim foram, ficou marcado assim duas coisas específicas. Foi o que eles falaram, primeiro que não fala professor-aluno né, educador e educando e que eles aprendem juntos, que não é um ensinando o outro, é...eles educam juntos é...um ao outro e, e também que o que importa não é o final né, que é o processo. Essas foram as coisas que ficaram pra mim, mas ficaram pra mim meio...sabe num contexto muito..." – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></p>	<p>vestibular, vou te ensinar, porque eu quero que você saiba pra sua vida, mas aí a criança vai ficar ué, mas e o vestibular, e a USP? Tipo, então, é...teria que mudar todo um contexto, não é só isso assim." – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• "Ah, eu me identifico nesses momentos que você fala pra mim, tipo eu falo: <i>ah, é, achei difícil o jeito que ele escreve</i>. Aí você fala pra mim: <i>eu respeito, só vou te mostrar que eu enxergo um pouco diferente, mas entendo você enxergar assim também</i>. Então acho que essa autonomia de tipo, não ser autoritária. É bem isso que você falou, não é porque eu acredito, que você tem que acreditar em x, que você tem que pensar da mesma forma que eu, você pode pensar y. Só a gente tem que conversar sobre, pensar sobre, mas que tá tudo bem se no final, você também fala pra gente que tipo: <i>tudo bem, se no final mesmo depois de tudo isso a gente vir a ser professores tradicionais</i> né. Tipo, a gente debateu, você ofereceu pra gente todas as informações pra gente escolher o que a gente quer acreditar né? Eu acho que é um pouco isso assim, não ter essa autoridade de falar o que que é o</li></ul>
--	--	--	---

			<p>certo, o que que é o errado, é dar autonomia pro aluno entender o que ele acha.” – <b>Aula Met Bio 1 – 12/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• “Ah, porque é isso mesmo, eu acho que o papel...seria legal o papel do professor ser esse de dar os caminhos e o aluno conseguir escolher, mas é isso com, sabendo que tipo, das consequências das suas escolhas. Então por exemplo, quando você diz aqui pra gente: eu te passo, se vocês quiserem. E fazer uma educação tradicional depois tipo, é escolha de vocês sabe. Só que a gente aqui, você, a gente, sabe as consequências. Então a gente sabe que cada tipo de educação que a gente escolher fazer, a gente aprendeu os objetivos.../ É. Então é uma escolha com responsabilidades, sabendo que, o que está escolhendo. Então, pra mim faz sentido.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li><li>• “Professora, eu vi bastante isso com o Erli, porque o Erli, ele aplica esses textos todos que a gente discute nas aulas. Ele dá o máximo dele pra colocar isso lá. E aí ele fala muitas coisas que ele mostra lá, ele falando da fotossíntese, ele perguntando...É não sei, sei lá, outro</li></ul>
--	--	--	--

			<p>exemplo, ele perguntou o que era homeostase pros alunos, os alunos responderam: o equilíbrio interno. Aí ele: ok gente. Na escola dele, ele é obrigado nas provas a colocar exercícios de vestibulares, exercícios da apostila. Aí ele falou: ok. Na, nas perguntas lá da apostila essa é a resposta certa lá, porque essa resposta que vão pedir em vestibular. Assim a resposta que vão pedir nos exercícios, mas aqui a gente vai debater por que que isso não tá certo, porque lá se você pensar no, na bomba de sódio e potássio não tá equilibrado. Então tipo, ele explica, ele mostra, que existe um outro jeito de pensar que você pode entender o que é equilíbrio interno, mas que você tem que entender que lá dentro não é exatamente um equilíbrio. Mas que na avaliação, talvez eles vão ter que, que ter esse né, então, livre.../ É. É que ele queria dizer que...enfim, você entendeu, mas, mas ele faz isso com tudo. Tipo de falar, aqui a gente vai debater por que que não é exatamente isso que a gente tá falando, por que que lá na prova você vai ter que falar isso, mas então ele faz isso. Porque é isso. Se você quer, se você vai passar tudo igual tá na prova, você não vai conseguir permitir essa</p>
--	--	--	---



			<p>construção mais aberta né, mas mais livre, mas ainda dentro do, com esse direcionamento.” – <b>Aula Met Bio 1 – 23/04/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• “É, o que mais vem pra mim, é a coisa da construção do conhecimento. E não, não a descoberta ou a transmissão né. Então, eu tava pensando né, tipo, ah a gente vai fazer um experimento na, na nossa aula simulada. Ele não pode ser pro aluno descobrir e ele também não pode ser uma coisa que só vai ilustrar né. Então, que o aluno tem que conseguir construir aquele conhecimento, que o professor tem que estar ali pra ajudar nessa construção. Pra que ela seja ainda, uma construção que faça sentido né?” – <b>Aula Met Bio 1 – 23/04/21</b></li></ul>
--	--	--	---

<b>4.2. Quadro 2 – Quantidade de respostas Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 – Aluna 1</b>				
<b>Aluna 1</b>	<b>Exposição ou Pouco</b>	<b>Integração ou Mais ou</b>	<b>Transformação ou Muito</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Ação Habitual</b>	1	0	0	1
<b>Compreensão</b>	3	1	0	4
<b>Reflexão</b>	4	4	3	11
<b>Reflexão crítica</b>	0	2	5	7
<b>TOTAL</b>	8	7	8	

Conforme é mostrado no Quadro 2, quantifica-se o número das falas da Aluna 1 em cada nível de reflexão e parâmetro de competência. Ao se observar os resultados em cada categoria, esta aluna encontra-se predominantemente no nível Reflexão Crítica e no parâmetro de Transformação ou Muito pelo seu número de falas ser maior nesta relação. Entretanto, ao se observar em um panorama da totalidade, apresenta-se cerca de 11 falas no nível de Reflexão e cerca de 8 falas nos parâmetros de Exposição ou Pouco e Transformação ou Muito.

O Quadro 3 abaixo mostra os trechos das falas da Aluna 2 categorizados.

**4.3. Quadro 3 – Modelo de Rubrica: NÍVEIS DE REFLEXÃO DE APRENDIZAGEM x PARÂMETROS DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA**  
**Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021**  
**Trechos de falas da Aluna 2**

<p>Rosa: Aluna 2</p>	<p align="center"><b>Exposição ou Pouco</b></p> <p>Retrata que está exposto a algo, apresenta-se ao aluno diferentes tipos de situações, problemas, eventos, conhecimentos, sendo capaz de entender, aprender e dar dignificado (PEET, 2020).</p>	<p align="center"><b>Integração ou Mais ou Menos</b></p> <p>Demonstra reflexão e estabelecimento de relação dos conceitos com as suas experiências pessoais, surgimento de questionamentos, curiosidades e permite sair da alienação (PEET, 2020).</p>	<p align="center"><b>Transformação ou Muito</b></p> <p>Permite que o aluno tome consciência de seus pensamentos e perspectivas transformados por meio de reflexão, e pode rever premissas, valores, pressupostos que leva às mudanças na comunicação, nos discursos e atitudes, e o compartilhar com o social (PEET, 2020).</p>
<p><b>Ação Habitual</b> Acontece quando o aluno responde automaticamente e superficialmente, sem ter uma compreensão acerca do conceito ou teoria e dos princípios abordados, como se estivesse seguindo um livro de receitas, um manual de laboratório ou o próprio professor, acaba-se não estimulando o lado reflexivo dos alunos (KEMBER ET. AL, 2008).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “O Vygotsky é humanista?” – <b>Aula Met Bio – 05/03/21</b></li> <li>• “Pro, eu não entendi...eu não entendi tipo, é em qual sentido a educação libertadora integral?” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li> </ul>		
<p><b>Compreensão</b> Os alunos apresentam uma certa compreensão sobre os conhecimentos ensinados, mas ainda acabam adotando as concepções dos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu ia falar a mesma coisa que a Aluna 5...” - <b>Aula Met Bio 1 – 12/02/21</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Posso falar uma coisa? É, eu quero fazer um paralelo com o que a Aluna 1 falou, e eu acho que me pegou assim...É sobre o método da redescoberta, é...por exemplo, Professora 2 mostrou uma vez um</li> </ul>	

professores, permanecendo ainda em uma rede de transmissão-recepção, sem impor ou relacionar as suas experiências pessoais, os seus conhecimentos prévios, sem reflexão e sem criar um significado pessoal (KEMBER ET. AL, 2008).

- “Não...eu tinha falado que eu, que eu ia falar a mesma coisa que a Aluna 5, sobre esse medo de errar assim. Acho que principalmente nos momentos atuais assim, é...quem erra assim, é super crucificado, cancelado né que agora é a palavra do momento eu acho. E, acaba criando essa pressão assim, de...não erre, não erre, não erre. E um professor não pode errar. Né? Um médico não pode errar, um...sei lá. Acho que é...tá muito, muito evidenciado isso hoje, principalmente.” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**
- “Eu colocaria dialogicidade, tá certa essa palavra? Mas, diálogo.” - **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- “É, eu lembro que ele falou algo sobre a palavra, assim a palavra na libertadora tem um significado e na bancária é só o som.” - **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- “Eu acho que sim, mas eu acho que é essa a intenção.../ Mas é diferente.” - **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

experimento que era, era sobre sombra. Então ele dava uma fonte de luz, umas peças, e os alunos precisavam descobrir como que colocavam todas as peças dentro é...dentro da sombra, eu acho que era isso. Isso. E aí é...e eu fiquei com isso na cabeça, porque pra mim eu não sei se eu entendi o método da redescoberta. Então acho que me pegou, porque para mim isso é um método da redescoberta, você dá os...os, os materiais, a pessoa vai manusear e aí ela vai redescobrir um...um conceito, uma lei. Lógico, na maioria das vezes não chega a redescobrir a lei né, não explica a lei, mas ela tá eu acho que...ela tá estimulando a, a professora, o professor, tá estimulando a pessoa a redescobrir. É...um conceito enfim....Isso me pegou bastante. Eu não sei se se é realmente isso. Ou se é...ou se eu não entendi o método da redescoberta.” - **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**

- “Então, eu ainda tô com a sensação de que a proposta daquele experimento por exemplo, e de vários outros que a gente já fez, segue essa linha sabe? Porque por exemplo, pra, pra fazer aquele experimento da sombra, não teve nenhuma aula hã...de teórica pra

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “De acordo com que, com que a gente sabe com a ciência e tudo, não. Isso tá errado.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li> </ul>	<p>explicar o que é sombra sei lá, alguma coisa do tipo. Então o aluno vai para testar os materiais e descobrir, redescobrir é...o conceito ou como funciona a sombra entendeu? A...” - <b>Aula Met Bio 1 – 19/02/21</b></p>	
<p><b>Reflexão</b> Considera a relação dos conceitos com os conhecimentos e as experiências pessoais, a relação da teoria e da prática, os alunos já se tornam sujeitos ativos, despertam da alienação, não aderem somente a respostas prontas do livro, de outro material ou do professor, transformam-se em seres autônomos e livres para essa desconstrução e construção contínua do processo de ensino e de aprendizagem (KEMBER ET. AL, 2008).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Então tipo aquela proposta, daquela aula, ela segue uma linha empirista seria isso? Ahh, agora entendi. Agora sim, agora faz sentido.” - <b>Aula Met Bio 1 – 19/02/21</b></li> <li>• “É, eu entendi mais ou menos isso também, que pra Piaget a gengiva é uma estrutura fixa. E...só vai nascer dentes, se a gengiva estiver pronta. Então tipo, só vai...você só vai...E pra Vygostsky.../Sim. E pra Vygostsky, eu entendi que a gengiva seria é...uma coisa mais maleável, mais adaptável. É...é tipo assim, ela preexiste, mas ela não é fixa. Então ela vai se moldar conforme o dente vai nascer. É tipo isso, tipo... /Se nascer um dente diferente, ela vai moldar pra...pra saber qual aquele dente. É mais ou menos isso.” - <b>Aula Met Bio 1 – 19/02/21</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É você já falou uma vez né, que eu escrevi o projeto, e a Professora 1 arrumava. Então eu mandava o projeto, ela ia, corrigia, voltava pra mim. Quando voltava pra ela de novo, era as mesmas coisas que eu perguntava de novo, tipo isso tá bom? E ela já tinha falado que tava bom. Então. É, é muito comum essa insegurança né, e a gente nunca confia no que a gente tá fazendo, é impressionante. Tipo, a gente pode tá dando o nosso melhor, mas a gente nunca vai achar que é o nosso melhor, a gente sempre vai achar que tem alguma coisa pra, pra arrumar e tudo. É muito...é eu acho que é normal assim.” - <b>Aula Met Bio 1 – 12/02/21</b></li> <li>• “Entendi que a palavra-chave aí é inatismo. O aluno vai fazer o que estiver dentro dele.” – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></li> <li>• “É...eu já tinha lido ele antes né, por conta do, do semestre passado. Mas,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Pro, acho que pra mim, é...o que mais ficou assim, é esse, essa questão do, do empirismo. É...fiquei com isso na cabeça, não tem jeito. É...eu acho que agora me fez questionar até as aulas que a gente chegou a produzir em aula sabe, porque... / É...às vezes tipo, você acha que, porque você tá fazendo aula prática que o aluno coloca a mão na massa e descobre, você tá fazendo aquilo que sei lá, que, que você mais acredita, sabe? Eu nunca imaginei que eu tava fazendo aula empirista, de verdade, e eu nem imaginei muito menos ainda que Professora 2 ia apresentar uma aula empirista pra gente. / Sim, não sei, mas ela não chegou a falar assim: olha vocês foram empiristas. / E é, é legal assim você depois de um tempo você reconhecer que você foi por você mesmo sabe, você reconhecer sozinho. É...eu acho que isso foi o que mais ficou assim, do texto e</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É, eu, comparando com o texto anterior, a pedagogia da autonomia, eu achei esse texto um pouco mais complicadinho assim de entender, porque eu acho que ele escreve mais...ele não escreve tão escancarado como é na pedagogia, na pedagogia da autonomia. Pelo menos eu, eu senti isso, que ele escreve mais entre linhas assim./ Então assim, eu senti um pouco mais de dificuldade de, para entender o texto. Entender o que ele tava falando na verdade.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li> <li>• “E crítica. Acho que eu colocaria crítica.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li> <li>• “Dar possibilidades, eu acho.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li> </ul>	<p>quando eu li de novo agora, é...eu não entendi porque que ele separa tipo é...em tópicos assim, é, professor-aluno, a relação professor-aluno, ensino-aprendizagem, porque tipo eu lendo, eu escrevo por tópicos né, eu faço resumo do texto por tópicos. E eu lendo, eu falava: por quê que isso tá em professor-aluno e não tá em ensino-aprendizagem também? e por quê não tá em ensino-aprendizagem? Entendeu? Porque tipo, pra mim é tudo a mesma coisa, tudo uma coisa só, que eu não entendi essa, essa separação.” – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Pro, é...nessa abordagem, eu vejo até que tipo, contexto político pode também influenciar, porque por exemplo, eu acho que aqui é...a liberdade do aluno é vista como um problema. Assim, o aluno não tem liberdade pra, pra se expressar, enfim, pra se colocar né. / Eu acho que por exemplo, numa época de ditadura militar por exemplo, o modo tradicional era, era a melhor forma assim de, de, de se ensinar né, porque, uma vez que só o professor tem a voz, ele vai expor as visões dele, e o aluno vai aceitar assim, particularmente né.” – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></li> </ul>	<p>da aula.” - <b>Aula Met Bio 1 – 19/02/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Na abordagem tradicional, apesar de identificar boa parte dos professores que já tive contato e me incluo nisso, não seria a abordagem que escolheria para lecionar. Não consigo concordar com a relação professor-aluno voltado para o docente, isso me incomoda bastante, não somos, não somos os únicos detentores de conhecimento.” – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></li> </ul>
--	--	---	---

		<ul style="list-style-type: none"><li>• “Eu acho que tem um limite, não sei./ É que tipo eu acho que a, a, a liberdade sem um limite, ela vira, vira bagunça. Tipo vira, eu esqueci a palavra, mas é...” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li><li>• “Faz parte do processo./ Da tomada de decisões, também./ Faz parte do planejamento.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></li><li>• “Pro, então assim tipo, por exemplo na questão do DNA que você deu o exemplo. É...eu preciso explicar qual é o modelo aceito de DNA, mas eu não, não, mas o aluno não é obrigado e ele.../ quer dizer ele, ele não é obrigado a aceitar, mas ele tem que sair da aula, entendendo.../ É que é, é difícil, é difícil tipo imaginar que você vai dar uma aula, é você vai construir uma aula com o seu aluno. Então você vai tipo, no fundo, no fundo, no final da aula é vocês vão chegar à uma conclusão, os alunos vão chegar à uma conclusão. Sei lá de de um tema qualquer, colocar sei lá. A planta faz fotossíntese pra produzir seu próprio alimento né, sua própria matéria. Então tipo, no fim da aula os alunos vão chegar essa conclusão, mas é difícil você mostrar pra eles que eles não são obrigados a aceitar isso. Sendo que você,</li></ul>	
--	--	--	--

		<p>é...conduziu a, a explicação aí, se entendeu?" – Aula Met Bio 1 – 19/03/21</p>	
<p><b>Reflexão crítica</b> Intensifica-se essa desconstrução e construção, implicando na transformação das perspectivas dos alunos, modificando-se crenças e valores antes assimilados em novos conhecimentos, como não têm conceitos arraigados sobre um campo ou domínio do conhecimento, permite-se que ocorra essa aprendizagem transformadora (KEMBER ET. AL, 2008).</p>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É...eu lembro que nessa aula, Professora 2 colocou a palavra banco na lousa.../ E ela perguntava: o que vem na nossa cabeça quando a gente vê essa palavra né. E aí a gente colocava: o dinheiro, dados, pensando em banco assim, mas relacionado a, a banco mesmo de dinheiro né, de movimentação de dinheiro. / E...aí ela colocou tipo: namoro. E aí ficou todo mundo: namoro, mas como assim namoro? Aí ela falou: ah não, é porque pra mim a palavra banco, representa o banco da praça. Nossa fico toda arrepiada só de falar, banco da praça, e banco da praça me lembra namoro, paquera, era como a gente paquera na época./ Eu achei isso tão fantástico, de...como uma única palavra tem um peso diferente pra nós sabe, por causa das nossas experiências, da nossa carga assim, histórica. Isso é fantástico, fico muito arrepiada. / Até hoje, eu nunca esqueci dessa aula. E ela falou um pouco dessa, dessa...teia de.../ Ela, ela depois</li> </ul>



			<p>ela explicava pra gente que, é...talvez agora, se uma pessoa fizer a mesma atividade a gente incluía a palavra namoro, e que pra gente incluir uma nova palavra nessa rede, a gente não precisa apagar todas as outras palavras. A gente não precisa cortar as relações com as coisas que a gente tinha na cabeça antes, pra colocar uma nova, um novo conhecimento ali, a gente apenas faz novas relações. É, aumenta a teia, ela falava, a gente tá aumentando a nossa teia.” – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• “Eu acho que a gente poderia tipo primeiro conhecer o que, o que o aluno pensa sobre o tema. Então o que ele conhece, o que ele já tem de rede sobre o tema, da rede dele né sobre o tema, para depois tentar problematizar a questão. Tipo, depois tenta criar um conflito nele, um conflito cognitivo. E ao mesmo tempo, é... não sei se expor, mas mostrar o, o outro lado da história. Não sei tipo, você conhece o que ele pensa, problematiza o que ele pensa, entende primeiro né o que ele pensa e por que que ele pensa daquele jeito, para depois problematizar. E para depois, é...</li></ul>
--	--	--	--

			não sei se expor, mas mostrar que existem outras possibilidades.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b>
--	--	--	---

<b>4.4. Quadro 4 – Quantidade de respostas Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 – Aluna 2</b>				
<b>Aluna 2</b>	<b>Exposição ou Pouco</b>	<b>Integração ou Mais ou</b>	<b>Transformação ou Muito</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Ação Habitual</b>	2	0	0	2
<b>Compreensão</b>	6	2	0	8
<b>Reflexão</b>	5	7	2	14
<b>Reflexão crítica</b>	0	0	2	2
<b>TOTAL</b>	13	9	4	

Conforme é mostrado no Quadro 4, quantifica-se o número das falas da Aluna 2 em cada nível de reflexão e parâmetro de competência. Ao se observar os resultados em cada categoria, esta aluna encontra-se predominantemente no nível de Reflexão e no parâmetro de Integração ou Mais ou Menos, mas também predomina no nível de Compreensão e no parâmetro de Exposição ou Pouco pelo seu número de falas ser maior nestas relações. Entretanto, ao se observar em um panorama da totalidade, apresenta-se cerca de 14 falas no nível de Reflexão e cerca de 13 falas no parâmetro de Exposição ou Pouco.

O Quadro 5 abaixo mostra os trechos das falas da Aluna 3 categorizados.

4.5. Quadro 5 – Modelo de Rubrica: NÍVEIS DE REFLEXÃO DE APRENDIZAGEM x PARÂMETROS DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA			
Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021			
Trechos de falas da Aluna 3			
	Exposição ou Pouco	Integração ou Mais ou Menos	Transformação ou Muito
<p>Cinza: Aluna 3</p>	<p>Retrata que está exposto a algo, apresenta-se ao aluno diferentes tipos de situações, problemas, eventos, conhecimentos, sendo capaz de entender, aprender e dar dignificado (PEET, 2020).</p>	<p>Demonstra reflexão e estabelecimento de relação dos conceitos com as suas experiências pessoais, surgimento de questionamentos, curiosidades e permite sair da alienação (PEET, 2020).</p>	<p>Permite que o aluno tome consciência de seus pensamentos e perspectivas transformados por meio de reflexão, e pode rever premissas, valores, pressupostos que leva à mudanças na comunicação, nos discursos e atitudes, e o compartilhar com o social (PEET, 2020).</p>
<p><b>Ação Habitual</b> Acontece quando o aluno responde automaticamente e superficialmente, sem ter uma compreensão acerca do conceito ou teoria e dos princípios abordados, como se estivesse seguindo um livro de receitas, um manual de laboratório ou o próprio professor, acaba-se não estimulando o lado reflexivo dos alunos (KEMBER ET. AL, 2008).</p>			
<p><b>Compreensão</b> Os alunos apresentam uma certa compreensão sobre os conhecimentos ensinados, mas ainda acabam adotando as concepções dos professores, permanecendo ainda em uma rede de transmissão-recepção, sem impor ou relacionar as suas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Não, mas ó, posso ter entendido errado, deixo procurar./ É, ah tá aqui ó, assim é possível verificar na fala do professor 2 as partes que refletem sobre a falha das atividades em grupo. Aí, tem várias citações de professores falando dessas falhas, por exemplo, você tem</li> </ul>		

experiências pessoais, os seus conhecimentos prévios, sem reflexão e sem criar um significado pessoal (KEMBER ET. AL, 2008).

é.../ *Em grupos, eles agem com uma coisa meio ditatorial, aí depois, você tem que tomar cuidado também, porque em grupo tem gente que só fica olhando, claro, tem grupos que o aluno senta de costas, e você tem que ir até lá e dar um cutucão./* Então, pros professores, é isso? Isso que eu confundi./ Então foi os professores mesmo, porque é, que eu lembro dos meus professores.../ É sim, sim. Eles falaram, aí começou muitas...uma citação atrás da outra deles falando desses problemas todos e tal.../ Aí teve uma hora...me deu isso, poxa, mas tudo bem. Tem todos esses problemas, mas tipo é...tudo vai ter falhas./ É. Aí outra coisa que também, é que é verdade né isso de...eu nunca vi um professor lidando e sabendo lidar com uma pessoa no grupo que não faz nada./ É porque muitas vezes, eu...os alunos acham que não deduram, porque tipo vai esperar se vai fazer alguma coisa e aí..." – **Aula Met Bio 1 – 26/02/21**

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “E também fala que no ensino tradicional, eles são mais preocupados em transmitir uma quantidade certa de conteúdo do que em formar uma...um pensamento reflexivo no aluno. Tava falando isso no texto e aí eu fiquei pensando também tipo algumas vezes, isso pode ser meio que de propósito, talvez, tipo não sei. – <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></li> </ul>		
<p><b>Reflexão</b>  Considera a relação dos conceitos com os conhecimentos e as experiências pessoais, a relação da teoria e da prática, os alunos já se tornam sujeitos ativos, despertam da alienação, não aderem somente a respostas prontas do livro, de outro material ou do professor, transformam-se em seres autônomos e livres para essa desconstrução e construção contínua do processo de ensino e de aprendizagem (KEMBER ET. AL, 2008).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Ah, então, é que eu fiquei um pouco surpresa quando eu comecei a ver essa parte de procurar o erro, ter erro né, no...na prática. Eu fiquei um pouco surpresa com as respostas iniciais, porque eu não pensava que os professores iriam ter essa noção de: ah, aqui é bom, eles erraram, pra eles verem que, que...tudo fluiu bem, que assim que faz ciência, pra eles refletirem. E, só que aí depois quando eu continuei lendo eu me decepcionei um pouco né, porque tem algumas coisas que quando eu via nas respostas, eu não conseguia analisar depois que nem tava na análise do texto né, pra mim eu não via</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É, por exemplo uma, é uma questão em relação a isso, relação é...professor-aluno. Por exemplo, eu era monitora né, educadora, no movimento juvenil judaico é...da comunidade judaica. Então eu era monitora de umas crianças desde tipo, que eles tinham 7 anos a 12, por exemplo. E aí, eu fui fazer estágio justamente, coincidentemente, na escola que eles estudam. Então eu cheguei lá, eles eram alunos, só que eles me conheciam muito mais, tipo eu era meio que uma amiguinha deles, eu não era uma professora. Então tipo, eles chegavam, eles sabiam muitas coisas sobre mim e...eles eram muito próximos de mim do que os outros alunos. E aí, eu não sabia muito bem como me comportar no estágio, porque assim, o</li> </ul>

problema na resposta. Só depois que eu fui ver a análise que eu falei putz é verdade, verdade, que antes eu não tinha percebido algumas coisas. que nem na prática em grupo né. E...Só que teve alguma coisa, meio que me incomodou um pouco na parte em grupo, porque tipo é...eu, assim pela minha percepção teve muita crítica na parte na, na, na...como é que eu falo? Parece que o texto criticou muitas coisas do fazer em grupo. Só que tipo, aí eu fiquei pensando putz, mas sempre vai ter algo positivo e algo negativo, assim tipo em tudo, ter algo positivo e algo negativo. Então tipo falei: ah, mesmo que...não sei tem muitas coisas, é...muitos malefícios talvez, mas tem muitos benefícios também em trabalhar em grupo. Então eu não sei se tipo vale a pena, fazer uma atividade individual só porque existem essas coisas meio ruins, fazer em grupo que às vezes pode dar errado, porque não é assim que pode dar errado. E aí tipo me incomodou um pouco

movimento juvenil eu era meio que...educadora deles, me respeitavam de uma forma, mas não era como professora. Porque tem uma diferença entre as pessoas do movimento de quem são mais velhos, do que as crianças, do que professores, né. E aí, era muito difícil pra mim saber como lidar com eles, porque eu já conhecia muito bem eles, tipo eles eram como se fossem mini irmãozinhos pra mim. E aí, eu cheguei na escola e eu tinha que lidar com eles como uma professora. Então eu ficava um pouco sem saber direito como agir, tipo eu conhecia muito mais eles do que os próprios professores, eu tinha apelidos pra eles do que os professores nem sabiam assim. E eu ficava um pouco empacada, porque eu não sabia direito até que ponto eu poderia ir nessa relação fofinha que a gente tinha.” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**

- “É...sim, algumas coisas. Quando eu tava lendo esse texto eu ficava lembrando muito tipo das minhas experiências né na escola e também no estágio./ E eu ficava comparando muito, tipo as aulas, quais será que eram mais tradicional? Qual será que tinha

de...porque agora não me lembro que foi que eu li, que me incomodou, mas eu lembro que quando eu tava lendo isso do grupo, me incomodou bastante assim, porque é parecia que tinha muita crítica sobre isso. E falava..." – **Aula Met Bio 1 – 26/02/21**

- “Não. Acho que ela deve ter servido pra atingir os objetivos de uma determinada época. / Tipo aquela época que...aquela época que a educação era voltada pra produção./ Então eles ensinavam de um jeito sistematizado pra os alunos aprenderem a como produzir mais, eu acho.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- “É, o que eu entendi, era que eu...era um ensino centrado na pessoa e que era o papel do professor dirigir cada pessoa pra sua própria experiência, ao invés de tipo falar, dirigir a pessoa pra um caminho determinado, ele dirigia ela a...tipo escolher o próprio caminho. Foi isso que eu entendi. / E, também

algumas vantagens? E aí, eu lembrava muito de uma matéria que eu tinha, que na minha escola tinha umas matérias diferentes assim, que a gente podia escolher qual fazer, tinha uma que chamava Manual do Mundo que era baseada naquele negócio do YouTube sabe? Manual do Mundo. E aí cada aula, tipo o professor ele separava a gente em duplas e pedia pra gente pesquisar sobre um experimento. E tipo, explicar o porquê ele acontecia, explicar...tipo explicar a ciência por traz daquele experimento e apresentar pra sala um vídeo, tipo da gente fazendo o experimento ou então levar o experimento pra sala né. E aí, isso era uma coisa que tipo tinha, eu ficava olhando que tinha algumas vantagens e algumas desvantagens, que nem, era uma vantagem porque naquela época era muito famoso esse canal no YouTube tipo tava muito popular entre nossa série e tal. Então era uma coisa que meio que motivava. A gente fazia, porque era uma coisa ligada à nossa realidade atual. Só que por outro motivo, esses experimentos a gente tipo, a gente entendia o que a gente fazia, mas a gente tava fazendo uma coisa meio solta assim, tipo a gente conseguia



que...é, cada professor é diferente. Então tipo, cada professor tem um repertório diferente, cada aluno tem um repertório diferente e que eles têm que considerar na hora de, de ensinar. Eles tem que considerar o caráter individual de cada professor e de cada aluno, que sempre vai ser meio diferente assim.”

– **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**

- “Eu acho que a outra, a libertadora, é problematizadora.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- “Invés de ficar enchendo conteúdo, a libertadora ela pega alguns conteúdos e explora mais eles.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

explicar os fenômenos, só que eles não tinham uma continuidade assim. E...e aí eu ficava um pouco confusa assim, tipo, foi uma coisa...tinha lados bons e ruins que nem se tava falando né, que cada, cada lugar vai ter uma coisa com lado bom e ruim./ E também outra coisa, que me falaram sobre a importância de você mostrar pro aluno né, é que dá pra você formular uma hipótese antes do experimento. Pra você não entregar de mãos assim, o que que vai acontecer ou...e você dar a oportunidade do aluno construir aquele pensamento. E aí uma coisa que eu lembro é que no estágio muitos professores nessas aulas práticas, eles davam uma ficha pros alunos ir preenchendo ao longo e sempre começava com uma hipótese, tipo eles então meio que ensinavam os alunos, que o fazer...que o fazer ciência é uma das coisas mais importantes, é...você ter uma hipótese antes de você fazer uma coisa, pra você não fazer essa coisa aleatoriamente. E aí isso é uma coisa importante que eu reparava muito também, curto e grossa na com...até com a faculdade assim, porque uma das coisas que eu sempre questionava e me pegava bastante assim, é que

			<p>tipo, eu tava no curso de biologia e...em que as pessoas, muitas pessoas que se formam em biologia fazem pesquisa, e entram nesse meio científico. Só que tipo, tinha aulas práticas, mas eu ficava muito na dúvida, tipo na vida real no laboratório como é que eu vou? Como é que eu vou conseguir construir meus próprios experimentos e como é que eu vou construir conseguir aplicar isso num, numa pesquisa assim? E era uma coisa que me pegava muito, porque tipo eu entendia todas as aulas práticas. Só que eu pensava...tá, eu tô aprendendo os conceitos e tal a partir das aulas práticas, mas eu não, não sentia muito que eu tava aprendendo como eu fazer ciência através dessas aulas práticas. Entendeu? Isso era uma coisa que me pegava bastante, que eu até fui conversar com pessoas que faziam USP, outras faculdades pra ver se era um pouco diferente assim. E aí...é isso.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/02/21</b></p>
<p><b>Reflexão crítica</b> Intensifica-se essa desconstrução e construção, implicando na transformação das perspectivas dos alunos, modificando-se crenças e</p>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu, eu gostei, é...porque tipo ao longo que eu ia lendo, eu ia pensando: ah, concordo com isso, não concordo com isso, tipo, faria essa, desse jeito, não faria desse jeito. E também, é...eu ia</li> </ul>

valores antes assimilados em novos conhecimentos, como não têm conceitos arraigados sobre um campo ou domínio do conhecimento, permite-se que ocorra essa aprendizagem transformadora (KEMBER ET. AL, 2008).

conseguindo identificar, tipo: ah então, aquela vez foi essa abordagem, ah então...Tipo conseguia identificar, por exemplo, é, eu há muitos anos, é...sou educadora no movimento juvenil né, só que é educação não formal lá. Então tipo.../ Eu acho que nunca ninguém chegou e fez tipo uma base teórica, pedagógica sobre o que a gente fazia lá, tipo a gente sabia que o que a gente fazia era baseado em Paulo Freire, em Piaget, em Vygotsky, em certas coisas, porque quem fundou o movimento é, falava isso que tava escrito. Só que eu não sabia exatamente o que a gente fazia lá, e aí quando eu fui lendo, eu conseguia identificar: nossa, é isso que a gente faz lá, tipo que era, que era a abordagem, era a abordagem sociocultural que tinha uma educação horizontal e que tava falando que um educador sempre precisa ser um educando e vice-versa. E no movimento é exatamente isso, quando você vira educador, você não deixa de ser educando, você fica isso a vida inteira e aí tipo eu percebi que era isso que a gente fazia. E eu nunca tinha dado um nome assim, alguma teoria, uma base teórica pra que eu fazia lá, eu só fazia. E aí agora, eu

			<p>consegui estabelecer isso, essas relações assim.” - <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• “É...eu coloquei que, não sei, o que me incomodou né foi o jeito que eles colocam. Os alunos é...ganham reforços positivos né, então você aprende pra ganhar uma nota. Você aprende pra ganhar um adesivo de estrelinha. Eu a minha vida inteira, era pequenininha né, tipo se você acertar tudo, você vai ganhar um adesivo de estrelinha, e eu ficava muito feliz com aquele adesivo de estrelinha. Então é isso, são reforços positivos pra você ir bem. E aí, o aluno vai bem por causa disso, não porque quer aprender ou porque acha a matéria interessante, mas é pelos reforços.” - <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></li><li>• “É...eu achei complicado entender o ensino-aprendizagem, mas a relação professor-aluno, eu achei mais fácil de entender. E também, uma coisa que eu pensei, é que tipo, uma educação ela não precisa ter só uma abordagem né, porque tipo tem aspectos de certas abordagens na educação. Então acho que pode ter uma mistura, tipo, numa certa, numa</li></ul>
--	--	--	---

			<p>certa...escola, ou um certo ambiente, ter tipo uma mistura de alguns aspectos, da abordagem humanista, com alguns aspectos da abordagem sociocultural e aí formar uma abordagem diferenciada, porque cada uma tem uma coisa positiva e alguma coisa negativa. Então, eu acho que não precisa ter só uma abordagem no ambiente né.” - <b>Aula Met Bio 1 – 05/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• “Sabia que eu aprendi, que na verdade antes, tipo antigamente, os professores eles eram tipo leitores. Então, eles sentavam na frente de uma série de alunos e tipo pegavam textos, principalmente os de filosofia, pegavam textos e tipo iam pra sala, e ao longo iam comentando, tipo sei lá, cada estrofe, cada parágrafo. E aí por isso tipo no Estados Unidos, quando eles vão falar de palestra tipo, e aula também, eles falam lecture, porque é uma leitura. / Ah, faz, não sei, é do começo da educação. / Acho que porque, não era todo mundo que tinha tipo, livre o acesso à informação, era muito diferente do que hoje em dia. Hoje em dia tipo, as pessoas têm muito mais acesso à informação. Então, os alunos eles podem pegar o livro</li></ul>
--	--	--	--

			<p>e ler. Tipo é igual, antes não, antes não era, todo mundo que tinha aquele mesmo livro. Então, era muito diferente, tinha livro que só tinha em uma língua e o professor tinha que traduzir coisas assim.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• “Ah, eu acho...eu acho que tipo pra você criar uma educação mais libertadora e, e tipo ter essas características que a gente falou, de ser problematizadora e aí tipo de mostrar caminhos diferentes do aluno pra ele não seguir o mesmo caminho do professor, acho que um bom jeito é tipo questionar eles. Então tipo, ao invés de fazer uma aula, sei lá normal, tipo só expositiva, questionar eles a tipo, fazer com que eles cheguem nas próprias conclusões assim, de certas coisas. Mais ou menos é isso que a gente faz pelo menos, no meu movimento juvenil. A gente...sei lá, escolhe um assunto que a gente acha relevante pra falar com eles, e aí a gente passa alguma coisa tipo por forma lúdica que tem a ver com tema e depois questiona eles. Então por exemplo, sei lá, passa o filme de Divertidamente e depois a gente senta e fala: Ah, porque a Felicidade queria só ter ela? Ah,</li></ul>
--	--	--	--

			<p>porque, que que aconteceu quando a Tristeza foi embora? Então será que é importante ter mais sentimentos? E tipo, questionar desse jeito pra eles chegarem a uma, uma conclusão na mente deles que faz mais sentido assim. E dessa forma acho que eles vão ter mais habilidade, desenvolvendo essa capacidade de ir questionando as coisas e tematizar.../ Ele pode usar...atividades problematizadoras. Então por exemplo, tipo, você dá um exemplo de um caso de uma pessoa sei lá, que tava na praia e depois ela começou a sentir tais sintomas e tal e coisa. E perguntar: o que pode ter acontecido com aquela pessoa? E aí depois, depois que cada um tipo falar o que eles acharam, você pode chegar e falar: existem certas doenças infecciosas que você pode pegar se você pisa no cocô do cachorro na praia, e tipo explicar coisas assim. Acho que talvez você tá juntando os dois.” – <b>Aula Met Bio 1 – 19/03/21</b></p>
--	--	--	--

**4.6. Quadro 6 – Quantidade de respostas Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 – Aluna 3**

<b>Aluna 3</b>	<b>Exposição ou Pouco</b>	<b>Integração ou Mais ou</b>	<b>Transformação ou Muito</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Ação Habitual</b>	0	0	0	0
<b>Compreensão</b>	2	0	0	2
<b>Reflexão</b>	5	0	2	7
<b>Reflexão crítica</b>	0	0	5	5
<b>TOTAL</b>	7	0	7	

Conforme é mostrado no Quadro 6, quantifica-se o número das falas da Aluna 3 em cada nível de reflexão e parâmetro de competência. Ao se observar os resultados em cada categoria, esta aluna encontra-se predominantemente no nível de Reflexão e no parâmetro de Exposição ou Pouco, mas também predomina no nível de Reflexão Crítica e no parâmetro de Transformação ou Muito. pelo seu número de falas ser maior nestas relações. Entretanto, ao se observar em um panorama da totalidade, apresenta-se cerca de 7 falas no nível de Reflexão e cerca de 7 falas também nos parâmetros de Exposição ou Pouco e de Transformação ou Muito.

O Quadro 7 abaixo mostra a relação quantitativa de todas as falas das três alunas em cada nível de reflexão e parâmetro de competência e os totais correspondentes.



**4.7. Quadro 7 – Quantidade de respostas Modelo de Rubrica: Níveis de reflexão de aprendizagem x Parâmetros de desenvolvimento da competência - Metodologia do Ensino de Biologia 1 – 1º semestre de 2021 – Três alunas**

Todas as alunas	Exposição ou Pouco	Integração ou Mais ou	Transformação ou Muito	TOTAL
Ação Habitual	3	0	0	3
Compreensão	11	3	0	14
Reflexão	14	11	7	32
Reflexão crítica	0	2	12	14
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>16</b>	<b>19</b>	

Conforme é mostrado no Quadro 7, quantifica-se o número total das falas das alunas 1, 2 e 3 em cada nível de reflexão e parâmetro de competência. Ao se observar os resultados em cada categoria, as alunas encontram-se predominantemente no nível de Reflexão e no parâmetro de Exposição ou Pouco, no de Integração ou Mais ou Menos em destaque com a mesma quantidade no nível de Compreensão e Exposição ou Pouco, pelo seu número de falas ser maior nestas relações. Entretanto, ao se observar em um panorama da totalidade, apresenta-se cerca de 32 falas no nível de Reflexão e cerca de 14 falas também nos níveis de Compreensão e Reflexão, nos parâmetros teve um total de 28 falas em Exposição ou Pouco.

## 5. DISCUSSÃO

Para facilitar a análise desse estudo, foram subdivididos os cruzamentos entre os níveis de reflexão e os parâmetros de competência de reflexão e de comunicação em subitens, trazendo as falas correspondentes das Alunas 1, 2 e 3 e relacionando de acordo com o referencial teórico. Dessa maneira, para formar seres criticamente reflexivos, as rubricas servem como instrumento para que os professores possam utilizar e avaliar o nível e o processo de aprendizagem, que proporciona o feedback, a orientação, a interação e o acompanhamento do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, melhorando as dificuldades e evidenciando os pontos fortes, além de proporcionar as autoavaliações (ANDRADE, 2000; NUNES, 2017)

### 5.1. Ação habitual – Exposição ou Pouco

- **Aluna 1:**
  - **Fala 1:** “Eu achei essa mais difícil assim, no texto pelo menos tipo, eu achei o texto mais...palavras difíceis.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
  
- **Aluna 2:**
  - **Fala 1:** “O Vygotsky é humanista?” – **Aula Met Bio – 05/03/21**
  - **Fala 2:** “Pro, eu não entendi...eu não entendi tipo, é em qual sentido a educação libertadora integral?” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

Nas falas presentes dessas duas alunas, ambas foram expostas a algo, seja uma leitura ou uma discussão sobre o assunto em questão, as quais foram capazes de atribuir um certo significado na participação das aulas com suas dúvidas (PEET, 2020). Pode-se observar que responderam de forma automática e superficial, não tendo compreensão ou reflexão acerca do conceito ou teoria e dos princípios abordados (KEMBER ET AL., 2008).

Visto que a compreensão e a reflexão necessitam de uma maior interação entre professor-aluno, demonstram nessas falas que ainda não foi construído os conhecimentos. Assim, não foi propiciado que os educandos se expressassem melhor em suas ideias, imergindo-se em suas consciências os conhecimentos adquiridos e depositados (FREIRE, 1987).

Ao expressarem suas dúvidas a Aluna 1 e a Aluna 2 puderam expor certos pensamentos, sentimentos, julgamentos de valor, propiciaram o início de uma construção de pontos de vista os quais se articulam em formar os hábitos de mente (MEZIROW, 1997). Para isso, o processo racional estimula e influencia desse despertar para construir os conhecimentos (DIRKX; MEZIROW; CRANTON, 2006).

### 5.2. Compreensão – Exposição ou Pouco

- **Aluna 1:**
  - **Fala 1:** “Quando você está inserido em uma cultura você está condicionado a ela, mas posso refletir e mudar.” – **Aula Met Bio 1 – 12/03/21**

- **Fala 2:** “Eu achei muito difícil tipo.../ Tudo que ele fala assim, é...eu, eu acho muito legal e eu e eu concordo, e é o que eu penso assim também de como dar aula, nanana. Só que eu tinha que reler algumas frases assim, 10 vezes pra entender que aquilo lá fazia sentido pra mim sabe. Porque, não sei, tipo palavras difíceis e uma forma mais complexa de escrever que pra mim assim foi, foi mais maçante de ler, que realmente...tipo eu realmente tive que reler algumas coisas até conseguir entender que que ele tava dizendo ali, assim.” – **Aula Met Bio 1 – 12/03/21**
- **Fala 3:** “É...a construção do conhecimento, eu acho que eu relaciono mais com Freire e com Coll e Solé. Porque eles dizem que, que aprender tipo, que o, que o aluno precisa de...É construir mesmo né de fato, isso principalmente no construtivismo. E o conhecer as respostas corretas eu colocaria no Gaspar, disso, dessas coisas de...Não sei, não tá muito claro na minha cabeça, mas eu colocaria assim.” – **Aula Met Bio 1 – 23/04/21**
- **Aluna 2:**
  - **Fala 1:** “Eu ia falar a mesma coisa que a Aluna 5...” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**
  - **Fala 2:** “Não...eu tinha falado que eu, que eu ia falar a mesma coisa que a Aluna 5, sobre esse medo de errar assim. Acho que principalmente nos momentos atuais assim, é...quem erra assim, é super crucificado, cancelado né que agora é a palavra do momento eu acho. E, acaba criando essa pressão assim, de...não erre, não erre, não erre. É um professor não pode errar. Né? Um médico não pode errar, um...sei lá. Acho que é...tá muito, muito evidenciado isso hoje, principalmente.” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**
  - **Fala 3:** “Eu colocaria dialogicidade, tá certa essa palavra? Mas, diálogo.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
  - **Fala 4:** “É, eu lembro que ele falou algo sobre a palavra, assim a palavra na libertadora tem um significado e na bancária é só o som.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
  - **Fala 5:** “Eu acho que sim, mas eu acho que é essa a intenção.../ Mas é diferente.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

- **Fala 6:** “De acordo com que, com que a gente sabe com a ciência e tudo, não. Isso tá errado.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- **Aluna 3:**
  - **Fala 1:** “Não, mas ó, posso ter entendido errado, deixo procurar. / É, ah tá aqui ó, assim é possível verificar na fala do professor 2 as partes que refletem sobre a falha das atividades em grupo. Aí, tem várias citações de professores falando dessas falhas, por exemplo, você tem é.../ *Em grupos, eles agem com uma coisa meio ditatorial, aí depois, você tem que tomar cuidado também, porque em grupo tem gente que só fica olhando, claro, tem grupos que o aluno senta de costas, e você tem que ir até lá e dar um cutucão.*/ Então, pros professores, é isso? Isso que eu confundi. / Então foi os professores mesmo, porque é, que eu lembro dos meus professores.../ É sim, sim. Eles falaram, aí começou muitas...uma citação atrás da outra deles falando desses problemas todos e tal.../ Aí teve uma hora...me deu isso, poxa, mas tudo bem. Tem todos esses problemas, mas tipo é... tudo vai ter falhas./ É. Aí outra coisa que também, é que é verdade né isso de...eu nunca vi um professor lidando e sabendo lidar com uma pessoa no grupo que não faz nada./ É porque muitas vezes, eu...os alunos acham que não deduram, porque tipo vai esperar se vai fazer alguma coisa e aí...” – **Aula Met Bio 1 – 26/02/21**
  - **Fala 2:** “E também fala que no ensino tradicional, eles tão mais preocupados em transmitir uma quantidade certa de conteúdo do que em formar uma...um pensamento reflexivo no aluno. Tava falando isso no texto e aí eu fiquei pensando também tipo algumas vezes, isso pode ser meio que de propósito, talvez, tipo não sei. – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**

Nessas falas, as alunas foram expostas à diferentes tipos de situações, problemas, eventos, conhecimentos e tiveram uma certa compreensão sobre os conhecimentos ensinados (PEET, 2020; KEMBER ET AL., 2008).

A Aluna 1, mostra essa compreensão em sua Fala 1, mas mesmo não tendo reflexão, ela manifestou disposição em refletir e transformar os conceitos sobre o assunto. Em sua Fala 2 também demonstra entendimento e ausência de reflexão,

permanecendo ainda em uma rede de transmissão-recepção (MIZUKAMI, 1986). Em sua Fala 3, a Aluna 1 foi exposta a algumas leituras e teve compreensão do conteúdo, mas ainda não passou por um processo de reflexão profunda (MEZIROW, 1997).

A Aluna 2 também não teve reflexão profunda, manifestou certo entendimento na sua Fala 1 do que a outra aluna comentou, mas acabou ainda condicionada a uma linha de repetição e memorização mecânica, e reforça esse mesmo processamento de informações na Fala 2 (FREIRE, 1987). Entretanto, na fala 2: “Não...eu tinha falado que eu, que eu ia falar a mesma coisa que a Aluna 5, sobre esse medo de errar assim. Acho que principalmente nos momentos atuais assim, é...quem erra assim, é super crucificado, cancelado né que agora é a palavra do momento eu acho. E, acaba criando essa pressão assim, de...não erre, não erre, não erre. E um professor não pode errar. Né? Um médico não pode errar, um...sei lá. Acho que é...tá muito, muito evidenciado isso hoje, principalmente.”, além de demonstrar compreensão do assunto, houve também um certo nível de reflexão. Nas falas 3, 4, 5 e 6 evidenciou certo entendimento sobre os conhecimentos ensinados, mas não correlacionou com experiências pessoais ou apresentou reflexão desses conceitos, apenas manteve um diálogo sem se aprofundar muito (COLL; SOLÉ, 2006).

Nas Falas 1 e 2 da Aluna 3, também não relacionou seus conhecimentos com experiências, apenas constatou uma compreensão do que havia lido e entendido e tentou reformular previamente seus esquemas de conhecimento, mas ainda se manteve numa abordagem de repetição sem trazer elementos diferentes e construtivos (KEMBER ET AL., 1999).

### 5.3. Compreensão – Integração ou Mais ou Menos

- **Aluna 1:**

- **Fala 1:** “É pra mim, o fato do, ah foi naquela semana de relatório né e nanana. Então foi um, foi um texto meio complexo pra mim assim. Tipo eu não tinha entendido tanto, acho que eu tinha lido meio por cima assim. Agora ficou mais claro, mas eu sinto que agora eu quero reler tendo visto isso tudo que você falou, sabe.” – **Aula Met Bio 1 – 23/04/21**

- **Aluna 2:**

- **Fala 1:** “Posso falar uma coisa? É, eu quero fazer um paralelo com o que a Aluna 1 falou, e eu acho que me pegou assim...É sobre o método

da redescoberta, é...por exemplo, Professora 2 mostrou uma vez um experimento que era, era sobre sombra. Então ele dava uma fonte de luz, umas peças, e os alunos precisavam descobrir como que colocavam todas as peças dentro é...dentro da sombra, eu acho que era isso. Isso. E aí é...e eu fiquei com isso na cabeça, porque pra mim eu não sei se eu entendi o método da redescoberta. Então acho que me pegou, porque para mim isso é um método da redescoberta, você dá os...os, os materiais, a pessoa vai manusear e aí ela vai redescobrir um...um conceito, uma lei. Lógico, na maioria das vezes não chega a redescobrir a lei né, não explica a lei, mas ela tá eu acho que...ela tá estimulando a, a professora, o professor, tá estimulando a pessoa a redescobrir. É...um conceito enfim....Isso me pegou bastante. Eu não sei se se é realmente isso. Ou se é...ou se eu não entendi o método da redescoberta.” - **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**

- **Fala 2:** “Então, eu ainda tô com a sensação de que a proposta daquele experimento por exemplo, e de vários outros que a gente já fez, segue essa linha sabe? Porque por exemplo, pra, pra fazer aquele experimento da sombra, não teve nenhuma aula hã...de teórica pra explicar o que é sombra sei lá, alguma coisa do tipo. Então o aluno vai para testar os materiais e descobrir, redescobrir é...o conceito ou como funciona a sombra entendeu? A...” - **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**

Para a Aluna 1, em sua Fala 1 ao refletir sobre sua experiência anterior, conseguiu adotar uma compreensão sobre a leitura realizada (PEET, 2020; KEMBER ET AL., 2008).

Para a Aluna 2, em suas Falas 1 e 2, suas experiências pessoais permitiram levar nesse momento um pensamento reflexivo e compreensivo, mas ainda se manteve em alguns padrões de comportamento repetitivos (KEMBER ET AL., 2008; MIZUKAMI, 1986).

#### **5.4. Reflexão – Exposição ou Pouco**

- **Aluna 1:**

- **Fala 1:** “É eu não li, mas é...não sei. Eu tava pensando aqui que isso de dar os materiais e falar faz alguma coisa. Me lembra um pouco do que a

gente leu do outro texto da redescoberta, meio tipo, pega aí e descobre qual é a lei né, descobre o que que acontece. Eu não sei, passou na minha cabeça de talvez tipo, dar os materiais e falar aonde você quer que chegue? Então tipo eu to te dando esses materiais e eu quero que vocês me mostrem como que com esses materiais vocês conseguem chegar nessa lei. Você não vai descobrir a lei. Eu to te dando a lei. E com esses materiais, você precisa me comprovar a lei. E aí, talvez não fica tão...tão amplo assim. Não sei.” - **Aula Met Bio 1 – 26/02/21**

- **Fala 2:** “Não, eu achei mais fácil também. Só teve uma parte, ele é dividido em itens né? Só teve um item que eu não entendi nada./ Vo pegar aqui qual era. Acho que era o penúltimo. Mais de resto, eu também achei mais fácil. Mas acho que também, eu tava mais entretida assim do que o outro. Acho que outro era muita coisa né, era maior e era muita, muita coisa. Esse tipo, eu fiquei mais entretida assim.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- **Fala 3:** “Troca.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- **Fala 4:** “Reforça?” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

- **Aluna 2:**

- **Fala 1:** “Então tipo aquela proposta, daquela aula, ela segue uma linha empirista seria isso? Ahh, agora entendi. Agora sim, agora faz sentido.” - **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**
- **Fala 2:** “É, eu entendi mais ou menos isso também, que pra Piaget a gengiva é uma estrutura fixa. E...só vai nascer dentes, se a gengiva estiver pronta. Então tipo, só vai...você só vai...E pra Vygostsky.../Sim. E pra Vygostsky, eu entendi que a gengiva seria é...uma coisa mais maleável, mais adaptável. É...é tipo assim, ela preexiste, mas ela não é fixa. Então ela vai se moldar conforme o dente vai nascer. É tipo isso, tipo... /Se nascer um dente diferente, ela vai moldar pra...pra saber qual aquele dente. É mais ou menos isso.” - **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**
- **Fala 3:** “É, eu, comparando com o texto anterior, a pedagogia da autonomia, eu achei esse texto um pouco mais complicadinho assim de entender, porque eu acho que ele escreve mais...ele não escreve tão escancarado como é na pedagogo, na pedagogia da autonomia. Pelo menos eu, eu senti isso, que ele escreve mais entre linhas assim./ Então

assim, eu senti um pouco mais de dificuldade de, para entender o texto. Entender o que ele tava falando na verdade.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

- **Fala 4:** “E crítica. Acho que eu colocaria crítica.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- **Fala 5:** “Dar possibilidades, eu acho.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

- **Aluna 3:**

- **Fala 1:** “Ah, então, é que eu fiquei um pouco surpresa quando eu comecei a ver essa parte de procurar o erro, ter erro né, no...na prática. Eu fiquei um pouco surpresa com as respostas iniciais, porque eu não pensava que os professores iriam ter essa noção de: ah, aqui é bom, eles erraram, pra eles verem que, que...tudo fluiu bem, que assim que faz ciência, pra eles refletirem. E, só que aí depois quando eu continuei lendo eu me decepcionei um pouco né, porque tem algumas coisas que quando eu via nas respostas, eu não conseguia analisar depois que nem tava na análise do texto né, pra mim eu não via problema na resposta. Só depois que eu fui ver a análise que eu falei putz é verdade, verdade, que antes eu não tinha percebido algumas coisas que nem na prática em grupo né. E...Só que teve alguma coisa, meio que me incomodou um pouco na parte em grupo, porque tipo é...eu, assim pela minha percepção teve muita crítica na parte na, na, na...como é que eu falo? Parece que o texto criticou muitas coisas do fazer em grupo. Só que tipo, aí eu fiquei pensando putz, mas sempre vai ter algo positivo e algo negativo, assim tipo em tudo, ter algo positivo e algo negativo. Então tipo falei: ah, mesmo que...não sei tem muitas coisas, é...muitos malefícios talvez, mas tem muitos benefícios também em trabalhar em grupo. Então eu não sei se tipo vale a pena, fazer uma atividade individual só porque existem essas coisas meio ruins, fazer em grupo que às vezes pode dar errado, porque não é assim que pode dar errado. E aí tipo me incomodou um pouco de...porque agora não me lembro que foi que eu li, que me incomodou, mas eu lembro que quando eu tava lendo isso do grupo, me incomodou bastante assim, porque é parecia que tinha muita crítica sobre isso. E falava...” – **Aula Met Bio 1 – 26/02/21**



- **Fala 2:** “Não. Acho que ela deve ter servido pra atingir os objetivos de uma determinada época. / Tipo aquela época que...aquela época que a educação era voltada pra produção./ Então eles ensinavam de um jeito sistematizado pra os alunos aprenderem a como produzir mais, eu acho.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- **Fala 3:** “É, o que eu entendi, era que eu...era um ensino centrado na pessoa e que era o papel do professor dirigir cada pessoa pra sua própria experiência, ao invés de tipo falar, dirigir a pessoa pra um caminho determinado, ele dirigia ela a...tipo escolher o próprio caminho. Foi isso que eu entendi. / E, também que...é, cada professor é diferente. Então tipo, cada professor tem um repertório diferente, cada aluno tem um repertório diferente e que eles têm que considerar na hora de, de ensinar. Eles tem que considerar o caráter individual de cada professor e de cada aluno, que sempre vai ser meio diferente assim.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- **Fala 4:** “Eu acho que a outra, a libertadora, é problematizadora.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- **Fala 5:** “Invés de ficar enchendo conteúdo, a libertadora ela pega alguns conteúdos e explora mais eles.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

Nos trechos das Falas 1 e 2 da Aluna 1, houve uma exposição e um processo de relacionar os conhecimentos com as experiências adquiridas da leitura do texto em aula, procurando aplicar a teoria ensinada na prática, corroborando-se assim para essa desconstrução e construção contínua do processo de ensino e de aprendizagem (PEET, 2020; KEMBER ET AL., 2008). Nas Falas 3 e 4 da Aluna 1, tem relação com este nível, pois há uma exposição dos questionamentos da professora e que permite essas respostas curtas, mas reflexivas, que possibilita esse tentar repensar e associar os conhecimentos em novos esquemas (MAURI, 1999).

Nos trechos das Falas 1 a 5 da Aluna 2, dando continuidade nessa desconstrução e construção, ela foi submetida à uma exposição aos conhecimentos da discussão do texto lido e assim, foi levado a um entendimento e uma reflexão sobre assunto, para chegar a um outro nível, ou seja, a partir de uma interação houve uma reformulação da estrutura cognitiva de seus conjuntos de conhecimentos (GASPAR, 2009).

Nos trechos das Falas 1 a 5 da Aluna 3, pode-se observar a formação de sua estrutura cognitiva e que caracterizam-na como sujeito ativo, que despertou da alienação, capaz de entender, aprender, refletir e atribuir significado aos conhecimentos (FREIRE, 1996). E, assim como ela falou na Fala 5, “cada professor tem um repertório diferente, cada aluno tem um repertório diferente e que eles têm que considerar na hora de, de ensinar. Eles tem que considerar o caráter individual de cada professor e de cada aluno, que sempre vai ser meio diferente assim”, ou seja, considerar os conhecimentos prévios e seus esquemas de conhecimento (MAURI, 1999).

Além disso, a formação de diferentes pontos de vista e hábitos de mente, resultam em quadros de referência ou estruturas cognitivas que visam compreender as experiências, moldam e delimitam seletivamente expectativas, percepções, cognições e sentimentos (MEZIRROW, 1997).

### 5.5. Reflexão – Integração ou Mais ou Menos

- **Aluna 1:**

- **Fala 1:** “É, porque você.../ Sim, você falando isso, de eu não tenho problema com o erro, eu acho que foi tipo uma das primeiras vezes que eu ouvi um professor falando com essas palavras. Sabe? Porque é isso. Tipo a gente não escuta isso. O professor não chega e fala: gente eu não tenho problema com...O professor chega e fala: a gente vai ter uma prova e que pra vocês passarem, vocês vão ter que acertar.” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**
- **Fala 2:** “Pro, eu não fiz ainda, não sei dizer exatamente como eu me senti, mas o que eu sinto que eu sentiria, é que eu gosto, eu gosto da ideia de se conhecer mesmo. Eu gosto dessa relação de amizade, eu sinto isso muito aqui, que quando a turma são menorzinhas assim, forma realmente essa relação. Eu fiz PUC antes né, e na PUC eu não sentia, na PUC tinha muita a separação aluno-professor. Não tinha isso de você chegar e dar um abraço num professor sabe, era você passar e falar: bom dia, senhor. E aqui, e aqui não, eu sinto que tem tipo...quando eu te vejo, eu tenho vontade de abraçar e eu acho que é muito disso assim, você não souber nada de mim, eu não souber nada de você, distância

né. Então...eu gosto disso, e eu gosto disso de você da gente te conhecer, porque é isso, tipo se você precisa saber da gente, a gente também precisa saber de você, né. Então, eu acho importante sim. Não me incomoda nem um pouco.” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**

- **Fala 3:** “Posso começar. É... em alguma aula de EAD, agora não lembro qual era da licenciatura. A gente tinha visto um pouco essas propostas assim, de ensino e tals. E...então, pra mim o texto tipo, meio reforçou umas coisas que eu já sabia, mas trouxe também outras que eu não lembrava. Acho que eu tinha, enfim eu sabia bem por cima assim, e aí foi bom que deu uma reforçada. E eu gostei da forma que o texto ocorre, tipo dessas separações bem certinhas assim de todos os pontos. É...hum...não sei, eu gostei, porque pra mim esclareceu coisas e eu achei um texto fácil, sabe. Não era...porque a gente nesse EAD, eu lembro que a gente leu um texto gigante sobre o tradicional. Um texto gigante sobre...Então esse texto foi mais direto, nos pontos importantes. Eu particularmente, gosto disso. Então, eu...” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- **Fala 4:** “Entender o ponto de vista do outro, não impor o certo e o errado, mas dar ferramentas para escolha dos caminhos.” – **Aula Met Bio 1 – 12/03/21**

- **Aluna 2:**

- **Fala 1:** “É você já falou uma vez né, que eu escrevi o projeto, e a Professora 1 arrumava. Então eu mandava o projeto, ela ia, corrigia, voltava pra mim. Quando voltava pra ela de novo, era as mesmas coisas que eu perguntava de novo, tipo isso tá bom? E ela já tinha falado que tava bom. Então. É, é muito comum essa insegurança né, e a gente nunca confia no que a gente tá fazendo, é impressionante. Tipo, a gente pode tá dando o nosso melhor, mas a gente nunca vai achar que é o nosso melhor, a gente sempre vai achar que tem alguma coisa pra, pra arrumar e tudo. É muito...é eu acho que é normal assim.” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**
- **Fala 2:** “Entendi que a palavra-chave aí é inatismo. O aluno vai fazer o que estiver dentro dele.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**

- **Fala 3:** “É...eu já tinha lido ele antes né, por conta do, do semestre passado. Mas, quando eu li de novo agora, é...eu não entendi porque que ele separa tipo é...em tópicos assim, é, professor-aluno, a relação professor-aluno, ensino-aprendizagem, porque tipo eu lendo, eu escrevo por tópicos né, eu faço resumo do texto por tópicos. E eu lendo, eu falava: por quê que isso tá em professor-aluno e não tá em ensino-aprendizagem também? e por quê não tá em ensino-aprendizagem? Entendeu? Porque tipo, pra mim é tudo a mesma coisa, tudo uma coisa só, que eu não entendi essa, essa separação.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- **Fala 4:** “Pro, é...nessa abordagem, eu vejo até que tipo, contexto político pode também influenciar, porque por exemplo, eu acho que aqui é...a liberdade do aluno é vista como um problema. Assim, o aluno não tem liberdade pra, pra se expressar, enfim, pra se colocar né. / Eu acho que por exemplo, numa época de ditadura militar por exemplo, o modo tradicional era, era a melhor forma assim de, de, de se ensinar né, porque, uma vez que só o professor tem a voz, ele vai expor as visões dele, e o aluno vai aceitar assim, particularmente né.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- **Fala 5:** “Eu acho que tem um limite, não sei./ É que tipo eu acho que a, a, a liberdade sem um limite, ela vira, vira bagunça. Tipo vira, eu esqueci a palavra, mas é...” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- **Fala 6:** “Faz parte do processo./ Da tomada de decisões, também./ Faz parte do planejamento.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- **Fala 7:** “Pro, então assim tipo, por exemplo na questão do DNA que você deu o exemplo. É...eu preciso explicar qual é o modelo aceito de DNA, mas eu não, não, mas o aluno não é obrigado e ele.../ quer dizer ele, ele não é obrigado a aceitar, mas ele tem que sair da aula, entendendo.../ É que é, é difícil, é difícil tipo imaginar que você vai dar uma aula, é você vai construir uma aula com o seu aluno. Então você vai tipo, no fundo, no fundo, no final da aula é vocês vão chegar à uma conclusão, os alunos vão chegar à uma conclusão. Sei lá de de um tema qualquer, colocar sei lá. A planta faz fotossíntese pra produzir seu próprio alimento né, sua própria matéria. Então tipo, no fim da aula os alunos vão chegar

essa conclusão, mas é difícil você mostrar pra eles que eles não são obrigados a aceitar isso. Sendo que você, é... conduziu a, a explicação aí, se entendeu?” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

Nesse nível está muito ligado o quanto a relação dos conhecimentos e as experiências, do professor como mediador do ensino e o retomar de uma leitura colaboram para a desconstrução e construção da aprendizagem em um processo reflexivo como é mostrado na Fala 1 e Fala 3 da Aluna 1 (KEMBER ET AL., 2008; MIZUKAMI, 1986; COLOM, 2004). A questão da proximidade e do educador estar disposto a ouvir, a conhecer o seu aluno e aprender em conjunto com ele, de se importar com o seu processo de ensino e de aprendizagem, constrói significados como é retrato na Fala 2 da Aluna 1 (FREIRE, 1996). E a Fala 4 da Aluna 1 pode ser associada com a importância que Mezirow (1997) traz de se construir e se afirmar os pontos de vista ao longo dessas interações.

Na Fala 1 da Aluna 2 pode-se reconstruir os pontos de vista tanto da professora e da aluna, ao se conduzir à um processo de ir e vir, ou seja, de retorno ou feedback, propiciando com empatia retornar ao aluno para que este possa analisar, refletir e transformar o conhecimento e assim, devolvê-lo ao professor (COLOM, 2004).

Nas Falas 2, 3, 4, 5, 6 e 7 da Aluna 2 permitiu esse reformular e associar a novos conhecimentos, surgindo questionamentos e saindo dessa situação de alienação e repetição, relacionado suas experiências com os assuntos discutidos em aula de forma reflexiva (PEET, 2020).

Neste sentido, Colom (2004) fala que o papel do professor é desequilibrar, é provocar conflitos para tirar os alunos dessas situações de alienação, e construir uma relação professor-aluno visada em uma rede de complexidade, e trazendo a questão da desordem que se transforma na ordem e vice-versa.

## **5.6. Reflexão – Transformação ou Muito**

- **Aluna 1:**

- **Fala 1:** “É, que no início das atividades de redescoberta também foi um ponto assim, porque eu acho que...não sei. Semestre passado a gente teve que fazer uma atividade Professora 2 né, como se fosse pros alunos. E eu acho que eu não tinha essa noção de como tipo, tipo eu

tinha meio essa noção sim de, ah vou fazer os alunos fazerem um experimento pra eles chegarem numa lei. Eu tinha isso na minha cabeça. Então isso pra mim foi um conflito cognitivo na minha cabeça. E aí foi bom que depois ele trouxe as, as outras sabe... não foi tipo, não é assim, e pronto acabou. Porque se não ia ficar ai meu Deus acabou o que eu pensava e não me trouxeram uma solução, mas aí eu gostei depois de ler sobre Piaget e Vigostsky também, que aí deu uma esclarecida assim, de que tem como ser de outra forma. Mas não necessariamente daquela que era assim, como eu pensava assim. Então foi legal pra mim.” - **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**

- **Fala 2:** “Liberdade? Nesse, nesse, nesse contexto, pra mim é tipo a, não é a educação que vem e te fala: você tem que acreditar nisso, nisso, nisso, igual o seu professor fala. É a educação que te dá a liberdade de escolhas, te oferece ali as possibilidades e dentro disso, você tem a liberdade de entender, de acreditar no que você quiser. Então pra mim, liberdade é isso assim.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**
- **Fala 3:** “Eu acho que, tentaria fugir do expositivo. / É. Tipo ir fazendo perguntas que possam, tipo perguntas menores que no fim tipo, eu quero chegar numa pergunta maior assim, mais perguntas menores que vai dando pra ir. Entendeu?” – **Aula Met Bio 1 – 23/04/21**

- **Aluna 2:**

- **Fala 1:** “Pro, acho que pra mim, é...o que mais ficou assim, é esse, essa questão do, do empirismo. É...fiquei com isso na cabeça, não tem jeito. É...eu acho que agora me fez questionar até as aulas que a gente chegou a produzir em aula sabe, porque... / É...às vezes tipo, você acha que, porque você tá fazendo aula prática que o aluno coloca a mão na massa e descobre, você tá fazendo aquilo que sei lá, que, que você mais acredita, sabe? Eu nunca imaginei que eu tava fazendo aula empirista, de verdade, e eu nem imaginei muito menos ainda que ia apresentar uma aula empirista pra gente. / Sim, não sei, mas ela não chegou a falar assim: olha vocês foram empiristas. / E é, é legal assim você depois de um tempo você reconhecer que você foi por você mesmo sabe, você reconhecer sozinho. É...eu acho que isso foi o que mais ficou assim, do texto e da aula.” - **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**

- **Fala 2:** “Na abordagem tradicional, apesar de identificar boa parte dos professores que já tive contato e me incluo nisso, não seria a abordagem que escolheria para lecionar. Não consigo concordar com a relação professor-aluno voltado para o docente, isso me incomoda bastante, não somos, não somos os únicos detentores de conhecimento.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
  
- **Aluna 3:**
  - **Fala 1:** “É, por exemplo uma, é uma questão em relação a isso, relação é... professor-aluno. Por exemplo, eu era monitora né, educadora, no movimento juvenil judaico é...da comunidade judaica. Então eu era monitora de umas crianças desde tipo, que eles tinham 7 anos a 12, por exemplo. E aí, eu fui fazer estágio justamente, coincidentemente, na escola que eles estudam. Então eu cheguei lá, eles eram alunos, só que eles me conheciam muito mais, tipo eu era meio que uma amiguinha deles, eu não era uma professora. Então tipo, eles chegavam, eles sabiam muitas coisas sobre mim e...eles eram muito próximos de mim do que os outros alunos. E aí, eu não sabia muito bem como me comportar no estágio, porque assim, o movimento juvenil eu era meio que....educadora deles, me respeitavam de uma forma, mas não era como professora. Porque tem uma diferença entre as pessoas do movimento de quem são mais velhos, do que as crianças, do que professores, né. E aí, era muito difícil pra mim saber como lidar com eles, porque eu já conhecia muito bem eles, tipo eles eram como se fossem mini irmãozinhos pra mim. E aí, eu cheguei na escola e eu tinha que lidar com eles como uma professora. Então eu ficava um pouco sem saber direito como agir, tipo eu conhecia muito mais eles do que os próprios professores, eu tinha apelidos pra eles do que os professores nem sabiam assim. E eu ficava um pouco empacada, porque eu não sabia direito até que ponto eu poderia ir nessa relação fofinha que a gente tinha.” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**
  - **Fala 2:** “É...sim, algumas coisas. Quando eu tava lendo esse texto eu ficava lembrando muito tipo das minhas experiências né na escola e

também no estágio. / E eu ficava comparando muito, tipo as aulas, quais será que eram mais tradicional? Qual será que tinha algumas vantagens? E aí, eu lembrava muito de uma matéria que eu tinha, que na minha escola tinha umas matérias diferentes assim, que a gente podia escolher qual fazer, tinha uma que chamava Manual do Mundo que era baseada naquele negócio do YouTube sabe? Manual do Mundo. E aí cada aula, tipo o professor ele separava a gente em duplas e pedia pra gente pesquisar sobre um experimento. E tipo, explicar o porquê ele acontecia, explicar...tipo explicar a ciência por traz daquele experimento e apresentar pra sala um vídeo, tipo da gente fazendo o experimento ou então levar o experimento pra sala né. E aí, isso era uma coisa que tipo tinha, eu ficava olhando que tinha algumas vantagens e algumas desvantagens, que nem, era uma vantagem porque naquela época era muito famoso esse canal no YouTube tipo tava muito popular entre nossa série e tal. Então era uma coisa que meio que motivava. A gente fazia, porque era uma coisa ligada à nossa realidade atual. Só que por outro motivo, esses experimentos a gente tipo, a gente entendia o que a gente fazia, mas a gente tava fazendo uma coisa meio solta assim, tipo a gente conseguia explicar os fenômenos, só que eles não tinham uma continuidade assim. E...e aí eu ficava um pouco confusa assim, tipo, foi uma coisa...tinha lados bons e ruins que nem se tava falando né, que cada, cada lugar vai ter uma coisa com lado bom e ruim./ E também outra coisa, que me falaram sobre a importância de você mostrar pro aluno né, é que dá pra você formular uma hipótese antes do experimento. Pra você não entregar de mãos assim, o que que vai acontecer ou...e você dar a oportunidade do aluno construir aquele pensamento. E aí uma coisa que eu lembro é que no estágio muitos professores nessas aulas práticas, eles davam uma ficha pros alunos ir preenchendo ao longo e sempre começava com uma hipótese, tipo eles então meio que ensinavam os alunos, que o fazer...que o fazer ciência é uma das coisas mais importantes, é...você ter uma hipótese antes de você fazer uma coisa, pra você não fazer essa coisa aleatoriamente. E aí isso é uma coisa importante que eu reparava muito também, curto e grossa na com...até com a faculdade assim, porque uma das coisas que



eu sempre questionava e me pegava bastante assim, é que tipo, eu tava no curso de biologia e...em que as pessoas, muitas pessoas que se formam em biologia fazem pesquisa, e entram nesse meio científico. Só que tipo, tinha aulas práticas, mas eu ficava muito na dúvida, tipo na vida real no laboratório como é que eu vou? Como é que eu vou conseguir construir meus próprios experimentos e como é que eu vou conseguir aplicar isso num, numa pesquisa assim? E era uma coisa que me pegava muito, porque tipo eu entendia todas as aulas práticas. Só que eu pensava...tá, eu tô aprendendo os conceitos e tal a partir das aulas práticas, mas eu não, não sentia muito que eu tava aprendendo como eu fazer ciência através dessas aulas práticas. Entendeu? Isso era uma coisa que me pegava bastante, que eu até fui conversar com pessoas que faziam USP, outras faculdades pra ver se era um pouco diferente assim. E aí...é isso.” – **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**

Na Fala 1 da Aluna 1, pode-se analisar um processo reflexivo que ocasionou a relação de uma teoria aprendida com a aplicação de uma prática como experimento, em uma outra experiência que vivenciou e que foi lembrada ao despertar de sua consciência na leitura do texto abordado, e transformou seus pensamentos (KEMBER ET AL., 2008). As Falas 2 e 3 dessa mesma aluna, trazem a questão do conceito de liberdade e do poder de fazer questionamentos, o que a torna sujeito ativo e livre para essa desconstrução e construção contínua do processo de ensino e de aprendizagem, revendo premissas, valores e pressupostos (PEET, 2020).

Com isso, ao reformular premissas, valores e pressupostos, pode ocorrer o despertar das consciências, da curiosidade, da autonomia e da reflexão a partir de questionamentos e provocações de situações-problema, permite que o professor e o aluno possam ir em busca de se renovar, reconstruir e transformar constantemente (FREIRE, 1996).

Nas Fala 1 e 2 da Aluna 2 observa-se a reconstrução e a transformação dos conhecimentos a partir de um processo racional e reflexivo que ela está trabalhando ao relacionar suas experiências pessoais, relacionamentos holísticos que representam o todo, que agrega diferentes partes como as experiências e os pontos de vista com os conhecimentos ensinados, e propiciando na transformação de perspectivas (PEET, 2020; MEZIRROW, 1997).

Nas Falas 1 e 2 da Aluna 3, observa-se esse transformar de perspectivas, quando ela traz os seus pontos de vista acerca de suas experiências vivenciadas no período de estágio com a relação das teorias e conhecimentos ensinados e aprendidos em aula, permitindo-se que nesses trechos tenha relação com a reflexão do conteúdo, do processo e da premissa discutidos por Mezirow (KEMBER ET AL., 1999).

Assim, a reflexão e a construção de pontos de vista, permite modificar como os alunos, os professores e os demais indivíduos percebem, vivem, funcionam e agem no mundo, e como atuam para transformar a sua realidade incentivando a receptividade, a autoconsciência e a formação da identidade (TRANSFORMATIVE LEARNING PERSPECTIVES, 2015).

### 5.7. Reflexão crítica – Integração ou Mais ou Menos

- **Aluna 1:**

- **Fala 1:** “É. Então é...então é muito diferente, tipo a gente vem da escola com essa cabeça de que o aprendizado ali, é você acertar sim. Então, logo o erro é um problema, né? Então é uma, é uma desconstrução que realmente deveria ser feita desde que é...né tipo ok que a escola precisa fazer a prova, você precisa passar na prova, porque é uma coisa exigida, mas não tem essa conversa. De...acho que não tem nem a cabeça né, por muitos professores de que o erro não deve ser um problema, porque enfim, a escola disse ali que você tem que fazer a prova, então você tem que acertar...” - **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**
- **Fala 2:** “Hum, não. Eu acho que tipo, se for pra mim, nos, das outras abordagens ficou bastante coisa sabe, dessa pra mim foram, ficou marcado assim duas coisas específicas. Foi o que eles falaram, primeiro que não fala professor-aluno né, educador e educando e que eles aprendem juntos, que não é um ensinando o outro, é...eles educam juntos é...um ao outro e, e também que o que importa não é o final né, que é o processo. Essas foram as coisas que ficaram pra mim, mas ficaram pra mim meio...sabe num contexto muito...” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**

A Aluna 1 traz em suas duas Falas 1 e 2, a reflexão crítica e o estabelecimento de relação dos conceitos com as suas experiências pessoais, sendo que neste nível o processo de desconstrução e construção dos conhecimentos se intensifica e permite que se aproxime da transformação das perspectivas dos alunos, modificando-se crenças e valores antes assimilados em novos conhecimentos (KEMBER ET AL., 2008; PEET, 2020).

## 5.8. Reflexão crítica – Transformação ou Muito

- **Aluna 1:**

- **Fala 1:** “Sim, e pro, quando você perguntou pra gente e pá, por que que a gente continua fazendo assim? Eu acho que tipo, vai muito além do ensino né. Tipo, a gente continua fazendo assim, porque o objetivo da escola, de grande parte das escolas, é de fazer passar no vestibular. Pra você passar no vestibular, você precisa decorar coisa e tirar boas notas. Então tipo, pra esse pensamento que é esse, pra quê que você tá aprendendo né? O ensino tradicional funciona, porque faz você decorar as coisas e passar no vestibular, e é isso que querem. Então também tipo, vai muito além né de só mudar o que a escola, tipo, é toda uma estrutura de pensamento que teria que ser mudada. E é isso, é muito difícil. Como que você vai virar e falar: não, agora eu não vou mais te ensinar pra você passar no vestibular, vou te ensinar, porque eu quero que você saiba pra sua vida, mas aí a criança vai ficar ué, mas e o vestibular, e a USP? Tipo, então, é...teria que mudar todo um contexto, não é só isso assim.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- **Fala 2:** “Ah, eu me identifico nesses momentos que você fala pra mim, tipo eu falo: *ah, é, achei difícil o jeito que ele escreve*. Aí você fala pra mim: *eu respeito, só vou te mostrar que eu enxergo um pouco diferente, mas entendo você enxergar assim também*. Então acho que essa autonomia de tipo, não ser autoritária. É bem isso que você falou, não é porque eu acredito, que você tem que acreditar em x, que você tem que pensar da mesma forma que eu, você pode pensar y. Só a gente tem que conversar sobre, pensar sobre, mas que tá tudo bem se no final, você também fala pra gente que tipo: *tudo bem, se no final mesmo*

*depois de tudo isso a gente vir a ser professores tradicionais né. Tipo, a gente debateu, você ofereceu pra gente todas as informações pra gente escolher o que a gente quer acreditar né? Eu acho que é um pouco isso assim, não ter essa autoridade de falar o que que é o certo, o que que é o errado, é dar autonomia pro aluno entender o que ele acha.” – Aula*

**Met Bio 1 – 12/03/21**

- **Fala 3:** “Ah, porque é isso mesmo, eu acho que o papel...seria legal o papel do professor ser esse de dar os caminhos e o aluno conseguir escolher, mas é isso com, sabendo que tipo, das consequências das suas escolhas. Então por exemplo, quando você diz aqui pra gente: eu te passo, se vocês quiserem. E fazer uma educação tradicional depois tipo, é escolha de vocês sabe. Só que a gente aqui, você, a gente, sabe as consequências. Então a gente sabe que cada tipo de educação que a gente escolher fazer, a gente aprendeu os objetivos.../ É. Então é uma escolha com responsabilidades, sabendo que, o que está escolhendo. Então, pra mim faz sentido.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

- **Fala 4:** “Professora, eu vi bastante isso com o Erli, porque o Erli, ele aplica esses textos todos que a gente discute nas aulas. Ele dá o máximo dele pra colocar isso lá. E aí ele fala muitas coisas que ele mostra lá, ele falando da fotossíntese, ele pergunta...É não sei, sei lá, outro exemplo, ele perguntou o que era homeostase pros alunos, os alunos responderam: o equilíbrio interno. Aí ele: ok gente. Na escola dele, ele é obrigado nas provas a colocar exercícios de vestibulares, exercícios da apostila. Aí ele falou: ok. Na, nas perguntas lá da apostila essa é a resposta certa lá, porque essa resposta que vão pedir em vestibular. Assim a resposta que vão pedir nos exercícios, mas aqui a gente vai debater por que que isso não tá certo, porque lá se você pensar no, na bomba de sódio e potássio não tá equilibrado. Então tipo, ele explica, ele mostra, que existe um outro jeito de pensar que você pode entender o que é equilíbrio interno, mas que você tem que entender que lá dentro não é exatamente um equilíbrio. Mas que na avaliação, talvez eles vão ter que, que ter esse né, então, livre.../ É. É que ele queria dizer que...enfim, você entendeu, mas, mas ele faz isso com tudo. Tipo de falar, aqui a gente vai debater por que que não é exatamente isso que a

gente tá falando, por que que lá na prova você vai ter que falar isso, mas então ele faz isso. Porque é isso. Se você quer, se você vai passar tudo igual tá na prova, você não vai conseguir permitir essa construção mais aberta né, mas mais livre, mas ainda dentro do, com esse direcionamento.” – **Aula Met Bio 1 – 23/04/21**

- **Fala 5:** “É, o que mais vem pra mim, é a coisa da construção do conhecimento. E não, não a descoberta ou a transmissão né. Então, eu tava pensando né, tipo, ah a gente vai fazer um experimento na, na nossa aula simulada. Ele não pode ser pro aluno descobrir e ele também não pode ser uma coisa que só vai ilustrar né. Então, que o aluno tem que conseguir construir aquele conhecimento, que o professor tem que estar ali pra ajudar nessa construção. Pra que ela seja ainda, uma construção que faça sentido né?” – **Aula Met Bio 1 – 23/04/21**

- **Aluna 2:**

- **Fala 1:** “É...eu lembro que nessa aula, Professora 2 colocou a palavra banco na lousa.../ E ela perguntava: o que vem na nossa cabeça quando a gente vê essa palavra né. E aí a gente colocava: o dinheiro, dados, pensando em banco assim, mas relacionado a, a banco mesmo de dinheiro né, de movimentação de dinheiro./ E...aí ela colocou tipo: namoro. E aí ficou todo mundo: namoro, mas como assim namoro? Aí ela falou: ah não, é porque pra mim a palavra banco, representa o banco da praça. Nossa fico toda arrepiada só de falar, banco da praça, e banco da praça me lembra namoro, paquera, era como a gente paquera na época./ Eu achei isso tão fantástico, de...como uma única palavra tem um peso diferente pra nós sabe, por causa das nossas experiências, da nossa carga assim, histórica. Isso é fantástico, fico muito arrepiada./ Até hoje, eu nunca esqueci dessa aula. E ela falou um pouco dessa, dessa...teia de.../ Ela, ela depois ela explicava pra gente que, é...talvez agora, se uma pessoa fizer a mesma atividade a gente incluía a palavra namoro, e que pra gente incluir uma nova palavra nessa rede, a gente não precisa apagar todas as outras palavras. A gente não precisa cortar as relações com as coisas que a gente tinha na cabeça antes, pra colocar uma nova, um novo conhecimento ali, a gente apenas faz novas

relações. É, aumenta a teia, ela falava, a gente tá aumentando a nossa teia.” – **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**

- **Fala 2:** “Eu acho que a gente poderia tipo primeiro conhecer o que, o que o aluno pensa sobre o tema. Então o que ele conhece, o que ele já tem de rede sobre o tema, da rede dele né sobre o tema, para depois tentar problematizar a questão. Tipo, depois tenta criar um conflito nele, um conflito cognitivo. E ao mesmo tempo, é...não sei se expor, mas mostrar o, o outro lado da história. Não sei tipo, você conhece o que ele pensa, problematiza o que ele pensa, entende primeiro né o que ele pensa e por que que ele pensa daquele jeito, para depois problematizar. E para depois, é...não sei se expor, mas mostrar que existem outras possibilidades.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

- **Aluna 3:**

- **Fala 1:** “Eu, eu gostei, é...porque tipo ao longo que eu ia lendo, eu ia pensando: ah, concordo com isso, não concordo com isso, tipo, faria essa, desse jeito, não faria desse jeito. E também, é...eu ia conseguindo identificar, tipo: ah então, aquela vez foi essa abordagem, ah então...Tipo conseguia identificar, por exemplo, é, eu há muitos anos, é...sou educadora no movimento juvenil né, só que é educação não formal lá. Então tipo.../ Eu acho que nunca ninguém chegou e fez tipo uma base teórica, pedagógica sobre o que a gente fazia lá, tipo a gente sabia que o que a gente fazia era baseado em Paulo Freire, em Piaget, em Vygotsky, em certas coisas, porque quem fundou o movimento é, falava isso que tava escrito. Só que eu não sabia exatamente o que a gente fazia lá, e aí quando eu fui lendo, eu conseguia identificar: nossa, é isso que a gente faz lá, tipo que era, que era a abordagem, era a abordagem sociocultural que tinha uma educação horizontal e que tava falando que um educador sempre precisa ser um educando e vice-versa. E no movimento é exatamente isso, quando você vira educador, você não deixa de ser educando, você fica isso a vida inteira e aí tipo eu percebi que era isso que a gente fazia. E eu nunca tinha dado um nome assim, alguma teoria, uma base teórica pra que eu fazia lá, eu só fazia. E aí agora, eu consegui estabelecer isso, essas relações assim.” - **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**

- **Fala 2:** “É...eu coloquei que, não sei, o que me incomodou né foi o jeito que eles colocam. Os alunos é...ganham reforços positivos né, então você aprende pra ganhar uma nota. Você aprende pra ganhar um adesivo de estrelinha. Eu a minha vida inteira, era pequenininha né, tipo se você acertar tudo, você vai ganhar um adesivo de estrelinha, e eu ficava muito feliz com aquele adesivo de estrelinha. Então é isso, são reforços positivos pra você ir bem. E aí, o aluno vai bem por causa disso, não porque quer aprender ou porque acha a matéria interessante, mas é pelos reforços.” - **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- **Fala 3:** “É...eu achei complicado entender o ensino-aprendizagem, mas a relação professor-aluno, eu achei mais fácil de entender. E também, uma coisa que eu pensei, é que tipo, uma educação ela não precisa ter só uma abordagem né, porque tipo tem aspectos de certas abordagens na educação. Então acho que pode ter uma mistura, tipo, numa certa, numa certa...escola, ou um certo ambiente, ter tipo uma mistura de alguns aspectos, da abordagem humanista, com alguns aspectos da abordagem sociocultural e aí formar uma abordagem diferenciada, porque cada uma tem uma coisa positiva e alguma coisa negativa. Então, eu acho que não precisa ter só uma abordagem no ambiente né.” - **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**
- **Fala 4:** “Sabia que eu aprendi, que na verdade antes, tipo antigamente, os professores eles eram tipo leitores. Então, eles sentavam na frente de uma série de alunos e tipo pegavam textos, principalmente os de filosofia, pegavam textos e tipo liam pra sala, e ao longo iam comentando, tipo sei lá, cada estrofe, cada parágrafo. E aí por isso tipo no Estados Unidos, quando eles vão falar de palestra tipo, e aula também, eles falam lecture, porque é uma leitura. / Ah, faz, não sei, é do começo da educação. / Acho que porque, não era todo mundo que tinha tipo, livre o acesso à informação, era muito diferente do que hoje em dia. Hoje em dia tipo, as pessoas têm muito mais acesso à informação. Então, os alunos eles podem pegar o livro e ler. Tipo é igual, antes não, antes não era, todo mundo que tinha aquele mesmo livro. Então, era muito diferente, tinha livro que só tinha em uma língua e o professor tinha que traduzir coisas assim.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

- **Fala 5:** “Ah, eu acho...eu acho que tipo pra você criar uma educação mais libertadora e, e tipo ter essas características que a gente falou, de ser problematizadora e aí tipo de mostrar caminhos diferentes do aluno pra ele não seguir o mesmo caminho do professor, acho que um bom jeito é tipo questionar eles. Então tipo, ao invés de fazer uma aula, sei lá normal, tipo só expositiva, questionar eles a tipo, fazer com que eles cheguem nas próprias conclusões assim, de certas coisas. Mais ou menos é isso que a gente faz pelo menos, no meu movimento juvenil. A gente...sei lá, escolhe um assunto que a gente acha relevante pra falar com eles, e aí a gente passa alguma coisa tipo por forma lúdica que tem a ver com tema e depois questiona eles. Então por exemplo, sei lá, passa o filme de Divertidamente e depois a gente senta e fala: Ah, porque a Felicidade queria só ter ela? Ah, porque, que que aconteceu quando a Tristeza foi embora? Então será que é importante ter mais sentimentos? E tipo, questionar desse jeito pra eles chegarem a uma, uma conclusão na mente deles que faz mais sentido assim. E dessa forma acho que eles vão ter mais habilidade, desenvolvendo essa capacidade de ir questionando as coisas e tematizar... / Ele pode usar...atividades problematizadoras. Então por exemplo, tipo, você dá um exemplo de um caso de uma pessoa sei lá, que tava na praia e depois ela começou a sentir tais sintomas e tal e coisa. E perguntar: o que pode ter acontecido com aquela pessoa? E aí depois, depois que cada um tipo falar o que eles acharam, você pode chegar e falar: existem certas doenças infecciosas que você pode pegar se você pisa no cocô do cachorro na praia, e tipo explicar coisas assim. Acho que talvez você tá juntando os dois.” – **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

Nesse nível, aborda uma profundidade na reflexão e na transformação que o educando pode atingir dentre as definições de aprendizagem transformadora que permitem criar e transformar os esquemas de significado (crenças, sentimentos, interpretações, decisões) ao longo do processo de ensino e de aprendizagem (KEMBER ET AL., 1999; MEZIROW, 1997).

Nas primeiras falas, estas se diferem em alguns aspectos e aproximam em outros sobre processo de ensino e de aprendizagem. A Fala 1 se baseia no contexto



da abordagem tradicional trazendo o lado de que o ensino de transmissão-recepção e o do processo de repetição e memorização necessita ser modificado, pois não está resultando em uma aprendizagem significativa (MIZUKAMI, 1986). Já as Falas 2 e 3, trazem a importância do professor em estimular e despertar a curiosidade e a reflexão, a partir de questionamentos e provocações de situações-problema e priorizar a formação da autonomia do educando (FREIRE, 1996).

Nas Falas 4 e 5 da Aluna 1, ela fala muito das suas experiências vivenciadas no estágio ao observar que o professor dessa escola, ela associa a sua formação pode ter sido construída diferente da educação tradicional e ter estimulado a formação de sua autonomia. E, também reflete sobre suas experiências futuras na aplicação de aulas simuladas e na atuação como professora, ao trazer a desconstrução e a construção dos conhecimentos, isso implica na transformação das perspectivas e na modificação de crenças e valores antes assimilados em novos conhecimentos (PEET, 2020; KEMBER ET AL., 2008).

Seguindo esse raciocínio de formação de novos conhecimentos, as Falas 1 e 2 da Aluna 2 refletem exatamente a formação de esquemas de conhecimento, em que cada aluno e cada professor constrói o seu próprio com suas experiências pessoais e gera sua estrutura cognitiva, mas quando ocorre a interação, essa estrutura se modifica e se molda novamente, transformando-se assim a sua teia ou a sua rede de complexidade (COLOM, 2004; MAUR, 1999).

Em relação a associação de diferentes definições, explicações e conceitos, nas Falas 1 e 2 da Aluna 3 retrata esse relacionar dos conhecimentos com a abordagem tradicional e comportamentalista, na qual reúne esse conjunto de informações e transmite, deposita no educando, além de manter padrões de comportamento relativo ao mecanismo de respostas adequadas aos reforços positivos e negativos do aluno, que é moldado pelo professor (MIZUKAMI, 1986; MAURI, 1999). Assim, ao se perceber e compreender sobre essas abordagens, permite-se renovar e transformar em novos conceitos e perspectivas (PEET, 2020; KEMBER ET AL., 2008).

A Fala 3 dessa aluna, retrata sobre a questão de que a soma das partes vale mais que o todo, ou seja, os conhecimentos holísticos (que abrangem a totalidade) de que a junção de vários conceitos pode ser transformador e formar assim uma rede de complexidade (COLOM, 2004).

A Fala 4 retrata também sobre uma rede de complexidade com relação à diferentes contextos e épocas retratados sobre o mesmo assunto discutido, e assim pode-se formar esquemas de significados (crenças, sentimentos, interpretações, decisões) por meio da reflexão do conteúdo, do processo de aprendizagem e da formação de premissas no contexto social (MEZIROW, 1991; 1997).

E na Fala 5 dessa mesma aluna, ressalta a importância de questionamentos, situações-problema, da mediação e provocações feitas pelo professor, que leva a um processo de desconstrução e construção, ao despertar das consciências e transformações de perspectivas a partir de uma reflexão crítica, ou seja, uma reflexão que representa uma maior profundidade das relações dos conhecimentos abordados (FREIRE, 1996; MEZIROW, 1997).

Com isso, ao refletir-se criticamente sobre determinado assunto pode resultar em uma mudança de perspectivas e pensamentos decorrente na formação de novos conhecimentos, e na construção da aprendizagem transformadora, a qual se manifesta dentro da consciência, aplicando-se de forma metacognitiva o pensamento crítico que transforma os conhecimentos em um quadro de referência adquirido que engloba os diferentes pontos de vista e os hábitos de mente formados ao longo do processo de aprendizagem (DIRKX, MEZIROW, CRANTON; 2006).

Portanto, as alunas neste estudo puderam-se caracterizar de modo geral em um nível mais reflexivo e desenvolver o pensamento autônomo, crítico e reflexivo relacionando com suas experiências pessoais e construindo uma aprendizagem mais significativa e se aproximando da aprendizagem transformadora (KEMBER ET AL., 2008). Para poder se construir a relação educador-educando, uma aprendizagem significativa e dar sentido no processo de cada indivíduo, é fundamental que haja questionamentos e provocações que façam o aluno refletir e se transformar (MAURI, 1999). Neste sentido, é necessário um constante contínuo processo de desconstrução e construção dos conhecimentos para formar um verdadeiro equilíbrio dinâmico, uma dimensão do entendimento, ou seja, uma ampla rede de complexidade (COLOM, 2004).

Neste estudo, pode-se analisar essa dimensão do entendimento ao longo das falas das alunas, que ao passarem por cada nível de reflexão de aprendizagem e parâmetro de competência puderam desenvolver, expandir e transformar sua teia de

conhecimentos. Assim, a aprendizagem transformadora inclui os indivíduos que compartilham mais suas percepções com o mundo, trazendo diferentes pontos de vista e procurando integrar suas experiências e relacionamentos holísticos, desenvolvendo-se assim a autonomia e seres criticamente reflexivos (MEZIRROW, 1997).

Para isso, ao analisar as possíveis evidências do processo de ensino e de aprendizagem dessas três alunas, pode-se concluir que houve um predomínio na parte reflexiva, entretanto pode se aproximar da perspectiva de uma aprendizagem transformadora.

## **6. CONCLUSÃO**

A partir desse estudo, o objetivo geral de identificar e analisar possíveis indícios de aprendizagem transformadora, foi atingido. A partir do instrumento de rubrica pode-se analisar as evidências do processo de aprendizagem por meio dos níveis de reflexão e parâmetros de competência de reflexão e de comunicação abordados, evidenciando em qual nível seus conhecimentos podem se encaixar. Neste sentido, as três alunas se mantiveram presentes mais em suas falas em um processo mais reflexivo, compreensivo, integrador e se aproximando da aprendizagem transformadora.

A análise dessas aulas proporcionaram a coleta de um material rico e repleto de diferentes abordagens e aprendizagens. E que de fato foi possível verificar que o produto final não é o mais importante, mas o processo como um todo, já que aquele é resultado de tudo que foi construído durante o processo.

De acordo com o Quadro 7 apresentado nos resultados, a maioria das respostas foram categorizadas no Nível de Reflexão e nos parâmetros de Exposição ou Pouco e Integração ou Mais ou Menos. As falas das três alunas constavam em abordagens mais reflexivas, que relacionavam os conceitos com as experiências pessoais, a relação da teoria e da prática e permanecia nítido esse desconstruir e construir dos conhecimentos e desenvolvendo a autonomia. Com relação aos parâmetros, se observou mais falas no primeiro (Exposição ou Pouco), pois as alunas foram expostas a situações, questionamentos para refletirem e reformularem seus conhecimentos, mas ainda não havia iniciado as interações. Já no segundo parâmetro (Integração ou Mais ou Menos) que também se destacou, apresentaram uma maior e

melhor internalização das experiências relacionadas aos conceitos. Com isso, ao apresentar a maior parte das falas (32) como resultado no nível de Reflexão, possivelmente revela as evidências de aprendizagem das três alunas nesse nível de reflexão e nesses parâmetros, verificando se ainda podem se aproximam ou não da aprendizagem transformadora.

Para atingir o nível máximo que se assemelha ao de aprendizagem transformadora, se encaixa em Reflexão Crítica e Transformação ou Muito, nesse nível houve 12 respostas ao todo, permanecendo ainda distante do total de respostas visto anteriormente. Com isso, pode-se refletir que apenas algumas falas de cada aluna se aproximaram da aprendizagem transformadora, pois poucas realmente resultaram em uma mudança mais profunda dos pensamentos e perspectivas, de crenças e valores, de formar novos conceitos, esse transformar de dentro para fora e correlacionar diferentes contextos.

Portanto, este material de aprendizagem transformadora trouxe um estudo e análise muito enriquecedor, pois permitiu que não só acompanhasse e percebesse o processo de ensino e de aprendizagem dessas alunas, mas também permitiu que a partir da gravações das aulas, alguns conceitos e conteúdos já aprendidos fossem revisitados. Pude também reformular os meus conhecimentos e percepções, a partir de diferentes pontos de vista dos alunos e criar um novo olhar, formar uma nova rede de conhecimentos.

Desse modo, serviu de base para que também pudesse me desenvolver e reconstruir meus esquemas de conhecimento, propiciando que eu também me aproximasse de uma aprendizagem transformadora. E ao ouvir as aulas com uma sensação agradável, permitia aprender e despertar meus pensamentos e sentimentos, como também expandir minhas consciências. Tornando-me uma aluna e agora professora, mais preparada para poder ensinar os meus alunos com empatia, significado, reflexão e transformação. Espero que este trabalho, possa servir de base para muitos profissionais e pessoas da sociedade utilizarem e transformarem suas aprendizagens.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, H. G. Using rubrics to promote thinking and learning. **Educational leadership**. v. 57, n. 5, p. 13-19, 2000. Disponível em: <<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.452.5684&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2021.
- COLL, C.; SOLÉ, I. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, C. MARTÍN, E.; MAURI, T.; MIRAS, M.; ONRUBIA, J. SOLÉ, I.; ZABALA, A. **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 2006. p. 09-28.
- COLOM, A. J. A teoria do caos ou a desconstrução da teoria. In: COLOM, Antoni J. **A (des)construção do conhecimento pedagógico: novas perspectivas para a educação**. São Paulo: ArtMed, 2004. p. 89-129.
- DIRKX, JM; MEZIROU, J; CRANTON, P. Musings and Reflections on the Meaning, Context, and Process of Transformative Learning: A Dialogue Between John M. Dirkx and Jack Mezirow. 2006. **Journal of Transformative Education**. v. 4, n. 2, p. 123-139. DOI:10.1177/1541344606287503. Disponível em:<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1541344606287503>>. Acesso em: 09 jun. 2022.
- FREIRE, P. A concepção bancária da educação como instrumento da opressão: seus pressupostos, sua crítica. In: FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 37-49.
- FREIRE, P. Ensinar não é transferir conhecimento. In: FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 21-33.
- GASPAR, A. Experimentação em ciências – abordagem crítica e propostas. In: GASPAR, A., **Experiências de ciências para o ensino fundamental**, 1ª Ed., São Paulo, Editora Ática, 2009. p. 11 – 30
- KEMBER, D. et al. A four-category scheme for coding and assessing the level of reflection in written work. **Assessment & Evaluation in Higher Education**. v. 33, n. 4, p. 369–379, ago. 2008. Ed. Routledge – Taylor & Francis Group. DOI: 10.1080/02602930701293355. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02602930701293355>>. Acesso em: 09 jun. 2022.
- KEMBER, D. et al. Determining the level of reflective thinking from students' written journals using a coding scheme based on the work of Mezirow. **International Journal of Lifelong Education**. London, UK. v. 18, n. 1, p. 18–30, nov. 1999. Ed. Routledge – Taylor & Francis Group. DOI: 10.1080/026013799293928. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/026013799293928?src=recsys>>. Acesso em: 09 jun. 2022.
- MEZIROU, J. **Transformative dimensions of adult learning**. 199-201. 1991. 1Ed: The Jossey-Bass Higher and Adult Education Series.
- MEZIROU, J. Transformative Learning: Theory to Practice. n.74. 1997. **New Directions For Adult And Continuing Education - Jossey-Bass Publishers**. Disponível em: <<https://www.ecolas.eu/eng/wp-content/uploads/2015/10/Mezirow-Transformative-Learning.pdf>>. Acesso em: 09 ju. 2022.

MAURI, T. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: COLL, C. et al., **O construtivismo em sala de aula**. 1999. São Paulo: Editora Ática, 2006. p.79-121.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986. 117 p.

**Transformative Learning Perspectives**. Produção de Meridian University. California, 2015. 1vídeo (7:34). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=qY7wPJT6NI&ab\\_channel=MeridianUniversity](https://www.youtube.com/watch?v=qY7wPJT6NI&ab_channel=MeridianUniversity)>. Acesso em: 09 abr. 2021.

NUNES, C. A. A. **O uso de rubricas na avaliação formativa**. São Paulo: Oort Tecnologia. 2017. 1vídeo (15:38). 27 março de 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ps5gpp3Tu-g&ab\\_channel=CesarNunes](https://www.youtube.com/watch?v=ps5gpp3Tu-g&ab_channel=CesarNunes)>. Acesso em: 09 abr. 2021.

PEET, M. R. **Introdução ao conhecimento incorporado e generativo:** identificando e integrando a aprendizagem oculta dos estudantes. 2020. Métodos de conhecimento generativo e incorporado no Ensino Superior. III Fórum de aprendizagem transformadora - The Generative Knowledge Institute - Universidade de Michigan (<https://generativeknowledge.com>). Disponível em: <[https://www.mackenzie.br/sis/pesquisa?tx\\_kesearch\\_pi1%5Bsword%5D=forum%20de%20aprendizagem%20transformadora&cHash=60328ef2907fb2978670ef74607fa923](https://www.mackenzie.br/sis/pesquisa?tx_kesearch_pi1%5Bsword%5D=forum%20de%20aprendizagem%20transformadora&cHash=60328ef2907fb2978670ef74607fa923)>. Acesso em: 09 abr. 2021.

## ANEXO (Aulas gravadas e transcritas – Metodologia de Biologia 1)

### LEGENDA:



Amarelo: Falas da Aluna 1



Rosa: Falas da Aluna 2



Cinza: Falas da Aluna 3



Verde: Trechos relevantes para construir o referencial

**\*Foram grifadas as falas relevantes para a análise relacionadas a discussão dos textos e assuntos, não destacando aquelas que não tinham relação como: sobre estágio, PCC, trabalhos e outros.**

**\*Ao todo são 9 alunos e professora dessa aula, foram respeitados e ocultados os nomes de cada um, colocando-se de forma anônima com a denominação: Professora 1, Aluna 1, Aluna 2, Aluna 3, Aluna 4, Aluna 5, Aluno 6, Aluno 7, Aluno 8, Aluno 9.**

- **Aula Met Bio 1 – 12/02/21**

<b>Aula Gravada</b>
<p><u>Professora 1:</u> Então, vamos lá. Vamos começar. Primeiro, queria dizer que é um prazer enorme tê-los aqui, que, o ideal da vida seria que a gente tivesse todo mundo junto numa sala de aula para aglomerar abraçar e beijar. Vocês sabem que eu adoro isso respeitando aqueles que não gostam, entendo né, então tudo bem. Alguns alunos já me disseram isso, já me disseram: olha eu não quero ser abraçado e pra mim eu não fico ofendido, tá ok. Tá. Porque cada um tem o seu jeito, então ótimo. Até meu filho: aí mãe você é muito grude, não quero, então tá bom a gente não gruda. É...Mas, eu sinto muita falta disso. E...Então é superbom retomar. Agora no nosso curso de metodologia, e eu sei que alguns de vocês estão fazendo ciências 2 com a Professora 2 e metodologia 1. É uma...hã...uma megatarefa. Porque é puxado,</p>

porque tem bastante leitura. E tem bastante compromisso. Então assim, não acho que vocês não sejam capazes, óbvio que vocês são, mas tomem cuidado com isso. A minha dica é que vocês coloquem no papel, a organização que vocês vão ter. Foi isso que eu falei pro Aluno 9. Tá. Então procura...É procurar estágio logo. A gente vai falar sobre isso. Se não for o estágio, eu não sei como é que a Professora 2 ta orientando isso. Eu, a professora e o coordenador marcamos uma reunião acho que quinta-feira se eu não me engano pra tratar dessas questões né? Hã...Então vamo lá. Então, aproveitando o gancho que o Aluno 8 falou, que eu acho que nem todo mundo tava aqui, então eu vou repetir, ele falou assim: ai eu me senti voltando a ser criança quando a professora falava escreva sobre as suas férias. Logo que comecei a dar aula numa Universidade particular na cidade de São Paulo, hã na, na universidade, eu utilizava naquela época os caderninhos. Então, era prática de ensino de biologia, não era metodologia, era prática de ensino de biologia. Então, eu usava um caderninho vermelho pra 1, e um caderninho amarelo pra 2, sei lá. E aí, isso seguia né o semestre. Então, quem tinha vermelho ficava com 1 e 2 pro vermelho. E quem tinha amarelo...A gente ia trocando as cores, até eles podiam escolher se era verde, azul, tal. **E a primeira pergunta que eu fazia para os alunos nessa época era: quem sou eu, quem você era?** Isso para alguns alunos era muito legal, eles gostavam, escreviam e eu retornava isso, né. Então, eles me diziam: olá, eu sou tímido, eu sou assim, eu sou assado. E eu respondia a esses questionamentos, assim, dizendo: *a mas por que que acontece isso? Você já pensou naquilo?* Mas não me intrometendo pra querer mudar você, não. Mas assim, era uma conversa. Só que tinham alguns alunos que tinham, que estavam muito incomodados, mas muito mesmo. Eles falavam assim: *mas por que você quer saber de mim*, né. E, talvez eu por imaturidade isso há 22 anos atrás, não soubesse que eu queria me aproximar de você, porque talvez intuitivamente eu já entendesse, que **para ser um bom professor, você precisa conhecer o seu aluno, você precisa ter uma intimidade, não necessariamente uma amizade, mas uma intimidade para entender os processos.** E aí, até que alguns anos eu fui fazendo isso tá, o professor que supervisiona PIBID agora, tem um caderninho até hoje. Uma vez ele levou, levou pro Universidade, uma banca que ele foi ser banca de, de TCC, eu chorei muito. Porque assim, ele falou pra mim quanto isso foi importante na vida dele, e eu li o que eu escrevi né, e o quanto foi significativo para nós isso. É...mas aí uma vez um aluno escreveu assim pra mim:



que eu não tinha nada a ver com a vida dele. Ele me xingou, falou umas coisas muito agressivas, e aos poucos eu fui abandonando este caderninho, né. Não foi imediatamente, mas foi aos poucos. Esse mesmo aluno, 10 anos depois me escreveu um e-mail, 10 anos depois, escreveu um e-mail pedindo desculpas, dizendo: que ele era imaturo e que ele não tinha entendido a minha intenção com isso, ele esperava que eu me desculpasse, e tudo mais e tarãã. Por quê? Porque eu ainda tenho muito contato com a turma dele, com a turma toda. Então por exemplo, quando eles casam, quando eles têm filhos, eu sou convidada a participar ainda da vida deles. Então, o pessoal entra em contato comigo. Então eles, eles me falavam: ah, ele tá com vergonha de te falar, mas eu falei não...pode, pode mandar e-mail que eu vou responder, eu vou dizer que sim, que tudo bem, que a gente erra, não tem problema né. Assim como talvez, eu deveria ter feito de um jeito diferente. E aí, foi assim que eu tive a ideia, Aluno 8, pra não ser tão futriqueira. É...é eu me apresentava, né. E eu fiz isso...do zero. **Eu me apresentei pra vocês, eu não peguei uma apresentação que eu já tinha e mandei.** Eu me apresentei vendo quem eram vocês, então escrevi mesmo. Eu gastei um tempo meu, dizendo algumas coisas e deixando algumas de propósito, para se vocês quiserem me questionar, me perguntar, né, fiquem a vontade. Eu vou responder. Assim como eu vou responder ao que vocês também forem colocando. E, hoje em dia eu vou entender melhor, se você me disser: não quero. Agora se você quiser durante o semestre todo continuar conversando desta forma, eu vou gostar muito, porque, porque essa conversa pode ser inclusive sobre as suas dúvidas de ser professor, né. Não precisa ser sobre a sua vida. Mais... **A sua vida também faz parte ali do conjunto todo: ser professor.** E, eu agora to fazendo formação dos professores da Universidade, não sei se vocês sabem disso, né. São 1100 professores da Universidade, engenharia, arquitetura, de todas as áreas. E agora, eu sou a responsável pela formação deles. Eu tenho um encontro com esses professores semanalmente, a gente faz fóruns...É voluntário, antes era obrigatório. Antes da minha gestão, era obrigatório. É voluntário. No fórum, de 1100 professores, 800 estavam presentes. Eu falo com o olho brilhando, porque assim gente, eu falo: não é obrigatório, e 800 professores estavam lá para discutir. Então, pra vocês verem que tem gente que tem 40 anos de carreira na Universidade, e tava lá pra aprender. Isso é muito significativo, significa que a gente vai aprender a vida inteira. E é isso que me move, né. Não tem essa: *eu já sei*. Eu, eu sei algumas coisas, como vocês

também sabem várias coisas. Mas a gente, vai aprender o resto da vida, né. Então, isso é muito legal. **Vocês querem comentar alguma coisa?** Por favor, fiquem à vontade. Como é que vocês...o Aluno 8 já falou como é que ele se sentiu. Como é que vocês se sentiram? Se vocês não se sentiram bem, pode falar. Não é pessoal, você não vai ofender a mim pessoalmente. E aí, eu consigo também aprender mais e mais e mais.

Aluna 1: Pro, eu não fiz ainda, não sei dizer exatamente como eu me senti, mas o que eu sinto que eu sentiria, é que eu gosto, eu gosto da ideia de se conhecer mesmo. Eu gosto dessa relação de amizade, eu sinto isso muito na universidade, que quando a turma são menorzinhas assim, forma realmente essa relação. Eu fiz PUC antes né, e na PUC eu não sentia, na PUC tinha muita a separação aluno-professor. Não tinha isso de você chegar e dar um abraço num professor sabe, era você passar e falar: bom dia, senhor. E aqui, e aqui não, eu sinto que tem tipo...quando eu te vejo, eu tenho vontade de abraçar e eu acho que é muito disso assim, você não souber nada de mim, eu não souber nada de você, distancia né. Então...eu gosto disso, e eu gosto disso de você da gente te conhecer, porque é isso, tipo se você precisa saber da gente, a gente também precisa saber de você, né. Então, eu acho importante sim. Não me incomoda nem um pouco.

Professora 1: Meu filho faz PUC em São Roque né, ele não quis na universidade, olha só que contradição. É, mas eu entendo, eu sou uma figura pra ele muito forte, e ainda mais agora que eu fui promovida, pra ele é a morte. Assim, nesse sentido sabe, porque é a, a...é um choque de interesses. Ele quer ter a personalidade dele, então tudo bem, e ele namora a Marília que é a...Também faz pouco, e tá na sala dele de psicologia. E, a Marília conversa muito comigo, ela fala assim comigo: eu queria tanto ter um professor como você que assim, que orientasse mesmo, que senta-se e fizesse comigo e não assim, fosse tão distante, né. Nenhum. Ela fala assim pra mim: nenhum professor na PUC tem interesse na gente, né. Eles...tem professor legal, agora ela me fala, tem professor que ensina, que é legal, mas assim que, que se aproxime da gente e tenha interesse por nós, ela fala. Aí eu falo pra ela, Marília se quiser ajuda no TCC, porque o meu filho não quer, não quer ajuda em nada, tá bom deixa ele, mas é engraçado né, é, é bem curioso isso. Quem mais quer falar? Vamo lá.

Aluna 4: Ah pro, eu assino embaixo de tudo que a Aluna 1 falou. Eu acho que essa relação na Universidade é muito visível e faz um bem pra gente muito grande, se não nem imagina. Porque assim, outras Universidades é até meio grosseiro né, é um distanciamento assim total. Na Universidade não, eu sinto muito essa relação de amizade, de afeto, carinho, é muito gostoso ver isso. E pra mim também, não tem problema nenhum, me apresentar, falar o que eu sinto. Mas, eu também não fiz, mas depois eu vou fazer sim.

Professora 1: Certo. **Eu tenho este ir e vir né de respostas, tanto dos caderninhos que eu contei pra vocês, como aqui, agora né, eletronicamente falando eu converso com alunos até hoje, né.** Então, é muito interessante isso, porque cria-se um laço de...afetividade, não sei se afetividade é o termo, mas de parceria, parceria, né? É muito legal isso, você saber que para além da, da universidade, existe um relacionamento de bem querer das pessoas, né? De bem querer. Bom dia, Aluna 3!

Aluna 3: Bom dia pro, tudo bem?

Professora 1: Tudo bem querida e você? Como é que você tá?

Aluna 3: Tudo bem. Eu tava na dúvida se tinha aula ou não, porque, por causa do feriado...

Professora 1: Ah, porque ontem eu fiz confusão, né? Tá certo. Por isso que eu resolvi te mandar um recadinho.

Aluna 3: Ah, tá bom.

Professora 1: Então, tá bom, estamos falando aqui sobre aquela apresentação que você já até mandou. Os **motivos dessa relação mais próxima de professor-aluno**, tá?

Aluna 3: Tá.

Professora 1: **Então esse semestre, nós vamos discutir muito, muito, muito, muito a relação professor-aluno.** Que raio que é isso? Só que quando a gente fala da relação professor-aluno...a gente não pode ser ingênuo de achar que é uma relação qualquer. **Ela é uma relação que ela depende dos contextos históricos-sociais, tá. Então se a ( diz assim para mim olha: numa instituição X a relação era de tal forma, é porque ela ainda tem...como é que eu posso dizer? Traços? Hã...De condições sócio-históricas do passado.** A gente não ouve dizer que a nossa sociedade é machista, é escravocrata. É isso, é aquilo. É por conta do, da herança que a gente ainda tem. **A relação professor-aluno também, ela é uma herança sócio-histórica. É aquela**

herança de...Professor tem o poder, professor manda, aluno fica quieto. E...e é por isso que parece assim que, se o professor se mostrar como gente ele vai perder o respeito. Mas, é exatamente ao contrário. Exatamente ao contrário, quando o professor se mostra como gente, aí que ele passa a ser respeitado como um ser humano. Como o ser humano que acerta, erra, é...estar junto. Né? E, eu confesso a vocês, confesso mesmo que há 32 anos atrás quando eu entrei numa sala de aula, a primeira vez que entrei numa sala de aula eu...Eu era mais assim, rigorosa tal, porque eu tinha medo. Eu tinha medo. Então, eu não deixava nada sair do, do script, porque eu não sabia o que fazer. Como que eu ia...eu tinha 21, 22 anos? Eu comecei a dar aula no supletivo à noite. Como é que eu ia...Se saísse do meu controle, como é que eu ia resolver aquilo? Então, demorou pra eu consegui entender há...o processo. Processo assim, sim, eu posso me aproximar do aluno, ele pode continuar me respeitando, porque ele vai entender que eu tenho algo a oferecer, mas eu também erro, eu também não sei de tudo, e assim vamos. Né? Mas isso tem que ser verdadeiro, não pode ser só um discurso da boca pra fora, porque tem muita gente que fala isso, mas não pratica isso. Né? Alguém mais quer falar? Antes da gente passar pro nosso cronograma?

Aluna 5: Professora 1, eu tenho uma pergunta. É...a gente pode trabalhar, essa...como é que eu posso dizer, esse, essa relação professor e aluno dessa forma de conhecer mais o aluno na educação básica? Durante um semestre inteiro, que nem no caso do EJA ou durante um ano inteiro, que é no caso do ensino médio regular ou ensino fundamental regular? Porque eu acho que...

Professora 1: Sim. Quanto mais você convive com aluno. Sim. Quanto mais você convive com o aluno, melhor. Então assim, nós temos um encontro semanal, mas por outro lado a gente tem possibilidade, isso eu acho bom, de se conhecer por exemplo, pro Aluno 7 eu já dei aula de biologia e cultura. Então, a gente já se conhece um pouco, já sei um pouquinho do jeito dele. É, para alguns de vocês eu já dei aula em outras disciplinas. Então, isso para mim é legal, porque eu já vou conhecendo. O ruim é quando você tem encontros episódicos. Então, você conhece o aluno um semestre e não vê mais. No ensino básico você geralmente, em ciências ou em biologia, você tem três encontros semanais, dois, três. E aí, isso propicia uma coisa mais próxima, e você tem que querer, você tem que ser observador. Então, você não precisa, sei lá...Pode, mas você não precisa pedir pra ele descrever quem ele é, você vai

**começando a observar.** Eu tinha um caderno, caderno universitário em que eu colocava o nome dos alunos, né. Eu tinha quatro salas de nono ano no Oswald, colocava o nome dos alunos, e eu ia fazendo algumas observações pra eu não esquecer. Então ó, a direção, a coordenação me falava, esses pais aqui são separados o aluno tá...deprimido, eu ia anotando algumas coisas. Quando eu dava uma atividade, eu ia anotando assim: aí ele tem muita dificuldade em escrever, é...algumas coisas, não muitas, porque assim eu tinha 120 alunos. Então, eu também preciso ver...eu já tava dando aula na faculdade nessa época, fazendo doutorado. Então...A gente precisa também pensar na realidade do nosso trabalho. Então, não, não fazia textos, mas eu anotava uma coisinha aqui, outra acolá, pra tentar entender quem é esse aluno. Tá? **Trabalho em grupo, trabalho em grupo, você sentar junto com um grupo você começa a entender quem é quem. Quem manda? Quem obedece? Quem já traz tudo pronto? Quem não quer fazer? Tá, mas o que que você faz com isso?** Anota pra você ir tentando ajudar, não é pra ameaçar. Não é pra ameaçar, é pra tentar ajudar, é pra dizer vamo lá né, vamos trabalhar. Então, eu acho fundamental, Aluna 5.

Aluna 5: Ok.

Professora 1: Quem mais?

Aluno 6: Se falou pro, de quando a senhora começou rigorosa, tudo. Fazendo os estágios, eu percebi exatamente isso. Que...o estágio quando eu fiz no universidade que evita mesmo a sua observação, fica lá no cantinho. **Às vezes, parecia até fácil digamos assim, vê o professo como é que ele fazia, precisava só fazer isso.** Só que depois fui fazer estágio numa escola, que apesar de ser estágio de observação, a professora falava pra ajudar, e eu ficava assim perdido, o que que eu faço? **Observando só tipo assim, ainda de fora, parece uma coisa fácil, é só falar isso, fazer tal coisa. Mas na hora mesmo, eu fiquei perdido lá, sem saber o que fazer?** Eu ficava praticamente andando de um lado pro outro da sala.

Professora 1: Muito boa a sua contribuição, viu Aluno 6. É Aluna 3 já te deixou falar. Você me fez lembrar uma coisa Aluno 6, que assim é...A, **os saberes que a gente precisa ter são pra além do conhecimento**, tem um autor que a gente infelizmente não vai conseguir estudar, mas eu indico pra vocês tá no chat tá no dif. Tá? Tem uma vídeo-aula que fala dele, uma vídeo-aula de uma amiga minha da USP que eu vou

indicar pra vocês. O Tardif fala sobre os três tipos de saberes, tá? Um deles é o conteúdo mesmo, mas o outro é o saber da experiência, né. Esse que, que o Aluno 6 tá comentando deste da sala de aula, e, e das questões mesmo do autoconhecimento. Então é muito...hã? Complexo. Não é simples, não é só eu saber definir célula e ir lá. E além de tudo, quando você começa a dar aula, muitas vezes você é surpreendido com algumas...com algumas reações, com algumas cenas. Então não tem script pronto. Tá? E eu acho que é isso que é mais...é mais difícil. Então se um aluno te xinga, você não tem um manual, que você pega na página deles e fala assim: agora eu respondo tal coisa; ou se ele até te elogia, não, não tô falando só pros aspectos negativos. Tá? Ó quer ver por exemplo, agora aqui neste momento, eu combinei com a Aluna 5 e com o Aluno 6 o que eles iam falar? Pra eu poder responder? Não. Entenderam? Então é assim, este processo da aula precisa vir com o conhecimento que você já tem, mas com a experiência, com o autoconhecimento, com o modo, né? Fala Aluna 3, querida.

Aluna 3: É...é...duas coisas assim, uma é por exemplo na escola que a...os alunos, uma turma, eles têm aula tipo vários anos seguidos com o mesmo professor. É, isso é bom? Porque cria uma relação aluno...

Professora 1: Então. Eu gosto de encarar a vida, eu tava falando isso pro Aluno 9. O Aluno 9 foi o primeiro a entrar, então a gente tava batendo papo sobre a vida. Eu gosto de encarar a vida Aluna 3 assim, isso depois de muito, muito penar na vida. É que tudo tem os seus aspectos positivos e negativos, tudo. Então assim, você ter um professor que te acompanha eu acho muito legal, porque você tem essa cumplicidade. Né? Agora, é...você também mudar de vez em quando de professor. Então assim ter quinto e sexto ano, depois sétimo e oitavo, sei lá, não, é...falei errado, mas vocês entenderam lá no ensino há...básico do fundamental, né. Dois anos com um professor e dois com outro, o que que eu acho legal nisso também? Você teve dois anos. Então é um tempo razoável, deu pra se conhecer, criar essa cumplicidade, e, a troca faz com que você conheça pessoas diferentes, modos diferentes. É...e você não, não, entre aspas, “não vicie num, num tipo só de professor” e tenha jogo de cintura, porque as pessoas são diferentes. Ó, eu, a Professora 2 e o coordenador, nós temos objetivos muito próximos na educação. Objetivos, mas nós somos completamente diferentes. Isso não faz de nós melhores ou piores, na comparação entre uns e outros, nos faz diferentes. Assim como vocês são diferentes e isso não é

ruim. Isso não é ruim. **Aprender a conviver com o diferente, respeitar verdadeiramente isso.** Por quê que eu digo verdadeiramente? Porque não é tolerar. Tolerar é diferente, tolerar você fala assim: eu tolero alguns minutos aqui até acabar a aula, e depois eu não quero mais ver. Né? Então, é...eu acho que tem os seus aspectos positivos e negativos Aluna 3, não sei, mas assim as minhas respostas não são as verdades em, cuidado com isso. Qual que é a outra pergunta?

Aluna 3: É, por exemplo uma, é uma questão em relação a isso, relação é...professor-aluno. Por exemplo, eu era monitora né, educadora, no movimento juvenil judaico é...da comunidade judaica. Então eu era monitora de umas crianças desde tipo, que eles tinham 7 anos a 12, por exemplo. E aí, eu fui fazer estágio justamente, coincidentemente, na escola que eles estudam. Então eu cheguei lá, eles eram alunos, só que eles me conheciam muito mais, tipo eu era meio que uma amiguinha deles, eu não era uma professora. Então tipo, eles chegavam, eles sabiam muitas coisas sobre mim e...eles eram muito próximos de mim do que os outros alunos. E aí, eu não sabia muito bem como me comportar no estágio, porque assim, o movimento juvenil eu era meio que....educadora deles, me respeitavam de uma forma, mas não era como professora. Porque tem uma diferença entre as pessoas do movimento de quem são mais velhos, do que as crianças, do que professores, né. E aí, era muito difícil pra mim saber como lidar com eles, porque eu já conhecia muito bem eles, tipo eles eram como se fossem mini irmãozinhos pra mim. E aí, eu cheguei na escola e eu tinha que lidar com eles como uma professora. Então eu ficava um pouco sem saber direito como agir, tipo eu conhecia muito mais eles do que os próprios professores, eu tinha apelidos pra eles do que os professores nem sabiam assim. E eu ficava um pouco empacada, porque eu não sabia direito até que ponto eu poderia ir nessa relação fofinha que a gente tinha.

Professora 1: Aluna 3, vamos pensar juntas, que tal quando acontecerem essas situações a gente falar isso? Por quê que a gente não fala? Por quê a gente não conta isso pras crianças? Porque que a gente não diz olha, a gente tinha uma relação XYZ, agora estou em outro papel. Vamos aprender juntos a, conduzir esse papel, aqui vamos ter algumas regras, e aí, você coloca as regras que você tem clareza e vamos construir isso. É porque a gente subestima a inteligência das pessoas. A gente subestima a inteligência das pessoas. Quando a gente não subestima a inteligência das pessoas e as convida para junto achar um caminho, achar solução, é, é dar certo



e a gente aprende muito. Não sei se o Aluno 7 vai lembrar de biologia e cultura. Quando a gente teve alguns problemas com a questão da avaliação, tudo mais, que eu coloquei pra vocês, eu falei: vamo lá, vamo resolver junto, né.

Aluno 6 (Aluno 7): É, eu lembro disso, lembro bem.

Professora 1: É. A primeira vez que eu tô dando essa disciplina, era a primeira vez que eu tava dando essa disciplina. Eu amei dar essa disciplina pelo conteúdo dela. Mas, eu falei gente, eu não sei muito bem como fazer esta prova, porque eu não consegui fazer a prova reflexiva. Não queria fazer uma prova só de decoreba, porque eu sou contra, mas aí me perdi nesse processo. Então tá, então vamo lá, vamo abrir pra sala, que que vocês acham que a gente tem que fazer? Né? Eu acho justo isso. É que, é que sabe o que acontece? As pessoas ficam muito espantadas com isso. Elas falam assim: ué, a professora não sabe. Em TCC, acontece muito isso. Em TCC, o aluno produz, produz, produz, e aí eu, eu leio junto né, e aí eu olho e falo assim: será que isso?, será que é tal coisa?; mas é claro, porque assim é uma produção que a gente tá fazendo junto, não tem algo já feito anteriormente. Eu não sei todas as soluções, as chaves. Né? Muitos alunos, muitos, muitos vem me contar coisas da vida pessoal assim: o que que você acha disso? Achar eu posso achar o que eu quiser, mas será que é a minha opinião é realmente o que vale? Eu posso te dar a minha opinião, mas...Só quem vive ali sabe o que que é melhor, o que que é pior né. Então eu conversaria com as crianças, eu sempre conversei com os meus nonos anos. Eu sempre parei e falei assim: que que tá acontecendo? Deu sempre certo? Não. Não, não deu sempre certo, mas é a vida gente. É a vida, né? Eu acho muito melhor do que você se fazer de arrogante, e achar que você tem todas as saídas né? Não sei. Acho que a Aluna 2 poderia até contar como está sendo o processo de iniciação científica com ela nesse sentido né. Não sei como ela se sente, se ela sente segura com as orientações, mas algumas vezes a gente quebrou cabeça pra falar se é que vamos fazer por isso, assim ou assado né. E eu deixo o aluno ir decidindo, porque é um trabalho em conjunto, não é o meu trabalho.

Aluna 2: É você já falou uma vez né, que eu escrevi o projeto, e a Professora arrumava. Então eu mandava o projeto, ela ia, corrigia, voltava pra mim. Quando voltava pra ela de novo, era as mesmas coisas que eu perguntava de novo, tipo Professora isso tá bom? E ela já tinha falado que tava bom. Então. É, é muito comum



essa insegurança né, e a gente nunca confia no que a gente tá fazendo, é impressionante. Tipo, a gente pode tá dando o nosso melhor, mas a gente nunca vai achar que é o nosso melhor, a gente sempre vai achar que tem alguma coisa pra, pra arrumar e tudo. É muito...é eu acho que é normal assim.

Professora 1: Então, isso que a Aluna 2 falou é muito interessante da gente analisar da onde vem, porque se a gente analisa da onde vêm, vocês talvez possam ajudar os seus alunos a não cometer os mesmos erros. **Da onde vocês acham que essa insegurança, essa aprovação, que vocês querem dos professores, que eu também quero ou aprovação das pessoas, da onde vem isso?**

Aluno 8: Família. Eu acho que poder ser um...uma área.

Professora 1: Você acha que parte disso vem da família? Tá.

Aluna 5: Eu acho que...

Professora 1: Fala.

Aluna 5: É...também uma **mistura em relação ao erro. Porque muitas pessoas não querem errar, tem medo de errar, e a gente precisa aprender sim que o erro ele faz parte de nosso processo de aprendizagem.** Se a gente não se permite errar, não tem como você...eu não sei se eu posso dizer dessa maneira, mas não, não há uma possibilidade de você avançar no seu processo de aprendizagem. Eu acho que isso, também tem uma relação em relação ao erro.

Professora 1: Tá certo.

Aluna 2: Eu ia falar a mesma coisa que a Aluna 5...

Professora 1: Sim. Mas, é associar...desculpa Aluna 2, associar o que o Aluno 8 falou, o que a Aluna 5 falou faz muito sentido, **porque da onde vem primordialmente essa coisa não erre, não erre, não erre, né.** Ao invés de a partir dos erros a gente...é, é acolher e dizer não, tudo bem. Né? Ok. É...**vem primeiro da família, e a escola também, da escola também.** Né? Eu não quero decepcionar meu professor, mas você não me decepciona quando você erra. Tanto que foi muito curioso, eu lembro do Aluno 8 e do Cauê fazendo a...o artigo da revista Biodivulgação, mas como que eu tenho que entregar? Como assim eu vou entregar um artigo? Mas eu não sei fazer. Entrega qualquer coisa que eu vou orientar. Não, mas como que eu vou entregar? Não, mas entrega, eu vou orientar, não tem problema, pode errar. Não, não, mas como que eu vou entregar alguma coisa e você vai fazer comentário? Por quê?

Porque vocês não estão acostumados. Mas só que eu preciso de algo de vocês, para eu poder dizer: vamos lá juntos? vamos para este caminho? Né? Mas é tão incomum, tão incomum que vocês falam: meu Deus, essa mulher é louca. Né? Fala Aluna 2, desculpa.

Aluna 2: Não...eu tinha falado que eu, que eu ia falar a mesma coisa que a Aluna 5, sobre esse medo de errar assim. Acho que principalmente nos momentos atuais assim, é...quem erra assim, é super crucificado, cancelado né que agora é a palavra do momento eu acho. E, acaba criando essa pressão assim, de...não erre, não erre, não erre. E um professor não pode errar. Né? Um médico não pode errar, um...sei lá. Acho que é...tá muito, muito evidenciado isso hoje, principalmente.

Professora 1: Mas como é que a gente erra menos? Como é que um médico erra menos? Como é que um professor erra menos?

Aluno 8: Aprendendo né.

Professora 1: Tendo o seu próprio processo. É. Tendo o seu próprio processo de aprendizagem, em...incluído nele, a avaliação. Então assim, a avaliação não é uma prova no final, não pode ser uma prova no final. Né? O processo reflexivo tem que acontecer durante. Se ele não acontece durante, então eu não consigo aprender. Então, olha só um médico pré-supostamente, quando ele faz residência médica, ele tem casos e casos e casos, para ele poder ir aprendendo e inclusive entre aspas “ver como é o processo do erro”, vamos dizer assim. Ele olha lá um outro médico experiente e diz: ai eu não faria assim, eu faria assim. Nós professores temos que ter isso também. Temos que ter este processo. Temos que dizer aqui: ai Professora, eu discordo com você, nisso, nisso. Por quê? E aí, você vai refletindo e pode continuar discordando. Você não está me ofendendo discordando das minhas há... posturas. Porque a minha postura não é a única, não é a verdadeira, não é aqui, há, há....tá sempre certo. Né? Ela depende de multifatores, ela depende do dia, ela depende do humor, ela depende de tantas coisas. Né? Mas vamos ser mais cuidadosos com o acolhimento. Eu não to dizendo pra você fazer o seu aluno errar, não. Não to dizendo por isso, mas quando isso acontecer, e vai acontecer, temos que acolher esse erro de alguma forma. Nós já estamos tendo...

Aluna 1: É, porque você...

Professora 1: Aula, né? Vocês já perceberam.

Aluna 1: Sim, você falando isso, de eu não tenho problema com o erro, eu acho que foi tipo uma das primeiras vezes que eu ouvi um professor falando com essas palavras. Sabe? Porque é isso. Tipo a gente não escuta isso. O professor não chega e fala: gente eu não tenho problema com...O professor chega e fala: a gente vai ter uma prova e que pra vocês passarem, vocês vão ter que acertar.

Professora 1: Acertar.

Aluna 1: É. Então é...então é muito diferente, tipo a gente vem da escola com essa cabeça de que o aprendizado ali, é você acertar sim. Então, logo o erro é um problema, né? Então é uma, é uma desconstrução que realmente deveria ser feita desde que é...né tipo ok que a escola precisa fazer a prova, você precisa passar na prova, porque é uma coisa exigida, mas não tem essa conversa. De...acho que não tem nem a cabeça né, por muitos professores de que o erro não deve ser um problema, porque enfim, a escola disse ali que você tem que fazer a prova, então você tem que acertar...

Professora 1: Mas você sabe... você sabe Aluna 1 quando me obrigavam a dar prova que eu fazia? Eu dava os exercícios da última prova, os exercícios reflexivos, eles faziam, aí eu pegava, corrigia que nem eu corrijo as atividades de vocês, dizendo: será que aqui você...Aí eles me devolviam e eu oficializava aquilo como prova. Então, eles podiam refazer. Aquilo eu oficializava como prova, ninguém segura um professor quando ele quer.

Aluna 1: Humm, sim. É, mais...

Professora 1: O Coordenador sabe das coisas que eu faço aqui, o Coordenador sabe que o relatório vai e volta, esse relatório de metodologia né. Vocês vão ver na programação que eu não coloquei substitutiva, no dia da substitutiva. Por quê? Para vocês terem tempo de refazer. Eu não tô nem seguindo a própria ordem da PRGA. Porque pra mim não interessa a questão da, da avaliação não fazer parte do processo. Enquanto eu tiver que ludibriar o processo, eu vou fazer isso, sem nenhum tipo de problema. Então, enquanto vocês não me derem as devolutivas, eu não der as devolutivas para vocês saberem onde está sendo o problema, nós vamos descobrir onde estão sendo os problemas juntos, não é só eu. Porque você vai poder me explicar e dizer assim: não, mas aqui eu quis dizer tal coisa. Para ir e vir, é um processo de orientação, não é um processo de verdades absolutas. Agora, de novo

a pergunta que a Aluna 5 fez lá no começo num outro contexto: é possível fazer isso no ensino fundamental e médio?

Aluno 8: Eu acho que é assim pro, tipo essa questão da parte de...fazer uma prova reflexiva e tal, acho que depende da onde você tá trabalhando, mas a parte de convencer, de convencer não, de conhecer o aluno, de entender o aluno, acho que é possível.

Aluna 5: Então Professora 1, é...eu, eu acredito que sim, é possível. **Porque você mesma disse agora que, o professor ele pode, ele tem total autonomia para fazer o que...o que ele quer né, e assim, sim dá pra fazer.** Por que não? E eu sou muito é...**a favor da sua opinião, de que assim não devemos utilizar a prova como uma forma de avaliação, há outros instrumentos pedagógicos que você pode utilizar na sala de aula pra você avaliar o seu aluno. Claro, se você conhecer ele bem também né, aí você vai poder fazer uma avaliação melhor.** E, é isso.

Professora 1: Tá. Tem, tem algumas exceções tá gente. Tem algumas vezes...eu fui mandada embora do objetivo, por causa disso. Porque, eu tinha...eu dava aula de genética, só de genética, e os alunos entendiam genética, eu voltava pra mi...mitose e meiose, atrasava programação e aí enfim, né. É...tem lugares que vocês vão ser cobrados sim, vão te chamar, principalmente escolas particulares, cursos apostilados, assim por diante. Nem todos os cursos apostilados são quadrados desse jeito, mas tem lugares que...aí você vai me dizer: que, que eu faço? Aí vamo lá, vamo analisar a vida, se você tá numa fase da sua vida em que você precisa daquele emprego, precisa daquele dinheiro, você vai continuar trabalhando honestamente do modo que dá, até você conseguir um outro...uma outra colocação. Não é o lugar que você quer pro resto da sua vida. Né? Agora assim, eu estava no objetivo e eu precisava daquele emprego, eu tinha acabado...meu filho tinha acabado de nascer. Eu fiquei muito mal quando me mandaram embora. Porque eu achava que eu tava fazendo um bom trabalho, depois...a...o meu amadurecimento me mostrou que você fazer um bom trabalho não significa, não garante você num emprego tá, mas tudo bem. Isso são outros 500. Certo? Bom...

Aluno 8: É pro eu ia falar sobre isso... Já te falei, quando eu entrei na graduação, eu entrei é...voltado pra licenciatura, quero dar aula. E eu falei: ah, eu amo minha escola, tipo eu amo o objetivo, apesar de tipo...não concordar tanto com o método de ensino, eu amo. Porque eu passei sete anos estudando lá, entendeu? Então assim, eu me

dava muito bem com os professores. Os professores apesar de seguirem uma apostila muito rigidamente, cada um tem seu jeito de dar aula. Né? E foi o que te falei, mas como que eu vou ter liberdade dentro de um colégio tipo que nem o objetivo? Não tem como ter uma liberdade tão grande, que, se você não seguir a apostila...acabou, entendeu? Esse é o ponto, então você não tem essa liberdade de manejar. Por isso que eu falei que depende da onde você trabalha, porque lá, não...Antes eu entrei falando: não, eu quero dar aula no objetivo pro resto da vida, já não penso mais assim. Entendeu? Não penso mais assim. Porque tipo eu sei que...um, que é muita exigência, e dois, não que outros empregos não vão ser né, mas assim, e dois que você não tem liberdade nenhuma. Porque a prova não é nem você que faz, é um professor, é uma prova de biologia, pra todas as unidades. Então, tipo beleza, pode ser você que faça, mas ela é corrigida pelos seus supervisores, se não tiver naquele esquema de...ah, qual dos animais a seguir são poríferos tipo, não vai entendeu? Não vai passar. Esse que é o problema.

Professora 1: Sim, eu lembro disso, eu lembro, na minha época era assim também. É...Mas tem gente que acha que isso ainda é...decoreba é educação, e a gente vai tentar tirar esse mito e vamos ver né? Agora se depois de todo o curso, você passar pela licenciatura da Universidade, você continua achando que é isso, ok, vai ser feliz na sua vida, né? É eu, eu vou continuar discordando de que a memorização é a mesma coisa que aprendizagem, mas a gente vai continuar debatendo isso. Né? Nesse sentido, debatendo de modo honesto, de modo civilizado, e assim por diante. Hã...Muito bem. Meninos, então vamo lá, olha só, o nosso curso basicamente ele vai ser feito de leituras e discussão. **Eu indico fortemente, mas fortemente do fundo da alma que vocês registrem, as leituras que vocês vão fazer, porque vocês vão utilizar.** Então assim, do jeito que você quiser registrar num papel, no caderno, na, na, no computador, mas que vocês peguem as ideias principais dos textos que vocês forem lendo e coloque em algum lugar, porque isso é importante. Já temos uma leitura pra semana que vem. A grande maioria dos textos já está no Moodle, por que que eu digo a grande maioria? Porque tem um livro que a gente vai usar inteiro, que é o da Mizukami, que eu não coloquei o livro inteiro tá? Então a gente vai ver como é que a gente vai fazer isso. Eu acho que no semestre passado o pessoal conseguiu o livro todo, mas vamo ver.

Aluna 2: Tem na biblioteca pro. Tem na biblioteca virtual.

Professora 1: Da biblioteca virtual?

Aluna 2: Isso.

Professora 1: Ótimo, perfeito, perfeito. Hã...aí, hã...Essas leituras vão dar o...o...plano de fundo pra vocês fazerem o estágio e o relatório que depois eu falo, hoje já a gente falou bastante. O estágio eu mandei é...uma lista de prováveis professores que possam receber vocês, todos nossos ex-alunos. Já comecem a conversar, assim a sondar o que que vai acontecer, se vai entrar em greve, se não vai, como é que vai ser, pra vocês poderem acompanhar as aulas. Hã...tem assim, tem o PIBID que tá rolando, e a gente vai ver então se consegue encaixar vocês em algum lugar do PIBID. Hã...e vocês vão preparar aulas simuladas diferentes das tradicionais, que já tem data. Então ao invés de eu ficar lendo o plano de ensino, o que que eu vou pedir pra vocês? Que vocês olhem todo o material do Moodle, olhem o plano de ensino, verifiquem as datas e na semana que vem a gente começa a aula, falando um pouco do material, pra vocês me dizerem assim: entendi isso, tenho dúvida naquilo, aqui tá errado ou sei lá né. E, a discussão do texto indicado, tudo bem? A discussão do texto, você tá...acho que todos vocês já tiveram isso comigo, eu fico provocando e vocês vão ter que aí fazer, hã...a, a partir da minha mediação, a gente encaminha, não há um script fechado, né, mas há alguns aspectos importantes do texto. O nosso objetivo maior é entender essa diferença da aula tradicional, hã...desse modo tradicional em relação a interação. O que que seria a interação? Porque o que me incomoda muito, é...as pessoas falam de mais de interação, de construção do conhecimento, mas praticam pouco. Tá. Isso me incomoda bastante. E...um outro pedido que eu tenho a vocês, é que eu gostaria muito, muito, muito, que todos nós estivéssemos sempre hã...com a câmera ligada, tá? Pra gente poder se ver, falar, é, é bem diferente, é eu consigo ver a reação de vocês. Hã...na, pode comer, pode tomar café, pode estar de pijama, pode estar descabelada, não tem problema nenhum, tá bom? Certo? Então...dúvidas, questões, vamo lá, podem fazer os desabafos aí. Vocês tão com receio dessa disciplina? Quais são os receios? Abra o coração.

Aluno 8: O estágio.

Aluna 2: Siim, o estágio.

Aluno 8: Acho que o estágio, porque semestre passado, é...eu tive Metodologia do Ensino de Ciências 2 com a Professora 2 né. E ela falou: tenta achar o estágio, é...se não conseguir, tem um trabalho que ela passou e tal. Eu tentei achar estágio, eu fui atrás, conversei com inúmeros professores e, que ela indicou, que eu conhecia. Não consegui estágio. Porque, ah a escola não libera o link da aula, óbvio agora tá tendo aula presencial, mas eu pelo menos não me arriscaria ir. É...então assim, não libera o link, ah eu não to dando aula, to gravando vídeo pro Youtube, é...eu to...eu mal do aula síncrona, é tudo exercício, então tipo..foi muito difícil. Vamo ver se esse semestre que consigo achar, espero que sim.

Aluna 5: Eu acredito que um outro...

Professora 1: Tá.

Aluna 5: Hum, pode falar Professora 1. Desculpa.

Professora 1: Não, não. Diga.

Aluna 5: Eu acho que assim, um pequeno empecilho aí seria a gente, a gente no caso nós irmos pra escola, agora nesse momento de pandemia sem vacina né. Querendo ou não, a gente quer terminar a faculdade e continuar vivendo né, ninguém quer morrer. E... eu fico, eu fico com esse receio né, porque por exemplo aqui em casa eu tenho os meus pais são acima de 60 anos, não tem uma saúde de 100% né, então fico com certo receio.

Professora 1: A minha sugestão não é que vocês vão à escola presencialmente não, gente. A minha sugestão não...nenhum momento foi essa. Tá.? É...a minha sugestão é: eu, eu passei uma lista e a gente vai começar a conversar sobre a possibilidade do estágio que nem o Aluno 8 falou, se não der um estágio, o que que eu tava pensando? Mas eu queria ajuda de vocês, porque eu tava pensando é...não seria interessante a gente conversar com alguns professores pra saber um pouco do percurso e da opinião deles em relação a...a...ao processo de ensino e aprendizagem? O que que é ensinar? O que que é aprender? Como que ele encara avaliação? Talvez a gente faça um trabalho voltado por essa linha, já que ele só grava as aulas ou só dá exercício ou não pode. A gente poderia pensar em alternativas que fossem reais, verdadeiras pra compensar a questão do estágio. E aí vocês podem me ajudar tendo ideias. Podem me ajudar tendo ideias, que fosse alguma coisa, não que substituísse totalmente o estágio né, até com alunos virtualmente. A...eu tenho

um supervisor do PIBID, o professor Aluno 7. Hã...formado na Universidade a muito tempo, ele não foi nem meu aluno, ele foi, ele foi aluno da Universidade antes de eu entrar na Universidade. Ele...ele acolheu alguns alunos pro estágio né, passou o link e tal, e deu aula assim como nós estamos fazendo e os meus alunos de metodologia 1, prepararam as aulas junto com ele, foi fenomenal gente. Os...as alunas dele lá do ensino básico, prepararam aula, deram aula, fizeram um seminário. Então assim, a interação foi demais, porque a interação foi minha com o professor do PIBID, com os alunos do, do pibid, com ele que é supervisor. Então vamos tenta achar medidas, então a gente pega sei lá, dois, três alunos daqui e acho uma solução. Dois, três alunos daqui, acha outra solução, e vai fazendo dessa forma, porque na hora que a gente socializar todo mundo vai ter as suas vantagens. Ok? Fechado? Então a gente vai pensar aí em estratégias junto. Então você me diz: aí eu teria vontade de fazer tal e tal coisa, porque eu acho que assim eu consigo investigar. Vamo ler o primeiro texto pra vocês verem como é a proposta um pouco do curso, e aí vocês já começam a ter ideias. **Eu tenho certeza que vocês são frutíferos nas ideias. Tá? Ah, mas Professora eu tenho vergonha de falar minha ideia, pode ser que a ideia seja maluca, magina gente. Geralmente, 95% das vezes, as ideias de vocês são brilhantes, e se for uma ideia maluca e daí? Qual é o problema? A gente não acabou de dizer que contemplo erros? Então. Nossa já vi tanta ideia maluca dar certo. Vocês nem sonham. Tá. Porque, porque às vezes a ideia do aluno não é 100%, mas a partir da ideia do aluno a gente chega a uma outra, ele foi o iniciador sabe? É muito legal isso, ele...o aluno fala alguma coisa e aí ele dá outras ideias. Isso é muito interessante, ele começa o processo, graças a ele é que a gente chega a um processo. Então não tenha vergonha, pelo menos aqui. Tá bom? E aí? Quem mais tem medo do que?**

Aluno 6: Ah Professora 1, eu particularmente estou morrendo de medo de fazer as duas matérias.

Professora 1: É então já te falei né. Fazer duas matérias de estágio é...pank, e é uma com a Professora 2 e uma comigo né.

Aluno 6: É.

Professora 1: Bom, mas já te disse. Eu acho que você é capaz, mas tem que por na ponta do lápis, o que que você vai fazer, quando que você vai estudar, se organizar na vida né? Mas, que é possível, é.

Aluno 6: Sim, sim.



<u>Professora 1:</u> A Aluna 3 vai fazer duas.
<u>Aluno 7:</u> Olha, pra quem fez dois estágios de bacharel semestre passado, eu sei que é possível. Então, se organiza.
<u>Professora 1:</u> Acho que a palavra é organização mesmo Aluno 7, a palavra é organização, porque quando você se organiza, você consegue, você sabe que você não tem outro tempo, você tem que fazer aquilo agora se não, não dá. Né? Eu acredito que seja possível.
<u>Aluno 7:</u> Eu fiz 360 horas de estágio e o TCC em cima disso né, então foi puxado, mas é possível. É possível.
<u>Professora 1:</u> Aí ó. Olha lá, tá aqui ó.
<u>Aluno 7:</u> É.
<u>Professora 1:</u> Tá certo. Então, tá bom gente. Alguém mais quer falar alguma coisa? Ou a gente pode encerrar? Aí vocês já podem olhar o material nesse tempo que resta, dá uma olhadinha, lê com calma, verifica todo o material, já abre os textos, vê se tá certo...
<u>Aluna 3:</u> O próximo texto tá no plano de ensino?
<u>Professora 1:</u> Tem o nome e tá no, no Moodle. Na pasta. Sim, mas ah então, isso Aluna 3 é bom você perguntar. Estou perdido, não achei, põe no grupo do WhatsApp gente, ó não achei alguma coisa, ou sei lá eu mesma me perdi não coloquei, pode ser. Então não deixa pra última hora, tá gente? Qualquer dúvida o grupo do WhatsApp...aliás acho que eu vou colocar vocês como administradores, pra vocês poderem mexer, colocar material, se quiserem tá. E...é um grupo nosso que a gente pode ali compartilhar, conversar, e eu vou mandar a gravação da aula aqui, o áudio, pelo WhatsApp também ok? Assim, vocês podem ouvir, discutir. Certo?
<u>Aluna 1:</u> O pro, o PCC desse semestre é com você?
<u>Aluno 8:</u> É, eu ia perguntar isso também.
<u>Professora 1:</u> Então, o...o Coordenador e a Professora 2, eu falei que a gente marcou uma reunião na quinta-feira, a pauta são os estágios e o PCC, um deles acho que vai ficar comigo sim. Um deles que é o da, da, da revista principalmente e o da sequência didática que não teve semestre passado, né?
<u>Aluna 1:</u> É o do quarto? Bom, não sei. É, não sei se to no quarto.

<u>Aluno 8:</u> Calma, como assim?
<u>Professora 1:</u> Acho que sim.
<u>Aluna 1:</u> Agora eu tenho que fazer o do quarto e do quinto.
<u>Aluno 8:</u> O quatro não é nesse?
<u>Aluna 1:</u> Não, vocês não estão no quinto?
<u>Aluno 8:</u> PCC 4.
<u>Professora 1:</u> PCC 4, que é do quinto semestre.
<u>Aluna 1:</u> Ah, tá.
<u>Aluno 8:</u> Você tava falando do semestre, pensei que tava falando do PCC.
<u>Aluna 1:</u> Não, eu to falando do PCC mesmo, mas eu achava que eu tava pendente do semestre passado então.
<u>Aluno 8:</u> É, não, eu sei que eu fiz o três semestre passado, agora eu vou fazer o quatro.
<u>Professora 1:</u> O quatro é a sequência didática e o cinco o estudo do meio. O estudo do meio a gente tá...o Coordenador até tá fazendo, mas isso não tá substituindo tá, o Coordenador tá fazendo, é...tá dando os créditos a pessoas, as pessoas estão passando. Ok? Mas, quando voltar se vocês quiserem fazer o estudo do meio ao vivo e a cores vão poder. Tá?
<u>Aluno 8:</u> É semana que vem já tem.
<u>Aluna 1:</u> Tá bom, brigada pro.
<u>Professora 1:</u> É, porque o...o estudo do meio, o legal dele é o estudo do meio, né. É a saída.
<u>Aluno 8:</u> Tá então tipo, semana que vem cês vão falar pra gente quem vai ficar com qual?
<u>Professora 1:</u> É, na quinta-feira depois da reunião, a gente...acho que já sabe, aí o Coordenador fala tá?
<u>Aluno 8:</u> Tá bom.
<u>Professora 1:</u> Porque eu, eu tenho 40 horas de trabalho pré-supostamente né. 35. 35 eu tenho que deixar pra PRGA, só que essa conta não bate, porque 35 eu deixo pra PRGA, eu tenho 4 horas-aula, aí fora mais 4 de pesquisa, que não são 4, porque é

<p>muito mais. Então assim, o...a minha contagem de horas dá mais de 60 horas. E não pode, eu teria que dar 40, teria que ter 40 horas, mas eu trabalho mais de 60. É a vida. Tá bom? Um beijo gente. Alguém mais quer falar alguma coisa? Bom final de semana. Bom carnaval e juízo em?</p>
<p><u>Aluna 1:</u> Bom final se semana pro.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Eu só não achei essa lista de professores ainda.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ah não? Será que eu não coloquei?</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Eu não sei, talvez eu tenha viajado, mas...</p>
<p><u>Professora 1:</u> Eu vou ver.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Eu acabei de fuçar o Moodle de novo. Eu fucei ontem a noite, mas ontem eu não achei.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ok, eu ponho agora.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Tá.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá. Eu ponho. Obrigada por avisar.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Magina.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Beijjos.</p>
<p><u>Alunos:</u> Beijjos, pro. Obrigado. Tchau.</p>

- **Aula Met Bio 1 – 19/02/21**

<b>CHAT</b>
<p><u>10:09:56 - Professora 1:</u> Aluno 8 – achou fácil a leitura e fez anotações, a parte que mais gostou foi de relembrar de Piaget e Vygostsky. Não adianta fazer atividade pela atividade. Aluno 7 – teve a impressão de revistar o TCC que ele fez. Redescobrir.</p>
<p><u>10:10:53 - Professora 1:</u> Desnecessário utilizar animais em aulas de laboratório.</p>
<p><u>10:11:37 - Professora 1:</u> Aluna 1 - atividades da redescoberta.</p>
<p><u>10:11:51 - Professora 1:</u> foi um conflito cognitivo.</p>

<u>10:13:44 - Professora 1:</u> Quais as diferenças entre um cientista em seu laboratório e um professor de Biologia que propõe um experimento?
<u>10:14:54 - Professora 1:</u> Aluna 5 - construtivismo pode ser diferente para diversos autores.
<u>10:15:11 - Professora 1:</u> Piaget e Vygostsky por exemplo.
<u>10:17:17 - Professora 1:</u> Aluno 6 - para se chegar a conclusões precisariam de conexões teóricas.
<u>10:20:35 - Professora 1:</u> Aluna 2- ainda tem dúvidas sobre a questão da redescoberta.
<u>10:26:31 - Professora 1:</u> Aluno 9 - mercado de trabalho e profissão docente.
<u>10:27:46 - Professora 1:</u> Aluna 3 - ao ler ficou comparando com suas aulas (manual do mundo).
<u>10:28:20 - Professora 1:</u> Motivação por conta de ser ligado a realidade dos alunos, por outro lado, os fenômenos ficavam soltos sem continuidade.
<u>10:28:51 - Professora 1:</u> Formular hipóteses antes do experimento.
<u>10:32:57 - Professora 1:</u> Epistemologia - estudo de onde vem o conhecimento.
<u>10:33:35 - Professora 1:</u> Empirismo.
<u>10:39:10 - Professora 1:</u> Não temos olhar neutro.
<u>10:46:01 - Aluno 8:</u> é minha parte favorita.
<u>10:56:27 - Professora 1:</u> O que a nossa discussão tem a ver com educação?
<u>10:56:40 - Professora 1:</u> Aluno 8 - gosta da ideia da interação.
<u>10:57:07 - Professora 1:</u> corresponsabilidade entre professor e aluno.
<u>10:58:47 - Professora 1:</u> Aluna 2- empirismo - questiona até as aulas que ela propôs.

**Aula Gravada**

Professora 1: Pronto. Aluno 7, Aluno 9, Aluna 1, Aluna 2, Aluna 5, Aluna 3, Aluno 6 e Aluno 8, prontinho. Vamos lá. Então tá bom, sejam bem-vindos! Vamos lá! Vamos começar! É...então vocês estavam dizendo, eu vou até copiar isso daqui no chat. Para facilitar a vida. Né? E...e vamos lá. É...então o Aluno 8 estava dizendo que achou que a leitura foi...não foi tão difícil, foi fácil, que gostou da comparação entre Piaget e Vygostsky. E, não adianta fazer uma atividade pela atividade, isso aqui, isso a gente vai ter que ver um pouco mais profundamente. O Aluno 7 eu não sabia né, mas ele agora está nos contando que fez um TCC que tinha a ver com essa questão da experimentação. **E que essa palavra redescobrir, foi algo que, há...desencadeou alguma coisa, há...importante. Então a gente vai ter que falar sobre isso, porque o texto trata bastante sobre a questão da redescoberta, tá?** Então tá bom. Quem mais tem...Aluno 7 se quer falar mais alguma coisa disso daqui?

Aluno 7: É só...é só complementar que é...o meu trabalho eu vi que era...eu estudei principalmente utilização de animais em experimentação né, **eu vi que era muito desnecessário você ficar fazendo...uma dissecação toda aula, só pra rever esse conteúdo, que muitas vezes isso nem vai realmente ajudar o aluno é...entender a matéria. Né? Ficava uma coisa muito desnecessária. E era um outro professor com uma visão bem tradicional insistindo nisso.**

Professora 1: Em aulas de laboratório, concordo com você. Quem mais gostaria, por favor? Diga.

Aluna 5: Então...

Professora 1: Aluna 1, fala.

Aluna 1: Eu não, pro.

Professora 1: Aluna 5.

Aluna 5: Não, pode falar você. Pode falar você.

Professora 1: Eu, eu vi a Aluna 1. Desculpa, Aluna 5.

Aluna 5: Não, não magina. Ela foi primeiro, de verdade.

Professora 1: Então, tá bom.

Aluna 1 É, que no início das atividades de redescoberta também foi um ponto assim, porque eu acho que...não sei. Semestre passado a gente teve que fazer uma atividade pra Professora 2 né, como se fosse pros alunos. E eu acho que eu não tinha essa noção de como tipo, tipo eu tinha meio essa noção sim de, ah vou fazer os alunos fazerem um experimento pra eles chegarem numa lei. Eu tinha isso na minha cabeça. Então isso pra mim foi um conflito cognitivo na minha cabeça. E aí foi bom que depois ele trouxe as, as outras sabe...não foi tipo, não é assim, e pronto acabou. Porque se não ia ficar ai meu Deus acabou o que eu pensava e não me trouxeram uma solução, mas aí eu gostei depois de ler sobre Piaget e Vygostsky também, que aí deu uma esclarecida assim, de que tem como ser de outra forma. Mas não necessariamente daquela que era assim, como eu pensava assim. Então foi legal pra mim.

Professora 1: Que ótimo, que ótimo. Eu quero dizer pra vocês que isso não se esgota aqui né, na próxima...pra próxima aula nós vamos ver um texto que fala sobre as concepções dos professores universitários sobre a aula há...prática. E vocês vão ver, que surpresa que vocês vão ter em relação a esses professores, tá. É...os professores têm uma visão muito tradicional sobre a aula prática, eles realmente acham que a experimentação, é...traz é, esse, essa inovação. Mas o que mais chama atenção, e eu não quero dar spoiler, eu queria que vocês me falassem um pouco disso, é que fazer ciência num laboratório...**você ir lá todo dia fazer experimento e fazer ciência é uma coisa completamente diferente. De você como professor, de ciências ou biologia propor um experimento para o seu aluno, e é isso que eu queria explorar com vocês. Que diferenças são essas? Então vou pôr a minha pergunta aqui. Quais as diferenças entre um cientista em seu laboratório. Sem endeusar os cientistas tá? E, um professor de biologia, que compõe, compõe um experimento.** Acho que isso né, ficou...É uma das questões, são muitas, mas vocês já sabem que a gente não vai esgotar o texto né gente? Também, ainda mais com esse atraso que a gente teve hoje. Então assim, não vamos esgotar mesmo, mas eu acho que essa é uma pergunta que vocês mesmos já tão colocando aí, mas eu quero que vocês falem pra mim o que que vocês acharam. O Aluno 6 tá com a mão levantadinha, mas a Aluna 5 já tinha se manifestado. Então Aluna 5, depois Aluno 6, vamos lá?

Aluna 5: Tudo bem. Então Professora 1, é...pra mim o que mais me chamou atenção, foi que tem um textinho durante o texto. Tem um textinho cinza, que tipo, neoconstrutivismo e lá ele fala que, é...o construtivismo, construtivismo baseado em Piaget, sozinho, ele não funciona, se é que eu posso dizer assim. Só que esse mesmo construtivismo, essa mesma ideia, dentro de Vygostsky, faz total sentido. Então assim, eu comecei a ler e tudo bem, concordo. Mas, quando eu comecei a ler Vygostsky depois, o final de Vygostsky. Gente. Faz total sentido. É isso que nós estamos aqui vendo na licenciatura todos os dias, com você, com a Professora 2. Pelo menos né, que a gente tem mais contato com o professor. Então assim, pra mim o construtivismo de Vygostsky aliado com de Piaget faz total sentido, total sentido, total sentido de verdade.

Professora 1: Humhum, humhum. E o mais legal disso Aluna 5, quer dizer eu acho né, quando vocês passarem pra metodologia 2, que você está né inclusive, e a Aluna 3 também, é vocês vão ver que tem algo para além do construtivismo? Isso que é o mais legal. Não paramos no construtivismo, tem algo para além dos construtivismos. E eu acho que eu passei o meu texto pra vocês, aquele que ainda não foi publicado? Lá, vocês vão ver que, que é um socão no estômago assim as coisas. É um texto longo, tá? Mas é...acho que é uma vida. Aquilo resume um pouco os meus processos de reflexão desde que comecei a dar aula. Né? A revista não me responde. Então, eu resolvi dar pra vocês lerem. Vamo ver. Não sei nem se vai ser publicado, mas tudo bem. Se não for, vamo aproveitar o texto, né? Ok. Aluno 6, querido.

Aluno 6: Respondendo à sua pergunta, acho que seria justamente quando ele fala do...dá o exemplo daquela lei do ângulo de incidência igual ao ângulo de reflexão, que fala que um professor que quisesse ensinar isso, ele mostraria tipo ó, tá aqui, daria pros alunos. E os alunos teriam que meio que redescobrir aquela lei. Ele fala que se os alunos tentassem descobrir, eles nunca chegariam na, na lei científica por assim dizer, dos cientistas. Porque para eles conseguirem chegar naquela lei, eles tinham já vários conceitos complexos, que os alunos não têm. Um monte de raios lá, superfície de reflexão, um monte de outras coisas que é inviável um professor ensinar para os alunos ou ensinar antes do experimento, ensinar depois do experimento. Então ele fala que essa teoria toda teria que prescindir o experimento, e o experimento meio que comprovasse essa teoria se tá certa. E essa que seria a ideia do experimento, não

redescobrir, mas comprovar uma coisa que ele já de certa forma suspeita e aí se não comprovasse, novas teorias, novos experimentos. Todo esse processo.

Professora 1: Humhum. Humhum. Muito bem Aluno 6. Perfeito. Assim, é difícil tudo isso que você falou, mas teoricamente é isso mesmo né, porque na realidade quando a gente propõe pro nosso aluno um experimento ou algo assim, a gente teria que é, é, fazê-lo refletir, pensar, é...nós não somos contra experimentos. Mas vejam bem, que isso que você acabou de dizer que você entendeu muito bem da leitura do texto, é...é perfeito, quer dizer você dá pro aluno uma proposta. **Mas este aluno por vários motivos não tem as conexões teóricas que uma pessoa que já vivenciou alguns estudos têm. E aí ela tira conclusões, daquilo que eu quero que ela tire conclusões, e não, mas isso tanto na teoria quanto na prática. Então a gente vai ver que tem pouca diferença, eu fazer teoria e prática quando eu faço isso tradicional ou não. Então se eu dou uma aula tradicional ela pode ser teórica no laboratório, só muda o espaço. E quando eu faço construção do conhecimento, provo os alunos, ela pode ser teórica e ela pode ser prática também. Então, o âmago da questão não é se ela é teórico ou prática, ela é...se ela provoca ou não, né. Então, muito bem colocado.**

Aluna 2: Posso falar uma coisa?

Professora 1: Óbvio.

Aluna 2: É, eu quero fazer um paralelo com o que a Aluna 1 falou, e eu acho que me pegou assim...É sobre o método da redescoberta, é...por exemplo, a professora mostrou uma vez um experimento que era, era sobre sombra. Então ele dava uma fonte de luz, umas peças, e os alunos precisavam descobrir como que colocavam todas as peças dentro é...dentro da sombra, eu acho que era isso.

Professora 1: É da Ana...do livro da Ana Maria Pessoa de Carvalho.

Aluna 2: Isso. E aí é...e eu fiquei com isso na cabeça, porque pra mim eu não sei se eu entendi o método da redescoberta. Então acho que me pegou, porque para mim isso é um método da redescoberta, você dá os...os, os materiais, a pessoa vai manusear e aí ela vai redescobrir um...um conceito, uma lei. Lógico, na maioria das vezes não chega a redescobrir a lei né, não explica a lei, mas ela tá eu acho que...ela tá estimulando a, a professora, o professor, tá estimulando a pessoa a redescobrir.



É...um conceito enfim....Isso me pegou bastante. Eu não sei se se é realmente isso. Ou se é...ou se eu não entendi o método da redescoberta.

Professora 1: Quem mais quer fazer algum comentário? Aí eu vou, vou comentar o que a Aluna 2 disse, a gente vai voltar pro texto e vamos é, é falar um pouco sobre isso. Eu acho essencial, fundamental essa honestidade que a gente tem que ter aqui entre nós, de falar assim: é...eu não entendi, eu não ou eu entendi parcialmente, ou eu tô confuso com tal ideia. Porque senão gente, é um jogo de faz de conta. Hoje eu respondi pra um de vocês, já não lembro mais, porque eu acordei cedo, já tava lendo o que vocês escreveram pra mim né, das apresentações. E não interessa mesmo quem é, porque eu não vou expor ninguém, mas é...é, eu tava respondendo que essa questão de, da gente confiar no outro e não fazer de conta que a gente acredita e ponto final. É muito importante. Porque assim, olha eu tô pedindo pra vocês duvidarem sempre. Então, eu to pedindo pra vocês duvidarem também de mim, porque senão, seria assim ó: duvidem dos outros, mas acreditem só em mim. Qual que é a lógica disso? Não faz sentido né. Então é assim, quando vocês tiverem dúvidas, quando vocês tiverem questões, problemas, fala assim ó: eu não concordo, eu não sei, eu não entendi. Porque isso é saudável, isso é saudável, isso é necessário. Porque senão aqui a gente vai fazer mais uma vez a catequese da versão da ciência. “Ah então tá bom, a Professora 1 e a Professora 2 estão certas sempre na visão que elas têm”. Não. Claro que não. É mais uma visão. Então, isso é bastante importante né? Alguém mais quer comentar? Antes da gente ir mais profundamente pra ideias, algumas ideias do texto?

Aluno 9: Eu queria só fazer uma...uma meio que uma dúvida na real.

Professora 1: Aluno 9.

Aluno 9: É que lendo, lendo o texto eu fiquei um pouco na dúvida de por exemplo, é...num método, num professor que tá inserido por exemplo, numa escola por exemplo, uma etapa da vida, um objetivo. Como é que ele poderia tentar explorar, por exemplo as atividades práticas, sendo que ele sempre tem que seguir aquele clássico roteiro? Porque no estágio no semestre passado, o professor, ele...eu tava conversando com ele e tal sobre como era dar aula no sistema etapa e ele falou que era tudo muito fechadinho, que ele não poderia explorar muito as coisas. E aí, eu fiquei

meio que na dúvida. Como é que se poderia fazer isso, num sistema tão fechado assim?

Professora 1: Então, tem sistemas que são fechados. Acho que na semana passada, nem todos estavam, mas eu lembro que eu conversei isso com o Aluno 8 né. A gente conversou sobre isso. Tem sistemas que são tão fechados, que você não vai fazer mesmo. Então, um exemplo e que é um exemplo que eu vivenciei é o objetivo. Tá. Então assim, a gente nem tem...acho que nem tem tanta aula de laboratório e se tem, é uma coisa meio separada. Tá. É...eles têm os programas bastante interessantes de estudo do meio e tal, mas é meio a parte. Hã...Em outros colégios, eu trabalhei num colégio chamado, chamado Exatos. É na Zona Leste, atrás do metrô Carrão. Existe até hoje, eu trabalhei muitos anos lá. Tinha apostila, mas eu só sapateava, eu fazia o que eu queria lá, tá. Apesar de ter apostila. Eu to te dando dois extremos. Um extremo absolutamente fechado e um outro extremo também, que assim apesar da apostila, dava pra trabalhar. A questão, é o que eu consigo fazer. Eu nunca vou dizer pra vocês: nunca trabalhe em tal lugar, gente. Agora assim, como fazer isso? Se você precisar trabalhar no objetivo e isso for parte do seu crescimento, vai lá. Vai lá. É...acho que cada um de nós tem que ter as suas experiências, as suas motivações, os seus propósitos. E até se perguntar onde que eu quero estar, daqui a 5 anos, daqui a 10 anos? É fazer um pouco de planos. Tá certo que quando a gente faz planos, mas a vida também coloca outras saídas, mas eu acho que a gente tem que batalhar um pouco também por esses planos. Nem sempre dá certo né. Agora assim, vamo lá, não sejam iludidos. Todas as instituições, todas, têm vantagens e desvantagens. Algumas mais, outras menos, então pensem nisso também. Não é assim, vocês não vão encontrar um lugar que seja o Paraíso na Terra. Não. Tá? Então assim. É...Quais são as vantagens e desvantagens? Tem mais vantagens ou tem menos desvantagens? Tá conseguindo fazer o seu trabalho legal? Levando o seu trabalho plenamente 100% das vezes? Eu acho que ninguém faz, ninguém, nenhum médico, nem advogado, nem arquiteto, nem um professor, ninguém, ninguém. Sinceramente, é ilusão isso. Né? Então, não é fácil. Essa sua pergunta é muito pertinente, né. Eu vou colocar aqui assim, com: mercado de trabalho e suas exigências. Eu era muito ingênua e continuo sendo, eu era muito ingênua, eu achava assim: basta ser bom professor, que a escola vai te querer. Mentira. Não é, né? Não é verdade. Aliás, o que que é ser bom professor? Depois eu fiquei me perguntando. Pra, pra quem que você

é bom professor? Pra qual público você é bom professor, né? Profissão docente. Tá. Mais algum comentário? Aluna 3 quer falar alguma coisa?

Aluna 3: É...sim, algumas coisas. Quando eu tava lendo esse texto eu ficava lembrando muito tipo das minhas experiências né na escola e também no estágio.

Professora 1: Aham.

Aluna 3: E eu ficava comparando muito, tipo as aulas, quais será que eram mais tradicional? Qual será que tinha algumas vantagens? E aí, eu lembrava muito de uma matéria que eu tinha, que na minha escola tinha umas matérias diferentes assim, que a gente podia escolher qual fazer, tinha uma que chamava Manual do Mundo que era baseada naquele negócio do YouTube sabe? Manual do Mundo. E aí cada aula, tipo o professor ele separava a gente em duplas e pedia pra gente pesquisar sobre um experimento. E tipo, explicar o porquê ele acontecia, explicar...tipo explicar a ciência por traz daquele experimento e apresentar pra sala um vídeo, tipo da gente fazendo o experimento ou então levar o experimento pra sala né. E aí, isso era uma coisa que tipo tinha, eu ficava olhando que tinha algumas vantagens e algumas desvantagens, que nem, era uma vantagem porque naquela época era muito famoso esse canal no YouTube tipo tava muito popular entre nossa série e tal. Então era uma coisa que meio que motivava. A gente fazia, porque era uma coisa ligada à nossa realidade atual. Só que por outro motivo, esses experimentos a gente tipo, a gente entendia o que a gente fazia, mas a gente tava fazendo uma coisa meio solta assim, tipo a gente conseguia explicar os fenômenos, só que eles não tinham uma continuidade assim. E...e aí eu ficava um pouco confusa assim, tipo, foi uma coisa...tinha lados bons e ruins que nem se tava falando né, que cada, cada lugar vai ter uma coisa com lado bom e ruim.

Professora 1: Humhum.

Aluna 3: E também outra coisa, que me falaram sobre a importância de você mostrar pro aluno né, é que dá pra você formular uma hipótese antes do experimento. Pra você não entregar de mãos assim, o que que vai acontecer ou...e você dar a oportunidade do aluno construir aquele pensamento. E aí uma coisa que eu lembro é que no estágio muitos professores nessas aulas práticas, eles davam uma ficha pros alunos ir preenchendo ao longo e sempre começava com uma hipótese, tipo eles

então meio que ensinavam os alunos, que o fazer...que o fazer ciência é uma das coisas mais importantes, é...você ter uma hipótese antes de você fazer uma coisa, pra você não fazer essa coisa aleatoriamente. E aí isso é uma coisa importante que eu reparava muito também, curto e grossa na com...até com a faculdade assim, porque uma das coisas que eu sempre questionava e me pegava bastante assim, é que tipo, eu tava no curso de biologia e...em que as pessoas, muitas pessoas que se formam em biologia fazem pesquisa, e entram nesse meio científico. Só que tipo, tinha aulas práticas, mas eu ficava muito na dúvida, tipo na vida real no laboratório como é que eu vou? Como é que eu vou conseguir construir meus próprios experimentos e como é que eu vou construir conseguir aplicar isso num, numa pesquisa assim? E era uma coisa que me pegava muito, porque tipo eu entendia todas as aulas práticas. Só que eu pensava...tá, eu tô aprendendo os conceitos e tal a partir das aulas práticas, mas eu não, não sentia muito que eu tava aprendendo como eu fazer ciência através dessas aulas práticas. Entendeu? Isso era uma coisa que me pegava bastante, que eu até fui conversar com pessoas que faziam USP, outras faculdades pra ver se era um pouco diferente assim. E aí...é isso.

Professora 1: Tá. Muito bem. Muitas...as considerações que você fez são muitíssimo pertinente sim, né. **E tem bastante a ver com o que nós estamos falando, quer dizer essa coisa da, da teoria e da prática né.**

Aluna 3: Humhum.

Professora 1: É...muito bem. Então, vamos lá? O texto, eu vou selecionar, infelizmente né, vamos ter que fazer essa seleção. Eu vou selecionar algumas coisas. Hã...perai deixa eu ver se eu consigo projetar aqui...cadê o texto? Aqui. Tão vendo o meu texto? Dá pra ver gente?

Aluno 8: Sim. Sim, pro.

Professora 1: Tá. A experimentação no ensino tradicional. Aí eles vão trazer...ele vai falar aqui que no, no Brasil a...por volta de 1950 chega isso né. Vocês já ouviram falar de umas escolas, hã...chamadas escolas experimentais? Tinha uma aqui na Lapa. A escola experimental da Lapa, que alguns até assim, pais ou avós de vocês estudaram nessa escola. Tem um documentário interessante, que a gente podia até fazer um evento pra verificar, hã...que tinha muito a ver com isso daqui. Então, virou meio moda,

hã...fazer as aulas de ciências e biologia a partir das aulas de laboratório, tá? Hã...eu já já vou falar mais de algumas coisas aqui importantes. Agora, o que a Aluna 2 traz é importante. A Aluna 2 traz, porque pra ela ficou meio confuso essa questão do método da redescoberta. Ele fala que é um equívoco epistemológico. Né? Eu vou parar de, de compartilhar, porque eu quero falar pra vocês assim: **o que que é epistemologia? Eu vou repetir isso, uma vida. Não tem problema. Toda vez que você falar assim: Professora 1, eu ainda não tenho certeza o que é epistemologia. Eu vou falar de novo o que é, e a gente vai conversar sobre tá?** Então, vamo lá. Assim como biologia é o estudo da vida, epistemologia é o estudo da origem do conhecimento. O estudo de onde vem o conhecimento. Vocês já imaginam, que não é uma fonte única né gente. Por que, que não é uma fonte única? Porque alguns dizem conhecimento vem daqui, outros dizem conhecimento vem de lá, outros vão dizer, não, conhecimento vem de acolá. Então assim, são várias vertentes teóricas que vão explicar de onde vem o conhecimento. Tá? Quem tiver curiosidade, eu acho importante de ler o texto que eu mandei pra vocês, que ainda não foi publicado, traz um pouco dessas epistemologias. **Essa epistemologia que é baseada no experimento, quer dizer eu faço o experimento, e tiro do experimento a verdade, se chama empirismo. Como é que é Professora 1? Assim. Quando eu acredito que a verdade está no objeto, e eu analiso e testo o objeto, eu acredito que o conhecimento esteja aqui. Tanto que eu falo que eu descubro. Por que, que eu descubro? Porque tava coberto, e eu vou tirar a coberta, eu vou descobrir.** Tudo bem? Então, eu como cientista ou o Aluno 7, ou o Aluno 8, ou a Aluna 1, ou qualquer um de nós aqui, vai ter a mesma percepção. O empirismo pressupõe isso, isso. Então, The Kart, hã...Francis Bacon, e uma lista interminável de cientistas são cartesianos, são empiristas, porque eles tiram do experimento a verdade. O nosso olhar é neutro, mas Professora, você concorda com isso? Não, eu não concordo com isso, eu estou dizendo pra vocês que essa é uma explicação epistemológica. Aluna 2, tá fazendo sentido isso pra você agora, então? A Professora 2 já falou disso, mas agora a gente tá conectando de outra forma.

Aluna 2: Sim.

Professora 1: Sim né. Então assim, o empirismo vem dessa coisa hã...de que eu tenho que testar, tenho que provar, para obter. Então eu pego o meu aluno, que é um mini cientista, leva pro laboratório, do algumas ferramentas pra ele e ele vai redescobrir a

ciência. Isso não é possível, porque ele não é um mini cientista, ele não tem toda a teoria, ele não tem a base teórica como o Aluno 6 já tinha comentado, mas Professora 1 tem outras epistemologias? Sim, calma, respira, porque a gente vai ver as outras epistemologias no nosso...nosso, nosso curso. Tá bom? É...Aluna 2 como é que ficou agora? Bagunçou mais, menos, o que que esclareceu?

**Aluna 2:** Então, eu ainda tô com a sensação de que a proposta daquele experimento por exemplo, e de vários outros que a gente já fez, segue essa linha sabe? Porque por exemplo, pra, pra fazer aquele experimento da sombra, não teve nenhuma aula hã...de teórica pra explicar o que é sombra sei lá, alguma coisa do tipo. Então o aluno vai para testar os materiais e descobrir, redescobrir é...o conceito ou como funciona a sombra entendeu? A...

**Professora 1:** Mas não é mais uma credence? Não é mais uma coisa assim, acredite no professor? Eu lembro uma vez, eu dava aula aqui no colégio, há 22 anos atrás. E era moda você espremer morango, ou qualquer outra fruta e tirar o DNA deles ali numa...E aí eu morria de medo de um aluno me perguntar, como é que eu sabia que aquilo ali era um DNA? Aí ninguém me perguntou, ninguém né, porque na verdade nunca ninguém viu DNA gente, mas a gente enrola aquilo parecia um algodão doce mini né, e você mostrava. Aí na aula teórica, depois que a gente fez o experimento, eu cheguei na sala de aula e perguntei pra eles: gente quem disse que aquilo era DNA? Você. Mas eu falei ué, se eu dissesse se joga aqui da ponte. Vocês vão se jogar? Vocês acreditam em tudo o que eu digo? Como é que é? Vamos lá, vamos buscar, por que que a gente tá dizendo? Então assim, é mais uma credence, é como se fosse uma aula teórica que eu digo pra você é assim, e você acredita que é assim. Então, o problema está na, na, na epistemologia. O problema está no empirismo. De acreditar que nós temos um olhar neutro. Nós temos um olhar neutro, e que a verdade está no objeto. Mas calma ainda tem um longo caminho.

**Aluna 2:** Então tipo aquela proposta, daquela aula, ela segue uma linha empirista seria isso?

**Professora 1:** Sim.

**Aluna 2:** Ahh, agora entendi. Agora sim, agora faz sentido.

Professora 1: Sim. E, é por isso que eu brigo tanto pela construção do conhecimento, mas se você chegar no final deste curso, você está formado, e você me diz: Professora eu vou continuar sendo empirista. Ok, nós vamos continuar sendo amigos, mas a gente vai continuar discutindo. Eu vou continuar discordando de você. Né.

Aluno 8: O pro.

Professora 1: Vamos continuar conversando, vamos continuar debatendo, mas eu particularmente não acredito numa hã...aprendizagem a base desse tipo de memorização. Porque aí quando eu te perguntar, por que que aconteceu? Você vai ficar assim...hã? Né.

Aluno 8: Pro. É, quando você falou isso do... **A gente tem um olhar neutro, eu acredito que a gente não tem um olhar neutro.** Inclusive eu vi o...no texto do semestre...passado ou retrasado com a Professora 2, eu não sei se era do Lewontin, **que ele fala tipo a ciência é uma instituição, tipo ela...não é neutra, ela vai seguir quem paga, quem financia, e o olhar da sociedade pro, pelo pela sociedade.** Né. Por exemplo, vacina. A gente faz, porque tem que se vacinar pra se imunizar e etc, mas é uma coisa social. É uma instituição. Então, depois que eu li esse texto, **comecei a enxergar muita coisa de um jeito diferente, principalmente isso do olhar neutro da ciência, que não existe. Porque tipo o cientista é uma pessoa que tem sua vivência, que tem seu contexto histórico-social.** Então, depois daquele texto fez muito sentido, muita coisa.

Professora 1: Mas, você tá entendendo o que eu estou dizendo? Tentando mostrar pra vocês que o empirismo? O pressuposto é esse? O pressuposto é eu, você, o Aluno 7, a Aluna 1, o Aluno 9, a Aluna 3, a Aluna 2, a Aluna 5, Aluno 6, todos vamos olhar pra um evento, e vamos interpretar da mesma forma, porque no empirismo essa neutralidade é, existe. E aí se eu não vejo a mesma coisa que você, eu sou a problemática. Então, quando o experimento dá errado no laboratório, é porque o aluno errou, o professor diz isso. Você não fez direito. E não é verdade, quer dizer não sei nem o que que é verdade mais. Na realidade a gente precisa tomar alguns cuidados. Né? Agora assim, a gente pode negar que o empirismo fez a ciência avançar muito? Claro que não gente. Óbvio que não. Seríamos absolutamente levianos, ingênuos ou qualquer outra coisa. Importância ímpar. É, Galileu Galilei, todos esses fizeram o

crescimento da ciência. Não dá pra dizer assim: eles são burros e nós é que somos os inteligente. É um processo histórico-social. É isso que eu quero que vocês entendam. Há uma importância. Nem Piaget, nem Vygostsky, não é assim, não é um melhor e outro pior. **É porque há uma continuidade, uma construção sócio-histórica. Por isso que é tão importante saber um, a história né. Então, quando da próxima vez que te perguntarem: o que é aprendizagem? Você vai ter que parar e perguntar assim: pra quem, o que...pra quem que você tá querendo saber o que que é aprendizagem? É pro empirista? É pra construção do conhecimento? É pra quem? E eu? Eu vou fazer um tipo de aprendizagem pra quem? Qual é o meu público? Né?**

Aluno 8: Nossa pro, eu pensava muito isso quando eu tava tendo desenvolvimento na, na primeira etapa. Eu via lá Vigostsky, Piaget, Wallon, etc, e eu ficava...tipo cada um tem seu ponto, mas é...que, não que eles brigavam entre si meio que tavam batendo as ideias dos dois entre si, sem pensar na, no indivíduo aluno por exemplo, indivíduo sujeito. Como que ele aprende melhor, entendeu? Aí eu ficava assim na aula, tipo louco, mas tudo bem.

Professora 1: Aliás só por curiosidade, o pensamento e linguagem do Vigotski na...nas primeiras páginas, ele conversa, ele manda pra Piaget alguns recados dizendo: a sua obra é genial, você é muito importante, mas eu concordo com você nisso, nisso, nisso, mas discordo em tal e tal aspecto. Gente, isso é extremamente frutífero né? Tá. Então, vamo lá. Eu, eu sei que não vo chegar nem...sei lá quanto aqui, mas vamo lá. Então, ele diz que a teoria precede e orienta a experiência, né. E aí vem a explicação que o Aluno 6 nos brindou e nos falou dessa, dessa questão da, da, da refração né. E aí, as ideias piagetianas gente elas são muito importantes, e nós aqui vamos cometer um, um, um, como é que eu poderia dizer...um desatino. Porque as ideias de Piaget você tem que estudar uma vida toda, é muita obra, é muita coisa. E ele viveu muito tempo então, hã...tem muita coisa a ser dita. Hã...agora, o que eu quero mais fazer é comparar as ideias de Piaget e Vygostsky. E fica pra quem quiser hã...o aprofundamento de Piaget num TCC, numa especialização, num, num, sei lá né, na vida. **É...eu confesso a vocês que eu estudei um pouco mais Vigostsky do que Piaget, mas as ideias muito básicas de Piaget são o que? Ele é biólogo. Então isso faz toda a diferença. Porque sendo biólogo e tendo estudado quase a vida toda moluscos, quando ele resolveu migrar pra estudar as questões de aprendizagem, ele..falou em etapas de desenvolvimento. Isso é legal, mas tem os seus problemas. Então as etapas**



de desenvolvimento, ele dividiu essas etapas. Então pelas teorias dele, se chega num momento lá pelos 18, 19 anos que não se tem mais aprendizagem né, porque se tem lá os bloquinhos. E ele divide muito biologicamente segundo o desenvolvimento do cérebro, ele não dá essa, esse jogo de cintura que muitas vezes a gente tem né? E uma outra coisa que ele traz que é muito legal são os conhecimentos prévios, os conhecimentos prévios que a gente já tem. Então, a gente já trabalha com algumas coisas, isso é muito importante em Piaget. Outra coisa bastante interessante é que ele faz esta conexão, então é assim...Eu não sei se aqui eu tenho a oportunidade de desenhar aqui no Zoom, mas ele, ele diz assim: eu tenho...por exemplo, eu vou estudar fotossíntese, sobre a fotossíntese eu sei que os elétrons se excitam, que a luz solar excita um grupo de elétrons, eu sei que a clorofila é um pigmento verde, eu sei que então, eu sei várias coisas sobre a fotossíntese, e eu faço uma conexão dessas imagens ABC, né desses conceitos, aí eu aprendo mais alguma coisa sobre a fotossíntese, eu reformulo a minha, hã...a minha estrutura cognitiva. Então, isso é muito interessante em Piaget, e é muito frutífero pra..é muito importante pra nós. Então é assim, quando eu ensino flor na quinta série, é uma flor para aqueles limites. Eu posso ensinar, eu posso falar que ela é um órgão reprodutivo tarara, mas eu vou acrescentando coisas. Então a minha estrutura cognitiva vai aumentando em rede, isso é muito legal em Piaget né? Hã...Agora tem duas diferenças entre Piaget e Vygostsky que eu vou ter que acabar contando pra vocês por falta de tempo, mas a gente pode voltar a elas, que é assim olha. Piaget entende que primeiro o indivíduo internaliza o conhecimento e depois ele socializa. Tá? Piaget acha que é ao contrário, que primeiro eu vivo algo social, pra depois eu internalizar. Tá? Então é assim por exemplo, pra Piaget a criança primeiro chora, entende o choro e depois isso é socializado, depois ela entende que quando ela chora os pais vêm. Pra Vygostsky é ao contrário. A criança chora. E depois que ela entende que é social, que alguém que vem socorrê-la, aí ela internaliza individualmente. Tem alguns estudos, e isso eu to fazendo vocês acreditarem em mim, eu to tentando convencer vocês que eu acredito mais em Vygostsky do que em Piaget. Vocês podem discordar de mim, tá?

Aluno 6: Professora 1, você pode voltar um pouquinho de novo por favor?

Professora 1: Sim. Pra Piaget ele entende que primeiro internaliza individualmente algo, algum fenômeno, alguma experiência, pra depois eu conseguir compartilhar isso socialmente. Pra Vygostsky, ele acredita ao contrário, que eu primeiro faço a

socialização como estou fazendo aqui com vocês, e depois que eu entendo essa socialização eu internalizo, eu individualizo né. E aí um dos experimentos que eu ia contar pra vocês é assim: crianças que vivem em orfanatos, creches. Elas choram menos. E é triste o motivo. Elas choram menos, porque os adultos não conseguem atender os choros. Então uma criança em casa, o meu bebê, o meu filho, a minha criança, quando chora eu vou imediatamente atendê-la. Até arrepio. Eu vou atendê-la, eu vou lá ver. Por que que ela tá chorando? Será que ela tá com fome? Será que ela tá molhada? Será que ela tá com dor? Então ela aprende primeiro socialmente de que chorar, vai ter alguém pra cuidar dela. Nos orfanatos não, porque elas choram, choram, e na maioria das vezes elas não têm quem cuide. Então elas não internalizam individualmente que o choro é uma maneira de chamar atenção. Muito triste, mas é um exemplo da socialização. Né? É...Mexe comigo isso, bastante. E a outra coisa, é que pra Piaget a estrutura cognitiva cerebral tem que tá pronta, tem que tá madura pra eu aprender. E pra Vygotsky não, pra Vygotsky é uma interação. Então por isso o exemplo da gengiva. Quem entendeu o exemplo da gengiva? Entendeu Aluna 5? Quer explicar? É muito legal, mas eu vou dar, eu deixo vocês explicarem.

Aluna 5: Assim não sei se a minha explicação vai estar certa, mas assim...

Professora 1: Não tem problema.

Aluna 5: Mas assim, pelo que eu entendi é...bom, pelo que eu entendi que Vygotsky quis dizer foi o seguinte, que assim é...a gengiva, no caso a gengiva ela seria aquela...como é que eu posso dizer, aquela parte da formação dos neurônios que ele diz, porque ele não vai ter uma dimensão. Digamos assim, ele não vai ter um tamanho definido, nenhuma porção definida, pode ser de qualquer tamanho, de qualquer porção. E assim, vai ficar mais fácil pra você acomodar é...os dentes ali na gengiva. Pelo menos foi o que eu entendi. E aí eu acredito que, quando ele fala da, da acomodação de vários dentes assim, independente da, da numeração que você vai acomodar, da numeração, da quantidade que você vai colocar dentro da gengiva de dentes. No caso eu acredito que seja o conhecimento? A gengiva seria nossa estrutura né...

Professora 1: E o dente, o conhecimento.

Aluna 5: Isso. Acho que seria mais ou menos assim...

<p><u>Professora 1:</u> Sim. Essa analogia, tá certa. Essa analogia, tá certa. Mas, é mais do que isso ainda. Olha só. Alguém quer tentar mais?</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Seria, hã...nossa agora me fugiu o nome. Piaget, como se fosse tanto a gengiva como o dente, a estrutura. A gente precisaria assim de...ou melhor, vish...(risos).</p>
<p><u>Aluno (A):</u> Pro, eu entendi...</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Uma estrutura necessária. Então...</p>
<p><u>Professora 1:</u> Isso, a gengiva é uma estrutura necessária. Tá.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Nada de variabilidade nisso.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Isso.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> No caso de Vygostsky, é como se apenas a gengiva fosse necessário e ela não fosse... digamos assim, definida, fosse uma coisa que pode comportar quantos dentes fosse de vários tamanhos, formas diferentes...</p>
<p><u>Professora 1:</u> Mais ou menos Aluno 6.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Na gengiva.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Mais ou menos, quase, chegou perto. Aluna 2.</p>
<p><u>Aluna 2:</u> É, eu entendi mais ou menos isso também, que pra Piaget a gengiva é uma estrutura fixa. E...só vai nascer dentes, se a gengiva estiver pronta. Então tipo, só vai...você só vai...E pra Vygostsky...</p>
<p><u>Professora 1:</u> Pra Piaget vocês acertaram. Pra Piaget, tá perfeito. A gengiva precisa estar pronta, para o dente nascer. Ok. E a gengiva é a estrutura cognitiva, e o dente, o conhecimento. Tá.</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Sim. E pra Vygostsky, eu entendi que a gengiva seria é...uma coisa mais maleável, mais adaptável. É...é tipo assim, ela preexiste, mas ela não é fixa. Então ela vai se moldar conforme o dente vai nascer. É tipo isso, tipo...</p>
<p><u>Professora 1:</u> Isso.</p>

**Aluna 2:** Se nascer um dente diferente, ela vai moldar pra...pra saber qual aquele dente. É mais ou menos isso.

**Professora 1:** Isso. Então é assim, pra Piaget se a gengiva não estiver pronta, o dente não nasce. Então ó, voltando, gengiva é a estrutura cognitiva e dente é o conhecimento. Pra Piaget, o conhecimento só pode ser depositado, colocado no ser construído, no ser, se a gengiva estiver pronta. Pra Vygotsky é tão orgânico, é tão real. Quem já acompanhou uma criança com dente nascendo, sabe disso. É assim ó, a gengiva não está pronta. Mas o dente começa a apontar. O conhecimento começa a apontar. Aí a gengiva responde, aí a criança fica chatinha, com febre e babando mais. Aí o dente começa a contagem, e aí a gengiva responde, aí o dente aponta mais um pouquinho e a gengiva responde mais um pouquinho. Então ele tá dizendo assim, o conhecimento e a estrutura são interativos. Eu posso sim falar de algo antes que a estrutura esteja pronta, porque estou estimulando. Aí eu estímulo, e aí a estrutura cognitiva responde, aí eu estímulo, a estrutura cognitiva vai respondendo até que o dente consiga crescer ali, mas é responsivo, não é fixo. Essa é a grande sacada da diferença entre Piaget e Vygotsky nesse texto. Tá? Aliás, as duas, a primeira que eu falei do individual e do social né? Porque pra Vygotsky, ele acredita que sem o social nós não somos humanos né. Tem um caso antigo que eu não sei, vocês poderiam procurar, mas é antigo já de uma família turca que tinha muitos filhos, muitos filhos. E os últimos, não aprenderam a andar na posição bípede. E uma das hipóteses, é que os pais não hã...estimularam o cerebelo, porque criança pequena, ela é muito estimulável nesse sentido, de você dá a mão, de você ficar perto, falar vem e aí segura, e isso estimula o cerebelo a se localizar. E o último filho não conseguia andar. Né? E depois assim, mesmo que tentasse estimulá-lo depois, passou um pouco dessa época. As meninas lobos são um outro exemplo da questão social importantíssima, que a gente poderia pensar nas questões de Vygotsky. Pra terminar, que eu tenho reunião às 11h, o que que tudo isso a vê...O que que tudo isso tem a ver com educação gente? Pra você né. Pra você, o que que fica? Porque eu sei que ficou tudo bagunçado, eu sei que os neurônios estão aí dando pulinho, tudo bem, mas qual é a conclusão ou a confusão que você faz agora no final? Que, que isso tudo tem a ver com educação? Com a nossa proposta? Com você ser professor? Com a sua identidade docente? Que responsabilidade é essa que você passa a ter? Aluna 5, tá sem o áudio.

Aluno 8: Eu acho...a Aluna 5 vai falar?

Professora 1: Pode falar enquanto ela abre. Fala.

Aluno 8: Hã...Eu acho que tipo, é pra gente pensar que dá pra...antes pensar nos teóricos. Dá pra interligar os dois, os dois têm a sua importância, mas eu acho, eu pelo menos achei, acho...eu concordo nesse ponto, concordo mais com Vygostsky, do tipo, da interação do conhecimento. Não tem como...é achar que a estrutura tá pronta, e você vai inserir o conhecimento, e tipo beleza tá lá. Acho que os dois vão se moldando juntos. Então, acho que a gente tem que pensar nisso na hora da gente tipo, dar aula. É...pra justamente pra saber que o aluno, ele vai construir juntos os dois. Eu não posso jogar, esperar que ele...por exemplo jogar a bola e esperar que ele pegue e marque uma cesta por exemplo. Não, eu tenho que tipo, primeiro entregar a bola, e falar: você sabe o que tem que fazer com essa bola? Por exemplo né, tamo fazendo uma analogia, aí ele vai falar se sim ou se não, eu vou...ele vai, vou construir junto com ele como ele vai fazer essa cesta. Acho que é muito importante, essa parte da construção em conjunto.

Professora 1: Eu coloquei aqui, enquanto você tava falando, com responsabilidade de professor e aluno. **Tem que existir essa cumplicidade.** Você não quer ser meu amigo? Ok. Não precisa, mas essa corresponsabilidade precisa existir. Eu sou responsável, mas você também é responsável. Nós somos responsáveis, somos um grupo que temos responsabilidade pela aprendizagem. **Essa corresponsabilidade, essa cumplicidade é que faz o meu olho brilhar pra dar aula.** É o que me move, 32 anos dentro de sala de aula e ainda me move, ainda me faz assim dizer: dar aula vale a pena. Dar aula é...o que eu gosto de fazer, o que eu amo fazer. Né? Então, é isso. É interação. É acreditar no outro. O outro é capaz junto comigo, não sou eu, não sou eu. Né? Quem mais?

Aluna 2: Pro, acho que pra mim, é...o que mais ficou assim, é esse, essa questão do, do empirismo. É...fiquei com isso na cabeça, não tem jeito. É...eu acho que agora me fez questionar até as aulas que a gente chegou a produzir em aula sabe, porque...

Professora 1: Tudo bem.

Aluna 2: É...às vezes tipo, você acha que, porque você tá fazendo aula prática que o aluno coloca a mão na massa e descobre, você tá fazendo aquilo que sei lá, que, que você mais acredita, sabe? Eu nunca imaginei que eu tava fazendo aula empirista, de verdade, e eu nem imaginei muito menos ainda que a Rosana ia apresentar uma aula empirista pra gente.

Professora 1: Mas tudo bem, isso é combinado entre nós. Não, não assim com essas palavras né, mas ela deve ter feito um monte de críticas nas aulas de vocês.

Aluna 2: Sim, não sei, mas ela não chegou a falar assim: olha vocês foram empiristas.

Professora 1: Não, não.

Aluna 2: E é, é legal assim você depois de um tempo você reconhecer que você foi por você mesmo sabe, você reconhecer sozinho. É...eu acho que isso foi o que mais ficou assim, do texto e da aula.

Professora 1: Tá, mas tudo bem, isso a gente conversa muito eu e a Professora 2, porque assim, precisa ter um tempo, precisa ter e não tem mal nenhum Aluna 2. É um processo de aprendizagem. Não é milagroso. Você precisa querer mudar por algum motivo, porque se você não quiser mudar por algum motivo seu genuíno, não tem, não tem como né. Ok. Agora assim olha, aquele...

Aluno (B): Professora...

Professora 1: Aquele nosso...já já, aquele nosso...aquele nosso bate-papo sabe? Pessoal, aquele do, do que você me manda as respostas tal, pode ser sobre isso gente, pode ser uma coisa individual sua que aconteceu, que acontece, como é que você se sentiu. Não precisa ser só explorar coisas absolutamente pessoais da sua vida pessoal, aula de hoje deixou vários rabichos aí, que a gente pode...você pode escrever pra mim sobre isso, se você quiser. Eu vou responder. Tá bom? Não, eu quero escrever sobre a minha vida pessoal. Ok, tudo bem. Não tem problema, mas o que eu to tentando te alertar, é que o objetivo dessa escrita é que a gente se conheça nos vários ramos. Inclusive do conhecimento. Então, o que que a aula de hoje te provocou? Eu gostaria de saber. E aí, é um momento que você poderia sei lá fazer um parágrafo. Ai, a Janet tá me chamando gente, eu preciso entrar na reunião, porque

ela tá me chamando aqui no teams. Tá bom? Desculpa. Beijo gente. Tchou, tchau, tchau, desculpa hoje viu.

Alunos: Tchou. Tchou pro. Magina pro.

- **Aula Met Bio 1 – 26/02/21**

<b>CHAT</b>
<u>09:32:10 - Aluno 6:</u> Por mim pode ser segunda.
<u>09:32:33 - Aluna 4:</u> Pode ser segunda.
<u>09:34:14 - Aluno 6:</u> Pera, este pcc é o 4?
<u>09:34:19 - Aluno 8:</u> Sim.
<u>09:34:25 - Aluna 5:</u> Simm.
<u>09:34:59 - Aluno 6:</u> Prô, acho que não me matriculei no 4 não.
<u>09:37:43 - Aluna 4:</u> Eu senti angústia kkkkkkkkkkk.
<u>09:37:48 - Aluno 8:</u> Despertou gatilhos do tipo "nossa já vivi isso".
<u>09:37:49 - Aluno 9:</u> Curiosidade.
<u>09:38:13 - Aluno 8:</u> No sentido de ver como os professores lidam com as aulas.
<u>09:38:15 - Aluna 5:</u> Raiva e preocupação!
<u>09:38:58 - Aluno 7:</u> Tive um "deja vu".
<u>09:39:06 - Aluno 6:</u> Só lembranças.
<u>09:39:33 - Aluna 3:</u> Consegui identificar isso nas minhas lembranças.
<u>09:40:49 - Aluno 6:</u> Aluna 1, mandei o arquivo no grupo do whats, se ajudar.
<u>09:40:53 - Aluna 1:</u> Brigada!!!
<u>09:48:08 - Professora 1:</u> Roteiro - não pode ser pré-determinado.
<u>09:48:49 - Aluna 4:</u> Esse texto resgata e resume um pouco do texto passado.

<u>09:48:49 - Professora 1:</u> Troca entre alunos.
<u>09:53:22 - Aluno 6:</u> Primeiramente, caos.
<u>10:01:09 - Professora 1:</u> Aluno 6 o caos é importante.
<u>10:09:08 - Aluna 4:</u> Verdade prof, eu também tenho isso kkkkkkkkk.
<u>10:22:23 - Aluna 4:</u> Prof, eu to com febre e vou rapidinho medir e ir no banheiro, já volto.
<u>10:22:43 - Aluno 8:</u> Eita, Aluna 4, melhoras.
<u>10:22:52 - Professora 1:</u> Cuide-se Aluna 4.
<u>10:29:11 - Aluna 4:</u> Voltei, obrigada Aluno 8 e prof. :D
<u>10:29:32 - Aluna 4:</u> Dá até vergonha do tanto de vezes que eu fico doente kkkkkkkk.
<u>10:29:45 - Aluno 8:</u> Magina, Aluna 4, acontee!
<u>10:34:48 - Aluna 4:</u> Nossa eu tenho um pouco de trauma nisso porque uma vez lá na Instituição um menino me disse: meu negócio é arma na cara e não trabalhar.
<u>10:35:09 - Aluno 6:</u> Eita.
<u>10:35:12 - Aluno 8:</u> O, o.
<u>10:35:21 - Aluna 5:</u> Aluna 4, kkk.
<u>10:35:51 - Aluno 8:</u> "Tem coisas que não estão ao nosso alcance" a frase que mais ouvi da Professora 1.
<u>10:36:42 - Aluna 4:</u> Ela é linda. <3
<u>10:36:43 - Professora 1:</u> Mizukami - 5 abordagens de ensino.
<u>10:36:49 - Professora 1:</u> Tradicional.
<u>10:36:54 - Professora 1:</u> Comportamentalista.
<u>10:36:58 - Professora 1:</u> Humanista.



10:37:04 - Professora 1: Cognitivista.
<u>10:37:13 - Professora 1:</u> Sociocultural.
<u>10:38:01 - Professora 1:</u> Ensino - aprendizagem e professor-aluno.
<u>10:38:58 - Aluna 4:</u> Prof, esse é o livro verde?
<u>10:40:15 - Aluna 4:</u> Eu prefiro ler tudo também.
<u>10:40:53 - Professora 1:</u> Decidimos ler todas as abordagens e só os itens ensino aprendizagem e professor aluno.
<u>10:41:44 - Professora 1:</u> Epistemologia.
<u>10:43:54 - Aluna 4:</u> Concordo kkkkkkkk.
<u>10:45:09 - Aluna 4:</u> Beleza prof.
<u>10:46:58 - Aluno 6:</u> Ok.
<u>10:51:49 - Aluno 9:</u> Professora, você sabe se o Erli está com ensino médio também?

### Aula gravada

Professora 1: Deixa-me só responder. Hã...vamo lá. Antes da gente começar oficialmente a discussão do texto, retomar as nossas dúvidas sobre estágio, sobre tudo que a gente precisa falar, vamos decidir então a prática como componente curricular tá? É...Prática como componente curricular. Vamos fazer uma votação do melhor dia pra essa turma, tá certo? Hã...Então aqui da minha lista só falta entrar a Aluna 2e a Laura, pra este grupo. Agora pra Prática como componente curricular, a gente precisaria consultar o Tiago, a gente pode consultá-lo, porque ele tá na, na lista de metodologia 2, né. E o Francisco que é...eu não sei se ele vai cursar ou não, tá. Hã...

Aluna 1: Pro ele te falou qual dia que era? Porque eu to no 3 também. Porque eu nunca consigo...como a minha grade é sempre diferente da grade da turma, eu nunca consigo fazer o PCC. Então eu to no 3 também. E aí pelo jeito ele só tem 1 dia, mas

você não sabe qual é né? É, eu mandei mensagem perguntando, mas bom enfim vamo...que aí qualquer coisa eu faço só o 3 agora.

Professora 1: Tá. Tá.

Aluna 4: A Aluna 1, o Coordenador fez um convite pra gente fazer o PCC 3 no WhatsApp.

Aluna 1: Então, eu entrei no grupo.

Professora 1: Mas...

Aluna 1: Só que eu acho que debateram isso e eu não tava, porque ai acho que eu entrei...

Professora 1: Mas, qual dia né? Ele falou qual dia?

Aluna 4: Não. Pelo menos quando eu entrei, também não.

Professora 1: Tá. Então assim, quem que daqui prefere segunda-feira? Aluna 1.

Aluno 8: As opções são: segunda, terça, quinta e sexta?

Professora 1: É, porque oficialmente a quarta no quinto semestre, não é isso?

Aluno 8: Tá, tá, então eu também prefiro segunda.

Professora 1: Segunda, terça, quinta e sexta. Tá. É, pra mim quinta-feira como eu disse é o dia mais puxado, mas tudo bem. Aí se não tiver jeito, vamo lá né? E porque assim...

Aluno 8: Eu prefiro segunda também.

Professora 1: eu tenho, eu acho que 7 orientandos de TCC. E aí eu vou ter que marcar também os TCCs mais ou menos revezados de 15 em 15 dias nesses horários. É...e eu não consegui dizer não, porque são alunos que moram eternamente no meu coração. Pra aluno que quer trabalhar, não tem como né. Tá, então segunda-feira Aluna 1. Terça?

Aluno 8: Não pro, eu também vou ter segunda.

Professora 1: Segunda?

Aluno 9: Por mim pode ser segunda também.

Professora 1: Tá, então por favor vamo de novo. Segunda-feira, quantos votos...3? 3. Tá. Terça-feira. Terça-feira eu acho, acho que vai ser o PCC 3, mas não tenho certeza. Tá.

Aluna 1: Tudo bem eu fazer o 4 antes de fazer o 3?

Professora 1: Não tem nenhum pré-requisito.

Aluna 1: Porque se for ser terça, eu não poderia de novo fazer o 3.

Professora 1: Não tem problema nenhum. Nenhum.

Aluna 1: Tá bom.

Professora 1: É...terça-feira então ninguém? Quarta. Desculpa, quarta não dá. Quinta.

Aluna 3: Pera...Tô mudando, porque eu acho que não precisa fazer, acho que não precisa fazer.

Professora 1: PCC 4 é o da sequência didática. Nós vamos montar uma sequência didática. Tá.

Aluna 3: É eu já fiz esse. E também eu...quando eu...tinha uma época que tipo isso começou depois que eu já tava, então ontem o Coordenador tinha falado que não precisava fazer todos, que eu precisava fazer só alguns a partir do semestre que isso começou e eu já fiz tipo vários, só falta um que eu não consegui fazer.

Professora 1: Hum...Tá então você, você já tá dispensada, é isso?

Aluna 3: Só tá faltando isso, só tá faltando isso. É.

Professora 1: Ah tá, ah tá, entendi, entendi. Quinta-feira? Sexta-feira? Gente se vocês não votarem em nada...o que acontece...

Aluna 4: Pro, pra mim seria muito bom sexta, mas se o pessoal quiser segunda eu até consigo, porque de manhã até trabalho, mas eu consigo sair antes.

Aluna 1: Eu posso segunda e sexta igualmente.

Professora 1: É...segunda e sexta igualmente. Aluno 8.

Aluno 8: Não posso assim, não posso sexta entre aspas porque eu vou ter estágio com o Felipe, entendeu assim.

Professora 1: Não. Tá.

Aluno 8: Eu poderia ter o PCC com o horário marcado...

Professora 1: Qual Felipe? Felipe Otávio?

Aluno 8: Felipe Otávio.

Professora 1: Tá. Certo.

Aluno 8: Poderia sexta, mas aí seria um dia a menos de estágio. Entendeu? Então...

Professora 1: Entendi. Então, vamo supostamente marcar na segunda. O pessoal me deixa explicar uma coisa pra vocês. Os projetos integradores tanto o 2 quanto o 4 que são comigo, eles são de orientação. Tá? O importante então...quem vivenciou o 2 comigo aqui, eu lembro bem do Aluno 8, do Aluno 9, do Aluno 6, da Aluna 1. Eu lembro bem. Vocês lembram que é orientação, né. Então assim, eu vou dizendo, vocês vão fazendo, e eu vou é...mediando. Quanto mais a gente estiver próximo, ótimo, mas é...não estraga a essência do trabalho se a gente tiver um atendimento ou outro fora dos horários né, porque isso pode acontecer. Então, não se preocupem, a gente marca oficialmente segunda-feira das 11h às 11h e 50min. E se precisar a gente vai tendo um jogo de cintura aí, pra resolver os nossos problemas, porque vocês precisam ter uma autonomia muito grande pra fazer a sequência, tá. Então, a primeira coisa que eu vou pedir pra vocês é consultarem o...quem ainda não tem, vamos ver como é que a gente faz, é...o meu livro de sequências didáticas. Tá? Eu publiquei um livro... hã?

Aluna 4: Tá bom pro. Eu conheço o seu livro.

Professora 1: Tá. É porque, é...o primeiro capítulo ele é teórico. Ele contextualiza o que é uma sequência didática, aí a gente vai discutir, e aí eu vou orientá-los a fazer uma sequência didática no tema que vocês quiserem, tá? E aí a gente pode pensar

em duplas ou trios, mas isso fica para PCC 2. Então chegamos a...eu coloquei vocês como administradores pra vocês me ajudarem nisso. Então no grupo do PCC vocês já podem colocar no WhatsApp que ficou combinado de segunda-feira das...11h às 11h e 50min, começando em março. Isso significa que a gente começa na...nesta segunda ou não? Deixa-me ver...

Aluno 8: É, essa segunda é primeiro de março, se não me engano.

Professora 1: Tá. Então, tudo bem. Então, é isso. Então, começamos dia primeiro de março. Ok? Tá bom. Então ótimo. Isso, pelo menos resolvido. Eu to tentando resolver as coisas assim, bem a prestação. É...alguém sabe da Aluna 2?

Aluno 8: Pro, dá uma olhadinha no chat que eu acho que o Aluno 6 tá falando com você.

Professora 1: É, eu vi, *“pro, acho que não me matriculei no 4 não”*. Tá Aluno 6, você verifica isso, tá? É...você verifica se você se matriculou, se ainda dá pra fazer isso, se não dá, porque na realidade até o semestre passado, eu é que mandava a lista pro Coordenador e dizia: fulano, ciclano, beltrano fizeram o PCC. Independente de eles estarem na lista ou não, ele dava lá o ok. Então, só pra confirmação, você conversa com, com o Coordenador e...assim, conversa com o Coordenador se você quiser fazer o 4, e o seu nome não estiver. Aí você pergunta pra ele: posso fazer o 4 e a Professora inclui o meu nome? É nesse sentido, tá? Ok?

Aluno 6: Ok. Só tenho uma dúvida, a senhora acha que ficaria...ruim de eu fazer o 4 e o 3 ao mesmo tempo ou não tem problema nenhum?

Professora 1: Não. Não tem problema nenhum, depende da sua organização, do seu tempo. Né? Eu já notei Aluno 6, que você é extremamente competente. É só, uma questão de organização. Você consegue fazer, mas você precisa se organizar e se dedicar ao trabalho, porque você tá com bastante coisa pra fazer. É só isso, é só colocar a organização ali e fazer.

Aluno 6: Aham. É. Ok.

Professora 1: Mas você consegue, tá? Tudo bem, meninos? Então vamo lá. É...Vocês mandam um recadinho pra Aluna 2 perguntando se ela vai entrar na aula, tá? Acho que pra Laura também. Laura e Aluna 2 vão entrar na aula? Pode perguntar.

Professora Professora 1, tá perguntando. Bom gente, vamos lá. Eu queria que vocês em breves palavras, em uma, duas frases por aí, bem breve mesmo, **me dissessem o que que vocês sentiram? É...sentimento, em relação à leitura do texto.** Como é que foi a leitura desse texto pra vocês? Coloquem aqui no chat pra mim, por favor. Escrevam no chat, eu vou dar um tempinho. Por favor, vamo lá. É, eu to falando de sentimento, tá? Eu não to falando de cognição agora. É assim, o que que despertou em vocês quando vocês leram esse texto?

Aluna 1: Pro, desculpa eu to um pouco atrapalhada. É um texto novo ou é o mesmo que a gente tinha lido?

Professora 1: É...hoje era pra ler esse daqui, deixo eu te mostrar. Vamo lá.

Aluna 1: É, eu não li essa semana, não...

Professora 1: Esse daqui Aluna 1, *Concepções de professores de ensino superior em um curso de Ciências Biológicas sobre a aula prática.*

Aluna 1: Tá no moodle?

Professora 1: Tá.

Aluna 1: Eu vou abrir.

Professora 1: Tá. Desculpa, eu tô rindo, porque a Aluna 5 colocou: *raiva e preocupação*. É tão honesto né? Ontem o Coordenador me ligou a tarde, eu tava num dia péssimo ontem, e ainda ele me ligou a tarde e falou assim: posso desabafar? só confio em você pra desabafar, aconteceu uma coisa que eu preciso te contar. Eu achei tão engraçado né, porque eu não tava bem, mas eu tive que ouvir um amigo, porque ele tinha que desabafar. Aí, tá, ok. Nossa Aluno 7 sério, você teve um déjà vu?

Aluno 7: Foi com, com o TCC do bacharel como foi com aquela prática né...

Professora 1: Ah taaa, tá, tá, tá.

Aluno 7: Fico lembrando algumas coisa né...

Professora 1: Aham, aham.

Aluno 7: É um déjà vu.

Professora 1: Hã...O Aluno 6 falou: só *lembranças*. Tá. Ok. Aluno 8. Aluno 9. Vamo lá.

Aluno 8: O meu tá em cima, pro.

Professora 1: Hã...Aluna 1, não se preocupe que já, já eu vou pedir pra alguém ou alguéns fazer assim uma...super resumo do, das ideias básicas, tá.

Aluna 1: Tá bom, mas eu não to encontrando.

Aluno 9: Professora o meu comentário tá...

Aluna 1: Alguém me diz onde o texto tá. Eu entrei na nossa página...

Professora 1: No moodle e tem um material...

Aluna 1: Aham.

Professora 1: Pra alunos numa pasta, como materiais importantes eu acho, e tem textos.

Aluna 1: Sim.

Aluna 3: Sempre...faz assim vai no plano de aula tipo toda semana, aí se vê a data o que tem pra essa semana, aí vai aparecer...

Aluna 1: Sim. É, eu não tinha visto essa pasta aqui.

Professora 1: Ah ta.

Aluna 1: Qual que é o...

Professora 1: O texto é *Concepções...Concepções...*

Aluna 1: *Concepções da...*achei, obrigada.

Professora 1: Isso. É...Aluna 3 colocou: consegui identificar isso nas minhas *lembranças*.

Aluno 8: O pro, o meu, o do Aluno 6 e da Aluna 4 tá em cima viu? Caso você não tenha entendido.

Professora 1: Ah tá, desculpa. Tá. Hã...

Aluno 8: Do Aluno 6 não, do Aluno 9, confundi, desculpa.

Professora 1: Aluna 4:: *eu senti angústia*. O Aluno 8: *despertou gatilhos do tipo nossa já vivi isso*. Do Aluno 9: *curiosidade*. O Aluno 8 colocou: *no sentido de ver como os professores lidam com as aulas. Raiva e preocupação. Tive um déjà vu. Só lembranças. Consegui identificar isso nas minhas lembranças*. Mandei...ah, o Aluno 6 falando pra Aluna 1: *mandei o arquivo no grupo do whats se ajudar*. Obrigada, Aluno 6. Ok. Aí tem duas novas mensagens. Ok, certo. É...então assim, quem gostaria de...isso, esse exercício é muito interessante, porque? Porque quando a gente não, não lê. É...é difícil você resumir algo pra alguém que não leu, porque quem leu, entendeu basicamente, mas isso não significa que a gente não tem o que discutir, mas quem gostaria em linhas gerais de contar pra Aluna 1 o conteúdo? Vamo lá.

Aluno 8: A pro, possa tentar dá um resuminho. É...

Professora 1: Não, as pessoas todas vão ajudar, vamo lá, eu inclusive. Vamos lá.

Aluno 8: Não, sim, sim. É assim, o texto fala mais ou menos...mais ou menos não, ele fala sobre, é...eles fizeram sobre a Professora e a Daniela que é a doutoranda na época com ela fizeram perguntas pra alguns professores de, do curso de ciências biológicas de uma determinada faculdade sobre como eles lidavam com aula prática, como funcionava. É...algumas das perguntas, duas perguntas que achei muito interessante, foi tipo, eu até anotei, é que tipo, o que que fazer quando o resultado não é esperado, não sei se foi...Eu achei, eu achei muito interessante, porque tipo é uma pergunta, se o aluno não chegar no resultado esperado...acabou a aula? Não né. Tem como desenvolver todo um processo depois. Então elas falam sobre isso, das concepções dos professores sobre aula prática e tem trechos das, das entrevistas deles falando tipo, o que que eles fazem, o que que eles acham que por exemplo trabalho em grupo, isso é importante, que eles fazem se o resultado dá errado. É muito legal, achei muito interessante.

Professora 1: Tá. O Aluno 8 contou um pouco da teoria e um pouquinho do método. Agora quem pode falar um pouco...um pouco dos resultados? Assim, o que chamou a atenção de vocês em relação à resposta dos professores? Só por curiosidade assim, são os professores de vocês tá gente.



Aluno 8: Eu sei, eu tava tentando identificar o perfil de cada um pela resposta, fiquei que nem um louco tentando será que parece com quem, parece com quem.

Professora 1: Tá. A gente tentou tirar todas, todos os cacoetes assim sabe de professor que fala algumas coisas repetidas e de disciplinas pra não identificar mesmo. Porque tem que ter ética né.

Aluno 8: Eu imaginei. Eu imaginei. Porque eu sabia...lógico.

Professora 1: Tem que ter isso garantido, a gente prometeu isso pros professores. Então, então vamo lá quais foram os resultados que mais chamaram a atenção de vocês? Vamos lá. Eu posso até...de novo. Cadê? Colocar aqui o texto ó. Tá aqui o texto, vamo lá. Pra ajudar vocês a pensarem nos...nos resultados. Ah, olha as perguntas da Aluna 5, onde você se formou, desde o início pensava em dar aula na faculdade, escolha uma aula prática que você gosta de dar e descreva. **O que é atividade prática? É diferente de experimentação? Quais as contribuições que as aulas práticas permitem para a aprendizagem dos alunos?** Qual a importância do laboratório para a aprendizagem dos graduandos? Quais as funções das aulas de laboratório? Apenas em casos em que a questão 5 não tenha sido suficiente. Você utiliza um roteiro em suas aulas de laboratório? Se sim, como você caracteriza esse roteiro? Os alunos realizam atividades de laboratório em grupos ou individualmente? **Qual é a importância dos grupos?** Qual o papel do aluno dentro das atividades de laboratório? Você busca conhecer o que os alunos pensam sobre o conteúdo antes das aulas de laboratório? Quando o resultado de um experimento não é o esperado o que você faz? Quais são as dificuldades de trabalhar com aulas práticas nos laboratórios? **Você acredita que os alunos conseguem estabelecer uma relação entre as aulas práticas e teóricas?** Que benefícios das aulas práticas...a aula prática poderia trazer para a teórica? O experimento prático comprova a teoria dada, por quê? E aqui eu e a Daniela a gente fez isso daqui olha, categoria. Tá. Aí a gente colocou as categorias: o uso de roteiros, resultados inesperados, realização de atividade em grupo, importância das aulas de laboratório e relação entre teoria e prática. E aí que que a gente fez? A gente explicou aqui o que que é cada categoria e colocou o número das questões e os fragmentos que os professores colocaram. Tá. E aí a gente começou então na categoria 1, a pegar trechos por exemplo aqui do professor 5 que lhe diz assim, é...uso de roteiros né, ele diz: ela é conduzida, eles não experimentam

né, por quê? Porque eu tenho muitos alunos no laboratório. Eles tem diferentes formações, diferentes níveis, então uma experiência que eles seguem um roteiro pré-determinado. Aí, eu e a Daniela a gente fez o que? A gente interpretou segundo os autores, o que que tá sendo dito aqui. Tá certo? E, assim por diante. Então, o que que chamou a atenção de vocês? Eu acho que esse quadro aqui, pode ser utilizado por nós né. É...pra essa discussão. Uso de roteiros. E tem mais uma questão aí que eu gostaria também de...de colocar. Qual a relação que vocês conseguem fazer com o texto que a gente leu na semana passada? Discutiu. Do Gaspar. Porque não é à toa, é super intencional que eu coloquei esse texto agora. Primeiro do Gaspar pra gente discutir e este daqui agora? Então eu gostaria que a gente conversasse sobre essas categorias né? O uso do roteiro, o resultado inesperado, a realização de atividade em grupo, a importância das aulas e a relação entre atividade prática e teórica. Quem começa?

Aluno 8: Pro, eu só queria falar que eu achei muito interessante a parte do roteiro, porque é... **a maioria segue um roteiro prévio determinado que já conduz direto ao resultado que tipo...quer que chegue no final.** Então meio que isso tira a parte do instigado, experimentado, hipotizado aluno. Então, já corta aí uma parte. E também achei interessante a parte do grupo, que não sei se foi um que... não sei se foi um professor que falou ou foi um comentário seu e da Daniela, mas falou que é...a atividade em grupo é importante, porque além de ter a troca com o professor também tem a troca de conhecimento dos próprios alunos. Então, um troca com o outro. Eu não sei. Foi algum professor que falou ou foram vocês que comentaram?

Professora 1: Não lembro.

Aluno 8: Não lembra. É...Então, eu sei que gostei muito dessa parte. Achei interessante, mas ao mesmo tempo tem um professor que falou que...

Professora 1: Eu acho que foi um professor, acho que foi um professor.

Aluno 8: É...eu também acho.

Professora 1: E a gente discutiu isso.

Aluno 8: É...aí teve um que falou que é complicado, porque um acaba se escorando no outro no grupo. Tiveram várias respostas assim, achei interessante analisar isso.

Professora 1: Então...Nossa isso é muito legal Aluno 8 essa, essa perspectiva, porque quando eu trabalhava no ensino fundamental...nos conselhos de classe, uma das coisas que eu ficava muito triste e irritada, era quando o professor dizia que aquela nota não era do aluno, porque ele tinha feito o trabalho em grupo. Então se a nota não é do aluno, porque ele tinha feito o trabalho em grupo. Por que que se deu trabalho em grupo? Ou você dá um trabalho em grupo em que você consegue avaliar o grupo, ou então você depois não reclama que aquela nota não é do grupo. Não é daquele cara. Porque geralmente o erro tá no modo como você dá o trabalho em grupo. Né? Porque as trocas...então perguntando, vamo lá. É...como é que vocês fazem, fariam um roteiro que não entregasse tudo? Porque assim, olha gente deixa eu ser muito honesta com vocês, a gente critica os professores né, a gente faz muita crítica aos professores, mas é muito difícil dar aula, é muito difícil dá aula. Então assim, tudo bem, eu entendo que vocês critiquem, que vocês digam que os professores na universidade principalmente dão aulas práticas extremamente tradicionais e, e, vamos lá vai, ruins. Mas se você tivesse que ser convidado para dar uma aula prática, como é que você faria? Como é que você faria um roteiro que fosse totalmente pré-determinado? Vamo lá.

Aluno 9: Professora. Rapidinho, antes que você falou do, do modo que o professor é...passa aula, que ele pode é....meio que dizer que a nota só vale pra um aluno. Eu lembrei que eu já tive alguns professores meus que chegaram a falar que eles iam dar a tarefa em grupo, não pra tentar instigar os alunos e tipo é...tentar fazer esse trabalho. Mas sim pra eles terem menos coisas pra corrigir.

Professora 1: Isso. Você tem razão. Isso é muito ruim viu Aluno 9. Eu acho que a gente tem que pensar na gente também, professor, porque é real essa quantidade. Se eu tenho 50 alunos, eu não dou conta. Agora quando eu tenho que diminuir o meu trabalho, eu não posso abrir mão da qualidade. Eu posso pensar em diminuir o meu trabalho, mas não abrindo mão da qualidade. Tudo bem. Não é pecado eu querer fazer algo com qualidade, tentando diminuir um tanto o trabalho. Certo? Ok. Então vamos voltar à pergunta. Uma vez, é...eu trabalhava com uma professora aqui na Universidade chamada Sandra Vaiteca, ela é diretora, coordenadora hoje no colégio São Luís. Ela é professora de química. E...ela deu algumas aulas de metodologia do ensino de química para as turmas aqui da faculdade. E, eu e ela bolamos uma atividade chamada: *aula de laboratório ou aula no laboratório?* Porque é diferente de

**e no.** E a gente estigou os licenciandos a fazer o quê? Um experimento, a gente fez totalmente roteirizado. Então assim, pegue a pipeta. Pipete 5ml de sei lá, fenolftaleína. Coloque... até o resultado. Sabe aquele roteirinho pré-determinado que vocês estão super acostumados a fazer? E depois você pergunta pro aluno que que aconteceu. Mas assim, já tá dada a resposta. Ok, a gente fez isso. E um outro experimento com os mesmos alunos em que a gente juntou os materiais tipo: termômetro, gelo, água quente, um monte de materiais ali, e disse pra eles: testem o que vocês quiserem, elaborem uma hipótese, os materiais estão aqui, se precisarem de mais alguma coisa nos avisem. Tá. O que que vocês acham que aconteceu?

Aluno 8: Eu acho que, pensando o que eu acharia né. Eu acharia tipo assim, a aula, a segunda aula muito mais interessante. Porque...ao mesmo...porque eu me conheço. Ao mesmo tempo eu ia ficar, como assim ele não fala o que ele quer de mim. Eu ia ficar com raiva, eu ia falar: como assim? Ele não me deu o que eu tenho que fazer. Eu ia ficar em crise já, mas depois de respirar, eu ia tipo fazer ali provavelmente com o meu grupo de sempre de laboratório ou sozinho. É...mas ai eu ia acabar interessando muito mais, o que eu posso testar, eu não sou obrigado a fazer só uma coisa em seguida. Então, provavelmente eu ia acabar gostando mais da segunda aula e entendendo mais né?

Professora 1: É, mas é muito solto também. É muito solto.

Aluno 8: Sim, sim.

Professora 1: Porque você não disse nada. Nada. Nada.

Aluno 8: Eu ia ficar, eu ia ficar tipo assim...

Professora 1: É legal, porque teve grupos que fizeram assim, *ah será que eles...* Eles testaram assim por exemplo: é...pegaram água, ferveram, mediram a temperatura de fervura da água aí colocaram sei lá, sal na água, e mediram a temperatura pra verificar se o sal diminui ou aumenta, sei lá, fizeram testes, chegaram a testes, mas outros grupos ficaram imobilizados. Imobilizados. Eles olhavam pro material e, e não sabiam o que fazer né? Há...Bom, então assim nem 8 nem 80. E aí, então como é que vocês fariam um...roteiro que não amarrasse tanto? Porque de novo gente, criticar os outros, dizer fulano de tal, né, tal aluno...Eu to falando isso pra seres humanos, não to falando isso só pra professor ou pra falar do aluno, falar mal do aluno, falar mal do professor,

falar mal de fulano. Agora assim, eu me colocar no lugar dessa pessoa, e dizer assim: como é que eu agiria, como é que eu faria? Tá. É complicado. Então assim, você imagina um cara com uma formação super tradicional que nunca teve a chance de refletir, de se colocar num outro papel, hã...sendo confrontado assim. Né? Eu acho que pra alguns professores, pra alguns professores, essas entrevistas que a gente fez nesse TCC...Porque isso foi um TCC tá? A Daniela fez um TCC sobre aulas práticas experimentais, depois a gente fez o artigo tá? A gente escreveu no formato de artigo que foi publicado. É...porque eu falei pra ela, eu falei que eu queria usar o seu, esse material que é rico, mas eu não vou pedir pros alunos lerem um TCC inteiro né gente. Então vamos lá. Vamos utilizar...**Como é que vocês fariam?** Vamos lá. Fiquem livres gente, porque vocês não vão falar besteira.

Aluna 1: É eu não li, mas é...não sei. Eu tava pensando aqui que isso de dar os materiais e falar faz alguma coisa. Me lembra um pouco do que a gente leu do outro texto da redescoberta, meio tipo, pega aí e descobre qual é a lei né, descobre o que que acontece. Eu não sei, passou na minha cabeça de talvez tipo, dar os materiais e falar aonde você quer que chegue? Então tipo eu to te dando esses materiais e eu quero que vocês me mostrem como que com esses materiais vocês conseguem chegar nessa lei. Você não vai descobrir a lei. Eu to te dando a lei. E com esses materiais, você precisa me comprovar a lei. E aí, talvez não fica tão...tão amplo assim. Não sei.

Professora 1: Aham, aham. Tá.

Aluno 8: Pro, complementando o que a Aluna 1 falou, eu achei interessante também o trabalho que a gente fez pra Professora 2, que a gente deu alguns, alguns, é...A gente tava fazendo sobre tectonia de placas né, alguns...por exemplo, materiais de diferentes densidades uma massa assim, que era, seria teoricamente o manto. E aí a gente falava, ah o que que vocês acham que acontece na, no relevo, se fizer assim, assim, assado. Eu pedia pra eles fazerem, pra eles irem testando. Então acho que são dois caminhos. É...falar onde quer que chegue dando os materiais ou tipo dando os materiais e fazendo essa intercalação Falando tipo, *ah o que que você acha que acontece com esses materiais*. Eu acho que tipo são duas formas interessantes de fazer uma aula prática.

Professora 1: Que legal. E pode ter roteiro, nesse tipo de aula?

Aluno 7: É que nesse tipo de aula, não é uma questão de não ter roteiro. Acho que o roteiro tem que ser um pouco mais aberto pra se dizer, mas tipo vamos seguir aqui, ser aberto em ter alguma mudança talvez.

Professora 1: Humhum. Quando eu trabalhava no Oswald de Andrade, o roteiro que eu dava pra eles, isso não é molde tá gente, eu não to dizendo façam assim, eu trabalhava dessa forma. Eu dava um roteiro assim, quer ver? Eu colocava aula prática número tal, sei lá, e colocava objetivo. Aí eu explicava o que que é objetivo. Objetivo é a intenção que temos ao realizar tarara...explicava o que era objetivo. Material e métodos, ou material. Toda lista de objetos e de sei lá ferramentas, que utilizamos num determinado experimento. Método, como vamos proceder pra chegar...**Eu explicava as próprias palavras**, porque todos nós aqui a gente confunde muito resultado e discussão, sabia? Isso eu, eu vejo na experiência que...de orientação que eu tenho nesses 30 e poucos anos, 32 anos. É...que a gente confunde resultado e análise, a discussão. Então, eu fazia essa aula de laboratório com esse tipo de roteiro e depois eles me entregavam. Ah, como é que eu fazia para que todos participassem? Para que não tivesse essa, esse discurso. É...eu to dando algo pro aluno. Todos tinham que fazer o roteiro e no final da aula eu sorteava um aluno pra pegar este roteiro dele. Tá. Aí eu pegava o roteiro e fazia análise, escrevia, olha aqui tá bom, aqui tarara. E na aula teórica, na próxima aula teórica eu devolvia e a gente retomava a discussão. Né? Retomava essa discussão. Não é o único jeito. Não é o jeito certo. É só uma dica. Agora, tem roteiro e eles ficam mais autônomos de...até o objetivo, o modo como eles escrevem objetivo, eles vão aprendendo a escrever objetivo, e depois eles vão acertando se esse objetivo tá de acordo com o que a gente tava fazendo na aula ou não, **mas a gente constrói junto isso**. E os grupos se ajudam na aula teórica. Né? Porque você abre para um falar sobre o objetivo do outro. Vocês acham que esse objetivo é adequado? Aí alguém diz: *mas olha, poderia ser...assim, assim*. Né? O que que vocês acham disso? Vou voltar...vou voltar o quadro ó, uso de roteiros, resultados inesperados, realização de atividades em grupo, importância das aulas de laboratório e relação entre atividade prática e teórica. Vamo lá, gostaria de ouvi-los. Tem gente muito quietinha. Vamo lá gente. Vocês são tão inteligentes né? Vamo lá. Em outras palavras, vocês estão me dizendo que vocês não gostam de serem tratados como...estão sendo tratados nas aulas de laboratório. Então se manifestem. Como vocês fariam?

Aluna 4: Então pro, eu também pensei um pouco na sua linha de pensamento, enquanto eu tava...enquanto eu tava lendo. Eu pensei assim: será que não seria legal a gente tentar elaborar um roteiro com a classe, com os grupos e...tentando definir as coisas, definindo as teorias, pra tentar montar, eu pensei exatamente nessa linha sua. Adorei.

Professora 1: Tá. E...o Aluno 6 colocou primeiramente caos. Mas o, o caos é importante. **A teoria do caos verdadeiramente, primeiramente, não é bagunça. A gente vai falar sobre isso. O caos não é bagunça, o caos é a desorganização que leva a organização.** É...eu uma vez eu dei um exemplo e as pessoas gostaram, e eu tenho usado esse exemplo. Sabe quando você tem que arrumar o seu armário ou gaveta, ou arrumar alguma coisa. Você não tem que pôr tudo pra fora primeiro, pra depois começar a organizar? Você não desorganiza primeiro pra organizar? Isso pressupõe a teoria do caos. Tá. Então, você desorganiza para organizar. E o nosso pensamento, tudo que a gente vivencia, tem a ver com esse caos. Então, essa bagunça...gente vocês estão ouvindo o barulho? É uma obra da universidade tá gente, eu to na universidade, to numa sala fechada aqui do sétimo andar do João Calvino, mas eles estão fazendo uma reforma ali. Me desculpem. Então caos é importante. Né? Quando a gente...eu falei isso já várias vezes pro Aluno 9, já conversei isso com o Aluno 9, já conversei isso com o Aluno 8. Eu acho que um pouco com a Aluna 1, um pouco com a Aluna 5, ah com a Aluna 4: bastante. **É...a gente tem momentos na nossa vida, que parece que tudo está perdido, que é uma bagunça total, que a gente não tem mais forças pra sair de lá, mas essa desorganização é o que nos traz a possibilidade da organização. Né? É filosófico, é psicológico, mas tem a ver com a nossa profissão docente. Por isso que eu gosto tanto da ideia da empatia, porque se você não consegue se colocar no lugar do outro, você nunca vai conseguir se colocar no lugar do aluno, pra falar assim: mas ele também está passando por algumas questões né, tente entender.** Claro que tem limite esse entendimento, obviamente, obviamente. Né? Que mais? Vamos lá.

Aluno 9: Professora.

Professora 1: Oii.

Aluno 9: Eu...acabei pensando em...tipo, e se por exemplo é...a gente, por exemplo mostrar o roteiro pra eles, explicar mais ou menos como é o roteiro e perguntar, e pedir pra eles que então com base nisso, que eles pegaram da teoria, eles tentarem montar o próprio roteiro deles? Tipo algo que tente se aproximar mais ou menos entre aspas do resultado esperado. E também aí, só pra dá um...tipo pra bagunçar um pouco a cabeça deles e fazerem eles pensarem um pouco, dar uma instigada.

Professora 1: Eu acho que é muito legal essa ideia, a única coisa que me preocupa é que...eu por exemplo muitas vezes acabo tendo bloqueios com isso, porque eu vejo algo, um exemplo, e aí eu fico com aquilo muito forte, e aí eu bloqueio um pouco. Pelo menos no início a minha criatividade, mas eu acho que assim, a gente precisa testar, a gente precisa é...eu acho que é válido você fazer isso e verificar quais são as possibilidades. Acho bem interessante. Né? É...uma outra coisa que eu acho interessante, legal assim de pensar, me veio à cabeça, é que esse artigo pronto até o Aluno 8 me escreveu em off pra me perguntar. Esse artigo pronto parece tão fácil né, assim a conexão?. Demorou tanto pra gente escrever gente, foi e voltou tantas vezes né. Por quê? Porque a organização de ideias é assim, a, a, o processo de elaboração do conhecimento é assim, mas já não tinha o TCC? Sim o TCC tinha muitas páginas, não dava pra colocar tudo aqui. É uma nova escrita. É uma nova escrita. Então fazer este quadro, resumir isso, porque eu tenho que mostrar pro meu leitor, não basta eu dizer pro meu leitor que o professor disse tal coisa. Eu preciso mostrar. Agora, vocês podem discordar, ok, tudo bem. Você pode discordar, você pode falar assim: ah, mas ó, nessa fala aqui ó do professor 5, eu não concordo com vocês, tudo bem, ok. Mas tá aqui a fala 5. Ela está presente, do professor 5, né? Vocês podem, hã...discordar sim. Então é muito interessante, eu to falando isso pra que vocês se animem a fazer TCCs, a produzir artigos, a publicarem artigos, a participarem de congressos. Vocês tem esse potencial, vocês podem fazer isso, tá? Não é pra poucas pessoas não. Tentam convencer a gente que é pra poucas pessoas, mas não é não. É pra todos nós. Tá? Então... E o Aluno 8 me perguntou se a gente recebe algo pra, pra publicar. Não, aliás em algumas revistas, se paga tá? Neste caso, eu não publico pagando pras revistas, não. Mais, pra Congresso a gente acaba pagando indiretamente, porque você paga a taxa de inscrição. A taxa de inscrição pressupõem o coffee-break, blá, blá, blá, mas tá embutido a, a participação. Agora, eu acabei de, de, de mandar um trabalho pro SiSiC, é um...é um com...congresso de complexidade né. É...é muito caro



a inscrição, nem vai ser é...presencial, mas a taxa de inscrição é super cara. Né. To tentando negociar aí, recebi um e-mail do organizador. É...dizendo que quem...quem é parecerista, quem corrige também vai ter isenção, mas eu já paguei, agora vamos ver se me devolvem né. Porque eu faço parecer também pra essa revista. Então é assim a vida né. Engraçado isso Aluno 8, porque eu, eu já não sei se eu já comentei com vocês, quase todas as profissões elas são valorizadas monetariamente. Então um administrador, um juiz, um sei lá são pagos. Professor não, professor é convidado e é sempre gratuito. Impressionante isso. Né? Impressionante. Nosso valor. O nosso valor.

Aluno 8: Por isso que eu perguntei, eu falei, eu tinha quase certeza que a...que o recebimento é tipo assim, gratuito monetariamente falando. Né? Tipo ah Reconhecimento, ver as pessoas gostando do meu trabalho. Tá, ok. Mas não paga conta né, assim sendo.

Professora 1: Sim. O, o conhecimento, o conhecimento e o valor aliás tem um, um educador que eu gosto muito, conheço pessoalmente o José Nilson Machado, ele é da USP, ele é da área de matemática, mas os escritos dele servem pra gente também. Ele, ele tem um livro chamado o valor do conhecimento ou conhecimento e valor, alguma coisa assim, ele diz: as pessoas por exemplo, quando eu tenho essa xícara e você diz quanto custa, a gente tem facilidade de dizer custa tanto e eu te vendo, agora conhe...sobre conhecimento...Isso, esse nowall....que eu acumulei por exemplo, em 30 anos ou mais, a gente tem vergonha de cobrar né? Não sei, se fica meio constrangido dizer que a sua hora custa tanto. Mas, se imagina quantas milhares de horas que eu gastei na minha vida pra construir este conhecimento, mas a gente fica envergonhado de dizer que custa tanto. Né? E o advogado não tem isso, o médico não tem isso. É, é curioso não é? Vocês já pararam pra pensar? Porque é, é...eu me lembro...

Aluno 8: Eu fazia isso direto pro, direto.

Professora 1: Eu, eu me lembro muito bem né, porque me chamo muito atenção, que o Aluno 8 assim que ele entrou na faculdade, assim que ele entrou na primeira semana, ele até me mandou uma mensagem e me falou assim: *aí eu vi o seu currículo, eu vi quantas publicações você tem...* E pra mim não é isso que me move né? Mas eu achei curioso. Porque isso tudo é fruto de trabalho gente, de trabalho sério né. É...a

Janete quando me convidou pra fazer parte da PRGA, ela queria imprimir meu currículo pra levar pro reitor, pra mostrar, pra falar pra ele: *olha ela tem este perfil*. Ela começou a imprimir e parou, porque tem mais de 100 páginas. Né? Tem mais de 100 páginas. E mesmo assim a gente tem vergonha de cobrar. Quando me dizem, vem aqui fazer uma, uma monitoria, ou ajuda a gente a...Colégio Santa Cruz me chamou pra fazer a...essa coisa que agora tão pedindo pra juntar a área de física, química e matemática...física, química e biologia numa área só. Eu tive que recusar, porque eles querem 30 horas semanais. E eu não tenho nem duas horas semanais. É...mas é uma questão assim do, do valor. Quanto que você cobra num negócio desses, né? E um advogado, um médico, um psicólogo, um psicólogo por exemplo, ele não tem vergonha de cobrar R\$300,00 a sua hora. Não tem. Pra um professor chegar a R\$300,00 a hora, é quase impossível. Né? É...então assim, a nossa valorização, a profissão docente...aliás no PIBID eu tenho discutido um pouco com os alunos. A Aluna 5 pegou essa fase na nossa discussão, sobre a profissionalidade docente. É, é encantadora a gente discutir a profissionalidade docente. Nós somos profissionais. Nós temos um nowall. Não é assim, a Professora tem o dom. Não é um dom. Não é um dom. O que eu faço hoje, eu não fazia tempos atrás, porque eu estou aprendendo. Né? Então, é muito interessante isso. Bom, mas...vamos lá. Vamos ver se a gente consegue mudar um pouco isso, né. Está nas nossas mãos né gente, também isso, a profissionalidade docente tá também nas nossas mãos, em recusar ser esse cara que cobra pouco, que acha que tudo bem a gente fazer só serviços voluntários. Olha o que eu disse, só, tudo bem eu me dedico mais do que eu recebo, mas eu também preciso reconhecer uns valores aqui né. Os nossos valores. Muito bem. Vamo voltar aqui. Que mais que vocês querem destacar no texto? Eu me empolgo e falo muito. O que mais chamou atenção de vocês aqui gente? Vamo voltar aqui.

Aluno 8: Vo falar só uma pequena frase, porque eu já falei bastante. É...eu gostei quando eu interpretei o texto assim, e eu anotei exatamente assim: não usar dicotomia extrema de tradicional-interacionista. Eu achei muito interessante, porque é...primeiro quando eu estudava no colégio, eu não fazia ideia do que era tradicional e interacionista. Tinha aula ok, tinha aula ok, ponto, tinha aula. Aí entrou na faculdade, ai nossa realmente tinha aula muito tradicional, existe outros métodos, mas é importante saber...talvez não necessariamente mesclar, mas não excluir a possibilidade de usar o outro né. Achei muito legal isso.

Professora 1: Sim. Eu sempre digo que nós somos seres muito complexos pra sermos colocados em gavetinhas. Eu sou isso, isso, isso. Então, você tem razão. E...você vai ver agora nas próximas leituras que a gente vai fazer, aliás a gente precisa falar disso. É...que sim, tem vários métodos, mas eles são dependentes das concepções. E eles dependem sim da, dos contextos né. **E, e nós somos muito mais complexos do que você dizer assim: eu sou isso, isso, isso. Quantas vezes me falaram: nossa Professora 1, mas você se diz construtivista e faz tal coisa. Eu não me digo construtivista, eu sou extremamente um ser humano, extremamente complexo né. Não dá pra você achar alguém assim, XYZ. Então, eu acho que isso que você destacou é muito importante Aluno 8, muito importante. Eu acho que às vezes, vocês gente, vocês todos aqui, deixam de falar coisas importantes, porque vocês acham que não contribuem e muito pelo contrário vocês contribuem muito. Muito, muito.** Então, vamo lá. Quem mais? Quem mais gostaria de fazer a mesma coisa que o Aluno 8 fez destacar algo?

Aluna 3: Eu, é...

Aluno 7: Eu só queria falar que eu achei interessante que vocês comentaram dos...

Professora 1: Não, pode falar Aluno 7. A Aluna 3 ia falar, mas ela fala depois. Não, pode falar.

Aluno 7: Ah, tudo bem. É que eu só queria falar que eu achei interessante a questão dos resultados esperados, que vocês falam que até o fato de ter um resultado inesperado, pode virar parte do roteiro né. Se você não tomar cuidado, que fica...quando você já chega no aluno e fala que vai ter um...que pode dar errado o experimento, ele já fica com essa expectativa, aí já vira uma parte do roteiro. Então até isso, pode é...como é que fala? Isso pode já se tornar o inesperado, e vira uma coisa esperada, né.

Professora 1: Sim, isso é muito legal Aluno 7. No nosso grupo de pesquisa, acho que aqui não tem ninguém do grupo. O, o Aluno 9 já foi, mas agora atualmente não. No grupo de pesquisa o que que aconteceu, nós mandamos um projeto de pesquisa e foi aprovado. A gente definiu conversação segundo maturana, de um jeito, só que a gente estava entendendo errado as conversações. E aí, a gente fez todo o procedimento e coletou dados, e analisou com uma ideia de conversação. Só que a gente descobriu que estava errado, pelo menos a nossa interpretação. Isso inutilizou o nosso projeto?

Aí teve lá uma discussão séria, principalmente entre eu, a Professora 2 e a Letícia do Negá. A gente começou a discutir, não, mas olha, isso daqui não. Eu falei gente, esse é o processo de pesquisa, se a gente não, não tivesse. Se a gente já soubesse, que resultados que a gente queria neste projeto, e que tudo estivesse já encaminhado não seria pesquisa. Falei, agora a gente vai colocar assim ó, a gente entendia que conversações era isso, agora a gente entende que é tal coisa e os resultados foram esses, e a nossa interpretação agora passa a ser essa. Pronto, isso é resultado da nossa pesquisa. Este erro, é o resultado da nossa pesquisa. Eu não sei porque que as pessoas acham que tem que dar certo. O que que é certo? Então, não é pesquisa. Se eu fizesse aqui com a Daniela, ela chegar a um resultado já pré-determinado, isso não seria pesquisa. E aí, eu não sei, a gente precisa repensar o que que é pesquisa então né, gente. Quando você leva o aluno...aí você vai me dizer assim: não. Mas a pessoa que fez o experimento lá no laboratório, elas já tinham um resultado. Isso é verdade científica. Verdade transitória. Ok. É uma verdade transitória. Então eu estou fazendo o experimento, eu não posso jogar nas costas do aluno dizendo pra ele você que errou, você que pipetou errado. Não. Eu posso mostrar pra ele que o contexto do experimento pode não ter sido aquele. Tudo bem ele ter pipetado errado, ok, mas então numa experiência, num experimento é isso que acontece, é um processo, é um contexto. Né? Fala...cadê a Aluna 3? Caiu? Aluna 3? Deixou eu parar aqui de...eu acho que a Aluna 3 caiu.

Aluno 8: Ela caiu pro.

Professora 1: Ela ia falar. Mais alguém?

Aluno 7: Tem que ver se ela caiu mesmo.

Professora 1: É, deixa...ela vai pedir pra entrar novamente aí ela falam mais...quem gostaria de comentar? São tantas coisas né. Como é que vocês estão se sentindo agora? Eu acho uma coisa interessante assim, uma coisa é você ler o texto, outra coisa é você discutir o texto. Como é que fica né? Como é que vira essa chave? A gente não consegue perceber todas as no ânsias né? Então como é que está sendo esse processo? Por que que eu sempre pergunto isso? Porque você precisa perceber como está sendo o processo, pra você saber fazer boas perguntas para os seus alunos. Você precisa saber fazer boas perguntas. Às vezes o professor fala assim: mas eu pergunto, o aluno não responde. Sim, porque você não está conseguindo

instigá-los, você não está conseguindo provocá-los. Por isso que ele fica te olhando, e você não conseguiu chegar lá no âmago, você não conseguiu pegar. Ontem na formação de professores, tinha uns 80 professores na formação. E tinha um convidado, convidado falou filosoficamente, não atingiu os professores né. E aí de repente, o que que eu fiz? Eu anotei tudo, tudo, tudo, tudo, e peguei uma pergunta e provoquei. Pronto, um monte de professor levantou a mão. Se precisa ir aprendendo. Eu não sabia fazer isso também, mas tem que ir aprendendo a pegar perguntas que provoque. Sabe? Que façam isso que vocês falaram aqui. Curioso, raiva, é...lembrança, preocupação, porque isso te move. Né? A Aluna 3 mandou que caiu. Fala, responde pra ela que pode tentar entrar novamente. Ela falou que a internet dela tá ruim.

Aluno 9: Professora, você tinha falado esse negócio de errar e acertar. Eu me lembrei que, uma vez na faculdade...é, eu tava na faculdade. E alguém começou a falar pra mim é...que se fosse tentar submeter algum trabalho, alguma iniciação científica pra, pra FAPESP e tudo mais, tinha que tomar muito cuidado com a hipótese, porque se ela desse errado, você poderia ter que, por exemplo, devolver todo o dinheiro, você poderia ter que dar o seu jeito, porque você não podia errar. Aí eu fiquei tipo ai meu Deus do céu, o que que eu...ficou um desespero tão grande. Como é que eu vou fazer o negócio? Se der errado, o que eu faço?

Professora 1: Eu acho estranho, se...essa fala. Com tanto que você faça todo o processo e consiga justificar o processo, não tem que dar certo. O que que é dar certo né? Eu nunca vi isso. Bom, eu nunca submeti projetos nem a FAPESP e nem a CNPq, por um único motivo, porque eu sempre trabalhei, sempre tive carteira registrada. Tanto que é por isso que eu me aposentei tão cedo né, porque eu comecei com 22 anos lá com a carteira assinada e fui 30 anos trabalhando direto. Então eu me aposentei, e acabei me aposentando cedo, porque eu nunca parei de trabalhar com carteira assinada. Foi super fácil. Entrei com a minha documentação, uma semana depois eu estava aposentada. E...então eu nunca pedi bolsa, porque a bolsa, as bolsas geralmente elas não, não tem compatibilidade com, com...com você ser registrado com CLT né. Então, mas assim a Professora 2, um monte de, de professores de vocês pede bolsa e tudo mais. Sabe...não tem assim o que dar certo. Tem uma hipótese. E você vai depois lá justificar o que que aconteceu, mas é uma hipótese. Se não, não seria pesquisa.

Aluno 7: Não existe...acho que não existe resultado certo né?

Professora 1: Isso. Isso. Quer dizer, você imagina assim olha: teria que acontecer isso, mas não deu, e aí você justifica.

Aluno 7: Eu lembro que, eu fui fazer o TCC, eu lembro que eu cheguei pra Professora que foi minha orientadora, eu falei pra ela: *quero fazer tal tema*. Ela falou: *se não acha que talvez você não vai achar nada sobre o assunto?* Eu falei: *foi por isso que eu to fazendo, eu quero fazer esse tema pra ver o que que eu acho né*. No final, quando eu fui apresentar ela comentou: *aqui no começo eu havia...não to gostando desse tema acho que você não vai achar nada*, no final eu tinha algumas informações legais né. No fim mudou sua perspectiva, ao longo do trabalho.

Professora 1: Sim.

Aluno 7: Não tem resultado certo, você tem que...

Professora 1: Não...mas ainda assim, a Mônica, a Moniquinha eu conheço, a Moniquinha é...é conversável. Né? Nesse sentido.

Aluno 8: Ela é um amor, amor. Eu conversei com ela a semana inteira, porque eu to tentando buscar um tema pra eu fazer uma IC, depois que você mandou aquele edital. Aí falei...eu fiquei tipo louco pra fazer uma IC, nossa quero muito fazer uma IC, louco né. Aí, eu mandei mensagem pra ela e falei: pro, você sabe que eu gosto muito da sua área e tal. Ela falou: que se eu quisesse fazer em etologia, eu teria que ter conhecimentos metodológicos muito específicos. Ai ela falou: meu você quer esse tema? Conversa com tal, tal professor, tenta mudar pra esse, acho que você tem uma grande chance de conseguir. Ela, ela te ajuda do começo ao final. É muito legal. E ela falou que independente do professor e do tema, óbvio que vai se adequar a área dela, ela ia me ajudar no que eu precisasse. É muito legal o ambiente de trabalho com ela.

Professora 1: Ela é muito fofa, eu adoro a Moniquinha, adoro, adoro. É...ela é muito competente gente, muito competente né. A Aluna 3 voltou, vamo vê se ela consegue, há...tá, pronto. Essas internets da vida. Oi Aluna 3. Você foi abduzida?

Aluna 3: É...deu um surto aqui e caiu a internet.

Professora 1: Então tá bom. Se ainda lembra o que você ia falar?

Aluna 3: Não.

Professora 1: Não, que bonitinha. A gente tava falando aqui, assim, o contexto do que ele tava falando, o Aluno 7 tava falando do certo, do errado, dos resultados, aí você ia falar também eu acho que mais ou menos nessa linha.

Aluna 3: Ah, então, é que eu fiquei um pouco surpresa quando eu comecei a ver essa parte de procurar o erro, ter erro né, no...na prática. Eu fiquei um pouco surpresa com as respostas iniciais, porque eu não pensava que os professores iriam ter essa noção de: *ah, aqui é bom, eles erraram, pra eles verem que, que...tudo fluiu bem, que assim que faz ciência, pra eles refletirem.* E, só que aí depois quando eu continuei lendo eu me decepcionei um pouco né, porque tem algumas coisas que quando eu via nas respostas, eu não conseguia analisar depois que nem tava na análise do texto né, pra mim eu não via problema na resposta. Só depois que eu fui ver a análise que eu falei putz é verdade, verdade, que antes eu não tinha percebido algumas coisas. que nem na prática em grupo né. E...Só que teve alguma coisa, meio que me incomodou um pouco na parte em grupo, porque tipo é...eu, assim pela minha percepção teve muita crítica na parte na, na, na...como é que eu falo? Parece que o texto criticou muitas coisas do fazer em grupo. Só que tipo, aí eu fiquei pensando putz, mas sempre vai ter algo positivo e algo negativo, assim tipo em tudo, ter algo positivo e algo negativo. Então tipo falei: ah, mesmo que...não sei tem muitas coisas, é...muitos malefícios talvez, mas tem muitos benefícios também em trabalhar em grupo. Então eu não sei se tipo vale a pena, fazer uma atividade individual só porque existem essas coisas meio ruins, fazer em grupo que às vezes pode dar errado, porque não é assim que pode dar errado. E aí tipo me incomodou um pouco de...porque agora não me lembro que foi que eu li, que me incomodou, mas eu lembro que quando eu tava lendo isso do grupo, me incomodou bastante assim, porque é parecia que tinha muita crítica sobre isso. E falava...

Professora 1: Mas dos professores né. Você está falando dos professores? Não, não, nós autoras criticando o trabalho, porque assim o texto, texto do Gaspar e Inês, e o trabalho em grupo é colocado como um momento privilegiado.

Aluna 3: Não, mas ó, posso ter entendido errado, deixo procurar.

Professora 1: Por favor, porque é...o que a gente diz é assim: trabalho em grupo é difícil de ser há...monitorado, é difícil mesmo. Se vocês quando fazem trabalho em grupo, Aluno 7 lembra bem de biologia e cultura, quando no trabalho em grupo, vocês não chegam pra mim e dizem bem antes do processo que está acontecendo alguma coisa, e só me falam no final, não tem como eu agir né. Não tem como eu chamar o grupo, falar olha lá, vamos sentar, vamos ver o que tá acontecendo, tarãã, mas isso nunca me impediu de fazer trabalho em grupo, porque eu acho que o trabalho em grupo é a troca, é a diferença, é o aprendizado, é o respeito em relação ao outro, é necessário totalmente né? Agora, tem professores que fizeram essa crítica, mas eu acho que assim eu entendi no nosso trabalho que nós achamos assim: é difícil, é problemático, mas a gente precisa continuar tentando fazer esse trabalho da melhor forma, achar modos cada vez mais aprimorados de acolher os grupos, de conversar, de chamar, né. Não sei. Agora, se você achasse o trecho seria bom. Há...deixo ver aqui se eu consigo te ajudar ó, em relação a questão... vocês estão vendo a minha tela? Em relação à questão de os alunos trabalharem em grupo, os professores relataram uma série de benefícios que tais atividades podem trazer. É sensacional, porque aqui gera uma confusão de debate de ideias e eu acho isso sensacional. Já os professores 4 e 6 relataram que: *a maioria das minhas atividades são em grupo, porque eu acredito muito que essa troca ela é muito vantajosa né? O que um não sabe, o outro explica. Acho que é um momento que eles têm de aprender a socializar em grupo, a ouvir a opinião dos outros, a trabalhar junto.* Aí a gente fala né, eu e a Daniela: *de fato atividades em grupos são necessárias, pois permitem que os alunos aprendam considerar as ideias dos outros e se expressarem, além disso, possibilita a tomada de consciência das diferentes hipóteses sobre o mesmo fenômeno.* Então, a gente tá concordando.

Aluna 3: É, ah tá aqui ó, assim é possível verificar na fala do professor 2 as partes que refletem sobre a falha das atividades em grupo. Aí, tem várias citações de professores falando dessas falhas, por exemplo, você tem é...

Professora 1: Tá.

Aluna 3: *Em grupos, eles agem com uma coisa meio ditatorial, aí depois, você tem que tomar cuidado também, porque em grupo tem gente que só fica olhando, claro, tem grupos que o aluno senta de costas, e você tem que ir até lá e dar um cutucão.*



Professora 1: Cutucão, tá. Tá. Então assim, aí esses professores estão falando que é difícil. *Aí, vamo ver o que que a gente falou: esse professor comenta sobre a problemática das atividades em equipe, e as falas dos outros sujeitos da pesquisa demonstram preocupação de que os grupos sejam significativos, mas todas evidenciam que realizar atividade prática vai muito além de simplesmente dividir a sala em grupos, porque é preciso fazer com que cada integrante participe efetivamente na construção de seu conhecimento, desta forma o planejamento das atividades em grupo será capaz de influenciar a natureza das interações entre os alunos.* Então, a gente tá dizendo assim: *tem que trabalhar em grupo, mas tem que pensar em como formar esses grupos, portanto é fundamental que seja proporcionada a oportunidade de, de os estudantes partirem de uma situação-problema para criarem hipóteses, e ter condições sob orientação de discuti-las com a equipe.* Então, a gente tá reforçando que é importante. *Além disso, o professor deve atuar como facilitador, motivador para que os alunos se sintam instigados e desafiados a solucionarem o problema proposto. Em um cenário universitário, em que na maioria das vezes existe um roteiro pré-estabelecido que limita o aprofundamento das discussões, dos resultados, a implementação de uma situação investigativa em um ambiente laboratorial é uma estratégia que deve ser considerada pelos docentes. Nesse contexto, uma possível explicação para os problemas apontados pelos professores nas atividades em grupo, é que talvez a forma com que as atividades sejam propostas não estimulem a participação de todos.* Não tamos negando que o grupo é importante.

Aluna 3: Então, pros professores, é isso? Isso que eu confundi.

Professora 1: É os professores estão criticando, e a gente tá dizendo: não, é importante. *Ó, segundo Azevedo para que os alunos realizem uma investigação científica e saiam de uma postura passiva para uma postura ativa, é preciso que o professor problematize o conteúdo, para que as atividades criadas a partir dele sejam capazes de despertar interesse nos alunos.* Então, a gente tá dizendo assim: que às vezes o aluno não tá lá interessado, porque o professor não fez a pergunta adequada. Né?

Aluna 3: Então foi os professores mesmo, porque é, que eu lembro dos meus professores...

Professora 1: Tá, mas isso foram eles que disseram. Né? Eu não posso pegar...

Aluna 3: É sim, sim. Eles falaram, aí começou muitas...uma citação atrás da outra deles falando desses problemas todos e tal...

Professora 1: Ah tá.

Aluna 3: Aí teve uma hora...me deu isso, poxa, mas tudo bem. Tem todos esses problemas, mas tipo é...tudo vai ter falhas.

Professora 1: Você tem razão. Você tem razão. Agora o que eu acho assim, você, a gente, como professor é...precisa dosar atividades individuais e atividades em grupo, eu acho, pra depois não ter esse problema. Né?

Aluna 3: É. Aí outra coisa que também, é que é verdade né isso de...eu nunca vi um professor lidando e sabendo lidar com uma pessoa no grupo que não faz nada.

Professora 1: Então, é muito difícil, confesso a você, mas algumas vezes eu consegui, algumas. Nem sempre, porque é bem difícil mesmo. Tem gente bem difícil de lidar, qualquer, como qualquer ser humano. Mas quando isso é pego no começo, quando você chama pra conversar várias vezes durante o percurso, minimiza, não resolve, mas minimiza. Então assim, eu dei uma tarefa, tá, em grupo. Aí semana que vem eu chamo vocês pra conversar, aí eu já consigo mapear um pouco o que tá acontecendo. Aí eu dou uma retributiva, vocês vão lá e continuam. Aí daqui a 15 dias, eu chamo vocês pra conversar, então assim, o meu papel não é assim, dou três meses um trabalho e ó, ignoro vocês. Aí depois no final você vem me contar, fulano não fez nada. Aí eu fico de mãos atadas mesmo, eu não sei o que fazer.

Aluna 3: É porque muitas vezes, eu...os alunos acham que não deduram, porque tipo vai esperar se vai fazer alguma coisa e aí...

Professora 1: Ou deduram, mas e aí? Eu digo pra eles, o que vocês querem eu faça gente? Dê um zero? Eu vou dar um zero? Né? Alguém mais quer falar? Essa coisa do trabalho em grupo...Eu tenho um pouco de trauma nisso, porque uma vez lá na instituição, um menino disse: meu negócio é arma na cara e não trabalhar. A Aluna 4: comentando...

Aluna 4: O pior pro....

Professora 1: Hã?

Aluna 4: O pior é que esse aluno, era realmente...os pais dele eram do meio da bandidagem, como o pessoal chama né, essa é a gíria né. Aí eu falei meu Deus, só falta chamar os pais dele aqui...

Professora 1: É...

Aluna 4: Isso afeta gente, porque a gente quer o melhor da pessoa.

Professora 1: Sim.

Aluna 4: Eu queria muito conhecer esse menino. Eu gostava dele de mais, e assim, ele não queria. É um negócio muito triste.

Professora 1: Tem coisas que não estão ao nosso alcance Aluna 4.

Aluna 4: É.

Professora 1: Tem coisas que não estão ao nosso alcance. Isso eu aprendi a duras penas.

Aluna 4: É. Eu também.

Professora 1: Acredite. Aliás, eu acho que estou aprendendo ainda. Né?

Aluna 4: É, todos nós.

Professora 1: Pessoal. Tem mais alguma coisa sobre esse texto? Porque a gente tem que conversar sobre a próxima aula. Se tiver mais alguma coisa sobre esse texto, estou a postos. É que eu tenho que consultar vocês sobre o que a gente vai fazer na próxima aula. Tá? É assim olha, tem um livro, uma autora chamada Mizukami que vocês já devem ter almoçado com ela no... teu Zé ali. Tá? Ela é da Universidade, inclusive ela era da USP. Vocês devem ter almoçado, mas vocês não reconheceram quem é, mas ela é daqui da Universidade, da pós-graduação. E o livro da Mizukami ele traz cinco abordagens de ensino. Eu to colocando tudo no chat tá? Tá gravado também. Abordagem tradicional. Abordagem comportamentalista. Abordagem humanista. Abordagem cognitivista. E a sociocultural. Sociocultural. E ela pega cada uma dessas abordagens e divide em 12 itens mais ou menos assim: Considerações

gerais do mundo: professor- aluno, educação, metodologia, ela divide cada uma nessas, nesses itens, e fala um pouco sobre cada uma delas. A minha pergunta, pra semana que vem a gente vai discutir, tá. Eu faço questão que vocês leiam o item. Ensino-aprendizagem e professor-aluno. Porque que eu faço questão que vocês leiam esses dois itens? Ensino e aprendizagem é um item. E professor-aluno é outro item, que é o norte do nosso curso inteiro de metodologia um. Esse é o nosso objetivo, entender um pouco sobre o processo de ensino e de aprendizagem, e a relação professor-aluno. Hã...Aí, tem vários outros itens que vocês poderiam dar uma olhada eu procurei aqui para ver se eu tinha o índice, mas eu não consegui achar. Agora eu quero saber o seguinte: todos nós lemos, todos, todas as abordagens desses dois itens ou cada um fica responsável, a cada dois fica responsável por uma abordagem e aprofunda um pouco mais na leitura? O que que vocês acham? Sendo que, ó, a Aluna 2 não entrou, a Laura não entrou. Então não sei o que que a gente vai fazer. Então estamos aqui em 1,2,3,4,5,6,7,8 e precisamos nos comprometer, porque quem se comprometer com a leitura vai fazer as explicações né da, do dia. A gente...é esse livro verde sim. Quem que perguntou? A Aluna 4:, isso mesmo. Tem uma edição mais nova Aluna 4.

Aluna 4: Ah tá.

Professora 1: Você pode falar o índice, qual é Aluna 4?

Aluna 4: Pro, não tá comigo agora, tá lá embaixo. Eu to com pouco livro aqui, aí eu não deixo no quarto um monte.

Professora 1: Ah tá. Ah tá. Ok. Tá bom. E aí, que que vocês acham?

Aluno 8: Aí pro eu não sei, tipo eu não sei...o que for melhor pra maioria, mas eu gosto quando todo mundo lê tudo.

Professora 1: Tá. Então você votaria por ler...

Aluno 8: Mas assim, é mas se...

Professora 1: É porque é pouco tá, é pouco.

Aluno 8: Não, é muito tranquilo.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: Se o pessoal preferir dividir, não tem problema, mas tudo bem se eu ler tudo também, porque eu gosto de migrar pelo todo sabe.

Professora 1: Tudo. Tudo. Porque o item que eu to pedindo pra vocês verem ensino, aprendizagem, professor-aluno não é muito. Então, daria 1,2,3,4...5 páginas, mais ou menos 5,6 páginas no total, porque uma pra cada sabe? Então se vocês decidirem ler, ensino-aprendizagem, e professor-aluno pra todas as abordagens, não é muita coisa. E aí todo mundo vai poder palpar. Pode ficar assim? Então, sim ou não, gente?

Aluna 5: Pra mim, tudo bem também.

Aluno 8: Pra mim, beleza.

Aluno 9: Pra mim, tranquilo.

Professora 1: Então, decidimos ler todas as abordagens e só os itens: ensino-aprendizagem e professor-aluno. Claro, óbvio, se você quiser dar uma olhada em outros itens só pra se contextualizar, pra entender melhor, fique à vontade. É óbvio. Mas assim, obrigatório são esses, porque os temas da nossa, do nosso curso? Por que você começou por aula prática? Pra dar essa apimentada no curso, pra provocar vocês, mas agora a gente começa a falar sobre tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sócio-cultural. Só existe isso Professora 1? Não. Não existe isso, só. Tá? E na próxima aula, quando a gente começar a falar sobre essas abordagens, abordagens, eu vou definir o que é epistemologia. Tá? A gente começa definindo o que que é epistemologia, relacionando as epistemologias às abordagens. Mas, Professora 1 eu posso perguntar 50 vezes isso? Pode. E 60? Pode. E 1000? Pode.

Aluno 9: Professora 1, eu to sentindo Maturana chegando aí ou não?

Professora 1: Não, só em 2, só na metodologia 2. Tá?

Aluno 8: O pro...

Professora 1: Em epistemologia, não tem ainda. Não é Maturana. Tá? Se vocês quiserem que eu adiante epistemologia. É um...é o estudo do conhecimento, é de onde vem o conhecimento. Assim como biologia é o estudo da vida, epistemologia é o estudar a origem do conhecimento. Então alguns vão dizer, o conhecimento vem

daqui, outros vão dizer o conhecimento vem dali. Sem eu estudar a epistemologia, não faz sentido eu estudar nada nessa vida. Então alguns vão dizer: o conhecimento vem da prática, outros vão dizer o conhecimento vem do dom, outros vão dizer o conhecimento vem da interação. Então, essa é a parte filosófica mais tesão que tem de estudar, né. Porque assim, da onde vem o conhecimento? O ser humano, olha pro conhecimento e diz: conhecimento veio dali. Isso é verdade? Não sei. A gente pode discutir isso aliás, é isso que a gente vai fazer a partir da próxima aula, né. Aí desculpa eu me animar, mas gente eu sou apaixonada pelo conhecimento. E, e uma coisa, o dia que você não se apaixonar mais por aquilo que você está trabalhando, não, não faça. Tá? Eu sou assim com biologia também. Quando eu começo a trabalhar com fisiologia que eu dava aula no ensino fundamental e médio, essa minha paixão também transparecia nos olhos tá? Porque é, é muito legal. Você fala de feedback. Você quer coisa mais legal do que você explicar pro seu aluno feedback? Feedback é tudo gente. Né? Feedback tem a ver com teoria do caos, tá. A teoria do caos tem base em Cannon, que foi o cara que falou na fisiologia que a desordem traz ordem. Então, é assim, é essa paixão que me move, porque nenhuma aula é igual à outra. Essa aula não foi igual e eu já dei essa aula milhares de vezes, mas nenhuma é igual a outra, porque as perguntas que vocês fazem, as colocações que vocês fazem, não são iguais. Né? Então tá, ok. Temos alguns minutos, se vocês quiserem falar de estágio, da aula simulada, abrir o coração, falar o que vocês quiserem, vamos lá.

Aluno 8: A minha primeira dúvida é se essas páginas tem no moodle já, porque eu não sei se eu não procurei direito...

Professora 1: Não, sabe porquê? Porque...eu não sabia o que que a gente ia decidir né. Então, é...como a Aluna 4 tem esse livro, eu acho que esse livro também tem na biblioteca virtual. Tá? Tenho quase certeza. Tenho quase certeza que esse livro tem na biblioteca virtual. Agora, como a Aluna 4 tem esse livro, eu posso pedir por favor que ela digitalize só essas páginas e coloque pra gente. Né? Deixa eu ver se eu tenho. Deixa eu ver se eu tenho. Se eu tiver, a gente já coloca aqui. Mas eu acho que não. Oi.

Aluno 9: O Professora 1, rapidinho, sobre estágio. É, eu tava conversando com o pessoal de, da escola que eu tava fazendo, e aparentemente eu acho que eles só vão conseguir disponibilizar as aulas gravadas. Será que tudo bem ou não?

Professora 1: Então, vamo tentar pelo menos alguma coisa, hã...síncrona.

Aluno 9: Tá, eu vou tentar falar com eles.

Professora 1: Isso. Deixo eu ver aqui...as minhas disciplinas... Gente, eu estou ficando cada vez mais sem memória, é tão triste isso.

Aluno 8: É pro...tem muito espaço pra...

Professora 1: Não, não.

Aluno 8: A nuvem tá cheia pro.

Professora 1: Não, eu tenho outras explicações, mas é triste. É não, não tenho não, gente. Não, eu tenho quase tudo aqui, mas eu não tenho de Mizukami. Tá? Agora, se vocês encontrarem na biblioteca virtual a edição nova, não é a capa verde essa que ela tá dizendo, é...tudo bem, é basicamente a mesma coisa tá. Muda uma coisinha ou outra, mas assim é uma edição nova de uma outra editora, inclusive ela mudou de editora, deu uma repaginada hã...É, mais tudo bem, tá tudo certinho, podem utilizar a, o outro. Agora assim, se no, no...se vocês descobrirem que não tem jeito nenhum, aí vocês me falam e eu digitalizo em casa e mando para vocês. Tá bom? Eu não digitalizo bem, fica meio, meia boca, mas tudo bem, a gente dá um jeito. Brigando.

Aluna 4: Pro eu vi aqui, se a minha impressora ela pegar direitinho, eu consigo sim, porque eu...

Professora 1: Ô, ô, Aluna 4, eu tenho uma dica pra você, é, no celular tem um programa que é super fácil é que eu sou meio tapada, mas tem um programa que chama Adobe Scan. Tá?

Aluna 4: Ah tá. Tá.

Professora 1: Abaixa.... É, faz download aqui no celular e, e vai fotografando, e depois salva como PDF e é super fácil de mandar. É que o problema é que eu...

Aluna 4: Tem online. Acho que eu encontrei até um livro online também.

Professora 1: Ah, então pronto. Pronto.

Aluna 4: Eu não sei que edição é, é a mesma edição que eu tenho.

Professora 1: É, só que eu na hora de fazer a, a foto né, eu fico brigando com a página, sai errado. Habilidade zero.

Aluna 4: Ai, eu também. Também.

Professora 1: Bom, mas se você encontrou online, então beleza.

Aluna 4: É da mesma versão que eu tenho.

Professora 1: Tá bom, ok. Estágios, problemas, questões.

Aluno 7: Eu tenho uma...

Aluna 4: Eu tenho uma...

Aluno 7: Pode falar.

Professora 1: Fala Aluno 7.

Aluna 5: Fala gente, que eu também preciso falar.

Professora 1: Fala Aluno 7.

Aluno 7: Tá bom, é...eu mandei um e-mail pra um professor, uma professora na verdade e ela falou que assim, a escola onde ela tá, a escola tá em reforma, eles estão fazendo, só passando atividades pros alunos fazerem. Se eu te perguntar se essas atividades...

Professora 1: Não.

Aluno 7: Não? Não vale pro estágio?

Professora 1: Vamo tentar procurar algo síncrono ou se você ajudar ela elaborar as atividades, aí sim.

Aluno 7: Certo.

Professora 1: Tá? Eu conversei com a Valquíria do PIBID, com o Aluno 7 e com o Luíz para tentar fazer com que eles aceitem vocês. Tá certo? Tem o professor Aluno 7 da, do, não é você. Professor Aluno 7 do PIBID, Luíz Fonseca e a Valquíria. E eu já conversei com eles, falei por favor, aceitem os alunos de metodologia. Tá? Então



assim, vamos tentando o máximo possível. Aí se não der de jeito nenhum, a gente divide faz metade síncrono, metade assistindo vídeo, mas assim vamos...Ah, o, o Aluno 8 me perguntou sobre o TCE, porque a ficha modelo eu já mandei pra vocês né, que é um pouquinho diferente que a...eu mandei a minha ficha para Professora 2, a Professora 2 adaptou segundo a minha ficha, e tudo bem. Tá? Mas a ficha eu já mandei, o TCE, o Coordenador está tentando conseguir com o núcleo de estágios aqui. Tá? Então, aguardem só um pouquinho que ele vai mandar. Tá? Hã...Aluna 5, Aluna 4, quem mais? Vamo lá?

Aluna 4: Eu acho que a Aluna 5 tá com o mesmo problema em que eu. Você quer falar Aluna 5?

Aluna 5: Sim, eu falo. É...seguinte pro, mandei e-mail para os professores da lista, pra cinco primeiro né, e aí assim, é...mandei e-mail pro...acho que é assim que se pronuncia o nome dele Emael, inclusive te mandou um abraço. Ele disse que nesse momento ele tá como coordenador pedagógico, ainda não foram atribuídas as aulas dele, e mandei mensagem pra, pra Marina, Mariana e pra Ingrid. Elas disseram que estão trabalhando com o ensino fundamental, 2.

Professora 1: Então tá, assim que eu disse pro Aluno 8, vamos tentar fazer o máximo pra conseguir ensino médio, se você, se a gente notar que não vai conseguir, a gente volta pro ensino fundamental e vamo lá. Vamo tocar no ensino fundamental mesmo, mas primeiro a gente tenta no médio. Tá? E tenta conseguir assim olha, se o Aluno 8 já conseguiu, vê se não tem mais uma vaga, se não sei quem conseguiu, já vai sabe fazendo umas parcerias assim. Agora você tá como voluntária no PIBID. Então...

Aluna 5: Sim, mas, mas eu achei que o PIBID era só pra metodologia 2, pra 1 eu tinha que me virar, procurar um outro estágio.

Professora 1: Ah tá. Tá, então bom, mas vê porque tem mais, mais de um professor no PIBID, vamos ver se você faz alguma coisa com a Val ou com sabe, vai, vai dividindo.

Aluna 5: Humhum. Tudo bem.

Professora 1: Organiza com a Val o que ela precisa, não sei, vê lá, o que que a gente...eu trabalho com a Val né?

Aluna 5: Sim.

Professora 1: Então. Então, você podia ser uma assistente dela, sei lá. Tá? Hã...o Erli, o Erli trabalha com ensino médio. Não, não lembro agora. Acho que com ensino médio.

Aluno 8: Então eu acho que...eu conversei, é que eu conversei com todo mundo da lista, enchi o saco de todo mundo. Aí eu...de quem me respondeu pelo menos. O Erli, eu não lembro se ele tá no ensino médio, se não me engano ele só tem aula de manhã.

Aluna 1: Eu falei com o Erli semestre passado e era fundamental, só se mudou pra esse.

Aluno 8: É, então acho que só fundamental e só de manhã, se não me engano.

Professora 1: Aí gente, o Erli é um máximo, se vocês conseguissem fazer com o Erli. Gente, ele é lindo.

Aluno 9: Acho que eu cheguei...acho que eu cheguei a mandar e-mail pro Erli, mas só tá com aula de manhã mesmo. Ele até comentou que teria problema com horário, por causa disso.

Aluna 5: Então, mas eu acho engraçado, porque assim, semestre passado estava todo mundo querendo procurar estágio em ciências né, ninguém...eu não sei se alguém aqui encontrou, eu não lembro, mas a grande maioria não encontrou. E agora que a gente precisa de ensino médio, aparece de ciência né, engraçado né.

Aluno 8: Eu não, eu não encontrei, não tinha essa lista maravilhosa com 32 nomes. Se eu tivesse isso, teria sido bem mais fácil.

Professora 1: Mas, eu mandei pra Professora 2 e falei que ela podia divulgar.

Aluna 5: Eu não recebi essa lista.

Aluno 8: Eu também não recebi.

Aluna 1: Ela passou de...

Professora 1: Então assim, hã...por exemplo, eu vou ser muito honesta com vocês como eu sempre sou, se vocês conseguirem fazer com o Erli, mesmo sendo ensino

de ciências, eu prefiro do que fazer com qualquer outro professor que seja ensino médio, porque o Erli...Gente tem uns nomes aqui nessa lista, que são assim o Emael, o Erli, a Mariana Peão, só que a Mariana Peão ela é a coordenadora geral do Bandeirantes né? Ela que instaurou o estim no colégio. Assim, a gente tem uns ex-alunos, eu que orientei o TCC da, eu fui banca de mestrado da Mariana Peão. A gente tem umas referências, uns nomes que foram os nossos alunos que são assim só...só tudo. Aí eu tenho tanto orgulho disso, desses alunos serem muito melhor do que eu. Nossa se vocês assistirem uma aula do Erli gente, vocês vão ver o que eu to falando.

Aluna 3: Tá no grupo ou no moodle essa lista?

Professora 1: Agora eu já esqueci.

Aluno 8: Tá no grupo. Eu tenho ela comigo, mas eu fiz um monte de alteração, tipo ah...não me respondeu, só tá dando ciências. Eu posso mandar se vocês quiserem.

Professora 1: Tá, então vamo lá. Então assim, entra em contato comigo. Fala assim olha, o Erli me respondeu que tem isso, isso, isso. Vamos ver as vantagens e desvantagens. Tá? Tem tanto gravado, e tem tanto síncrono, pode? O professor se ofereceu a que eu ajudasse ele a elaborar a aula, posso fazer tanto assim e tanto passado? Vai me mandando as propostas reais gente, eu não quero fazer de conta. E a gente fecha isso, tá. Eu não vou pôr muita pedra no caminho pra burocratizar não, tá? Certo?

Aluna 3: Uma pergunta, assim eu consegui estágio na escola que eu fiz estágio né na quarta, só que tipo é uma semana presencial e uma semana online, e eles me deixaram só acompanhar o online, aí tudo bem né?

Professora 1: Tudo bem.

Aluna 3: Outra pergunta também, é que tipo todo sábado eu to sendo voluntária num cursinho popular de biologia, sendo monitora de biologia lá, e tipo assim, pra acompanhar aulas de alguns professores. Durante a semana faço plantão de dúvida, aí eu queria saber se tipo se podia valer como estágio.

Professora 1: Se você descrever, tudo bem.

Aluna 3: Tá, só que aí como eu faço? Porque esse é num lugar e o outro no outro. Aí como que eu faço essa divisão?

Professora 1: Faz duas fichas, faz de um lugar e numera 1, 2, 3, faz outra ficha pra outro lugar e numera 1, 2, 3.

Aluna 3: Tá bom.

Professora 1: Tá?

Aluno 8: Eu tinha essa mesma dúvida de como dividir, porque eu não vou conseguir...

Professora 1: Não, todo mundo que for fazer, que tem PIBID, que tem duas escolas...faz assim real. Uma, uma ficha com 1, 2, 3, pra que eu possa conferir, e a outra com 1, 2, 3, pra que eu possa conferir.

Aluno 8: Beleza.

Professora 1: Tá? Ok? Mais dúvidas?

Aluno 9: É, eu acho que talvez, é como eu tenho mais amizade com um professor de ciências, eu acho que talvez eu consiga com mais facilidade de acompanhar as aulas síncronas de ciências. Aí eu queria também aproveitar te perguntar, será que eu consigo ao mesmo tempo, como eu vou fazer dois estágios...será que eu consigo validar as duas tanto de metodologia de ciências 2 como a sua também, ou não daria?

Professora 1: Você tá fazendo metodologia de ciências com a Professora 2 e biologia comigo? Não, mas só que tem...

Aluno 9: Isso.

Professora 1: Que ter número de horas diferentes, né? Então, vamo tentar biologia pra mim e ciências pra Professora 2. Vamos tentar isso primeiro tá? Porque assim, você diferencia bem as propostas.

Aluno 9: Humhum, ok.

Professora 1: Tá?

Aluna 5: O Professora 1, eu tenho mais uma dúvida. É, assim, e se for, vamos supor num caso hipotético, e se por ventura eu não tivesse tempo pra estagiar. Como que ficaria isso assim?

Professora 1: Não pode. Porque assim, o pressuposto quando você se inscreve numa disciplina de estágio, é que você tenha um tempo pra fazer o estágio né?

Aluna 5: Sim. Então...

Professora 1: Você tá lotada demais, é isso?

Aluna 5: Não, não, não, não, não, não, eu to fazendo essa pergunta hipotética, porque pode ser que surja uma, uma questão dessa pra você. Então, não sei.

Professora 1: Ah não. Então, mas quando você se inscreve nos estágios né, você pressupõe que você deixou nos, na sua grade horária? Porque você se inscreve no, na disciplina pro, pra parte teórica e parte prática. Então inclusive vocês pagam isso né. Então, essa parte do estágio ela já é deixada lá como um horário vago entre aspas, né. Meu filho por exemplo, ele faz psicologia, ele paga, aliás eu né que pago, chegou o boleto de R\$4000,00. O, o estágio e a, a teoria, a teoria tem um horário, o estágio estava marcado, ele se vira pra achar o estágio, mas ele tá lá como grade horária. Né? Ai último ano. Último ano, graças a Deus. Muito bem. Tudo bem? A...rendeu em? Foi bom, gostei. Ó, leiam com amor e carinho pra próxima aula, porque assim essa leitura de, da Mizukami, tem umas armadilhas, parece muito fácil, mas tem no ânsias. Tá bom? Certo? Assim tem, tem coisas que parecem assim, nossa que óbvio, mas tem algumas armadilhas. Então anotem, rabisquem, sei lá, façam o que vocês quiserem, mas vamo lá. Tá? A próxima aula promete. Tá bom? Beijinhos, abraços, bom final de semana. Tô com muita saudades de vocês, espero que em breve a gente possa se ver.

Aluna 1: Bom final de semana pro, obrigada.

Professora 1: Ah, e não esqueçam gente, por favor. É voluntário, é a vontade, mas eu gostaria muito que vocês, das indagações e das provocações que eu venho fazendo, e que a gente vem fazendo um pro outro aqui, vocês continuassem a escrever no caderno. Não só coisas pessoais que podem continuar sendo escritas, é...mas da própria matéria, disciplina, aquilo que te incomoda. Sabe não sei fazer, o, essas coisas

reais que acontecem no cotidiano. Tá? Por exemplo, o Gustavo, Gustavo Motta, ele começou a dar aula aliás, podem pentelhá-lo que ele já, já começou a dar aula, então ele pode ser mais um na lista. Eu não coloquei, porque ele começou agora. Ele começou a dar aula, ele vai lá e me, me demanda, ele diz, eu to com medo. A pergunta primeira dele foi assim: você ficou com medo na sua primeira aula? como é que eu faço pra entrar na sala de aula? eu to com medo. Né? Eu não sabia onde enfiar as mãos gente. Todo mundo era mais velho do que eu, eu comecei no supletivo. Né? Eu não sabia onde enfiar as mãos, eu nunca tive licenciatura assim, como vocês têm. Eu fui jogada aos leões. Né? Então assim, vamos continuar conversando naquilo que não cabe aqui pra todo mundo. Tá? Ok? Beijos.

Aluna 5: Beijos pro, brigada.

Aluno 8: Obrigada.

Professora 1: Ai como eu amo dar aula. Beijo.

- **Aula Met Bio 1 – 05/03/21**

<b>CHAT</b>	
09:34:30	<u>Professora 1:</u> Objetivo do relatório = analisar o processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno.
09:45:29	<u>Aluna 4:</u> Eu ia surtar aqui também kkkkkkkkkkkkkk.
09:50:22	<u>Aluna 4:</u> Vdd.
09:59:41	Professora 1:
<a href="https://miro.com/welcomeonboard/f46GmKpFOEbLhMR4I9D1iEt2Ozjw0O5MI8y85RUNezjHHnmmuvQPOOv1fC0Fb7xR">https://miro.com/welcomeonboard/f46GmKpFOEbLhMR4I9D1iEt2Ozjw0O5MI8y85RUNezjHHnmmuvQPOOv1fC0Fb7xR</a>	
10:00:48	<u>Professora 1:</u> qual a relação entre teoria e prática?
10:17:20	Professora 1:
<a href="https://miro.com/welcomeonboard/f46GmKpFOEbLhMR4I9D1iEt2Ozjw0O5MI8y85RUNezjHHnmmuvQPOOv1fC0Fb7xR">https://miro.com/welcomeonboard/f46GmKpFOEbLhMR4I9D1iEt2Ozjw0O5MI8y85RUNezjHHnmmuvQPOOv1fC0Fb7xR</a>	

<u>10:23:12 - Aluno 8:</u> vou ao banheiro rapidinho.
<u>10:24:41 - Aluno 6:</u> nada é completamente negativo.
<u>10:29:40 - Aluno 8:</u> Gente isso no mundo dos pets é adestramento positivo.
<u>10:34:24 - Aluno 6:</u> me lembrei de feedback positivo e negativo de fisiologia.
<u>10:34:29 - Aluno 8:</u> nossa sim.
<u>10:34:42 - Aluna 5:</u> verdade.
<u>10:35:17 - Aluna 3::</u> sou a mestre de criar expectativas...
<u>10:38:33 - Aluno 8:</u> Também entendi que o prof não influencia diretamente no campo cognitivo e afetivo do aluno.
<u>10:39:01 - Aluna 3:</u> entendi que a palavra-chave aí é inatismo.
<u>10:39:16 - Aluna 3:</u> o aluno vai fazer o que estiver dentro dele.
<u>10:40:21 - Professora 1:</u> Neil.
<u>10:40:42 - Professora 1:</u> A escola sem medo.
<u>10:41:27 - Aluna 3:</u> mdss...
<u>10:42:12 - Aluna 3:</u> revoltante, mas vemos muito isso.
<u>10:42:16 - Aluna 3:</u> só que mascarado.
<u>10:42:45 - Aluno 8:</u> demais Carlo.
<u>10:42:48 - Aluno 8:</u> Aluna 2*.
<u>10:44:14 - Aluno 8:</u> eu era o aluno.
<u>10:44:16 - Aluno 8:</u> no fund 2.
<u>10:44:25 - Aluna 3:</u> kkkkkkkk.
<u>10:44:36 - Aluna 4:</u> Tadinho kkkkkkkkkkk.

<u>10:51:14 - Aluna 3:</u> nunca vou esquecer de uma aula da Professora 2 sobre isso.
<u>10:51:31 - Aluno 8:</u> Eu imaginei uma aranha tecendo uma teia, mas acho q serve.
<u>10:52:27 - Aluna 4:</u> kkkkkkkkkkk muito legal S2.
<u>10:52:42 - Aluno 8:</u> A Professora 2 tem umas ideias incríveis.
<u>10:52:56 - Aluna 4:</u> Siim.
<u>10:58:39 - Aluna 3:</u> eu amo um homem....
<u>10:58:43 - Aluno 8:</u> Eu gostei muito tbm da ideia de quebrar essa imitação aluno-professor.
<u>10:58:45 - Aluna 3:</u> mas que complexo....
<u>10:58:53 - Aluno 8:</u> Exato Aluna 2.
<u>10:59:02 - Aluna 4:</u> Vdd Aluna 2.
<u>10:59:08 - Aluna 3:</u> É autonomia.
<u>11:00:57 - Aluna 4:</u> Concordo com a Aluna 3.
<u>11:01:49 - Professora 1:</u> epistemologia.
<u>11:02:40 - Aluna 5:</u> Essa abordagem para mim, remete a outras construções e relações. Eu fico até assustada.
<u>11:03:33 - Aluna 4:</u> Como é o sobrenome prof? Antônio Nóvoa?
<u>11:04:04</u> - Professora <u>1:</u> <a href="https://miro.com/welcomeonboard/f46GmKpFOEbLhMR4I9D1iEt2Ozjw0O5MI8y85RUNezjHHnmuvQPOOv1fC0Fb7xR">https://miro.com/welcomeonboard/f46GmKpFOEbLhMR4I9D1iEt2Ozjw0O5MI8y85RUNezjHHnmuvQPOOv1fC0Fb7xR</a>
<u>11:05:30 - Aluna 3:</u> bom final de semana profff.
<u>11:05:32 - Aluna 3:</u> beijoss.
<u>11:05:34 - Aluna 4:</u> Bjsss prof.



**Aula Gravada**

Professora 1: É...Aluna 1, os gatos. É... Então, eu vou começar é...pedindo pro Aluno 8 repetir a dúvida dele, porque...muito provavelmente é dúvida de mais gente, e a gente vai esclarecendo as questões do estágio. Os professores que você, alguns, alguns, professores que vocês entraram em contato hã...me, me acionaram pra saber assim: *ai como é que você quer que a gente faça?* Porque por exemplo, o Gustavo Leme né, é a primeira vez que ele, primeira vez que ele tá dando aula na vida. A primeira vez que ele vai receber estagiário. Então, ele falou: *Professora 1, me ajuda aí, o que que você quer que eu faça né?* Então, alguns também, o Aluno 7 professor do estágio também do PIBID, também ontem ele me escreveu: *posso te ligar?* Mas, eu já tinha trabalhado 13 horas direto. Eu falei *ai não, não pode.* Então, hoje eu já vou falar com ele também, que ele quer saber como é que ele orienta esses estágios. Então, deixa eu falar algumas coisinhas antes que eu acho que eu já tenho alguns esclarecimentos a fazer. Então, vamo lá. Primeiro, eu mandei o TCE tá, o TCE você só vai preencher se a escola pedir tá? Então assim, hã...você vai presencialmente, você precisa preencher o TCE obrigatoriamente. Nessa fase que está tudo fechado, eu não indico vocês irem presencialmente de jeito nenhum, tá? Mas, mesmo virtualmente, se a escola disser nós queremos um TCE, nós queremos um compromisso. Vocês vão lá e preenche, ok? Se a escola não disser nada, é nada. Professora pra onde que eu mando esse TCE preenchido e tudo mais, tudo certinho, se for necessário? Pra, pro Coordenador né, para o professor, com cópia para a secretária dele que é a Leila. Quem não tiver o contato da Leila, eu, eu passo pra vocês. Tá?

Aluna 1: Pera, a gente então não tem que ir na Universidade pra eles...porque lá no site da Universidade fala que as assinaturas precisam ser presenciais, que a gente não pode mandar e-mail, na, na, na. Não precisa então?

Professora 1: Não, aquilo lá é antigo. Tá?

Aluna 1: Ah que bom, que bom.

Professora 1: Tá? Ninguém pode obrigar, todo núcleo de estágios está tentando, porque o núcleo de estágios é, é com meu colega aqui do lado o Rafael. A gente tá tentando fazer tudo digitalizado. Então, por enquanto a gente até inclusive tá dando

um tempo pra quando voltar, a gente assinar monitoria, um monte de outras coisas. Tá? Só se a escola pegar no pé, e disser: *não, a gente quer que vocês venham aqui*. Aí, a gente repensa tá? O outro documento que eu mandei pra vocês foi um, um cadastro, uma ficha...um, um conjunto de fichas de cadastro. Por quê? Porque, a única condição que continua muito firme, é que a escola precisa ser cadastrada. Então, se a escola não é cadastrada, vocês precisam mandar esses documentos. A escola preenche, devolve e a gente entrega pra, de novo pro Coordenador e com cópia pra Leila, que ela vai arquivar. A gente tá aprendendo a fazer isso, porque agora, a partir de, desse semestre, a biologia vai ter o seu o seu próprio núcleo de estágios. Nós não vamos depender mais de ninguém, mas nessa transição, nós estamos com muitas dificuldades. Uma dificuldade por exemplo, qual é o rol de escolas que estão cadastradas? A gente tá batalhando por isso. Antes que vocês me perguntem, porque como a gente não cuidava disso, o CEFT cuidava, a gente não tem acesso. Então, eu já cobre tanto, coitado do Coordenador né, eu e a Professora 2, mas ele tá tentando então verificar o rol de escolas, pra vocês não ter que ficar lá implorando pra escola ver. Porque às vezes, a escola muda de coordenador, diretor, nem eles sabem muito bem o que tá acontecendo. Então, a gente tá tentando batalhar pra nós termos acesso aquela lista que vocês tinham, no próprio tia de vocês, que você clicavam e tinha a lista de escolas né. Lembra disso? Isso é antigo, mas vocês tinham isso. Agora se a escola disse assim: *não, eu não sou cadastrada e eu só aceito frente ao cadastro*, eu mandei isso pra vocês né, é...os dois links. Se a escola disser assim pra vocês: *não, eu sou, eu sou cadastrada, já tenho cadastro, o TCE eu quero ou eu não quero, sei lá*. Mas eu quero uma, uma carta, uma apresentação. Aí, a gente pega aquela carta que eu escrevi pro professor, lembra uma carta que tem no nosso material? Dizendo: *caro professor...* blablabla. A gente adapta ela pra escola, conforme eles quiserem, com os dados. Quando eles disserem pra vocês: *nós queremos uma carta*, vocês dizem: *quais dados que vocês querem que a gente coloque nessa carta?* Vocês anotam, a gente adapta aquela carta, eu assino, o Coordenador assina, se bem que eu acho que eu assinando ok. Aí, a gente manda pra eles o que eles querem, porque às vezes a coordenação pede algo específico. Tá? A outra coisa que a Aluna 3 já me perguntou é assim: a ficha de estágios, é...ela vai ficar comigo, eu que vou guardar a ficha de estágios, pra se qualquer dia depois que vocês terminarem estágio, alguém disser: *não, não fizeram*. Está aqui comprovado, olha o aluno me entregou a ficha com horário, com a data, com a série, bonitinho. Então, aquela ficha que eu preparei, foi

uma invenção minha. Eu mandei pra Professora 2, e a Professora 2 adaptou do jeito dela. Ela que fez lá do jeito dela, falei tudo bem Professora 2, pra metodologia de ciências. E aí, a Aluna 3 ficou em dúvida, porque ela tá fazendo estágio pelo que eu entendi, de manhã e a tarde. E, e lá pela minha proposta, tem um período que é só de manhã, e um período que é só à tarde. E aí, ela fez as adaptações dela. Se ficar clara a adaptação, se eu bater o olho e falar assim: *ah, eu entendi, isso daqui que aconteceu*. Pra mim tudo bem, é...a questão não é pra mim burocrática, a questão é só de entender o que tá acontecendo. E aqueles horários que eu coloquei ali 7h até 07h50min, horários hipotéticos, imaginários, só pra facilitar a sua vida. Se eles já estiverem certinhos você coloca, se eles não estiverem certinhos você adapta. O horário das, da aula ali, é um horário do regimento da escola. A aula começa 7h e termina 7h50min. *Ah, mais o professor entrou muito tarde, ou entrou...* Não, isso não interessa. Isso, você vai poder colocar nas suas observações. Tá? Isso você coloca lá, depois assim, que o professor começa a aula 10 minutos após o início oficial. Isso é, é o seu dado, tá? Mas no horáriozinho ali, é o horário oficial de início e término que a escola propõe, que nem aqui no nosso caso é 9h20min às 11h. Se a gente ultrapassa, atrasa ou não, isso são outros 500, tudo bem? E o que anotar? Tudo que é relação professor-aluno, e processo de ensino-aprendizagem. Ah, isso que a gente vai falar hoje, até cansar? Sim. Então nosso objetivo, vou anotar aqui no chat, vai ficar gravado, o objetivo do relatório. Do relatório. É, analisar o processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno. Gente, é tudo, tudo que acontece na sala de aula. Né? É tudo, porque assim, o processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno é, é todo desencadear. Então assim, anotem o que vocês conseguirem. Ainda mais agora que a gente grava as aulas, vocês podem ter trechos de diálogos muito substanciais pra tentar convencer o seu leitor do que vai ocorrendo na, no, nesse processo de ensino-aprendizagem. Tudo bem? Agora sim, podemos então fazer uma sessão de dúvidas. Vamos lá. Aluna 2, dúvida querida?

Aluna 2: Eu tenho pro.

Professora 1: Diga.

Aluna 2: É...eu conheço um professor que tá dando aula de reforço, e eu acho que é, é, não tenho certeza que é pro ensino médio. E é...são aulas assíncronas. Eu posso fazer estágio com ele?

Professora 1: Me explica, me explica um pouquinho melhor o que que você e esse professor estão chamando de reforço. É uma aula regular? Como que é isso?

Aluna 2: Então ele tem um, um projeto de aula de reforço, e, e...aí ele tá por exemplo, ele tinha alunos antes da pandemia que iam regularmente pro, pro, pro espaço né, pra ter aula de reforço, tudo. Aí, ele continuou esse projeto do mesmo, da, do mesmo jeito com aulas regulares toda semana, e...pro ensino médio, só que está online.

Professora 1: É, é como se fosse uma aula particular só que em grupos.

Aluna 2: Isso, só que...isso.

Professora 1: Ok. Tudo bem. Deixa isso bem claro, descreve tudo isso no, no início. Tá?

Aluna 2: Tá, humhum.

Professora 1: Aluna 1.

Aluno 8: Pro, é...

Professora 1: Não?

Aluna 1: É...

Aluno 8: Ah não, desculpa.

Aluna 1: Não...eu não saio do processo aí, eu vou fazer com o Erli pro.

Professora 1: Ah que lindo!

Aluna 1: Sim, no fim ele tá dando pro fundamental e médio. Então, eu vou...sei lá, encaixar no meu horário que der. E...mas a escola dele é bem exigente assim, eu to nesse processo ainda assim com esses documentos. Mas, tá tudo bem, tudo certo.

Professora 1: Tá. Tá. Bom, já vou te avisar que você vai se apaixonar pelo Erli.

Aluna 1: Ele é um fofo já, porque a gente fala pelo WhatsApp, eu já tinha o WhatsApp dele, ele é super. Tipo, não eu te ajudo sim, porque eu já passei por isso, e eu...ah brigada.

Professora 1: Não, ele é demais, eu amo de paixão o Eri. Ele agora faz parte do grupo de pesquisa, e nossa, e, e eu sempre aprendo com ele, sempre. Então assim, aproveite, aproveite. É...você tem dúvidas? Não, você só comentou que vai ali né ver o processo. Tá. Aluna 5, dúvidas querida? Então...

Aluna 5: Eu tenho sim, é...na verdade são duas. Como eu to fazendo no PIBID e junto com a, a Valquíria, eu queria saber a questão do horário. Eu posso utilizar aquela tabelinha pra mostrar o horário que eu tenho uma reunião tanto do PIBID, quanto com a Valquíria?

Professora 1: Isso.

Aluna 5: E reunião com as outras meninas também? Porque eu tenho também reunião com as meninas pra gente poder fazer o planejamento.

Professora 1: Sim, sim. Eu quero coisas reais, gente. Tá?

Aluna 5: Tá. E aí, o, os episódios que eu vou anotando pra colocar lá no relatório, é...pode ser tanto do PIBID, quanto com a professora, quanto com as meninas?

Professora 1: Sim, descreve o que acontece. Elaboramos um...é, eu não sei se você, eu não lembro mais agora, porque minha cabeça, mas o, o Luiz, Luiz Fonseca elaborou uma atividade sobre membrana. Lembra? Que, que tinha vários erros conceituais? Ontem eu mandei pra ele, tal. Então esse processo da gente rever uma atividade, de saber que tem, tem problemas de voltar, tudo mais. Essa descrição é super rica, quer dizer, a gente aprende pra caramba. Né? Sim? Sim.

Aluna 5: Humhum. Sim, tudo bem. Obrigada.

Professora 1: Ok. Aluna 3?

Aluna 3: Hum...assim é, eu tenho uma dúvida que é...sabe aquele roteiro que tem que por várias perguntas? Tipo, quais materiais foram utilizados, e tãtãtã. Eu preciso responder cada uma, ou eu faço só tipo, escrever um texto só, que responda tudo?

Professora 1: Não, eu fiz aquele roteiro só, só a título de ajuda mesmo. Eu nem, nem quero que vocês respondam. Eu até prefiro que vocês façam a descrição toda, e depois vocês olhem lá se a grande maioria foi contemplada. Aquilo lá é só realmente

um, um norte, uma ajuda, algo assim. Você fala assim: *ah, mas eu não sei o que que a Professora quer de mim*. Então, eu coloquei lá é...mas não no sentido de você assim: *aí agora eu sou obrigada a ir lá e responder as minúcias*. É só um norte. Então dá uma olhadinha antes, faz o seu relatório e depois vai lá. E às vezes quando a gente lê aqui ali, você fala assim: *ah eu tenho mais uma coisa pra dizer sim, eu é que não lembrava, mas eu tenho mais algo a dizer*. Mas se tá na ordem, fora de ordem isso....Né?

Aluna 3: Tá. Tá.

Professora 1: Aliás, não significa que vocês não tenham mais coisas pra me dizer que eu não, não, não tenha percebido, e eu não tenha colocado lá. Né? Ok?

Aluna 3: Humhum. E também outra pergunta, é tipo, na escola que eu to, é...cada aula é uma dobradinha, então tipo dura 1 hora e meia, só que na verdade em duas aulas. E aí, na ficha eu ponho duas aulas?

Professora 1: Não, coloca duas, mas deixa claro na numeração que é número 1, número 2, número 3, porque se você coloca a dobradinha e não coloca os números certinho né. Se não, não é uma dobradinha.

Aluna 3: Então, eu posso...

Professora 1: Você coloca número 1 e número 2.

Aluna 3: Ah, tá bom, tá bom.

Professora 1: Porque se não, é fica...não vai dar certo né a contagem.

Aluna 3: Tá bom, brigada.

Professora 1: Tá? Aluno 6, dúvidas?

Aluno 6: Por enquanto não, pro. Queria pesquisar mais coisas de estágio essa semana, só que eu tive imprevistos, coisas...

Professora 1: Tá, mais Aluno 6, por favor não deixe pra última hora. Olha só como os seus colegas estão. É, é, pensando né? Porque depois realmente há...a questão aperta

né. Aí o semestre aperta, os professores todos vão dar atividade, tarefa, então por favor, corra atrás. Tá? Aluna 4.

Aluno 6: Ok.

Aluna 4: Oi, pro.

Professora 1: Oi, querida.

Aluna 4: Caiu a minha internet aqui, eu to boiando.

Professora 1: É, eu dei algumas instruções sobre o estágio assim, gerais. E to perguntando se vocês têm dúvidas específicas.

Aluna 4: Ah não, eu ouvi a pergunta da Aluna 3 e me esclareceu, pro.

Professora 1: Tá bom. Ok. Qualquer coisa você me avisa. Aluno 9. Tá melhorando Aluno 9?

Aluno 9: To um pouquinho.

Professora 1: Tadinho.

Aluno 9: E é...eu queria perguntar é que, no final eu acabei encontrando uma escola, eu acabei encontrando uma escola e falando com o Gustavo. Aí como eu tô precisando fazer os outros estágios, eu queria saber se eu poderia fazer o seu estágio com o Gustavo, só que ele só dá em ciências. E com a outra escola se eu poderia fazer com a Professora 2, na matéria da Professora 2.

Professora 1: Ué, por que você não troca?

Aluno 9: É porque a escola não tem, não tem ensino médio à tarde.

Professora 1: Ah. Nenhuma tem ensino médio?

Aluno 9: É, sim.

Professora 1: Tá. Bom, vê direitinho com o Gustavo, porque ontem ele conversou comigo e ele falou que a escola só aceita três. E...

Aluno 9: Eu já, eu já tinha conversado com ele já.

Professora 1: É? E ele falou que a Aluna 1 já tinha pedido, mas a Aluna 1 vai fazer com o Erli, é isso? Não vai precisar do Gustavo?

Aluna 1: É, eu fui falar com o Gu, porque eu sou amiga dele. *Ah, e aí?* No fim, eu fechei com o Erli mesmo.

Professora 1: Ah, então tá bom.

Aluna 4: Então, só eu e o Professora 2 então.

Professora 1: Tá, ok, ok. Não, porque ele me disse que a Aluna 1 tinha falado primeiro, ele tava lá em dúvida com os dilemas morais, de falar: *não, quem me procurou primeiro, tá o que que eu faço?*

Aluna 4: Sim.

Aluna 1: Eu vou falar pra ele.

Aluna 4: Eu falei isso pra ele.

Professora 1: Tá. Hã...ok então tá bom Aluno 9, vamo lá. Vai, porque se não a gente vai ficar esperando, não sei até quando né?

Aluno 9: Bacana, obrigado viu.

Professora 1: E aí, é...vai ser uma experiência muito, muito interessante pra nós. Eu quero que você anote bastante, faça, porque assim, é a primeira vez que o Gustavo vai dar aula, e já vai ter um estagiário olhando pra prática dele. Então, vai ser bom pra você, vai ser bom pra ele. É, é muito interessante essa parceria né. Eu unindo as pontas aí né? É...Aluno 8?

Aluno 8: Pro, eu tenho algumas dúvidas. É...eu tava olhando o documento de novo, aí bom, já perguntaram da ficha, então assim, aqui tava escrito que eu precisava preencher 80% delas e não sei o que. Então....

Professora 1: 80% daquilo que você é obrigado a...fazer que são as 40h.

Aluno 8: Não, sim.

Professora 1: Pra me entregar no, no relatório, no primeiro relatório. Entendeu?



Aluno 8: Então já me confundi. Não, como assim? Eu tenho que fazer quantas horas de estágio?

Professora 1: Não. Tem uma data, tem uma data que eu marquei pra primeira entrega do relatório.

Aluno 8: Ah sim, ok.

Professora 1: Nesta primeira entrega, você tem...8x4, 32 aulas. Você tem que ter 32 aulas.

Aluno 8: Ah, eu tenho que ter já 32 até esse...

Professora 1: Agora assim, nós, é...nós estamos numa pandemia tudo, tal. É...vamo lá, vamos se não...Se não tiver as 32, vamo conversar. Não é assim: *ai, desisto*. Não.

Aluno 8: Não, não. Ok, ok.

Professora 1: Claro, que se você tiver só 5 aulas, aí a coisa pega, porque você já tá quase no final do semestre.

Aluno 8: Tá.

Professora 1: Tá? Então assim...

Aluno 8: Ok, mas então, pera, eu tenho que fazer 40 horas de estágio?

Professora 1: É.

Aluno 8: Ah não é mais 75?

Professora 1: Não.

Aluno 8: Eu tava surtado então.

Professora 1: Eu cortei pela metade por causa do...da pandemia.

Aluno 8: Ah tá, porque eu consegui 14 horas por semana, porque eu pensei que era 75, mas tudo bem. Então, ótimo.

Professora 1: Na verdade, elas são 85, porque eu já dava 10 horas por causa de todo o trabalho.

<p><u>Aluno 8:</u> Não, sim, sim.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Agora, mas por conta da pandemia, já que a gente pode, eu não acho que você fica fazendo estágio, estágio, estágio, estágio, é isso que vai te, te tornar um bom professor. Né? Então, eu reduzi o número por minha conta.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Então 40 horas, beleza. Pra cada aula, tem que preencher aquela ficha?</p>
<p><u>Professora 1:</u> Sim. Isso sim.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Tá ok, então isso eu entendi. Ok.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Porque antes era pra cada aula preencher aquela ficha, eram 75.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Ah é.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Então agora, o compromisso é maior né?</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Ok, ok.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Que mais Aluno 8?</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Sim. A outra dúvida é essa...essa ficha de estágio que é o apêndice b do documento, é aquele normal né? Colocar o meu nome, aula um, horário tal e o nome do professor. Tá beleza, isso ok então. Tranquilo.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá, tem lá o cabeçalho. O Aluno 6 tá perguntando: <i>alguém tem esse documento ainda? Lá no chat aparece que está indisponível.</i></p>
<p><u>Aluno 8:</u> Eu tenho, tá no moodle, mas eu tenho.</p>
<p><u>Professora 1:</u> É...mas no moodle aparece indisponível Aluno 6? Porque eu coloquei no moodle né?</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Tá lá naquela pasta de documentos importantes?</p>
<p><u>Professora 1:</u> É, isso.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Ué, procurei aqui, mas eu não consegui achar.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Eu vou mandar no grupo.</p>

Professora 1: Tá, é...não, mas assim se acontecer isso de vocês irem lá no moodle, e clicar, e aparecer indisponível, vocês tem que me avisar disso né gente, porque isso é sério. Significa que o moodle tá engolindo alguma coisa lá, né? Aluno 8 mais alguma dúvida?

Aluno 8: Eu. Sim. É, como eu vou fazer em duas escolas, como que eu posso fazer essa divisão no relatório?

Professora 1: Hã...Você faz um conjunto de fichas de um, vamos supor vai, 1 até 20 numa escola, depois 1 até 20 na outra escola. To chutando 20/20, tá?

Aluno 8: Não, sim, não, tranquilo.

Professora 1: E no, no relatório não, quando você começar a fazer a parte da descrição você diz: *esse, esse estágio foi realizado em duas escolas, a primeira assim, assim, assim, a segunda.* Né?

Aluno 8: Tá, beleza.

Professora 1: Com termos um pouco mais técnicos...

Aluno 8: Não, claro.

Professora 1: Mas contar o que aconteceu. Tá?

Aluno 8: Tá bom. Tá. É, acho que a última dúvida agora é...aqui tava pedindo no relatório, por exemplo, descrição da escola, número de salas, só por desengargo de consciência eu não vou precisar colocar isso né?

Professora 1: Não, porque...na realidade isso fazia sentido quando vocês tinham acesso físico, que vocês tinham esse movimento. Porque quando a gente fala de didática né, eu não sei se vocês fizeram curso de didática ou não.

Aluno 8: Ai, sim, a professora era muito boa. Mesmo sendo EAD.

Professora 1: A An...a Ana?

Aluno 8: A professora Aline, Aline.

Professora 1: Ah tá eu não conheço. Quando, a gente fala de didática, a gente fala de tudo, a gente fala das relações até culturais, dessa coisa mais social e política, mais ampla. Quando vocês iam à escola, vocês tinham esse contato. Então, fazia sentido sim saber a quantidade...essas relações. Agora, se você coloca a quantidade, você não tá lá pra ver quais relações são essas...então, vamos fazer segundo a nossa realidade.

Aluno 8: É, faz sentido.

Professora 1: Tá?

Aluno 8: Ok.

Professora 1: O que importa pra nós agora, são nessas questões online. Por exemplo, quer ver uma coisa que eu, a Professora 2 e o Coordenador estávamos conversando, tem professor de vocês da biologia que reclama infinitamente de que vocês não aparecem, de alguns alunos não aparecem. Tá? É, eu, eu não to dizendo nem que é bom, nem que é ruim. Eu só vou perguntar pra vocês e depois a gente vai conversando sobre isso, porque faz parte da nossa sala de hoje tá? É...você aparecer aqui, na camerazinha, garante a sua participação, a sua interação?

Aluno (A): Não.

Professora 1: Não, não. E tem professor que acha que se você aparecer aqui, ele tá sob controle de vocês. Mentira. Tá certo, tudo bem, é estranho vocês não estarem, mas por outro lado não garante, então vamos conversar sobre isso hoje tá? Aluno 7.

Aluno 7: É, então, eu não tenho nenhuma dúvida por enquanto, o que eu tinha se já tirou com os outros alunos. É, eu só queria, é eu só queria pedir pra você falar com o professor Aluno 7, que eu entrei em contato com ele, e eu até to esperando, e ele falou que ia falar com você.

Professora 1: Ahh. Então eu fui...ontem eu não consegui, Aluno 7. Tá bom? Hoje, a gente já combinou que depois dessa aula a gente vai ver se consegue conversar. Tá bom?

Aluno 7: Tá bom, é que eu to esperando ainda, faz um tempinho já.

Professora 1: Tá. Ele é super empolgado tá? Assim, ele faz um monte de coisa, ele trabalha, ele faz os grupos, é bem legal. Ele é dessa Universidade, ele fez biologia.

Aluno 7: É...quando eu conversei pelo WhatsApp me pareceu gente boa.

Professora 1: É, super empolgado assim. Gosta de dar aula, inventa um monte de coisa. Fala Aluno 8.

Aluno 8: É, não pro, é que eu acabei de ler aqui, aí por exemplo, aquele caderno de campo eu vou fazer pra me ajudar no relatório, mas se vai querer que entregue ele ou não?

Professora 1: O caderno de campo são as fichas.

Aluno 8: Ah ok, menos mal.

Professora 1: Uma ficha, outra ficha, outra ficha, todas as fichas constituem o que a Professora 2 chamava de caderno de campo, foi isso que eu...que eu quis dizer.

Aluno 8: Tá. Tá bom. É isso então, agora terminei.

Professora 1: Tá? Hã...

Aluna 5: Mas, eu ainda tenho uma dúvida Professora 1...

Professora 1: Só um minutinho, só um segundo. Só deixo eu responder pra minha chefe, pronto. Diga.

Aluna 5: É na verdade, eu não entendi essa questão do caderno de campo, tem um caderno...

Professora 1: Não, a Professora 2, é...a Professora 2 pedia pra vocês um caderno mesmo, um caderno de campo, antes da, da pandemia, não sei agora como ela tá pedindo. Eu peço pra vocês e continuo pedindo as fichas, você vai colocar, ficha um e vai descrever tudo lá que, que estiver acontecendo. Se você juntar ficha um, dois, três, quatro, esse conjunto de fichas, eu estou chamando de caderno de campo.

Aluna 5: Ah tá.

Professora 1: Caderno de campo de vocês são as fichas preenchidas. Tá? Ok?

<p><u>Aluna 5:</u> Humhum.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Então, não é assim: <i>vou preencher as fichas e depois eu tenho que fazer um caderno de campo</i>, não, é a mesma coisa. Porque o caderno de....</p>
<p><u>Aluna 1:</u> Mas, no fim a gente tem que ter, a gente tem que ter 40 fichas, então no total?</p>
<p><u>Professora 1:</u> Isso, isso.</p>
<p><u>Aluna 1:</u> Então, tá.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá? Que é onde, é, é, é um lugar, onde vocês vão retirar as informações, lá vocês escrevem do jeito que vocês quiserem né. Professor entrou na sala, fez isso, blablabla, vocês escrevem. Hã...depois vocês vão retirar esses dados e vão juntá-los pra poder analisar no, no relatório. Tá? Um pouco depois a gente fala sobre isso. Por quê? Porque não se preocupem, podem anotar tudo o que vocês quiserem nessa ficha. Tá? Meio que informal, hã... por, por desenho, representação, do jeito que vocês quiserem, pode ir tá. Então, por exemplo, professor com...pode anotar um diálogo, pode tirar foto do, da lousa, não sei. O que vocês acharem melhor tá.</p>
<p><u>Aluna 1:</u> O pro, mas você falou preencher a ficha, tem uma ficha que eu tenho que preencher ou eu abro um word e escrevo eu mesma?</p>
<p><u>Professora 1:</u> É que tem um cabeçalho que eu fiz pra vocês né?</p>
<p><u>Aluna 1:</u> Ah eu não vi.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tem um modelo. Tem um modelo, por isso que eu to falando tanto da ficha.</p>
<p><u>Aluna 1:</u> Tá. Tá bom.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá?</p>
<p><u>Aluna 1:</u> Brigada.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ok. Hã...Alguém tem mais alguma dúvida ou podemos começar? Bom, também se tivesse...</p>

<p><u>Aluno 8:</u> Ai pro, lembrei de uma.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Se tiver dúvida depois, a gente...</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Desculpa.</p>
<p><u>Professora 1:</u> A gente pode....porque assim...</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Surgiu uma dúvida agora.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Hã?</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Desculpa.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Diga.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Que...,tava vendo aqui, supondo que a escola não peça o TCE, então não teria nenhum documento que a escola precisaria assinar, nada?</p>
<p><u>Professora 1:</u> Hã? Na verdade, não. Na verdade, o que vai comprovar que você fez o relatório...</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Seria o caderno de campo? Comprovaria que eu estive...</p>
<p><u>Professora 1:</u> É o, o relatório né. O relatório.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Ok.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Pro, é...por exemplo, uma das escolas exigiu o TCE, então eu vou mandar. A outra não exigiu, mas eu não acho que ela seja cadastrada. Ela tem que preencher aquele negócio do cadastro também ou não?</p>
<p><u>Professora 1:</u> É. Aí sim.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Tem que preencher, aquele lá tem?</p>
<p><u>Professora 1:</u> Aí sim. Se ela não é cadastrada, isso é importante. Porque senão, ela...depois a escola pode falar assim: <i>ah não, eu não, eu não quis nada, eu não falei nada, nem cadastrada eu sou.</i></p>
<p><u>Aluno 8:</u> Tá, então eu vou ver. Tá.</p>

Professora 1: Tá. Ai meu Deus, a minha chefe me perguntou: *você lembra a data que a gente marcou uma reunião lá em Oklahoma?* Eu falei: *sim confirmo.* Ela falou: *não, eu to perguntando qual é a data.* To ficando louca gente. Ai, ai...Bom, vamo lá. Quando a gente coloca a mão na massa, começa a fazer o estágio, a escrever mais, aí surge muitas dúvidas. Né? Aí tudo bem de perguntar. Isso faz parte do processo tá? É...tá legal, é, vamo fazer uma rodada. Hã...tadinha da Aluna 4:, ela falou: que se a internet dela cair, e seu chamá-la, é porque...e ela não responder, é isso. Bom, tá certo. Vamo fazer uma rodada, assim do que vocês acharam do, do texto. Achismo, gostei, não gostei, porque que gostei. Eu não to falando do conteúdo ainda, to falando dessas impressões, assim, eu vou lendo e o que causa em mim esta leitura tá? É, já conhecia, não conhecia, não gostei, me provocou, não me provocou. Toda vez que você pensar gostei ou não gostei. Pergunte-se por quê? Por quê? Tá? Então, vamos começar por favor? Aí, depois eu tenho uma proposta, pra discutir o cognitivo mesmo. Tá? Quem se habilita?

Aluna 1: Posso começar. É... em alguma aula de EAD, agora não lembro qual era da licenciatura. A gente tinha visto um pouco essas propostas assim, de ensino e tals. E...então, pra mim o texto tipo, meio reforçou umas coisas que eu já sabia, mas trouxe também outras que eu não lembrava. Acho que eu tinha, enfim eu sabia bem por cima assim, e aí foi bom que deu uma reforçada. E eu gostei da forma que o texto ocorre, tipo dessas separações bem certinhas assim de todos os pontos. É...hum...não sei, eu gostei, porque pra mim esclareceu coisas e eu achei um texto fácil, sabe. Não era...porque a gente nesse EAD, eu lembro que a gente leu um texto gigante sobre o tradicional. Um texto gigante sobre...Então esse texto foi mais direto, nos pontos importantes. Eu particularmente, gosto disso. Então, eu...

Professora 1: Tá. Organizou?

Aluna 1: Humhum, sim.

Professora 1: Tá. Quem mais?

Aluno 6: Eu gostei, eu gostei muito dele, foi parecido com que a Aluna 1 disse que...eu pessoalmente tenho muita dificuldade em relacionar o contrapor, por exemplo ideias diferentes.



Professora 1: Tá.

Aluno 6: É, como esse texto juntou tudo, tipo, dá pra subir ver uma ideia, descer vê outra, uma coisa mais resumida, não é aquele negócio que muito cheio de informação, essas coisas.

Professora 1: Aham.

Aluno 6: Achei que ajudou muito a entender todas as ideias.

Professora 1: Tá. Ok. Tem umas pegadinhas tá, hã...Tem umas pegadinhas no texto que eu gostaria de, de depois comentar, mas tudo bem, ok. Essa ideia do Aluno 6 de **poder ir e vir no texto pra poder comparar**, é legal, é boa. Quem mais gostaria de falar algo diferente?

Aluna 3: Eu, eu gostei, é...porque tipo ao longo que eu ia lendo, eu ia pensando: *ah, concordo com isso, não concordo com isso, tipo, faria essa, desse jeito, não faria desse jeito.* E também, é...eu ia conseguindo identificar, tipo: *ah então, aquela vez foi essa abordagem, ah então...* Tipo conseguia identificar, por exemplo, é, eu há muitos anos, é...sou educadora no movimento juvenil né, só que é educação não formal lá. Então tipo...

Professora 1: Aham.

Aluna 3: Eu acho que nunca ninguém chegou e fez tipo uma base teórica, pedagógica sobre o que a gente fazia lá, tipo a gente sabia que o que a gente fazia era baseado em Paulo Freire, em Piaget, em Vygotsky, em certas coisas, porque quem fundou o movimento é, falava isso que tava escrito. Só que eu não sabia exatamente o que a gente fazia lá, e aí quando eu fui lendo, eu conseguia identificar: *nossa, é isso que a gente faz lá*, tipo que era, que era a abordagem, era a abordagem sociocultural que tinha uma educação horizontal e que tava falando que um educador sempre precisa ser um educando e vice-versa. E no movimento é exatamente isso, quando você vira educador, você não deixa de ser educando, você fica isso a vida inteira e aí tipo eu percebi que era isso que a gente fazia. E eu nunca tinha dado um nome assim, alguma teoria, uma base teórica pra que eu fazia lá, eu só fazia. E aí agora, eu consegui estabelecer isso, essas relações assim.

Professora 1: Aluna 3, legal sua fala, você me faz pensar numa pergunta que a gente vai precisar tocar um dia aqui, é: qual a relação entre teoria e prática? Mas, eu, eu vou deixar essa questão é, em suspenso pra gente pensar, porque a gente vai voltar à ela. O que eu queria sugerir gente, mas assim, eu já, já vou avisando que eu não sou boa em tecnologia e que é uma experimentação. Eu tentei montar um, uma atividade num, numa plataforma chamada Miro. M-I-R-O. Tem aqui o link, quando vocês clicarem no link, eles vão pedir pra vocês se inscreverem. Se vocês tiverem Gmail é mais fácil, vocês colocam o Gmail de vocês é, cria uma senha e já entram. Vamos tentar? Se der certo, a gente brinca com essa atividade hoje, se não der a gente volta e acha outra solução. Tá? Eu queria tentar, pra ver se eu consigo. Eu, eu já fiz algo lá nesse link. Então vamos ver se vocês conseguem acessar o que eu fiz. Vamo lá.

Aluna 2: Pro, posso falar uma coisa sobre o texto?

Professora 1: Claro.

Aluna 2: É...eu já tinha lido ele antes né, por conta do, do semestre passado. Mas, quando eu li de novo agora, é...eu não entendi porque que ele separa tipo é...em tópicos assim, é, professor-aluno, a relação professor-aluno, ensino-aprendizagem, porque tipo eu lendo, eu escrevo por tópicos né, eu faço resumo do texto por tópicos. E eu lendo, eu falava: *por quê que isso tá em professor-aluno e não tá em ensino-aprendizagem também? e por quê não tá em ensino-aprendizagem?* Entendeu? Porque tipo, pra mim é tudo a mesma coisa, tudo uma coisa só, que eu não entendi essa, essa separação.

Professora 1: Tá. Eu vou, vou comentar. Ó, a Aluna 3 já entrou, o Aluno 6 já entrou, o Aluno 8 já entrou. A minha sugestão é que vocês peguem os postites e escrevam embaixo de cada uma das abordagens. Estão vendo a abordagem que eu coloquei? Ah, o Aluno 9 também conseguiu entrar. A abordagem tradicional, comportamentalista, humanista, eu gostaria que vocês escrevessem pra, pra tradicional, o que mais chamou a atenção de vocês no processo de ensino e aprendizagem e na relação professor-aluno. E aí enquanto vocês fazem isso é...Eu to tentando...a Aluna 4, tadinha, caiu. Sim, estamos no zoom. Tadinha da Aluna 4, deixa eu ver. Sim.

Aluno 8: O pro, mas você quer que a gente escreve tipo: Aluno 8: aí, a minha opinião. É isso?

Professora 1: Eu acho que nem precisa você escrever Aluno 8 né, porque fica a setinha.

Aluno 8: Tá. É que eu também não sei mexer muito com essas coisas.

Professora 1: Eu acho que tem que editar. Ah, o Aluno 6 pegou um postite, tá vendo? E agora ele põe editar e escreve o que ele quiser na abordagem tradicional. O que ele quiser da relação professor-aluno e do, do...Eu consegui fazer assim, eu arrastava o, o postite e editava pra poder escrever, né. Aluno 6. Você pode nos ajudar Aluno 6? Como é que você tá fazendo querido?

Aluno 6: Alô?

Professora 1: Oi.

Aluno 6: Tá conseguindo ouvir?

Professora 1: Sim.

Aluno 6: É...basicamente eu cliquei duas vezes no postite, aí aparece a opção de escrever, que parece que inicialmente não tem opção de você editar.

Professora 1: Tá.

Aluno 6: Aí depois que aparecer a opção de escrever, eu clico fora do postite, aí eu já consigo arrastar ele.

Professora 1: Tá. Certo. Você que escreveu: *aprendizagem ou um fim em si mesmo*?

Aluno 6: Isso.

Professora 1: Ah tá. Acho que tem que colocar o nome sim. É, mas quando você passa o cursor em cima, aparece o seu nome né. Então acho que não precisa. Tá. Porque quando passa o cursor, aparece o nome da pessoa. Ou não? Não. Não, porque a Aluna 1 passou em cima, e apareceu. Quem não está conseguindo? Pede ajuda pro...acabou o postite roxinho, mas...

<p><u>Aluno 9:</u> Eu consegui fazer mais, pro.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ah tá, mas pode usar também qualquer outra cor né? Qualquer outra cor, não tem problema.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Eu coloquei mais uns roxos aqui do lado já, que é só clicar duas vezes em cima e já tá no lugar pra escrever, não precisa nem arrastar.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá bom, ok. Certo.</p>
<p><u>Aluna 2:</u> O meu não aparece a opção de escrever.</p>
<p><u>Professora 1:</u> O Aluno 6 falou que se clicar duas vezes em cima do postite, eu consegui escrever clicando com o lado direito e colocando editar. Eu consegui assim, não sei se pra vocês...</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Eu tentei e funcionou também.</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Não, o meu não tá indo.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Quem, a Aluna 3? Ó lá, a Aluna 3 conseguiu.</p>
<p><u>Aluna 2:</u> O meu nem aparece nada, tipo...</p>
<p><u>Professora 1:</u> Aluna 2, não aparece nada? Você nem conseguiu entrar Aluna 2?</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Nada.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Hã?</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Não, eu consigo entrar, eu to aqui, tipo eu clico duas vezes no, no postite, mas eu não...</p>
<p><u>Professora 1:</u> Eu não to vendo você.</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Não aparece a opção de editar.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Ela também não tá aparecendo na lista de...pessoas.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Eu não to vendo você Aluna 2, eu to vendo o Aluno 7, a Aluna 3, o Aluno 6, o Aluno 8...</p>

<p><u>Aluno 8:</u> Pra mim ela tá. Eu vejo a Aluna 2.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Mas você, eu não vejo Aluna 2 também.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Eu vejo, ela tá na lista pra mim.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ah, tá aqui ó, Aluna 3:. Tá, mesmo. Aluna 2, vai em cima do postite e clica duas vezes, e arrasta. Você já fez isso? Aí, não...</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Já, eu to fazendo isso...</p>
<p><u>Professora 1:</u> E não aparece né?</p>
<p><u>Aluna 2:</u> e não aparece a opção de escrever.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Será que cada um tem que ter uma cor? Não né? Não, porque o, o Aluno 6 e o Aluno 8 tão usando a mesma cor. Estranho. Que que será... o que que será? É pior...então, eu falei pra vocês eu não sei usar todos os recursos. Ó, acho que a Aluna 3 conseguiu escrever né? Esse ensino centrado na pessoa, foi a Aluna 3? Hum, Aluna 2, queria te ajudar. Quem mais não conseguiu ainda entrar? Como é que você tá Aluna 2? O que que você tá tentando fazer?</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Eu to tentando editar ainda, mas não...não ta aparecendo.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Se você clicar com o mouse no lado direito, e colocar edite, não dá?</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Não, não escreve.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ó, aqui tem um comentário. Ah a Aluna 5: colocou em comentário ó, tenta em comentário. Ué, sumiu o da Aluna 5:?</p>
<p><u>Aluna 3:</u> Tem que apertar duas vezes no, no postite assim, clica, clica, aí ele vai.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ó, a Aluna 5: colocou, ai eu não sei...ah, eu não, <i>com a relação professor-aluno no ensino tradicional, não há menor possibilidade do aluno aprender nesse ensino, processo de ensino ocorre pela memorização no qual o aluno não aprende.</i> É a Aluna 5: fez no, por, por é...comentário. Tudo bem. Ela colocou um comentário em cima do ensino tradicional. Quer tentar Aluna 2?</p>
<p><u>Aluna 2:</u> Vou tentar, pera aí, eu acho que eu vou conseguir responder o da Aluna 5:.</p>

<p><u>Aluno 6:</u> Pro, será que teria como aumentar o tamanho dessa região, onde aparentemente dá pra colocar os postites? Tipo...</p>
<p><u>Professora 1:</u> Vo ver.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Colocar mais pra baixo?</p>
<p><u>Professora 1:</u> Não, assim eu to aumentando...perai. Comentários</p>
<p><u>Aluna 3:</u> Eu consegui.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> A Aluna 3 conseguiu.</p>
<p><u>Professora 1:</u> A Aluna 3 conseguiu?</p>
<p><u>Aluna 3:</u> Um maiszinho em baixo e do lado, é só apertar.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Qual maiszinho embaixo?</p>
<p><u>Aluna 3:</u> Um círculo, escrito mais. Tá vendo a minha setinha?</p>
<p><u>Professora 1:</u> Aham, to.</p>
<p><u>Aluna 3:</u> Então, você não tá vendo um mais?</p>
<p><u>Professora 1:</u> Não</p>
<p><u>Aluna 3:</u> Onde eu to.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Não.</p>
<p><u>Aluna 3:</u> Ah, que estranho.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ah, perai. Perai. Ah tá. Assim ficou pequeno né? Assim a gente ganha espaço, mas ficou pequeno.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Só pra avisar, tentem não usar o control z, que é a opção de desfazer.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ele desfaz de todo mundo.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Exatamente.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá. É, aprendendo, vamo lá.</p>

Aluna 3: Ah, gostei. É muito útil esse...esse site.

Professora 1: É então. Chama Miro. É só vocês entrarem lá. Eu não sei explorar tanto, mas eu queria mostrar pra vocês, pra gente até aprender né. Tá. Podemos começar a discutir? Ou vocês querem mais um tempinho?

Aluno 8: Mais dois minutinhos pro.

Professora 1: Tá. Que, depois eu vou salvar isso daqui. Eu vou salvar e mandar o link pra vocês. Vocês podem entrar pra olhar tá. Aliás, o link eu acho que é o mesmo, mas em todo caso eu vou salvar de novo. **Ó deixo eu ver, alguém respondeu aqui, a**

**Aluna 2. Na abordagem tradicional, apesar de identificar boa parte dos professores que já tive contato e me incluo nisso, não seria a abordagem que escolheria para lecionar. Não consigo concordar com a relação professor-aluno voltado para o docente, isso me incomoda bastante, não somos, não somos os únicos detentores de conhecimento. Tá, ok. Abordagem comportamentalista. Comportamento, moldar. Tá.**

Legal, tá ficando bem legal esse quadro. Ótimo. De alguma forma, as pessoas se viraram aí pra, pra conseguir...pra conseguir escrever né, ou no comentário, ou no postite, ou respondendo comentário. Bom dia, Cássio. Brigada, magina. Então, olha só, os professores dos estágios de vocês, é...vocês poderiam estudar um pouquinho mais essa ferramenta e até propor pra eles. Agora, tem uma outra coisa que eu queria falar pra vocês da ferramenta propriamente dita. Quando você entra no Miro, não é só essa possibilidade de postite que você pode fazer. Tem mapa mental, tem é...vários outras possibilidades, tem várias. Você clica, escolhe o modo como você quer trabalhar. Não é só esse de postite. Esse de postite eu escolhi tá, porque eu achei que ficaria assim olha, a cara dele ficaria interessante as definições, mas ele não é o único não. Não é assim, Miro é postite, tá? Miro é uma ferramenta com várias possibilidades. Então, se você colocar Miro no Google e entrar, e fizer o seu cadastro, na verdade você já fez né pra entrar aqui. Vocês vão verificar que...que vocês podem fazer vários tipos de atividade e diferentes. Não só com postite, com o mapa mental, com brame store, com várias coisas. Então, sugiram aos professores do estágio. Né? Dá uma estudada antes e arrisquem. Né? Vamo lá, confesso...tá. Ok. Gente, eu to só preocupada com o tempo pra gente discutir. A gente...atrapalha se a gente começar a discussão?

<p><u>Aluna 2:</u> Eu acho que não pro.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Será? Porque vocês vão ficar ocupados ali, né?</p>
<p><u>Aluna 4:</u> Aí consegui. Ai meu Deus, perdão, pro.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tadinha Aluna 4.</p>
<p><u>Aluna 4:</u> Perdão. Perdão, tava desesperada aqui tentando acessar. Perdão.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Magina, Aluna 4. Tudo bem. A gente tá preenchendo o Miro. Você pegou essa parte que a gente tava é...entrando numa ferramenta?</p>
<p><u>Aluna 4:</u> Não pro. Eu não, não peguei.</p>
<p><u>Professora 1:</u> No chat, eu vou mandar de novo aqui, porque eu acho que você quando sai, você já não tem mais acesso.</p>
<p><u>Aluna 4:</u> Não, não tem.</p>
<p><u>Professora 1:</u> No chat, ó esse link. Entra lá, se você tem Gmail, coloca o seu Gmail, ele vai pedir uma senha e você vai ver que o pessoal tá brincando de colar postites.</p>
<p><u>Aluna 4:</u> Tá bom, pro.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá? Você vai ver tipo de um quadro com as abordagens, e eles estão colando o que que eles entenderam de cada abordagem. Vê se você consegue abrir.</p>
<p><u>Aluna 4:</u> Ah tá, tá bom pro.</p>
<p><u>Aluno 6:</u> Só lembrando, que parece que tem gente que não tá colocando o nome no postite. Aí...</p>
<p><u>Professora 1:</u> É, tá tudo bem. Verdade. É que assim, a ideia original Aluno 6, é que cada um de vocês tivesse uma cor. Como eu já peguei as cores lá em cima e já usei né. Isso dificultou. Mas então, cada um ficaria com uma corzinha, acho que dá até pra fazer mais cores aí se for o caso. Bom, mas era pra vocês verem que dá pra brincar com as ferramentas né. Gostaram da, dessa possibilidade?</p>
<p><u>Aluno 8:</u> É, bem legal pro.</p>



Professora 1: Tá. Depois, vocês podem explorar do jeito que vocês quiserem, pela cor, pelo modo, sei lá né. Não é a ferramenta que vai salvar hã...a aula. Né? Certo. Então, acho que a gente pode começar. Tá bom? Hã...então, vamo lá. É... Quem gostaria de representar, começar falando sobre a abordagem tradicional aqui, que escreveu e se sente, hã...a vontade de falar sobre processo de ensino-aprendizagem, relação professor-aluno? Pode ler o postite, e a gente comenta. Vamo lá.

Aluno 8: Eu posso ler o meu pro. É da tradicional.

Professora 1: Por favor. Então, vamo lá.

Aluno 8: Tá, perai deixo eu achar aqui. Eu escrevi assim, é...existe uma crença equivocada nessa abordagem, baseada na relação imediata entre a experiência e o conhecimento.

Professora 1: Tá. Mas gente, então por que que há 2000 anos ou um pouco menos do que isso, essa abordagem continua sendo a, a vigente?

Aluno 8: Eu acho que é a mais fácil...

Professora 1: Alguma coisa tá estranha nisso, não é? Porque assim...

Aluno 8: Eu acho que é a mais fácil...

Professora 1: Se ela é tão...se ela é tão ruim assim, será que ela nunca serviu?

Aluna 3: Não. Acho que ela deve ter servido pra atingir os objetivos de uma determinada época.

Professora 1: Tá.

Aluna 3: Tipo aquela época que...aquela época que a educação era voltada pra produção.

Professora 1: Tá.

Aluna 3: Então eles ensinavam de um jeito sistematizado pra os alunos aprenderem a como produzir mais, eu acho.

Professora 1: Quando...isso Aluna 3. Quando, por exemplo hoje, eu comecei a aula falando do estágio, explicando algumas coisas, isso foi uma exposição? Foi ou não? Foi.

Aluna 2: Eu acho que também.

Aluno 7: De uma certa forma sim.

Professora 1: Sim, sim. Então assim, vamo tomar cuidado. Expor algo por si só, não é um grande problema. O problema é o âmago desse, dessa abordagem tradicional, que entende que aluno é vazio, sem luz, sem nada, e o professor é o que sabe, e o termo que me incomoda: o professor transmite o conhecimento. Como se houvesse um fio né, em que essa transmissão ocorresse, mas muita gente aprendeu apesar do modo tradicional. A gente, nós não podemos dizer que ninguém aprendeu. Vocês e eu somos do, do, do, do exemplo disso. Então, a gente tem que tomar bastante cuidado. A gente pode discordar, concordar. Na época que não existia ainda, que a imprensa começou, que não existiam livros impressos, que o cara decorava o livro, ia fazer grandes palestras pra 500 pessoas, o modo tradicional funcionava. Então a Aluna 3 tem razão, depende do contexto social e histórico. Hoje em dia, com um cara que sabe falar bem, um bom orador. Você fica ouvindo o cara falar 1 hora, e você fica impressionado. Isso é o modo tradicional. Então vamo tomar cuidado com isso? Não vamos ser ingênuos tá. Bom...

Aluna 2: Pro, é...nessa abordagem, eu vejo até que tipo, contexto político pode também influenciar, porque por exemplo, eu acho que aqui é...a liberdade do aluno é vista como um problema. Assim, o aluno não tem liberdade pra, pra se expressar, enfim, pra se colocar né.

Professora 1: Humhum.

Aluna 2: Eu acho que por exemplo, numa época de ditadura militar por exemplo, o modo tradicional era, era a melhor forma assim de, de, de se ensinar né, porque, uma vez que só o professor tem a voz, ele vai expor as visões dele, e o aluno vai aceitar assim, particularmente né.

Professora 1: Eu concordo, concordo 100% com você Aluna 2, mas só que a gente não pode ser ingênuo sabe do que? De pensar que toda abordagem tradicional, que

só existe um tipo de abordagem tradicional tá? A gente não pode ser ingênuo. E outra coisa, que toda abordagem tradicional, a relação professor-aluno é ruim. Não é verdade. Tem relações professor-aluno no ensino tradicional, totalmente tradicional, que são boas. O cara memoriza, repete, tem todos esses contras, mas a relação professor-aluno não é ruim. Vocês não tem exemplos de professores que vocês gostam e que vocês têm boas relações, e o ensino é tradicional gente? Então vamo...tirar esse mito, por favor. Tão, tão bagunçados nisso? Ué, a Professora tá defendendo o ensino tradicional? Não, eu não to defendendo o ensino tradicional. O que eu to dizendo, é assim olha: *a gente só crítica, crítica, crítica, mas nós somos fruto desse ensino tradicional.* Eu não acho que a gente tenha que continuar com ele, mas nós estamos aqui apesar dele. Então assim, não existe só um jeito de ser tradicional, existem vários modos. E nós já tivemos professores que a gente gostou muito na vida, e eram tradicionais.

Aluna 1: Sim, e pro, quando você perguntou pra gente e pá, por que que a gente continua fazendo assim? Eu acho que tipo, vai muito além do ensino né. Tipo, a gente continua fazendo assim, porque o objetivo da escola, de grande parte das escolas, é de fazer passar no vestibular. Pra você passar no vestibular, você precisa decorar coisa e tirar boas notas. Então tipo, pra esse pensamento que é esse, pra quê que você tá aprendendo né? O ensino tradicional funciona, porque faz você decorar as coisas e passar no vestibular, e é isso que querem. Então também tipo, vai muito além né de só mudar o que a escola, tipo, é toda uma estrutura de pensamento que teria que ser mudada. E é isso, é muito difícil. Como que você vai virar e falar: *não, agora eu não vou mais te ensinar pra você passar no vestibular, vou te ensinar, porque eu quero que você saiba pra sua vida*, mas aí a criança vai ficar ué, mas e o vestibular, e a USP? Tipo, então, é...teria que mudar todo um contexto, não é só isso assim.

Professora 1: Eu to rindo, porque assim, eu vivi isso né, a vida inteira eu ouvi isso.

Aluna 1: Tá fora totalmente. Isso aí no Santa Cruz, é totalmente, ou vai ver que você tá aqui, pra você passar na USP.

Professora 1: Ah você estudou no Santa Cruz? Então, você teve prof...Tenho amigos que dão aula lá.

Aluna 1: Sim, eu amo muitos professores lá, mas era isso, era fala... com...

Professora 1: Não teve aula com a Luciana de português?

Aluna 1: Sim, eu tive aula de português.

Professora 1: É super minha amiga.

Aluna 1: Jura?

Professora 1: Felicíssima, de frequentar minha casa.

Aluna 1: É da primeira série lá.

Professora 1: Então, o, o, só que assim, isso que você falou não sei, se você percebeu, casa completamente com o que a Aluna 2 falou, porque isso vem de uma estrutura política. Agora eu, quando entrei na Universidade, há 22 anos atrás, gente eu apanhei por conta disso, porque trazer esta proposta significa ir contra algo já instaurado. Eu só comecei a ter um pouquinho mais de sossego, quando o Coordenador entrou, aí depois quando a Professora 2 entrou, aí eu consegui. O Coordenador faz questão sempre de dizer, que eu fui a que quebrou as primeiras barreiras, mas nossa, eu ouvia cada uma gente. É muito difícil isso. Tem que comer pelas bordas, porque se você bater de frente, não tem como né. Tá.

Aluna 3: E também fala que no ensino tradicional, eles são mais preocupados em transmitir uma quantidade certa de conteúdo do que em formar uma...um pensamento reflexivo no aluno. Tava falando isso no texto e aí eu fiquei pensando também tipo algumas vezes, isso pode ser meio que de propósito, talvez, tipo não sei.

Professora 1: É. Agora assim olha Aluna 3, desculpa. Essa, isso que você falou da quantidade, há 100 anos isso até poderia fazer sentido, porque a quantidade não era absurda. Hoje a quantidade de coisas que a gente tem, quando a pessoa fala, *sabe tudo*, tudo o que gente? Tudo é tão amplo, mais tão amplo que é, é um absurdo. Não, eu não tenho pretensão. É assim, é tão claro pra mim que isso que a gente tá fazendo aqui, dessa abordagem, de estudar essas abordagens, é tão superficial que se você quiser se aprofundar você vai ter que estudar muito mais sobre isso né. Então a gente não pode ser ingênuo, *ai eu entendo as abordagens*. Não meu querido, pra você entender essas abordagens você tem que estudar muito mais, tem que pegar cada obra daqui e estudar. Nós estamos vendo isso superficialmente. Então a gente, às

vezes se acha demais, só porque leu algumas coisinhas, mas estudo aprofundado é muito mais do que isso. Então eu prefiro. Algumas coisas um pouco mais aprofundadas do que a gente sair assim, há...vendo conteúdos, conteúdos que depois não vão significar absolutamente nada pro aluno. Né? Aí o Aluno 6 colocou aqui que, *nada é completamente negativo*. Mas a gente precisa ser bem crítico, eu concordo Aluno 6, mas a gente precisa ter clareza. E, muitas vezes na nossa educação, há muita ingenuidade na nossa criação. Então, eu me incluo nisso. Então a gente precisa dessa crítica, deste olhar crítico né? E na comportamentalista, quem se habilita a ler pelo menos um dos postites? A Aluna 4 conseguiu brincar, ó lá, ela tá lá circulando. Quem se habilita a falar da comportamentalista aí?

Aluna 1: É, eu posso.

Professora 1: Diga então, Aluna 1.

Aluna 1: É...eu coloquei que, não sei, o que me incomodou né foi o jeito que eles colocam. Os alunos é...ganham reforços positivos né, então você aprende pra ganhar uma nota. Você aprende pra ganhar um adesivo de estrelinha. Eu a minha vida inteira, era pequenininha né, tipo se você acertar tudo, você vai ganhar um adesivo de estrelinha, e eu ficava muito feliz com aquele adesivo de estrelinha. Então é isso, são reforços positivos pra você ir bem. E aí, o aluno vai bem por causa disso, não porque quer aprender ou porque acha a matéria interessante, mas é pelos reforços.

Aluno 8: Ganhava um carimbinho.

Professora 1: É, o, o Aluno 8...Aluno 8 colocou: *gente isso é o mundo dos pets, adestramento*. É, é Aluno 8, é o adestramento, é reforço positivo e negativo.

Aluno 8: É, tem uma nova...

Professora 1: Sabe ratinho? Ratinho que põe no labirinto? Vai lá, há...põe a patinha na alavanca, consegue alimento, toma choque. É adestramento, comportamentalismo, é skinner. É skinner. Né? Há...bom, só que aí eu tenho que fazer o papel do advogado do diabo. Nós seres humanos, somos comportamentais em quase tudo o que a gente faz? Somos?

Aluno 8: Acho que sim.

Aluna 2: O tempo inteiro.

Professora 1: Somos o tempo inteiro. Então assim olha, por que que você levanta de manhã? Porque você tem alguma motivação. Isso é comportamental né. É...receber um abraço, libera substâncias, é comportamental, é reforçado isso. O que a gente então está dizendo, é que você sai da sua casa você tem uma rotina. Essa rotina é comportamental. Então assim, não dá pra gente ser ingênuo de novo, e negar que o comportamentalismo é ruim, não quero, não vou. O que é ruim é o treinamento educacional. Treinamento de molde. Eu quero que se moldem ao meu jeito, isso é ruim. Agora olha, é muito difícil por exemplo, criar um filho, e você dizer pra ele assim: é...eu quero que você sempre me conte a verdade, aí ele vem e te conta uma bomba, é a verdade, e aí que atitude você toma? Se você reforçar negativamente, tá sendo contraditório com o que acabou de dizer. Então assim, o universo do comportamentalismo, ele é real, ele está presente. Mais ao mesmo tempo, é muito difícil lidar. Então, isso que nós estamos falando, pra saber comportamentalismo, meu filho que faz psicologia, estudou, sei lá quatro, cinco volumes de livro ali, pra conseguir entender melhor. Nós só estamos fazendo essa abordagem aqui, superficial né. Então, o que eu to dizendo em outras palavras, é que eu tenho a impressão, **que o comportamentalismo é muito parecido com o tradicional, só que trabalha muito mais com reforço positivo e negativo.** O que a gente tá dizendo aqui, não é que nós não somos comportamentalistas, acabamos sendo e funciona pra algumas coisas, né. Por exemplo, os seres humanos de modo geral não gostam de ser negados por outros seres humanos, a gente não gosta de saber que as pessoas não gostam da gente. Isso é comportamentalista. Mas a gente precisa de muita maturidade, muita maturidade pra saber separar, falar assim: *tá bom, fulano não gosta de mim, ok.* Né? Hã...mas vamo lá, vamo tentar separar as coisas. Na educação, eu não deveria chantagear o meu aluno. Na educação, quer dizer com a criação de filhos também não, mas a gente tá falando de educação aqui profissional né. Eu não deveria chantagear o meu aluno, nem por nota, nem por...*ai se você não fizer eu não vou gostar de você.* Vocês tem muito disso, vocês às vezes me escrevem, vocês que eu digo generalizando tá, fala assim: *ai, eu vou te decepcionar com tal coisa.* Gente, para. **Você não precisa ficar preocupado em me decepcionar. Mas você fica preocupado, por quê? Porque assim, no imaginário, quem gosta de mim não quer me decepcionar, mas tudo bem, mas nós somos seres humanos. Vocês foram cobrados tanto, tanto**

por tanto tempo, que já existe essa lógica né? Assim, o que que ela vai achar de mim, que eu não sou inteligente? Eu vou achar que você é um ser humano que tem defeitos, que tem qualidades, como eu também. Então é...eu to falando isso pra vocês se colocarem no lugar dos professores dos alunos para vocês pensarem no quanto a gente acaba cobrando. Eu tenho um exemplo, eu fiz especialização aqui na Universidade em 1991. Tá? É...especialização na área de educação. Tinha uma professora do Rio de Janeiro que trabalhava com etnografia, uma área muito interessante, você mergulha nos grupos pra conhecê-los né. E ela me convidou, falou assim: *you want to do with me, I don't know what it is...E aí quando eu entreguei meu primeiro trabalho, ela escreveu pra mim assim: ai, me decepcionei muito com você. Quase que eu escrevi pra ela: o problema é seu, eu, eu não falei nada, eu não disse que eu era genial nem especial, você que interpretou isso né.*

Então assim, a gente se decepciona ou não com as pessoas pelas expectativas que a gente cria, né, pelas expectativas. Então vamos tomar cuidado, porque...mas o que que isso tem a ver com o comportamentalismo? Tem, porque você reforça positivamente ou negativamente quando você diz é...*não faça isso, porque...não, os pais, não faça isso, porque se não o papai ou a mamãe não vai gostar de você.* Para. Eu vou gostar do meu filho em qualquer situação, eu posso não gostar do que ele faz, mas isso não é condição. Né? Como na, na educação, eu posso não concordar com aquilo que você pensa, mas isso não tem que ser barreira pra eu moldar o seu comportamento, por exemplo. Quem sou eu? Isso é difícil em, isso é difícil, muito. Isso precisa de tempo, de maturidade, de experiência, e eu não to dizendo que eu consigo fazer isso tá gente. Longe de mim, porque do jeito que eu falo, parece que eu consigo fazer sempre, não, não. Tá? Mas o comportamentalismo às vezes nos ajuda em alguns né, a Aluna 2 é mestre de criar expectativas, é mas eu acho que é humano Aluna 2. Quem que não cria expectativas né? E quem que já não se frustrou? Eu lembro de quando eu era bem jovem né, é de sei lá de ter alguma coisa, de esperar alguma coisa, eu fantasiava tanto, esperava tanto, quando eu chegava na hora do vamo ver eu sempre ficava frustrada. Por quê? Porque a criação de expectativas era tão grande, era um universo tão cheio de né...Então assim, isso eu acho que faz parte sim de, de nós seres humanos né. Então, interessante. Agora, quando a gente fala que a gente quer moldar o nosso aluno, nós estamos sendo comportamentalistas. Mesmo que você não queira, você tá querendo colocá-lo no molde. Né? E aí eu acho isso problemático, se você não acha vamos pensar tá. Abordagem humanista. Quem

vai representar a humanista aqui de...? Nossa, escreveram bastante da humanista. Acho que a Aluna 4 tadinha, caiu de novo. Né? Porque eu não tô vendo nem ela nem aqui, nem aqui. Ô coitada, ela fica tão aflita. Vamo lá. Quem representa? Essa abordagem é difícil gente, difícil de entender. Sabe por quê? Porque humanista, parece tão humano, mas tem umas pegadinhas mesmo.

Aluna 3: É, o que eu entendi, era que eu...era um ensino centrado na pessoa e que era o papel do professor dirigir cada pessoa pra sua própria experiência, ao invés de tipo falar, dirigir a pessoa pra um caminho determinado, ele dirigia ela a...tipo escolher o próprio caminho. Foi isso que eu entendi.

Professora 1: Tá.

Aluna 3: E, também que...é, cada professor é diferente. Então tipo, cada professor tem um repertório diferente, cada aluno tem um repertório diferente e que eles têm que considerar na hora de, de ensinar. Eles tem que considerar o caráter individual de cada professor e de cada aluno, que sempre vai ser meio diferente assim.

Professora 1: Isso Aluna 3. Tudo isso que você falou é superpositivo. Então é assim, somos todos diferentes, o diálogo é importante, as assembleias pra conversarmos sobre os assuntos democraticamente é importante é...eu não ensino o aluno, eu provoço e quem aprende é o aluno. O aluno tem que buscar as respostas, precisa tá interessado nisso. O Aluno 8 colocou que o afetivo né, também entendo que o professor não influencia diretamente no campo cognitivo e afetivo do aluno. Quer dizer, isso já concordo mais...ele fala assim: mas eu concordo mais ou menos, porque eu acho que se o professor é...faz bons questionamentos, se dialoga, porque nessa proposta, você deixa o aluno lá e ele que vem buscar né.

Aluno 8: É, isso que eu achei mais, é...complicado, que eu fiquei meio assim. Eu não sei se conseguiria fazer e também não acho que seja na minha, no meu ponto de vista né, também não acho que seja o ideal, se você colocar o aluno e falar: *boa sorte* e...tipo entendeu?

Professora 1: É. Agora o grande problema dessa abordagem que estraga tudo isso que a gente falou de positivo, é o que a Aluna 2 escreveu. Inatismo. O aluno já é inato, o aluno já tem alguma coisa dentro dele. Então, não adianta eu fazer nada por ele, porque se ele tem aquilo ok, se ele não tem coitadinho, ele não vai conseguir. Então



é uma abordagem preconceituosa na verdade. Na realidade, no fundo, no fundo, a abordagem humanista que parece ser tão bonita, ela é preconceituosa, porque ela acredita num dom já dado. Né? E eu só desenvolvo algo que eu já tenho. Isso é um...então assim, coitado...é a escola que representa a abordagem humanista é a de Summerhill. Não sei se vocês já ouviram falar, mas vale a pena vocês pesquisarem algumas coisas, Summerhill é...o diretor primeiro dessa escola. Eu tenho o livro do Neill, sobre a Summerhill, ele escreve sobre a Summerhill. Eu comecei a ficar revoltada quando eu li o livro. Por quê? É, ah...chama: A escola sem medo. A escola...Primeiro, ele cobrava uma fortuna de mensalidade, uma fortuna. Então, só estudava gente riquíssima. Era um internato, os pais abandonavam os filhos lá, porque o Neill não deixava os pais...ele declara que quem atrapalhava o processo eram os pais que queriam contato com os filhos. Gente, você tem seu filho e você não tem contato. Pra não dizer que não tinha outras pessoas, eles davam umas bolsas, ele dizia que essas pessoas que tinham bolsas não tinham o mesmo dom que essas pessoas que, que pagavam. E ele deixava as pessoas fazerem o que elas queriam. Então, o cara quebrava a janela, fazia uma assembleia. E aí de novo ele quebrava a janela, e ele fazia isso porque...coitadinho? Ele tinha essa, esse perfil né. Então ele dizia assim: uma pessoa que sai daqui e tem é...já, o perfil de ser médico, vai ser médico. Agora aquele que não tem esse perfil, vai ser mecânico. Então assim, a primeira vista, a leitura disso quando a gente não se aprofunda e a gente fala de assembleia, de projeto de diálogo, de conversa, é lindo. E tudo isso eu valorizo, eu acho que a gente precisa continuar é, é pegando isso que é bom e continuar utilizando. Mas tem que tomar cuidado com essa ideia há...equivocada de que a pessoa não é capaz né? Há... Eu vou contar uma historinha pra vocês, venho um aluno pra mim aqui na faculdade, e me disse que queria trabalhar com uma parte de ecologia. E quem deveria orientar esse aluno no ensino de ecologia ou de na licenciatura, pelo que ele me falou seria o Coordenador tá. E, só que esse aluno ele era desacreditado por todos os professores, todos os professores achavam que ele era incapaz. Assim era declarado, eu falava de fulano de tal, eu falei pra ele vem aqui menino, eu vou pegar você pra orientar e eu vou te mostrar quanto que você é capaz. Né? E fui trabalhando, não o TCC dele, não com a questão da...claro conteúdo tudo mais, mas com a autoestima dele, mostrando pra ele o quanto que ele era capaz. Quando eu contei pras pessoas, o resultado do trabalho quando a gente fez a banca, e as pessoas viram quem que ele realmente era, as pessoas não acreditavam. O que eu to dizendo

aqui, é que não é inato gente. A gente faz um estereótipo do fulano de tal que é assim, assim, assado. A gente acredita nos estereótipos. E de verdade, muitos professores não dão chance pros alunos. Sabe aquela história assim: *agora eu vou te dar uma chance*. No fundo, no fundo, ele não deu chance nenhuma. Ele só tá tentando provar aquilo que ele já disse antes. Eu já fiz isso na vida, é feio, mas eu já fiz isso na vida. Por imaturidade, por sei lá o que, né. No ensino fundamental e no médio, muitas vezes o, aquele aluno encapetado total, você dizia: *vou te dar uma nova chance*. No fundo, no fundo, quando eu fui analisar, não tinha dado uma nova chance não. Né? Então essa...Eu era o aluno no fundamental dois. Aí ó, as confissões.

Aluno 8: É sério pro, o meu professor de matemática desistiu de mim. Tipo, ele falava assim: *ah, você quer ter aula de matemática, você gosta?* Eu falava: *ah, pro eu não gosto*. Porque realmente eu não gosto de matemática. Ele me tirou de sala 40 vezes, porque as 40 vezes que ele perguntou de novo, eu falei que não gostava. Eu fiquei tipo, sem 40 aulas de matemática no ensino fundamental dois, no sétimo ano.

Aluna 3: E eu então? Eu, eu tinha muita dificuldade em física, até que uma vez a professora falou pra que ir beber água, porque tava faltando oxigênio no meu cérebro, porque eu não tava entendendo.

Aluno 8: Nossa já ouvi também essa. Essa é clássica.

Professora 1: Não, eu não vou dizer que eu fui Santa. Eu acho que eu já errei também muito. Mas hoje em dia eu vejo, o quanto que a gente diz algumas coisas e não pratica. Por isso que eu falei da teoria e da prática. Né? E foram caindo algumas fichas minhas, dizendo: *não, você tá dando mesmo chance pra aquele aluno de, de, de se rever? se você tá dando chance mesmo, não é assim que tem que proceder, eu acho que a gente precisa de uma análise verdadeira assim, de uma autorreflexão, né real*. Bom, cognitivista. Quem representa cognitivista?

Aluna 2: Pro, uma pergunta.

Professora 1: Diga, Aluna 2.

Aluna 2: O Vygotsky é humanista?

Professora 1: Não. Vygotsky é sociocultural.

Aluna 2: Ah, tá.

Professora 1: O humanista é Roger...Roger e o Nill, basicamente. Ah, só por curiosidade, Summerhill ainda existe, não exatamente nos mesmos moldes, parece que tem uma diretora brasileira. Porque o Coordenador quando foi pra Inglaterra, foi visitar. Então quem tiver oportunidade, um dia, quem sabe na vida, eu tenho muita curiosidade de lá saber como é que anda. Porque de novo, como o Aluno 6 disse lá bem atrás né, na nossa fala aqui, nada é assim do bem e do mal, nada, nada, nada e ninguém. Então, eu acho que algumas coisas da, da, da abordagem humanista são bem interessantes. Você pensar em assembleias, de comprometer aluno e professor numa mesma tarefa, é muito legal. Quando o aluno se compromete junto com o professor nas, nas atividades, a responsabilidade muda. É super diferente né? Hã...Eu tenho aluno tão traumatizado do ensino fundamental e médio, que quando eu digo pra ele vem, vamo lá, vamos fazer um trabalho. *Mas, eu, fazer um trabalho com você? Ué, mas, qual é o problema? Não, não, você não me conhece.* Eu não quero, não quero saber que, o que já disseram pra você né. Porque já vem com aquele estigma, gente, para. Eu li um trabalho há pouco tempo dizendo que o maior problema dos estudantes brasileiros é autoestima. Olha isso gente. Olha o que que a gente tá fazendo né. Abordagem cognitivista, quem vai?

Aluno 8: Posso ler pro?

Professora 1: Pode.

Aluno 8: Hã...cadê? É, eu escrevi assim: *é, nessa abordagem o aprender...calma aí, nessa abordagem o aprender é assimilação do objeto de estudo com esquemas mentais, professor e aluno devem ser compreendidos individualmente.*

Professora 1: Tá. O maior representante da abordagem cognitivista é um biólogo, é Piaget. Certo?

Aluno 8: Piaget.

Professora 1: Piaget estudava moluscos e depois ele resolveu abandonar os moluscos, e começou a trabalhar com os filhos dele no processo de ensino e aprendizagem. E...foi uma longa carreira né, ele morreu com mais, quase 80 anos. Então assim, ele escreveu bastante coisa, tudo mais. Nunca jamais, vamos negar a

importância de Piaget, superimportante, mas nós vamos ver ao longo de metodologia 1, e 2 principalmente, que temos algo além de Piaget. Isso desmerece Piaget? Eu to dizendo que não presta? Jamais, jamais, ele foi importantíssimo, e é importantíssimo ainda. Tanto que Vygotsky na obra dele, Pensamento e linguagem, o prefácio, ele manda uma carta pra Piaget dizendo: concordo com isso, isso, isso, isso, que você fez, é...parabeniza Piaget, e depois discorda de algumas coisas tá. Então Piaget, ele classifica a, a inteligência humana, há...em fases. Né? E em fases muito fechadas, daquelas de pré-operatório, pós-operatório. Até mais ou menos, 15/16 anos. Esse já é um problema, porque foi daí que surgiu que as pessoas mais velhas não aprendem, que não é verdade. Há...E ele disse que o cérebro precisa estar preparado pra aprendizagem. Né? E isso também é uma outra coisa que a gente viu lá no, no primeiro texto né. Vocês lembram do Gaspar, da comparação de Piaget? Agora isso que o Aluno 8 falou, é muito legal, porque isso que Piaget, que Aluno 8 falou, sobre cognitivismo que representa Piaget, é a parte mais interessante. Quer dizer, eu conheço fotossíntese, tá. Aí vocês me falam: *Professora 1, fala sobre fotossíntese*, aí eu: *vou falar*. Então eu interligo, um conhecimento A/B/C sobre fotossíntese, aí vem você e me conta uma novidade. Então, eu assimilo esta novidade e refaço o meu esquema mental sobre fotossíntese. Então, aprendizagem continua nessa teia. E o que Piaget diz, é que pela experimentação, pela, pelo conflito cognitivo é que eu consigo melhorar essa minha rede. Então, você tem ali sua certeza entre aspas, chego eu, faço um questionamento. A partir desse questionamento, eu reelaboro essa minha rede de conhecimento. Isso é muito bonito. Tenta imaginar isso na, assim na, na prática. Uma rede, tá uma rede com vários nós, e aí eu vou lá e acrescento um nó, e eu tenho que reintegrar este, esta nova rede. Imaginaram essa cena? Então, isso é muito legal em Piaget, essa assimilação, essa acomodação né. Aluna 2...Você quer falar um pouquinho o que que te marcou tanto Aluna 2?

Aluna 2: É...eu lembro que nessa aula, a Professora 2 colocou a palavra *banco* na lousa...

Professora 1: Hum...

Aluna 2: E ela perguntava: *o que vem na nossa cabeça quando a gente vê essa palavra né*. E aí a gente colocava: o dinheiro, dados, pensando em banco assim, mas relacionado a, a banco mesmo de dinheiro né, de movimentação de dinheiro.

Professora 1: Tá.

Aluna 2: E...aí ela colocou tipo: namoro. E aí ficou todo mundo: *namoro, mas como assim namoro?* Aí ela falou: *ah não, é porque pra mim a palavra banco, representa o banco da praça.* Nossa fico toda arrepiada só de falar, banco da praça, e banco da praça me lembra namoro, paquera, era como a gente paquera na época.

Professora 1: É.

Aluna 2: Eu achei isso tão fantástico, de...como uma única palavra tem um peso diferente pra nós sabe, por causa das nossas experiências, da nossa carga assim, histórica. Isso é fantástico, fico muito arrepiada.

Professora 1: Sim.

Aluna 2: Até hoje, eu nunca esqueci dessa aula. E ela falou um pouco dessa, dessa...teia de...

Professora 1: E o mais legal disso Aluna 2, é a gente pensar que a nossa linguagem, e aí a gente já está entrando em Vygotsky na verdade, que a nossa língua Maturana, é que, é...*nossa linguagem que permite isso, a nossa linguagem faz com que a gente consiga imaginar coisas diferentes e construir coisas diferentes, e o professor não dá oportunidade do aluno falar.* Então, o Aluno 8 fez isso agora, olha que legal, o Aluno 8 falou assim: *é, eu imaginei uma aranha tecendo uma teia, né.* Então assim, 3D, uma aranha tecendo a sua teia e aí ela vai acrescentar um nó, ela tá aumentando essa...3D melhor ainda né, ela, ela tá aumentando essa rede de conhecimento. Só que pra eu entender que pra uns pensaram em neurônios e os seus impulsos nervosos, pra outros pensaram numa rede de pescador, pra outros pensaram numa teia de aranha e assim por diante, eu preciso estar aberta a esta conversa, a esta linguagem. Porque eu não posso dizer assim: *só fulano de tal, só eu ou fulano de tal estão certos em pensar em determinado tipo de, de rede ou de teia.* Né? E é isso que falta, falta contemplar na linguagem e na mediação a, a diversidade. Né? Isso é muito interessante. Não, a Professora 2 é...eu sou fã da Professora 2 de carteirinha. Né?

Aluna 2: Ela, ela depois ela explicava pra gente que, é...talvez agora, se uma pessoa fizer a mesma atividade a gente inclua a palavra namoro, e que pra gente incluir uma nova palavra nessa rede, a gente não precisa apagar todas as outras palavras. A

gente não precisa cortar as relações com as coisas que a gente tinha na cabeça antes, pra colocar uma nova, um novo conhecimento ali, a gente apenas faz novas relações. É, aumenta a teia, ela falava, a gente tá aumentando a nossa teia.

Professora 1: Não...é, é. E aliás, isso que você tá falando, que você trouxe e que enriqueceu super a aula né, é o que nos permite, é o que me permite por exemplo, fazer uma aula sempre diferente. Quantas vezes eu dei essa aula? Muitas, acreditem, mas ela nunca é igualzinha. Por quê? Porque eu levo em consideração de verdade aquilo que vocês trazem, né. E que pode ser da aula da Professora 2, pode ser da vivência de vocês, pode ser uma dúvida, pode ser uma leitura né, porque assim não, não teve um Aluno 7, um Aluno 8, uma Aluna 3, uma Aluna 2, uma Aluna 4, uma Aluna 5., um Marco, um Aluno 9, nesta aula. Nesta aula, tivemos nós, com as nossas experiências, com as nossas realidades, com as nossas vivências, com as nossas dores. Né? Então assim, isso que é legal de dar aula, mas Professora você acha que isso é possível numa aula de biologia, sobre fotossíntese, sobre respiração, sobre sistemas? É. É, acredite, é. E é isso que me fascina em ser professor. Porque há 32 anos, não vai, 32 é exagero, porque no começo eu era tradicional tá. Vai, uns 27 mais ou menos, 25. Eu não consigo dar mais uma aula igual a outra, porque as pessoas são diferentes, a construção é diferente, e eu saio daqui também tão enriquecida na minha teia, quanto o aluno tem a possibilidade de sair. Tem a possibilidade de sair, porque se ele não vier no mesmo barco, ele também não não, não se enriquece né. Ele pode sair daqui dizendo assim aqui: *que vocês fizeram na aula da Professora hoje? A gente só conversou. Né? A gente só conversou.* Tá. Abordagem sociocultural. É quase um crime né, que a gente fez com a cognitivista né, com a obra de Piaget, mas tudo bem. Quem fala da sociocultural?

Aluna 1: Eu achei essa mais difícil assim, no texto pelo menos tipo, eu achei o texto mais...palavras difíceis.

Aluno 8: Sim, muito.

Aluna 1: É.

Professora 1: Eu acho que é a mais difícil também Aluna 1 de aplicar a teoria na prática. Muita gente me pergunta tá bom, ok...

Aluno 8: Nossa, demais.

Professora 1: É linda, mas o que que eu faço na prática né? É verdade sim. Você quer, você quer tirar dúvida de alguma coisa mais, vocês todos querem tirar dúvidas de alguma coisa mais específica da fala?

Aluna 1: Hum, não. Eu acho que tipo, se for pra mim, nos, das outras abordagens ficou bastante coisa sabe, dessa pra mim foram, ficou marcado assim duas coisas específicas. Foi o que eles falaram, primeiro que não fala professor-aluno né, educador e educando e que eles aprendem juntos, que não é um ensinando o outro, é...eles educam juntos é...um ao outro e, e também que o que importa não é o final né, que é o processo. Essas foram as coisas que ficaram pra mim, mas ficaram pra mim meio...sabe num contexto muito...

Professora 1: Tá. Agora não tem problema, porque as duas próximas aulas é sobre Freire. Então nós vamos mergulhar, nessa abordagem. Tá? Mergulhar. E vocês já acho que me perguntaram, ou se não me perguntarem, eu vou me adiantar, é sempre o capítulo 2 tanto da pedagogia da autonomia, quanto da pedagogia do oprimido, é sempre o capítulo 2. Se quiser ler tudo, ok, mas a gente vai discutir capítulo 2. Tá? Então, olhem lá há...no, no cronograma, do, do plano, se é autonomia ou pedagogia do oprimido, não lembro qual. Acho que é do oprimido, não é? A primeira?

Aluna 5: Autonomia.

Professora 1: Autonomia. Então, na próxima aula pedagogia da autonomia, o capítulo 2. Tá certo? O que que seria interessante pra gente...Eu gostei muito também da ideia de quebrar essa imitação, essa imitação ou limitação não sei.]

Aluno 8: Não, imitação. Tipo assim, que o aluno...é, não sei colocar em palavras, vou acabar falando, foi tipo muito difícil de entender o texto dessa abordagem. Mas tipo assim, aquela ideia do professor passa, o aluno aprende, e reproduz o que ele aprendeu. Entendeu?

Professora 1: Ah tá. Ah tá. Sim.

Aluno 8: Essa coisa de imitar o prof...não imitar, imitar, entre aspas, o professor, entendeu?

Professora 1: Humhum.

Aluno 8: Tipo, o professor fala: *ah, não, as organelas celulares são essas, essas, essas, as funções são essas, essas, essas, quais são as organelas celulares, cai na prova, são essas, essas com funções essas, essas*, entendeu, tipo essa ideia assim.

Professora 1: Tá. Certo. Não me preocupa muito vocês terem achado difícil essa última abordagem, porque a gente vai é, é, se aprofundar nela, nas duas próximas aulas. Né? São opções né.

Aluna 3: Eu achei complicado entender...Desculpa.

Professora 1: Diga.

Aluna 3: É...eu achei complicado entender o ensino-aprendizagem, mas a relação professor-aluno, eu achei mais fácil de entender. E também, uma coisa que eu pensei, é que tipo, uma educação ela não precisa ter só uma abordagem né, porque tipo tem aspectos de certas abordagens na educação. Então acho que pode ter uma mistura, tipo, numa certa, numa certa...escola, ou um certo ambiente, ter tipo uma mistura de alguns aspectos, da abordagem humanista, com alguns aspectos da abordagem sociocultural e aí formar uma abordagem diferenciada, porque cada uma tem uma coisa positiva e alguma coisa negativa. Então, eu acho que não precisa ter só uma abordagem no ambiente né.

Professora 1: Certo. Se a gente fizesse um quadro, sabe, se a gente fizesse um quadro, colocasse aqui em cima como tá no, no, no Miro, abordagem tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista, sociocultural. E tivesse que colocar, professor-aluno, ensino-aprendizagem e tivesse que colocar uma palavra ou duas palavras no máximo é, seria um desafio né. A gente pode pensar nisso, pra eu poder na, na próxima aula talvez, falar de epistemologia. Já temos vários desafios. Falar da relação entre teoria e prática e falar de epistemologia, que tem tudo a ver com a nossa aula, e ainda vocês vão perceber isso tá. Porque eu, duas coisas que tem que ficar claras e que vocês já tocaram nesse assunto, é que eu, a Professora 2 e o Coordenador nós não queremos que vocês sejam iguais a nós, é isso que nós estamos dizendo. E construir a própria identidade docente é infinitamente mais difícil, do que você imitar. Isso é um desafio. Pra isso, você vai ter que concordar, discordar, é...perguntar, porque você vai criar a sua identidade docente, segundo a sua realidade, a sua vivência, a sua maturidade. Quem fala muito sobre identidade



docente, que é muito legal, dá pra fazer muitos trabalhos nessa linha é **o Antônio Nóvoa. É um educador português fantástico, e que é bastante interessante nessa linha do, da identidade docente.** Né? Hã...Essa abordagem pra mim, remete a outras construções e relações. Eu fico até assustada. Sim, porque ela é social Aluna 5: Ela, é uma das poucas que levam em conta mesmo de verdade, o contexto social né. Ela, sem dúvida nenhuma tem influência marxista. Então, por isso que falam que é...Freire é comunista e sei lá o que, neste sentido, porque ela é uma abordagem social. Ela tem na sua, nos seus pressupostos que a educação deveria estar a serviço da diminuição da desigualdade social. Né, então...É muito forte, muito forte. Deixa eu salvar aqui, pra ver se eu consigo...salvar, copiar. Pronto, vo colocar aqui, isso. Ó, eu salvei, o nosso quadro do Miro e copiei o link aqui, acho que é o mesmo link que eu já tinha colocado, mas aí vocês podem utilizar tá. Gostaram da aula? O que que vocês acharam?

Aluno 8: Eu achei muito bom pro, apesar de ter sido um texto, que foi até agora que tive um pouco mais de dificuldade pra ler. É... foi esclarecedora, assim, a discussão.

Professora 1: É, eu acho que assim, eu, eu fiquei devendo. Um pouco mais de orientação no Miro. E eu fiquei devendo um pouco mais de profundidade em cada uma das abordagens, mas isso por falta de tempo né. Eu só to dizendo isso pra vocês, porque pra vocês não se...pra vocês saberem assim, vocês têm a responsabilidade de se um dia quiserem saber mais, vocês tem que estudar mais essas coisas né. Nós só...a gente fez só um oizinho pra, pras abordagens. Tá bom? E por opção, opção, porque a gente é intencional, a gente faz as coisas hoje por opção, nós vamos mergulhar na, na abordagem sociocultural, um pouco mais. Tá bom? Bom final de semana, cuidem-se com essa nova fase vermelha, quarentemados, vamos ver o que vai acontecer com a gente. Tá bom? Beijos meus queridos.

Alunos: Brigado pro, beijos, bom final de semana.

Professora 1: Aluno 9, se cuida meu amiguinho, faz um chazinho de hortelã. Você tem hortelã? Não?

Aluno 9: Hortelã? Não. Eu tinha, mas acabou morrendo. Eu não cuido direito.

Professora 1: Mas um chazinho de hortelã concentrado, faz um bem danado pro estômago, vê se consegue aí nos vizinhos.

<u>Aluno 9</u> : Tranquilo.
<u>Professora 1</u> : Beijo. Tchau gente.
<u>Aluno 9</u> : Tchau.
<u>Professora 1</u> : Daqui a pouquinho eu mando a gravação. Tchau.

- **Aula Met Bio 1 – 12/03/21**

<b>CHAT</b>
<u>09:26:55 - Professora 1</u> : Aluna 1 - achou difícil, concorda, mas precisou reler várias vezes.
<u>09:29:11 - Professora 1</u> : Aluna 5: - achou difícil, mas conseguiu fazer relações com o cotidiano.
<u>09:30:25 - Professora 1</u> : Professora- como levar as ideias de Freire para a sala de aula.
<u>09:30:40 - Professora 1</u> : É uma questão de atitude.
<u>09:31:26 - Professora 1</u> : Aluno 9 - é o segundo contato, e acha que ainda não entendeu profundamente.
<u>09:34:56 - Professora 1</u> : Aluno 8 - inacabamento e bom-senso - os seres humanos não são uns melhores que os outros.
<u>09:36:07 - Professora 1</u> : Professora- se todos somos iguais qual é o meu papel como mediadora e profissional?
<u>09:37:17 - Professora 1</u> : Cuidado com o relativismo.
<u>09:39:16 - Professora 1</u> : Aluna 4: - ego e orgulho - educador precisa de humildade - precisa de reflexão - autoconhecimento.
<u>09:39:30 - Professora 1</u> : Aberto a novas vivência.
<u>09:39:32 - Aluno 6</u> : (já volto)

<p><u>09:39:48 - Professora 1:</u> Dewey - abertura para o novo.</p>
<p><u>09:39:55 - Professora 1:</u> ter dúvida.</p>
<p><u>09:41:11 - Professora 1:</u> Aluno 8 - questão cultural.</p>
<p><u>09:42:46 - Professora 1:</u> conjunto de experiências, hábitos, vivências, valores, inseridos num contexto sócio histórico que podem mudar (dinâmico).</p>
<p><u>09:44:42 - Aluno 6:</u> (voltei)</p>
<p><u>09:45:33 - Professora 1:</u> Quanto mais cultural o ser, mais dependente do outro.</p>
<p><u>09:46:16 - Professora 1:</u> Compartilhar.</p>
<p><u>09:49:03 - Professora 1:</u> Aluna 1 - quando você está inserido em uma cultura você está condicionado a ela, mas posso refletir e mudar.</p>
<p><u>09:49:39 - Professora 1:</u> Nós somos condicionados, mas não somos determinados.</p>
<p><u>09:50:37 - Professora 1:</u> Aluno 7 - determinado - não pode mudar.</p>
<p><u>09:51:02 - Professora 1:</u> Já condicionado - sou influenciado mas posso mudar.</p>
<p><u>09:51:55 - Aluno 6:</u> nós recebemos influências externas, mas elas não são limitantes, nos permitindo reagir de formas diferentes aos mesmos condicionamentos.</p>
<p><u>09:52:13 - Aluno 6:</u> tendo irmãos gêmeos como um exemplo disso.</p>
<p><u>09:53:52 - Professora 1:</u> Aluna 5: - o professor interacionista condiciona o seu aluno?</p>
<p><u>09:56:16 - Professora 1:</u> eu não quero que meu aluno acredite em mim, se não eu vou condicioná-lo.</p>
<p><u>09:56:47 - Professora 1:</u> Busca de sua autonomia e sua identidade docente - é para sempre.</p>
<p><u>09:57:42 - Professora 1:</u> respeito.</p>

<p><u>09:57:46 - Professora 1:</u> autonomia.</p>
<p><u>10:00:17 - Professora 1:</u> Aluna 1 - entender o ponto de vista do outro, não impor o certo e o errado, mas dar ferramentas para escolha dos caminhos.</p>
<p><u>10:00:43 - Professora 1:</u> Aluno 8 - quando o professor escuta e faz considerações.</p>
<p><u>10:01:03 - Professora 1:</u> Mas essas considerações são sobre o que o aluno falou.</p>
<p><u>10:04:04 - Professora 1:</u> Aluno 9 - quando o professor é honesto - dizer que pode esquecer e errar.</p>
<p><u>10:08:08 - Aluno 6:</u> :)</p>
<p><u>10:11:07 - Professora 1:</u> Aluno 7 - para verificar se entendemos - explicar com as próprias palavras.</p>
<p><u>10:15:07 - Aluna 4:</u> Além disso tudo, acredito que na questão da licenciosidade que o Freire fala, se preocupar de verdade com o aluno em todos os seus aspectos (emocional, cognitivo, social...), dentro do possível, é respeitá-lo, no que peguei nessa conversa q tivemos até aqui.</p>
<p><u>10:17:11 - Professora 1:</u> O que é ter bom senso?</p>
<p><u>10:17:57 - Aluna 4:</u> Já volto.</p>
<p><u>10:18:04 - Professora 1:</u> Não errar a mão - nem para mais e nem para menos.</p>
<p><u>10:18:09 - Professora 1:</u> Fácil?</p>
<p><u>10:18:31 - Professora 1:</u> Equilíbrio dinâmico.</p>
<p><u>10:24:33 - Aluna 4:</u> O meu foi a mesma coisa com a Professora 2 &lt;3</p>
<p><u>10:28:17 - Aluno 8:</u> Também tem aquilo que vc falou na ultima aula da gente ter vergonha/medo de cobrar pelo trabalho.</p>
<p><u>10:28:44 - Aluno 8:</u> E tb tem algo que o Freire fala no livro que é muito cômodo ficar de braços cruzados e não usar a voz pra tentar mudar.</p>

<u>10:31:21 - Professora 1:</u> Aluno 8 - sobre tolerância - não é respeito, eu aguento.
<u>10:33:03 - Aluno 8:</u> tudo tem limite.
<u>10:39:46 - Professora 1:</u> Não posso ser ingênuo, eu preciso ler o mundo, e para isso eu preciso ser curioso. Se eu não acredito que as coisas podem mudar, por que vou lutar por elas.
<u>10:40:02 - Professora 1:</u> Esperança - vem de esperar e não de esperar.
<u>10:42:38 - Aluno 8:</u> Essa da geografia foi incrível.
<u>10:44:17 - Aluno 8:</u> essa frase eu li 3x.
<u>10:58:45 - Aluno 6:</u> tchau pro.

### Aula Gravada

<u>Professora 1:</u> Sobre o texto né do, do Freire. É, aí ele me falou um pouquinho da percepção dele né. Então, eu queria que vocês me falassem rapidamente das percepções muito honestas. Vocês sabem que eu gosto muito do, do Freire. Então, não precisa me agradar dizendo que gostaram ou não. Se vocês não gostaram, se vocês acharam fácil, difícil, e os motivos. Me digam né. Tô rindo do gato que participa da aula. É...vamo lá então.
<u>Aluna 1:</u> Eu achei muito difícil tipo...
<u>Professora 1:</u> Por quê?
<u>Aluna 1:</u> Tudo que ele fala assim, é...eu, eu acho muito legal e eu e eu concordo, e é o que eu penso assim também de como dar aula, nanana. Só que eu tinha que reler algumas frases assim, 10 vezes pra entender que aquilo lá fazia sentido pra mim sabe. Porque, não sei, tipo palavras difíceis e uma forma mais complexa de escrever que pra mim assim foi, foi mais maçante de ler, que realmente...tipo eu realmente tive que reler algumas coisas até conseguir entender que que ele tava dizendo ali, assim.
<u>Professora 1:</u> Tá. Porque, o que eu falei pro, pro Aluno 8, foi o seguinte é...eu Professora 1, mas respeito totalmente a opinião de vocês. Eu não acho a linguagem

do Freire difícil, porque se eu tivesse que dizer o que é difícil pra mim, é Maturana. A leitura de Maturana é, é muito difícil, é muito complexa. A de Freire eu não acho difícil, mas eu acho ela muito diferente daquilo que a gente está acostumado a ler. Ele escreve quase no limite de algo poético, só que voltado pras questões educacionais. Então, eu não sei, eu só to dizendo isso pra vocês ficarem preparados, porque Edgar Moran, é...Maturana, outros textos, aí sim eu acho que é complexidade do conteúdo mesmo é maior. Tá? Mas respeito a opinião de vocês. Bom dia, Aluno 6.

Aluno 6: Bom dia, pro. Tá conseguindo me ouvir?

Professora 1: Tudo bem? To, to te ouvindo bem.

Aluno 6: Tudo bem.

Professora 1: Então tá bom. Quem mais gostaria de falar sobre a impressão? Não se influenciem pelo que eu estou falando, digam o que vocês realmente sentem.

Aluna 5: Então Professora 1, é assim, eu concordo com a Aluna 1 que alguns momentos sim do texto é...a escrita dele é um pouco, um pouco difícil né. Agora eu vejo que sim, ele...é, é diferente né do que nós estamos acostumado a ler, mas confesso pra você que assim, tudo que ele falou ali eu consegui fazer relações na educação como professora e como aluna né. Porque eu já vi situações assim, diversas assim, que eu falei gente, isso é verdade. E as vezes não só na educação, mas também na rua assim, no dia a dia assim, que você entra no ônibus, vai no metrô, vai no supermercado, que você olha e fala gente, real assim, assim. Não sei se eu posso falar isso aqui, mas é fato né, assim ele é contra desigualdade social e eu também, de certa forma, de certa forma não, de toda forma né. Então, mas eu gostei, gostei bastante assim, me surpreendeu Paulo Freire. Na verdade eu já tinha me surpreendido com o oprimido né, lá no sociocultural que a gente leu na semana passada, mas me surpreendeu de verdade assim.

Professora 1: Humhum. Agora assim, eu acho que é uma das abordagens mais difíceis de serem aplicadas. É, a gente concorda, a gente compartilha, a gente fica assim mexido, mas hoje o nosso desafio vai ser pensar em como que a gente faz isso dentro da sala de aula. Porque é uma questão, eu já vou adiantar uma questão de, de postura, é uma questão de atitude isso. Não é um manualzinho que a gente pega e diz agora: vamos fazer assim, tá. É uma questão de atitude. **Como levar as ideias de**

**Freire, para a sala de aula?** Tá. Alguém mais quer falar sobre o texto de modo geral, antes que a gente comece a discuti-lo propriamente dito?

Aluno 6: Olha Professora 1, eu gostaria de falar que é...o segundo contato na verdade que eu tenho com esse livro, porque a primeira vez em 2018, eu tinha acabado de sair do cursinho aí o meu irmão acabou me dando ele.

Professora 1: Hã?

Aluno 6: Só que eu li um pouquinho, só que eu não entendi nada pra ser sincero.

Professora 1: Hã?

Aluno 6: Porque eu não sei se faltava maturidade pra mim ou até embasamento da, de conteúdo.

Professora 1: Aham.

Aluno 6: Mas dessa vez, eu não sei ainda se eu entendi muito bem ele, mas eu acho que eu consegui pegar um pouco melhor.

Professora 1: Tá.

Aluno 6: Mas ele assim...achei bem, bem complicadinha a linguagem dele. Se for comparar com, por exemplo, os outros textos que a gente leu.

Professora 1: É, isso por exemplo, de você não ter entendido profundamente o texto, isso, não, não me espanta e acho que todos nós. Conforme a gente vai lendo, lendo, lendo, a gente vai fazendo leituras cada vez mais profundas né. Então tá bom. Alguém mais, por favor, gostaria de se manifestar ou podemos passar pra discussão? Tá. Então, eu vou projetar aqui. Eu queria que vocês me dissessem se vocês estão vendo a minha tela? Sim? **Eu queria que alguém começasse a me dizer o que que Paulo Freire quer dizer com: ensinar exige consciência de inacabamento.** Porque ele vai dizer, vamo lá, vamo fazer um apanhado geral. Ele fala, que **ensinar não é transmitir conhecimento.** Ele fala isso claramente, tá? Ensinar não é exigir, não é há...transmitir conhecimento. E aí ele vai, dividir isso em, em vários itens. **E ele vai dizer que ensinar exige inacabamento, ensinar exige reconhecimento de ser condicionado.** Isso incomoda as pessoas, as pessoas voltam e leem isso várias vezes, porque assim, **Paulo Freire tá falando que a gente tem que reconhecer que é condicionado e é,**

ensinar exige autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível e curiosidade. Hã...fica até difícil da gente separar. Porque uma, uma coisa é interligada com a outra né, mas hã...vamo tentar ver um pouquinho cada uma dessas coisas, e sempre quando vocês fizerem os comentários, tentem se lembrar de hã...como isso pode ser levado a sala de aula. Então assim, quando a gente tentar falar, quando a gente falar sobre a consciência do inacabamento, como nós professores deveríamos agir em sala de aula? Quem gostaria de começar, com essa ideia de consciência do inacabamento?

Aluno 8: Ai pro, eu queria falar...

Professora 1: Hã?

Aluno 8: Porque eu gostei...o 2.1 e o 2.4, foram as minhas partes favoritas do texto.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: Porque o primeiro, quando ele fala tipo, exige consciência do acabamento, eu até anotei, que ele falou assim: *onde há vida, há inacabamento*. Porque tipo, eu interpretei assim, por exemplo, é...beleza, você tá lá, se você é um professor, você tem seus alunos, você tem, tem que ter consciência que você não tá acima deles e que você não é irredutível. Você também vai aprender com eles, eles vão aprender com você, você vai ensinar eles, eles vão ensinar você. Entendeu? Então, eu achei meio que isso a base, uma base pra, pra nós né futuros professores nos relacionarmos com os nossos alunos. A gente ter essa consciência que a gente não é uma hierarquia, tipo assim, na questão conhecimento por exemplo, eu tô lá, eu vou passar pra eles, eles vão receber e acabou. Entendeu? Tipo, é muito interessante pensar nisso na dinâmica, e não só na sala de aula, como pra a vida também. A gente sempre pode aprender. Não é...a gente não, não chega um determinado momento que: *agora eu sei tudo*. Nunca sabe tudo, não dá pra saber tudo. Então eu gostei muito dessa parte.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: E eu também anotei, eu tenho uma dúvida, que ele fala assim: quanto mais cultural é o ser, mais depende de cuidados especiais. Aí, eu não entendi muito bem o que ele quis dizer.



Professora 1: Tá. É, deixa eu só antes te fazer uma pergunta, depois você repete essa do cultural e a gente discute, mas antes eu queria te provocar e provocar os outros colegas numa questão né. É uma provocação Aluno 8, então entenda bem tá, por favor. **Se todos nós somos iguais, qual é o meu papel aqui como mediadora e como profissional?**

Aluno 8: Então, eu, eu acho que o seu papel, seu papel como mediadora e profissional, é por exemplo, é tipo mediar, auxiliar é...a nossa formação com os conhecimentos que você já tem, de anos aí de tipo sendo professora e tal. Acho que você tá dando ferramentas, auxílio, suporte, também dando embasamento teórico pra gente. Pra gente também ter como fazer isso com os nossos alunos.

Professora 1: Tá. Então, isso não significa que, duas coisas, isso não significa que eu já estou acabada, formada, essa é a primeira coisa, e não significa que eu sou melhor que vocês. Mas, eu tenho talvez uma **rede tridimensional de relações de alguns conhecimentos**, alguns conhecimentos, maior que a que vocês construíram por enquanto. Em alguns assuntos não, mas nesses talvez sim, pela minha profundidade. Então, isso tem que ficar claro, porque se não a gente perde um pouco a referência, e aí as pessoas dizem: *ah, então todo mundo é igual, então qualquer um pode ser professor*. Acabou, não precisa...Então, essa, esse relativismo tá, a gente precisa tomar cuidado, com o relativismo. Tá.

Aluno 8: Concordo pro, tem que ficar bem claro isso.

Professora 1: É, eu gostaria de ouvir outros alunos sobre essa questão que eu e o Aluno 8 colocamos. O Aluno 8 colocou muito bem a, o posicionamento dele, só que eu acho que tem muita falsidade nessa humildade, sinceramente. *Ah, eu sou igual a você então tá*. Então eu acho que assim, existe muita falsidade. **Eu queria que vocês me falassem dessa sensação de vocês, junto com o texto claro, mas dessa sensação assim, como é que você como professor consegue lidar com esse paradoxo? De ser alguém, que continua sendo inacabado, mas que você tem um papel junto ao seu aluno, que é um papel diferenciado, se não você não estaria lá.** Vamo pensar um pouco nisso? Me ajudem. Vamo pessoal, quero participação.

Aluna 4: Eu acho...eu acho que assim pro, é muito da questão da gente ir muito contra o nosso ego e orgulho né, porque é um **confronto muito grande né, a questão da**

humildade e do orgulho, do ego. Então, pro educador basicamente ele, vamos dizer assim, se considerar quase que no mesmo patamar, vamos dizer assim, eu acho que exige muita reflexão diante do próprio fluir da vida, de **estar disponível a mudança**. É, de saber que sempre **se transforma dinamicamente**, de saber que sempre é possível descobrir. Não entrando no termo né, que você e a Professora 2 sempre falam sobre o tema descobrir, mas no sentido de você sempre estar apto a entender, que você sempre vai modificar-se, que você **sempre vai estar aberto a novas experiências, a novas vivenciações**.

Professora 1: Tem que colocar o máximo aí que você falou né, aberto a novas vivências. Só pra a reforçar tem um ator superimportante, um americano, chamado Hille, da década de 50, que eu acho que vocês já devem ter ouvido falar. Que ele falar assim: **que um princípio básico pra reflexão, um dos princípios básicos, é a abertura para o novo**. Que se eu não me abro pro novo, e se eu não tenho dúvida né, ter dúvida, porque se eu já tenho certeza, por que que eu vou buscar respostas? Se eu já tenho certeza de tudo, qual que é a lógica de eu buscar respostas né? Então tá. Mais alguém quer ir nessa linha que a Aluna 4 tá indo falar? Porque eu vou voltar pra pergunta do Aluno 8 né, do cultural. Não? Hã...então tá. Então, o, o Aluno 8, hã...falou da questão, questão cultural. É...vocês fizeram biologia e cultura? Todos aqui, fizeram com a Professora 2? Não? Mas Aluna 4, você não fez biologia e cultura porque você não, não teve na sua grade. Os outros fizeram biologia e cultura já, porque tiveram na sua grade, ou fizeram comigo ou com a Professora 2, ou com algum professor né. É...**como é que vocês hoje definiriam cultura?** Pergunta fácil.

Aluno 8: Nossa facilíma pro.

Professora 1: Pra uma sexta de manhã assim básica, assim, só me diz o que que é cultura?

Aluno 8: Eu vou ver se eu lembro mais ou menos, porque a Professora 2 perguntou a mesma pergunta...

Professora 1: Não, não, mas assim, o que ficou pra você, não é lembrar pronto.

Aluno 8: Não, sim, eu vou tentar elaborar uma resposta. Porque é muito difícil, é, é complicado. Acho que tipo cultura em...é meio que, um conjunto de, não sei se pode dizer experiências, mas experiências, hábitos, enfim. Então, é muito, é muito

influenciada pelo seu contexto histórico-social de vivência ali, o que você vive. É, eu acho que, é algo transmitido, transmissível né? É, mas também é mutável, é mutável cem por cento do tempo, mais ou menos isso, pro é complicado.

Professora 1: Tá. **É um conjunto de experiências, hábitos, vivências, eu acrescentaria valores né, dentro há...ou inseridos talvez, inseridos num contexto sócio-histórico e podem mudar com, vou colocar aqui entre parênteses, dinâmico né.** Tá? Alguém quer acrescentar mais uma coisa? Conjunto de experiências, hábitos, vivências, valores inseridos num contexto sócio-histórico talvez, sócio-histórico-político que podem mudar. Então é uma coisa dinâmica tá? É, é, se não fosse feio fazer isso, eu diria assim: *é tudo né?* Porque, é o que nos compõem geneticamente, é o que nos compõem historicamente, é o que nos compõem de todas as formas. **O que Paulo Freire quer dizer, eu pelo menos entendo, quando ele diz: *que quanto mais cultural o ser, mais cuidados a gente precisa, é porque quanto mais cultural um ser mais dependente da linguagem e mais dependente do outro nós somos.*** É nesse sentido. Então veja, nas gestações, nos processos sociais, o ser que mais depende do outro é o ser humano. Ele precisa, hoje em dia, a adolescência dura quase até os 30 anos né gente? Os ritos de passagem entre as comunidades, entre aspas primitivas, se dava entre os 13 e 14 anos. Você já tinha a sua independência. Quanto mais culturais nos, nos tornamos, mais eu tenho que entre aspas aprender pra poder me virar, mais cultural eu sou, e mais dependente eu sou. Não é enlouquecedor isso? É enlouquecedor gente, né. Eu não sei se todos conseguiram captar, pelo menos a ideia que eu entendo de Freire né. Agora eu não sei se todos sabem aqui, pra minha alegria, eu conheci Paulo Freire pessoalmente, eu conversei com ele em 1991. Quanto eu entrei na prefeitura, o Mário Sérgio Cortella era o secretário da educação e eu fui pra um Congresso, e o Mário Sérgio Cortella e o presidente do sindicato das escolas municipais, o Cláudio Fonseca, me apresentaram Paulo Freire. Eu encho o saco do Coordenador com isso, que o Coordenador é Freiriano né de carteirinha, e ele não conheceu o Paulo Freire, e eu encho o saco dele. Bom, então assim, quanto mais cultural o ser, mais dependente do outro. E aí, as pessoas pensam que essa dependência é só financeira né, não é. Quando a gente diz assim: *eu quero logo fazer 18 anos, eu quero logo sair de casa, eu quero logo...* pra ser independente parece que a gente não vai depender do outro. A gente depende do outro pra absolutamente tudo. Mesmo que você não dependa de um centavo do outro, emocionalmente,

culturalmente, é, como é que eu posso dizer, a de visão da vida depende do outro, compartilhar, compartilhar. **Compartilhar é necessário.** Bom, a pandemia tá mostrando isso, quanto que a gente tem sofrido por falta de compartilhar né? Então, compartilhar é uma palavra que eu acho que a gente poderia pensar. Vocês estão vendo aqui gente, que apesar de Paulo Freire ser uma leitura difícil, densa, numa linguagem diferente, tem umas palavras que a gente poderia utilizar pras salas de aula né. A gente tá levantando aqui algumas coisas que nos servem para a sala de aula, tá? Bom. Outra pessoa pra falar o que entendeu, e aí a gente ajuda, que ensinar exige reconhecimento de ser condicionado. Ensi...Depois a gente pode voltar tá? Se vocês lembrarem de alguma coisa e quiserem voltar, fiquem à vontade, mas eu só quero avançar pra garantir, porque eu falo demais né? **Ensinar exige reconhecimento de ser condicionado.** É muito legal isso. Quem se arrisca? Vamo lá.

Aluna 1: Ai pro, não sei. Eu entendo meio a isso, nessa discussão da cultura disso, de tipo, quando você entende que você tá submetido a uma cultura, você entende o que você vai ser condicionado pelo, pelo o que tá ao seu entorno. Então, é vamos supor, o professor se forma ali na cultura da educação tradicional, ele é condicionado a seguir aqueles padrões de, de comportamento né, porque ele aprendeu assim, porque a cultura dele foi assim. Então você é condicionada tal, e pra você conseguir sair disso você precisa reconhecer, se precisa enxergar. Eu sou condicionado a isso, mas talvez não seja o que eu quero. Não é porque eu sou condicionada a isso, que é o que eu tenho que fazer. Então tem que reconhecer isso, pra poder sair disso. Eu entendi assim.

Aluna 5: Mas eu tenho uma dúvida.

Professora 1: Hã?

Aluna 5: É, concordo com tudo que a Aluna 1 falou, e aí assim, me surgiu uma dúvida de que **se eu como professora escolho o ensino do construtivismo pra ser aplicado nas minhas aulas, eu também estou condicionando os meus alunos a chegarem a determinados caminhos ou eu só to dando oportunidades pra que eles cheguem a diferentes caminhos? E na verdade isso não é mais um condicionamento, que condicionamento pra mim é muito comportamentalista.**

Professora 1: Tá.

Aluna 5: Eu fiquei com essa dúvida.

Professora 1: Nossa, excelente pergunta Aluna 5:. Só deixa eu terminar de escrever o que a Aluna 1 falou. Então, você tá condicionado à ela, mas pode refletir e mudar. Tá. É...eu vou fazer uma fala e eu vou pra pergunta da Aluna 5: que é muito boa. É, a Aluna 1 entendeu sim. É, a Aluna 1...faltou uma palavrinha de você nos contar aqui que **Freire fala: nós somos condicionados, mas nós não somos determinados**. Nós somos condicionados sim, mas nós não somos determinados. É, isso faz diferença? Qual que é a diferença? Eu gostaria que, que outras pessoas que não tão falando, falassem, porque assim gente, eu acredito tanto na inteligência de vocês, vocês são tão capazes. E assim, outra coisa, se não for isso também, qual é o problema de se expor? Você só vai aprender a falar aqui em público, ótimo né? Que que é isso, nós somos condicionados, mas nós não somos determinados?

Aluno 9: Professora, isso que ia te perguntar agora, porque eu não entendi muito bem pra ser bem sincero.

Professora 1: Tá.

Aluno 7: É, eu, eu posso tentar explicar?

Professora 1: Claro.

Aluno 7: Tô tentando...condicionado, a diferença de condicionado e determinado, que determinado implicaria que você não pode mudar, você é daquele jeito, você continua daquele jeito, não tem como você mudar. O condicionado, já implica que alguma coisa diferente daquele jeito, mas não necessariamente você não consiga mudar depois.

Professora 1: Sim. É...o que que você achou hã...Aluno 9?

Aluno 9: Eu acho que eu entendi no caso, tipo é...determina...é o condicionado você tem imposto uma condição e você pode tipo em algum determinado momento você sair dela, aí determinado você tá dentro de uma, de uma coisa terminada, que você não consegue, é...sair do que foi imposto, digamos assim.

Professora 1: Isso. Então, por exemplo, nós aqui, nós todos aqui, nascemos em culturas muito provavelmente diferentes. Então por exemplo, a Aluna 1 é, tem uma determinada cultura muito diferente da minha. Aliás, dizem que são culturas...é sei lá,

entre aspas inimigas, eu não vejo assim, eu não gosto assim, não quero que seja assim. É, eu sou contra isso, mas dizem por aí né. Aliás, eu acho que tem muito mais coisa parecida entre nós do que diferente, mas é...não dá pra negar a influência da família, não dá pra negar a influência da família. A gente nasce numa determinada família, e há crenças, há hábitos. Há valores que o Aluno 8 definiu né, ele falou lá da cultura. Não dá pra negar que a gente é influenciado por isso. Então, nós somos condicionados. Agora, determinados não, porque isso que a gente tá discutindo hoje, pode e vai nos levar pra caminhos diferentes né. **Aí, o Aluno 6 escreveu assim: nós recebemos influências externas, mas elas não são limitantes, nos permitindo reagir de formas diferentes aos mesmos condicionamentos.** Ai, isso é um máximo Aluno 6, porque é exatamente isso. Quer dizer, eu to falando aqui né, mas o que eu estou falando faz, é, é, é, notado e é reelaborado diferente pra cada um de vocês. Por quê? Porque, nós somos culturalmente diferentes. Então, nós temos histórias de vida diferentes. E ele acrescenta ainda: *tendo irmãos gêmeos como um exemplo disso*. Quer dizer, os irmãos gêmeos tem uma genética, os gêmeos é univitelinos né, é idêntica, mas eles não são idênticos, inclusive nas questões da, do comportamento. Então, o Aluno 6 entendeu bem a, a proposta né? Hã...aí vem a pergunta da Aluna 5: que é muito boa, Aluna 5: reelabora a sua questão vamo lá.

Aluna 5: **Então, é...na verdade eu perguntei o seguinte. Eu concordo com o que a Aluna 1 falou certo, sobre a questão do ensino tradicional, mas assim, pensando na questão do ensino do construtivismo, na fenomenologia, opa...é, se eu sou uma professora que acredita no ensino do construtivismo, eu também estou condicionando os meus alunos a chegarem em diversos caminhos ou não? Esses diversos caminhos que eles vão chegar de diferentes, é...cada um vai chegar, mas não porque eles foram condicionados.**

Professora 1: **Aí Aluna 5:, se eu estivesse em sala de aula e pudesse te abraçar e dar um beijo, nossa eu faria isso, porque assim, essa pergunta é de uma maturidade que você nem você tem noção. Eu, quando eu comecei a trabalhar com interacionismo, eu condicionava os meus alunos. Eu queria que os meus alunos fossem interacionistas e eu não percebia isso. Então chegava na sala de aula e dizia: *aula tradicional, modo tradicional é ruim, e quero que vocês sejam interacionistas*. Até que a minha ficha foi caindo, caindo, caindo, caindo, ao longo do tempo, e eu comecei a notar assim: se eu estou dizendo que eu não quero catequizar os meus alunos, eu**

tenho que dar ferramentas e caminhos pra que eles escolham os seus próprios caminhos. Isso, é um paradoxo difícilimo de fazer. Então, eu não quero que vocês sejam rótulos, mas essa percepção que você fez essa pergunta, ela muitas vezes demora na vida do professor. Então, é assim olha, eu tenho uma percepção de que a ciência diz que o DNA é dupla hélice assim, assim, assim. Eu quero que meu aluno acredite em mim? Não. Eu quero que o meu aluno compartilhe que a visão da ciência é essa, mas se ele vai dizer que o DNA é assim ou assado, isso não me interessa. Os caminhos são dele. Agora, claro, que se numa avaliação, culturalmente definida, perguntam pra ele como é o DNA, eu espero que ele responda o que é culturalmente colocado. Mas ele pode duvidar de várias coisas. Eu não sei, eu me fiz clara nessa minha explicação gente? Certeza? Eu não sei, às vezes eu não sei se eu me faço clara, viu. Então, vocês, a obrigação de vocês é, é me questionar. Então assim, eu não quero que meu aluno acredite em mim, se não eu vou condicioná-lo de novo. Eu tiro ele numa posição de condicionado, pra outra posição de condicionado. Né? É, que é muito difícil não tirá-lo, porque ele... nós somos condicionados pelos valores, tudo mais, mas você buscar sua identidade docente. **Buscar sua autonomia e sua identidade docente para sempre.** Nossa, é muito profundo isso gente, é tão profundo que eu não sei nem se a gente consegue imaginar o quanto. E aí vem, **o respeito à autonomia do ser do educando.** Eu queria que vocês me falassem quando que a gente respeita autonomia do ser. Porque olha só que paradoxo, se eu deixo ele fazer o que ele quiser, eu não to ensinando, eu não to mediando, eu não to ajudando. E se eu fecho e digo: tem que ser assim. Eu também estou condicionando, eu to determinando que ele tem que ser. E aí? Tô numa sinuca de bico. Como é que eu respeito, olha que palavra difícil respeito, tá. Como é que eu permito a autonomia do meu aluno? Aliás Aluna 5:, eu, eu, eu consegui esclarecer alguma coisa assim pra você, ou eu baguncei mais, o que que aconteceu aí na sua cabeça?

Aluna 5: Conseguiu, conseguiu esclarecer sim. De verdade, de verdade, eu entendi.

Professora 1: Tá.

Aluna 5: Eu tava, eu tava com essa dúvida, mas eu entendi agora.

Professora 1: Certo. Quer dizer, eu não sei como fazer tá, mas eu to tentando fazer ainda. É, então tá bom. **Quando que você se sente respeitado por um professor,**

menino, menina? Quanto que você diz este professor, este docente está me respeitando?

Aluna 1: Ah, eu me identifico nesses momentos que você fala pra mim, tipo eu falo: *ah, é, achei difícil o jeito que ele escreve. Aí você fala pra mim: eu respeito, só vou te mostrar que eu enxergo um pouco diferente, mas entendo você enxergar assim também.* Então acho que essa autonomia de tipo, não ser autoritária. É bem isso que você falou, não é porque eu acredito, que você tem que acreditar em x, que você tem que pensar da mesma forma que eu, você pode pensar y. Só a gente tem que conversar sobre, pensar sobre, mas que tá tudo bem se no final, você também fala pra gente que tipo: *tudo bem, se no final mesmo depois de tudo isso a gente vir a ser professores tradicionais né.* Tipo, a gente debateu, você ofereceu pra gente todas as informações pra gente escolher o que a gente quer acreditar né? Eu acho que é um pouco isso assim, não ter essa autoridade de falar o que que é o certo, o que que é o errado, é dar autonomia pro aluno entender o que ele acha.

Aluno 8: É pro, eu concordo com a Aluna 1. E tipo, eu também me sinto respeitado quando por exemplo, o professor perguntou uma coisa, aí eu tô respondendo, independente se eu tô indo no caminho certo ou no caminho errado, o professor escuta. Tipo ele respeita o que eu falei, aí pode, pode falar: *não, não é bem assim, é assim, assim, assim,* ou não, *você não tá indo no caminho certo* ou então tipo, *ah não, é isso mesmo.* Entendeu? Tipo, semana passada por exemplo, eu passei por uma situação chata, onde eu não conseguia terminar uma sentença, que eu era cortado. Falando: *não é isso, eu não perguntei isso, não quero saber isso.* Aí fiquei, então tá bom, me sinto respeitado quando o professor me ouve, e em conjunto com que a Aluna 1 falou também.

Professora 1: Tá, mas essas considerações são sobre: *o que o aluno falou.* A nossa, eu entendo tanto isso Aluno 8. Eu não sei se todos vocês percebem isso, assim tanto que a Aluna 1 falou, quanto que o Aluno 8 falou, parece tão óbvio, tão óbvio e tão fácil, mas não é. Porque a Aluna 1 fala assim ó, ela diz: o papel do professor quando ele faz a mediação, é ir dando as ferramentas pra uma construção, mas porque se no final deste processo essa construção há...não for a contento, quer dizer a Aluna 1 não está pensando como eu? Tudo bem. Então por isso que eu não acredito em prova gente, porque quando eu falo isso aqui, e depois no final da aula ou de um bloco de aulas eu



dou uma atividade e pergunto: o que é tal coisa? **Eu quero que você responda, aquilo que eu quero ouvir.** E aí, o aluno como ele é inteligente ele responde aquilo que eu quero ouvir. E aí eu digo: **ele aprendeu, não, ele não aprendeu, ele repetiu aquilo que eu queria ouvir.** Uma vez uma, uma pesquisadora num congresso, a Professora 3 tava, eu perguntei pra ela, ela quase me bateu. Nossa, ela ficou tão brava comigo quando eu falei isso gente. Ela falou: *você tá dizendo que eu não ensino nada pros meus alunos?* Falei: *não, não to dizendo isso, mas eu to dizendo que quando a gente dá provas tradicionais, o que é tal coisa, pergunta, disserte sobre tal coisa, você tá pedindo pro aluno te agradar, porque ele vai te colocar aquilo que você quer ouvir, né.* Vocês arriscariam? Aluna 1, você que falou do ensino tradicional, você arriscaria colocar que você defende um ensino tradicional? Quer dizer, agora você já sabe que pode defender comigo, mas de modo geral você não deveria, porque você sabe que eu discordo, quer dizer é, é, é quase um suicídio, né. E o que o Aluno 8 fala, é assim: *a escuta, aquela escuta real, a escuta assim: não interrompa, eu deixo o aluno falar até o final, pego aquilo que o aluno falou até o final, reelaboro a partir do que ele disse e considero verdadeiramente.* Então, não foi só proforma. Tá. Então é assim, a Aluna 1 e o Aluno 8 se sentem respeitados nesses aspectos que eles colocaram. Eu acho que tem mais gente que poderia me falar de outros aspectos. Vamo lá.

Aluno 9: Olha professora, o negócio é que eu acho bem interessante em relação a honestidade, sabe. **Por exemplo, admitir, que por exemplo, às vezes o professor pode não necessariamente estar correto, que ele não é o dono da razão. E que às vezes, ele também pode esquecer de alguma coisa, que ele também pode errar e que isso é um processo.** Por exemplo, a gente falou aqui é: *que a gente tava achando o texto muito difícil.* Você falou: *não, realmente, é um, é um texto difícil sabe?* Tipo não parecer que, só porque ele é um professor, só porque tipo, você é uma professora que você....que o negócio é muito fácil pra gente, porque você detém...muito de...acho que você me entendeu. Eu me enrolei um pouco, mas eu acho que você entendeu.

Professora 1: Não, eu acho que eu entendi sim Aluno 9. Sabe, eu, eu às vezes, quando eu faço formação de professores de ensino fundamental 1 né, eu digo pras professoras, porque são geralmente professoras, mulheres né? Se uma professora acha que é óbvio, óbvio, muito fácil  $1 + 1$  igual a 2, ela nunca vai conseguir ensinar pros seus alunos piticos que  $1 + 1$  é igual a 2, porque **todos nós precisamos nos espantar com o conhecimento.** Então, se eu não me coloco no lugar de vocês, eu que

já li 300.000 vezes esse texto de Freire. Se eu não me colocar no lugar de vocês e ficar pensando assim: *poxa, se eles tiveram contato com Freire, foi uma ou duas vezes*, e tentar me lembrar de quando eu tive o meu primeiro contato e como eu, eu interpretei isso, e voltar sei lá a minha idade quando você né...nessa, nessa comparação. Se eu não tentar mesmo me colocar no lugar de alguém, na geração de vocês, eu nunca vou saber qual é essa dificuldade. Nunca vou saber né. E aliás, eu acho que eu não sei mesmo, acho que eu não sei, porque a gente não sente o que o outro sente, a gente imagina o que o outro sente. Então, mesmo que eu entendo, e que eu ache fácil. Vamos supor que eu acho super fácil um texto, mas você vem pra mim e fala: *ele é difícil*. É, eu tenho que entender que pra você foi difícil e ponto final. Acabou. Por algum motivo, talvez até o motivo seja, que ver, hã...você ter brigado com alguém antes de ler o texto e o seu, a sua emoção não permitiu que você se ligasse ao texto como deveria né? Então, até isso a gente precisa imaginar que pode ter mexido com você a ponto de achar assim: *poxa, não entendi*, né?

Aluno 9: Sim, sim.

Professora 1: Então, muito bom, muito bom. E, sabe essa coisa que você falou de esquecer e errar? É, tem a ver com inacabamento né. Assim, se eu me considero um ser perfeito e acabado, então esquece né. Não, não dá pra gente conversar aqui, porque eu esqueço, eu erro, eu né, peço desculpas e assim vai né. Não tem como e...mas aí isso que tá né, aí vem a falsa humildade que a Aluna 4 tava comentando. Isso significa que eu não sei nada? Isso significa que eu não sou suficientemente boa? Eu to falando de todos nós tá? Não só de mim. Não, não significa. Significa que a gente tem qualidades, que a gente tem defeitos. E que a gente precisa entender essas qualidades e defeitos, pra valorizar as qualidades e tentar melhorar nesses aspectos dos defeitos né? Mas não com essa falsa humildade: *ai eu sou humilde, eu sou...não*. Reconhecer mesmo né. Ó, por exemplo, eu vou tomar a liberdade de falar por exemplo do Aluno 6. Aluno 6 não aparece aqui, mas ele participa. Ele participa, ele dá umas ideias muito boas. Pra que, que eu vou forçá-lo a aparecer? Tem professor de vocês que reclama tanto, mas tanto, de que o aluno não aparece, então ele não...mas assim, de tempos, em tempos aqui, o Aluno 6 dá ao ar das graças e fala alguma coisa ou escreve alguma coisa, que colabora com o grupo. Não é isso que deveria importar? É isso que deveria importar. E colabora, e fala umas coisas que fazem muito sentido. Então assim, qual é o seu objetivo como professor? Fazer com que o aluno seja o que

**você quer ou permitir o crescimento desse aluno?** Olha, isso não é fácil tá? Porque talvez eu tenha um ideal de um aluno, eu tenho na minha cabeça um ideal de aluno, mas eu tenho que me policiar, eu tenho que voltar e dizer: não, não, esse aluno tá colaborando, da sua forma, do seu jeito, então eu tenho que dar autonomia e respeitar este aluno. Ele não é como eu quero, ele é, como ele é. Essa, isso é, tão gente, peculiar. Isso é tão difícil na convivência. Você vai ter 30 alunos lá na sua sala, nem todos vão te agradar. E da? Nem todos te agradam, mas você...eles tem que te agradar? Eles têm que ser como você quer ou eles têm que ter autonomia? Aí você vai se perguntar assim é: por que que esse aluno me tira do sério? por que que eu não gosto de fulano e gosto de ciclano? Ou você acha que a gente gosta de todos os alunos, igualzinho? Peguei num ponto delicado, né gente. Vocês gostam de todos os seus professores iguaizinhos? Assim, todos eles, vocês admiram, gostam, gostariam de continuar conversando, é...para além da faculdade, vocês gostariam de ter contato? Sim? Não?

Aluno 8: Assim é...continuar conversando, ter um contatozinho assim, eu gosto de manter contato com professor. Tipo, gostar igual, admirar igual, reconhecer igual, é impossível. Acho...

Professora 1: É, porque a gente não gosta das pessoas, das pessoas. E aluno e professor são seres humanos né? A gente esquece disso né. Muito bom. O...Aluno 8, alguém quer falar mais alguma coisa até aqui? Vamo passar pro bom senso que o Aluno 8 já comentou, mas eu gostei.

Aluno 7: Só quero falar...

Professora 1: Diga.

Aluno 7: Só quero falar mais uma coisa que eu...que começando, eu lembrei de uma frase do Einstein que eu gosto muito e eu acho que ela aplica tanto pro professor quanto pro aluno de certa forma né, que é, como é que era?, "Se você não consegue explicar alguma coisa de maneira simples, é porque você não entende de verdade." Então pra mim, hã...isso aplica tanto pro professor quanto pro aluno. Pra mim, pra saber que o aluno realmente aprendeu, ele tem que pegar uma coisa muito difícil e explicar de uma maneira bem simples, com histórias dele. Pra mim...essa mensagem que eu entendo de verdade.

Professora 1: Aham. Eu simplifiquei o que você falou. Eu coloquei assim: explicar com as próprias palavras né. Então, pegar algo há...complexo e explicar de modo simples. Eu concordo com você Aluno 7, eu acho que às vezes as pessoas...quer dizer, às vezes eu tenho que tentar mais de uma vez, às vezes eu tenho que pedir ajuda de vocês, mas eu acho que essa busca é importante. Mesmo que eu não consiga da primeira vez, sabe, ir buscando, olhar pra cara do aluno e notar que ele fez uma cara de ponto de interrogação. É importante. Sabe, as vezes vocês fazem umas caras assim, falo assim: *poxa eles não entenderam nada do que eu falei*. Né? E, e essa preocupação é importante sabe? Essa preocupação que a gente tem, de quando a gente fala o outro entender né? Porque assim, afinal de contas, para que então eu vou explicar? Que alguns professores têm essa postura: *eu expliquei, você entendeu, tudo bem, senta...*Então, o que que eu estou fazendo aqui? Pra que então? Né? Então lê um livro, pronto, não precisa da minha mediação. Faz diferença a gente ler a, a pedagogia da autonomia como a gente leu e ter uma mediação? Tanto faz ter ou não a mediação? Tá esclarecendo alguma coisa né? Então assim, essa é a grande questão. Hã...

Aluno 8: Pro.

Professora 1: Diga.

Aluno 8: É...uma frase, uma coisa que eu queria falar que você me lembrou agora, no ensino fundamental eu tinha um professor que eu perguntava: *pro, não entendi o que você falou*.

Professora 1: Ele repetia?

Aluno 8: Não, ele falava assim, tava bom se ele repetisse. Ele falava assim: *você sabe ler? tá escrito no livro*. Ele falava exatamente assim. E era de ciências. Aí eu fiquei....nossa, nossa, teve um dia que eu falei assim: *então, se você não entender a minha prova, você vai me dar a nota, porque tá escrito*.

Professora 1: Boa Aluno 8. Boa.

Aluno 8: Eu levei uma advertência, mas valeu a pena.

Professora 1: Não, mas você tá certo né.

Aluno 8: Sim. Nossa, eu achava muito revoltante isso, se perguntar, ele dizia: *tá no livro*. Toda vez. Nossa ficava com raiva, mas tudo bem, era só isso que queria compartilhar.

Professora 1: Ontem, eu tava dando curso de forma...você me fez lembrar, que eu vou pegar no celular pra ler pra vocês tá. Ontem eu tava dando formação de professores e a minha Adriana Camejo, que trabalha comigo, eu sou do desenvolvimento pedagógico, ela é dos recursos digitais né. Ela me mandou um WhatsApp, há...de um, de uma aluna do EAD. Deixa eu achar aqui, aluna do EAD escreveu pro professor. Vejam só, ó: gostar... ela começa assim a aluna: *Saudações, gostaria de sugerir que os professores ao corrigirem, avaliem as atividades nos enviassem feedbacks. Principalmente quando a pontuação não atingisse a máxima ou ficasse aquém desta, já que fica a certeza de erros. Porém, se o professor não ousa apontá-los, os mesmos continuarão ocorrendo, e afinal de contas é certo que todos iniciamos um curso superior com muitas deficiências, uns mais do que outros. Contudo, é certo que não desejamos sair com as mesmas, é compreensível o pouco tempo que os professores têm para dar conta de tudo. Porém se não tiver tempo para dar feedback e justificar o que o levou a dar nota, que ao menos dê pontuação máxima. Penso ser melhor ficar enganado e motivado que não saber onde estão as deficiências e como corrigi-las.* Aí eu coloquei pra ela, falei: Adriana, essa menina né parece uma aluna, ela deu uma aula de avaliação pros professores. Ela deu uma aula de avaliação pros professores. Né? Ela está dizendo: ou você me dá nota máxima ou você me mostra onde eu errei, porque se não...Então assim, é Aluno 8, se você fosse meu aluno hoje e eu fosse professora do ensino fundamental, e você me dissesse essa resposta, nossa eu ia aprender. Eu ia aprender, com você.

Aluno 8: Eu acho que eu também pro, eu ia ficar tão em choque, ia falar tipo: *preciso rever urgentemente o jeito que eu tô dando aula né?*

Professora 1: **A Aluna 4 escreveu: além disso tudo, acredito que na questão da licenciabilidade que Freire fala, se preocupar de verdade com aluno em todos os seus aspectos emocional, cognitivo, social dentro do possível, é respeitá-lo no que, no que peguei nessa conversa que tivemos até aqui.** Sim Aluna 4, eu achei superimportante a sua colocação aqui lendo, que você colocou *dentro do possível*. Por quê dentro do possível, imagino eu? Porque é claro que nós professores também temos a nossa

carga emocional, cognitivo e social, e que a gente não dá conta de tudo né. **O Antônio Novoa** fala bastante disso, ele fala que nós não somos psicólogos, pais, mães, tudo mais, mas acho que assim minimamente você se interessar pelo, por aquele ser humano que tá junto com você, é importante né. Então, entendo que a gente não vai fazer papel há...de salvador da pátria, não sou, não sou. Não tenho condições de fazer isso, mas minimamente saber um pouquinho, um tiquinho, de quem é esse ser humano com quem você está lidando né. Acho perfeita a sua fala né. Vou voltar a licenciabilidade. Agora gente, eu ouvi a minha vida inteira como professora, da direção e da coordenação, não da universidade, nem tanto, mas 23 anos da minha carreira no ensino básico, eu ouvi assim olha: basta ter bom senso. E aí, eu ficava me perguntando, o que que é bom senso? Né? O que é bom senso pra mim, o que que é...Então vamo, vamo falar, me esclarece um pouco, o que que é bom senso? **O que é ter bom senso?** Acho engraçado que eu faço pergunta, aí assim fica um tempo né...um prim, prim, prim.

**Aluno 8:** É pro, demora. Eu acho que tipo é ter...é noção, ter uma dimensão, do que você tá exigindo, do que você tá deixando de exigir, to falando agora da relação professor-aluno né. É, é, ter essa, não errar a mão. E nem na...*falar então se vira*, e nem errar a mão no cobrar demais. Acho que você tem que ter um equilíbrio com o aluno. Tanto nas demandas tipo da disciplina, atividades, etc, quanto no jeito de tratar, porque como você falou tipo, são pessoas também, alunos e professores são pessoas. Então, acho que você tem que ter equilíbrio, acho que junto com o bom senso tem que ter equilíbrio, acho que é uma relação mútua, assim. Não sei se eu expliquei muito bem, mas enfim.

**Professora 1:** Não, eu entendi, mas eu perguntei logo a seguir aqui no chat. Fácil?

**Aluno 8:** Não, difícilimo.

**Professora 1:** Aí você falou em equilíbrio, aí eu vou acrescentar a sua, a sua fala, equilíbrio dinâmico. Por que equilíbrio dinâmico? Porque eu posso...sabe o feedback? O feedback hormonal mesmo, que a hipófise libera um determinado hormônio, vai lá estimula uma determinada glândula, aí libera um hormônio, aí esse próprio hormônio volta lá e regula né?

**Aluno 8:** Tive prova disso ontem.

Professora 1: **Esse equilíbrio dinâmico, também acho que serve aqui. Então assim, se eu errar a mão, eu posso errar a mão, eu vou ter que retroalimentar. Se foi mais, se foi menos.** Então vamo lá. Então é...a profissão professor, a profissão docente, ela é inacabada e ela precisa do bom senso, porque ela depende de um equilíbrio dinâmico. Eu não sou, eu estou. Então, a minha relação com os meus alunos e com o processo, assim ó, quer ver, vou tentar dar um exemplo, é...eu fiz isso semestre passado e não deu certo. Por que, que não deu certo esse? Eu posso cobrar vocês nessa fala, por exemplo?

Aluno 8: Não.

Professora 1: Não, porque semestre passado era um, um outro grupo de pessoas. **O grupo de pessoas é, é torna, a relação equilíbrio dinâmico, diferente.** Então, o que era bom senso há 10 anos atrás, eu estou exagerando 10 anos, pode ser semana passada. É, é muito diferente do bom senso que eu teria em outros tempos e vocês também. Né? Mas é complexo, eu confesso a vocês que é um sofrimento. Não sei definir bom senso não. Não sei. Porque eu não sei qual é o limite, não é uma média aritmética, não é um limite médio sabe, não é soma e divide por dois, às vezes pende mais pra um lado e as vezes pende mais pro outro. E aí eu tenho medo de ser injusta. Eu confesso a vocês que eu tenho medo de ser injusta, quando eu é, essa questão do bom senso é cobrada, porque como eu disse não é simplesmente assim soma e divide por dois e vamo lá, vamo em frente. Né? Hã...eu acho que eu já contei isso pra vocês uma vez, eu, vocês sabem, eu não gosto que chegue atrasado, eu não gosto que entregue é, tarefa fora do horário, tem um monte de coisas que eu realmente não compartilho, porque eu acho que fazem parte do nosso compromisso profissional. Eu tive uma aluna na faculdade, a Daniele, que já infelizmente faleceu, que tinha um câncer seríssimo, e ela falava assim pra mim, ela falava assim: *Professora 1, eu num to esperando me formar ser professora, mas eu queria fazer licenciatura, e eu, eu gosto da licenciatura, posso te entregar o relatório quando der, as atividades quando der, e você me dá uma retributiva quando você puder?* Eu deixava, eu deixava ela entregar quando ela quisesse, porque pra ela, é assim, eu tinha que fazer diferente, eu não sei se vocês entendem isso. As concessões eram diferentes, isso até me dá vontade de chorar quando eu lembro, porque logo depois ela faleceu. Então assim, por que que eu ia endurecer de um jeito, cobrando algo profissional da docência, se essa menina tava sofrendo tanto. Mas também, ao mesmo tempo eu fico pensando,

eu não sei quando que a gente vai, quando que a gente fica, eu não tenho esse poder também. Então assim, é muito difícil, esse bom senso aqui é uma pedra no sapato. Né? Pra criar filho é pior ainda tá gente, já só estou avisando aqui assim, só pra vocês saberem que com o aluno é muito mais fácil do que pra criar filhos, assim, infinitamente mais fácil. Tá? Porque se você pega pesado, você é carrasca, se você não pega pesado, você é licencioso, se você dá muito, você é permissivo, se você não dá nada, você é pão duro e assim por diante, com tudo né. Então, bom, e aí vocês tem experiências com esse bom senso? Querem falar alguma coisa?

Aluno 8: A pro, a experiência mais recente que eu tive com isso, foi com a Professora 2, porque quando eu tinha que entregar o trabalho, não falo do relatório, porque ainda não cheguei a fazer o estágio, o trabalho que ela pediu no semestre retrasado, no primeiro do ano passado, eu tava internado com covid né, eu tava a quatro, cinco dias internado já, e eu falei, eu não tinha falado pra ninguém, eu não tinha falado pra nenhum professor, porque eu tava, tava, levei meu computador pro hospital e eu tava dando conta. Aí eu falei...mas aí chegou uma hora que o trabalho da Professora 2 eu não tava conseguindo fazer, porque eu tinha muita coisa pra antes né, aí eu falei, eu mandei mensagem e falei: Professora 2, eu não vou conseguir entregar o relatório por isso, isso e isso. Aí ela obviamente foi super tipo, entendeu o meu lado e foi super, e falou: meu, fica tranquilo, vou falar com o Coordenador e você me entrega depois, eu computo a nota depois, eu abro a disciplina depois. Então, isso foi o bom senso por parte do professor mais recente que eu tive, porque eu consegui entregar depois, eu entreguei mais que 10 dias depois da data, porque realmente não tinha como fazer antes, tava muito cansado de ficar sentado na cama. Aí ela deixou eu entregar depois, fechou minha nota depois, deu tudo certo no final. Essa foi a experiência mais recente que eu tive.

Professora 1: É que a gente tem uma autocobrança grande né, Aluno 8, também.

Aluno 8: Nossa.

Professora 1: Eu sei, porque eu sou assim, eu tenho uma autocobrança gente, nossa. Né? A Aluna 4 também falou que foi a mesma coisa, né. **Aí o 2.5, ele diz que...ensinar, exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores.** Humildade eu acho que a gente já falou, tolerância eu queria ouvi-los um pouco e luta em defesa dos direitos dos educadores. Como é que vocês interpretam isso? Vamo lá. Eu queria



ouvi-los um pouco. Como é que vocês elaboraram isso? Porque agora vai ficando mais claro, porque a gente tá fazendo assim. A gente pegou consciência do inacabamento, reconhecendo, a gente tá ligando uma coisa com a outra. Então chega aqui, esse panorama, essa rede de 3D, não sei pra vocês né, mas pra mim vai ficando ela mais assim ampla, mais clara e ao mesmo tempo mais confusa, porque é um paradoxo. Quais são os nossos direitos como educadores?

Aluno 8: Eu, eu, não tem certeza pro. Eu lembro que teve, teve políticas né, a gente teve uma matéria de políticas e também no texto ele fala tipo que: os professores, os educadores deviam ter direito a, tipo o espaço tem que ser respeitoso, não é, não dá pra ser...o mínimo, entendeu? Tem que ter um espaço, eu esqueci a palavra que ele usou, mas é tipo, é...não ofensivo sabe? Por exemplo, o espaço não deve ser desrespeitoso com o educador, por exemplo. Alguma coisa assim.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: Porque tem que ter a salubridade, tanto pra você quanto pros alunos, lógico. É pra você ensinar, pra você debater, pra você fazer os alunos refletirem. E não aquele espaço tipo sem janela, lousa, giz e vamo lá.

Professora 1: Então, passa pela questão do salário sim né.

Aluno 8: Sim, com certeza.

Professora 1: Mas passa pela questão do, do, do espaço físico, pelo histórico, pelo respeito das jornadas. Então fora do, do, do nosso país, não é que os professores só ganham mais, não é isso, mas eles não precisam de duas, três jornadas em escolas, não precisa sair correndo de uma escola pra outra escola pra conseguir manter o nível mínimo. A gente consegue, a gente consegue, mas eu comecei a minha carreira trabalhando em três lugares, manhã, tarde e noite. E demorou muito, muito na vida, pra eu conseguir ficar num lugar só, só depois que eu me aposentei. Depois de 30 anos de sala de aula né. Então assim, é muito custoso pro professor. Quando a gente fala de direitos, a gente fala inclusive é...do modo como nos olham na sociedade. Quando você diz que você é professor, quase te carregam no colo de dó. Né? Então, nós não somos respeitados é...não...no nosso posicionamento social e isso eu vou dizer pra vocês, nós temos culpa. Porque a gente não diz com a boca cheia, eu sou professor. Como a gente diz, eu sou advogado, eu sou médico, eu sou engenheiro. A

gente não diz eu sou professor. Então isso parte de nós também. É claro, é óbvio que as políticas públicas é...hã...não favorecem. A política pública faz a gente ficar ali né escondidinho. O Aluno 8 colocou: *também tem aquilo que você falou na última aula da gente ter vergonha, medo de cobrar pelo trabalho*. Sim, né. Então o nosso conhecimento construído ele é meio...Agora a, a, isso, isso gente, dos direitos dos educadores, dá um curso inteirinho sabe? Inteiro mesmo. É, é políticas públicas inteiras. E eu vou confessar a vocês que eu não sou nenhuma especialista nisso né.

**E também tem algo que Freire fala no, no livro, que é: muito cômodo ficar de braços cruzados e não usar a voz para tentar mudar.** Perfeito Aluno 8. Então isso, eu queria falar também ó, eu conheço professores que vão de um extremo, que é assim: *eu vou lutar com todas as minhas forças sozinho apesar das políticas públicas*. Tem um outro extremo que diz: *eu não vou fazer absolutamente nada, porque as políticas públicas não fazem*. E tem aqueles que vão nessa escala dinâmica entre esses dois polos, tentando se virar no meio do caminho. Então eu acho que a gente não pode ignorar que as políticas públicas precisam ser cobradas, mas eu também vejo muitos professores acomodados dizendo: *enquanto a política pública não fizer nada por mim, eu não faço*. Isso tá errado também, porque eu tenho um papel como educador. Então, eu volto a perguntar a vocês: em que lugar vocês querem estar nessa escala dinâmica? Num dos pólos ou em que lugar vocês querem estar? Porque isso é muito importante. Tá, é intencional. Hã...mas ó, é a fala de vocês que faz, que me provoca dizer isso. Isso é muito importante que vocês notem. Talvez eu não falasse isso, se o Aluno 8 não escrevesse no chat. Hã...eu quero saber como é que soa nos ouvidos de vocês, como é que fica isso, a palavra tolerância. **O que vem a cabeça de vocês quando a gente fala tolerância?**

Aluno 8: Eu, a priori tenho um sentimento meio...não negativo, nem positivo. Fico pensando, tolerância. Porque tem aquela frase, eu não gosto, mas eu tolero. Eu acho que essa frase é muito, muito pesada, porque tipo, não pesada, mas assim por exemplo é tolerância, aí vem essa ideia de tolerância, aí vem isso, por exemplo, você não tá respeitando positivamente, mas de um jeito meio negativo. Tipo, você tá respeitando, porque você é obrigado, não porque você gosta ou quer respeitar a outra pessoa. Entendeu?

Professora 1: Eu acho que é uma questão semântica da palavra, mas eu tenho a mesma impressão. Pra mim, tolerar, eu aguento até um determinado momento, mas

eu vou me livrar dessa pessoa né. Então, não é um respeito. Eu não vou conviver, porque pra mim quando eu respeito o outro, eu, eu convivo e eu convivo bem mesmo que esta pessoa tem opiniões diferentes da, da, da minha. Eu fico muito pensando nisso. Às vezes as pessoas...eu, eu tive um exemplo disso hoje inclusive, às vezes as pessoas dizem: *vou tirar você das minhas redes sociais*, mas se eu tirar as pessoas que pensam diferente de mim das redes sociais, estou perdendo a chance de conversar. Eu não tô nem querendo, como o Aluno 7 me disse, eu não tô querendo nem mudar a opinião desta pessoa. De dizer pra ela assim: *não, você tem que acreditar no que eu acredito*. Não, não é nem nisso, mas aí, talvez eu esteja sendo...arrogante, e achando que a minha opinião é melhor que a dela. Então, eu não quero tê-la na minha, nas minhas redes. Né? Então assim, eu to pensando alto, tá gente. Eu to filosofando aqui, porque na realidade ela pode pensar diferente de mim. Então pra mim a tolerância, é uma palavra não sei, semanticamente ela me incomoda. Né? Mas aí tem limite também o meu respeito. É, eu não consigo respeitar um esturador. É, é difícil é...são muitos paradoxos que mexem comigo. Por exemplo, as pessoas ludibriadoras que são desonestas, que tentam enganar as outras, que tiram proveito, pra mim é muito difícil. **Eu sou muito mais dessa questão da honestidade, de você chegar pra mim e falar assim: eu não li, eu não fiz, eu não tive tempo, eu não quis, eu...que você tentar me enganar, porque na realidade você não tá me enganando, você tá se enganando né? É, é, e aí tudo isso não é uma autonomia, voltando a questão da autonomia, não é uma autonomia. Porque você não tá fazendo isso por você. Você tá fazendo isso pelo outro. Então, você ainda não tem autonomia. Aliás, autonomia não é uma coisa, um remédio que a gente compra na farmácia. A gente pode ser autônomo pra algumas coisas e pra outras não. Todo mundo quando a gente fala em autonomia, pensa naquele ser ideal né. Eu posso ser autônoma pra umas coisas na minha vida e pra outras não, eu posso ser respeitoso pra algumas coisas, pra outras não.** Né? Então assim, isso é muito importante. A gente não é alguma coisa, a gente tem graus de. Isso é muito legal da gente pensar. Né? Comentários, vamo lá. Deve ter passado um monte de coisa na cabeça de vocês, eu vejo os olhos assim de vocês sabe? Mesmo aqui, mesmo é, nesses quadradinhos aqui, eu vejo assim, a boca, os olhos, o modo como vocês se comportam. Eu vejo que incomoda é, assim, um pouco a fala, sei lá.

Aluno 7: Eu só queria falar uma coisa, disso que você tava falando de, de pessoas que discordam de você. Eu, intencionalmente de vez em quando no YouTube eu ponho um vídeo de um cara que tem uma opinião completamente oposta da minha só pra ver o que ele tá falando, só pela curiosidade mesmo. Assim, eu passo vendo o vídeo com raiva, mas não tiro, só pra eu ouvir, só pela curiosidade mesmo.

Professora 1: É, eu não consigo, eu não tenho esse sangue frio. Eu aviso antes, eu falo assim: *estou te provocando tá*, que nem eu fiz hoje com o Aluno 8. Assim ó eu concordo com você, mas eu vou te provocar tá?

Aluno 7: As vezes eu tenho esse hábito de pegar um vídeo de um, de uma pessoa com um posicionamento completamente oposto do meu, só pra, só pra tentar entender o outro lado. Às vezes penso, será que eu to errado? Deixa eu ver o outro lado pra ver.

Professora 1: Aham, é mas, é um posicionamento que é interessante né, um posicionamento sei lá, que me mostra maturidade, até uma certa maturidade né. Interessante. É que sabe o que acontece Aluno 7? É uma coisa muito importante, assim, às vezes a gente por mais idade que tenha né, às vezes a gente não percebe algumas coisas, quando alguém te diz: *você não está me ouvindo, você não está me ouvindo*, várias vezes, e você diz: *não, estou te ouvindo*. Quando a gente para às vezes pra refletir, talvez você não esteja ouvindo mesmo né. Então assim, a gente, esse exercício reflexivo não é uma coisa fácil que acontece sempre. Então é eu, eu confesso a vocês que é um processo, é um processo que às vezes com as pessoas dá certo, com outras não. E aí os motivos são muitos né, e os motivos são culturais, porque é como a gente se liga às pessoas. Né? É como, as primeiras impressões que eu tive de você como aluno, me desculpe dizer aqui em público, não foram boas naquele semestre, nos primeiros semestres. Né? Talvez, porque você não me desse brecha de entrar neste seu universo de diálogo. Você nunca me deu oportunidade de dialogar. E agora, hoje, eu me espanto, mas eu me espanto, porque positivamente, porque você me deu a possibilidade do diálogo. Né? É, alguém tá certo ou está errado? Não, não to dizendo isso, mas assim, quais são os motivos do, desse entre aspas não diálogo? Não sei, não sei. Mas que bom né? Que bom, que houve possibilidade do diálogo. Eu sempre penso desta forma. Né? Hã...Ensinar exige apreensão da realidade. Como assim? Como assim ensinar exige apreensão da

realidade? Eu acho que a gente pode usar tudo que a gente já falou, mas vamo lá, vamo lá. Eu sei que já cansou gente, eu sei, tá bem cansativo, porque é muito denso, mas é...falta, alegria e esperança, mudar é possível e curiosidade. Vamo lá. Vocês querem fazer escolhas, dentre, aprender realidade, alegria e esperança, mudança é possível e curiosidade? Que elas estão super interligadas inclusive né, se vocês quiserem. Eu gosto do, do, do Freire quando ele fala, *Esperança*, que ele diz assim: *não é esperar né? é de esperar, não, não de esperar*. Nossa eu acho isso tão genial gente, não é sentar e esperar, é ter a perspectiva de que vai dar certo. Então, eu preciso não ser ingênuo. Né? Então, eu não posso ser ingênuo. Eu preciso ler a realidade, ler o mundo. Tem um livro que fala de leitura de mundo, tá? Pra isso, eu preciso ser curioso. E aí, é, é, se eu não acredito que as coisas podem mudar, por que que eu vou brigar por elas? Né? Se eu não acredito, que as coisas podem mudar, porque lutar por elas? Né? Então...

Aluno 8: O pro.

Professora 1: Esperança...já te dou a palavra, esperança vem de esperar, e não de esperar. Ele não espera né. Diga Aluno 8.

Aluno 8: É, então, nesse tópico da Alegria e da Esperança, eu achei assim, eu concordo, mas eu achei utópico. Tipo, ah pra ensinar você precisa ser alegre e ter esperança.

Professora 1: Mas...

Aluno 8: Então assim, eu entendi o que ele quis dizer mais ou menos eu acho, é...mas assim eu não sei, achei muito complicado, porque a gente ok, tem que ter esperança pra dar pra mudar, porque senão não tem como você fazer. Se você não faz algo pra que aquilo aconteça, não tem como fazer. Mas, eu não sei, eu achei muito, é muito difícil, acho que ter uma pressão como de professor, e ter alegria, ter esperança no sentido assim, sabe? Eu sei que não é todo momento, impossível, se for pra ser em todo momento assim, eu desisto agora. Mas, é...sabe eu achei um pouco complicado esse ponto.

Professora 1: Tá, mas eu entendo, aprendo outras coisa de Freire, que essa alegria Aluno 8, você tem razão não é um bobo alegre, não é o alegre e sorridente, é o alegre da esperança do sentido de há...vamos nos apoiar? O que você tiver pra baixo...nosso

grupo tem a obrigação de ser uma rede de compartilhamento. Não é o bobo alegre, não é o alegre e feliz, feliz porque não enxerga...por isso que eu não falei da ingenuidade, não é que eu não enxergo que o mundo tem problemas, não, eu enxergo, mas eu não posso perder as esperanças. Então, quando você usa utopia, você tem razão, é uma utopia necessária. Eu sei que eu não vou mudar o mundo. Eu sei que eu não vou diminuir todas as desigualdades sociais, eu sei de tudo isso, mas eu não posso perder a esperança, a alegria, nesse contexto. Tá?

Aluno 8: Ah tá.

Professora 1: Mas não alegria, essa alegria sabe de sorrir de tudo, de você me dizer assim: *poxa estou cansado*, de você me dizer assim: *não, anime-se né*, veja como a vida é bela. Não, não, tem diferença né. Então, tem diferenças.

Aluno 8: Tipo coaching.

Professora 1: É, isso não é livro de auto-ajuda. Não, não.

Aluno 8: Entendi.

Professora 1: Tá? Agora, ele, eu resolvi pegar umas frases, porque assim gente é de chorar, olha: **educador que ensinando Geografia, podia ser qualquer disciplina, castra a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino de conteúdos, tolhe a liberdade do educando e sua capacidade de aventurar-se, não forma, domestica**, pra mim isso é um chute na boca do estômago. Tá? Isso resolve quem fala que memorizar basta. Tá? *Gosto de ser gente*, ó a alegria aqui. Essa alegria Aluno 8. Olha a alegria triste. **Gosto de ser gente, porque inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento sei que posso ir além dele. Eu não sou um bobo alegre, eu não sou sorriso pra tudo. Eu sou alegre, porque eu gosto de ser gente, porque eu me reconheço um ser inacabado**. Eu não sou idiota. Então eu sou alegre, neste sentido. Porque eu reflito, eu tenho as rédeas de um, da minha vida pra poder brigar pelo que eu quero. Dá pra entender isso? É paradoxal, mas é muito bonito. **Quanto mais cultural é o ser, maior é a sua infância, sua dependência de cuidados especiais. A gente falou disso né? Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética**, ele fala que elefante não tem ética, isso é uma grande discussão. Então a gente, não sei se cabe entrar nela né, porque tem gente que não, que acha que tem, então... **Gosto de ser gente, porque a história em que me faço com**

os outros, e cuja feitura tomo parte, é um tempo de possibilidades e não de determinismos. De novo alegria, gente. Eu gosto de ser gente, porque com vocês eu me faço. E aí eu não sou determinada. Posso me construir diferente, eu sou uma Professora 2hoje. Em relação a ontem. Porque hoje eu tive a oportunidade de me reler, olha isso gente. Se você não chorar com isso eu não sei mais o que dizer. *Haveria, na verdade seria uma contradição se inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É nesse sentido que para mulheres e homens estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros.* Então ele não está no mundo, ele está com o mundo. Isso faz toda a diferença gente. Eu não estou, é...só ao lado de vocês e vendo a, a, o inacabamento de vocês, eu estou com vocês, mergulhadas, se o barco afundar eu vou junto. Mas se o barco não afundar, nós vamos juntos também crescer né? *A boniteza de ser gente se acha entre outras coisas dessa possibilidade nesse dever de brigar.* Nós estamos brigando, nós estamos fazendo algo, *aí Professora, mas é tão pouco, é tão pouquinho,* sim, mas nós não estamos parados. Tá? *O pior juízo é o que considera um professor, uma ausência nas salas de aula.* *Vocês podem me xingar, brigar comigo, falar que me odeia, mas não me considere uma ausência, eu não sou uma ausência. Não, é, eu sei que tem gente que quando faz meu relatório, que quando faz um texto, tarara, fica revoltado comigo, pode ficar, eu vou continuar fazendo essas devolutivas que você fala assim: como que ela não entendeu isso? que raiva?* Eu não vou ser uma ausência na sua vida. *Uma das formas de luta contra o desrespeito dos poderes públicos pela educação de um lado é a nossa recusa a transformar a nossa atividade docente em puro bico, e de outro a nossa rejeição, é entendê-la e exercê-la como prática afetiva de tias e tios.* Eu não sou tia e tio de ninguém aqui. Eu sou profissional, eu recebo pelo que faço. Mas isso não significa que eu vou ser grosseira. Isso não significa que eu não vou considerar afetividade, isso não significa que eu não vou atendê-los com amor inclusive, mas eu não sou, eu sou profissional. Assim como um médico, assim como engenheiro, assim como advogado. Dá pra entender essa frase de Freire gente? *A imoralidade e a desordem estão na manutenção de uma ordem injusta.* Quer dizer, manter a desigualdade social, é essa ordem injusta. Isso é imoral, então a gente precisa fazer algo, o mundo não é, o mundo está sendo, como justa subjetividade curiosa, inteligente é interferidora na objetividade. *Meu papel no mundo não é só o de quem constata, o que ocorre. Então eu não vim aqui só para constatar o que ocorre eu vim aqui pra, pra transformar. Assim como existe disciplina*

no autoritarismo e na licenciosidade, desaparecem ambos a rigor autoridade ou liberdade, somos nas práticas em que a autoridade e a liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo. Eu não sei se todos entenderam isso, quem é autoritário, quem é autoritário, é fácil a gente entender que ele não tá deixando o outro refletir, pensar, fazer nada. O que não é fácil da gente notar, é quando a pessoa não faz nada pela gente, é licencioso. Então aqueles professores que não dão aula, que deixam tudo, que são legais, que vocês adoravam lá no ensino fundamental e médio até agora na, na, na, na faculdade, que não cobram nada, que não são nada na sua vida. Eles são licenciosos. Eles são autoritários. Ué como assim o licencioso é autoritário? Ele é autoritário, porque ele te tira a chance de fazer algo. Olha que loucura, olha que paradoxo. Um professor licencioso, um pai licencioso, uma mãe licenciosa, são tão autoritários quanto um autoritário, pois te tiraram a chance de fazer algo, de refletir, de pensar, de ser. Gente isso é poesia pura, ai Freire. Cansei. Cansei de verdade. Porque eu me emociono ao falar. O Aluno 8 leu três vezes. Mas não é. É, tem a ver com o que a Aluna 5: perguntou, a pergunta da Aluna 5: foi tão genial, que é assim, tem a ver com isso: *se eu quero construir o conhecimento com o meu aluno, e eu coloco a construção de conhecimento como imposição, eu também tô domesticando, e não percebo.* E to falando assim, nossa, eu sou tão legal, eu sou construtivista, mas não. *Aliás, eu não preciso ser nada, eu não preciso ser tradicional, eu não precisa ser construtivista, eu preciso pensar em que que eu quero fazer, em quem que eu quero ser, que eu quero ser junto com o meu aluno, e não, não fazer do meu aluno, porque eu não faço DO meu aluno, eu faço COM o meu aluno, né.* E aí, por isso que vocês, muitos de vocês falam assim: ai nossa, meu sonho é escrever com você, meu sonho é ir para Congresso com você, é porque eu suscito isso em vocês, porque é com, não é...A gente faz junto mesmo de verdade, não para alguma coisa, de alguma coisa né, eu acho que essas preposições são, são fortes né? Ai, ai, e aí querem encerrar? Tá bom né. Querem falar alguma coisa pra encerrar?

Aluna 4: O pro eu só queria entender uma coisinha numa frase do Freire. Se vocês me permitem.

Professora 1: Claro.



Aluna 4: Tá todo mundo cansado. Mas ele fala assim ó: *Estimulava a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em um lugar da passividade, em face das explicações discursivas do professor, espécies de resposta a perguntas que não foram feitas. Isto não significa realmente que devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai e vem de respostas que burocraticamente se esterilizam a dialogicidade não nega a qualidade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos, saibam que a postura deles do professor e dos alunos é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada. Enquanto fala ou enquanto ouve, o que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos.* E aí eu fiquei assim, epistemologicamente curiosos, eu fiquei com dúvida nisso pro. Você pode me explicar?

Professora 1: Tá. Claro. O que ele tá dizendo, é que assim, eu como professora, não preciso ficar sendo chata de toda hora, quando você me faz uma pergunta, te devolver a pergunta, porque tem gente que acha que é assim, o dialógico é, eu não respondo nada pra você e quando você me pergunta alguma coisa, eu te devolvo com uma pergunta pra você ficar pensando e refletindo. Ele diz não, o professor pode responder às dúvidas, mas mantendo este elo de ligação há...na sua dialogicidade, respeitando a inteligência do aluno. E o aluno também pode fazer a mesma coisa, como você acabou de fazer, de pegar um trecho e me dizer: *então olha tá vendo, isto daqui, aconteceu tal e tal coisa.* Então a gente tá mantendo um diálogo, real, verdadeiro? Então, agora eu não posso me eximir de te explicar esse trecho, dizendo: *vai lá, com uma outra pergunta.* É isso que ele tá dizendo. A exposição há...faz parte da dialogicidade, porque tem muita gente que fala assim: *ah então um modo tradicional de explicar as coisas, eu tenho que esquecer.* Não, não. Né? Se eu não soubesse responder, eu te diria: Aluna 4, eu vou ler de novo e vou te responder, mas se eu sei, eu posso reelaborar esta fala pra você e pros seus colegas, e tentar redimir um pouco essas dúvidas, reelaborando este conhecimento. Né? Então é isso que ele quer dizer com epistemologicamente é curioso, epistemologia é a origem do conhecimento. Então ele tá dizendo assim, eu tenho que manter vocês curiosos segundo a origem dos, desses conhecimentos segundo a origem das palavras. Eu não posso me eximir no meu papel de professora de trazer alguns conceitos, de esclarecer dúvidas, e não

ficar só nessa posição chata de assim: ah, o que que você acha disso? Porque tem professor que acha que construir o conhecimento é devolver a pergunta, e deixar ele com cara de burro. Né? Agora me devolve assim, não sei se eu consegui é...explicitar todo esse trecho. É meta cognitiva.

Aluna 4: Entendi pro.

Professora 1: Foi uma pergunta reflexiva, e eu refleti sobre a reflexão né na verdade, é bem complexa.

Aluna 4: Esclareceu bem pro, nossa, me deu uma abertura agora.

Professora 1: Eu tive professores de matemática no ensino fundamental e médio que era assim, eu não tava entendendo absolutamente nada, e eu perguntava, e eles me diziam assim: *que que você acha?* Eu continuava achando nada, porque eu não tava entendendo nada. Isso não é construção de conhecimento, é isso que Freire tá falando. Não basta você devolver a pergunta pro seu aluno, se você com você, eu não queria a resposta do problema, eu queria que eles me ajudassem no processo. Né? Eu queria que eles mantivessem um diálogo comigo. Só que eles provavelmente entenderam errado o que que era esse de esse diálogo. Né? E eu agora, eu acabei de te dar uma resposta, mas eu não te disse que isso é verdade absoluta, e que você precisa fazer isso exatamente. Eu te dei novos horizontes e ferramentas pra você construir o seu conhecimento. É mais difícil a gente construir nosso próprio conhecimento. Né? Mais alguém, quer fazer um comentário, uma dúvida? Que nem a da Aluna 4, que é muito boa, ai gente vocês são geniais, muito geniais. Vocês não tem noção...

Aluno 8: Pro, eu queria fazer um comentário.

Professora 1: De quanto vocês são bons, é isso. Vocês não tem noção. Diga.

Aluno 8: Eu queria...tipo assim, todas essas experiências que a gente teve no ensino fundamental e médio, eu por exemplo, todos os professores tinham licenciatura no ensino fundamental e médio. Mas aí, é interessante a gente pensar que se fosse uma licenciatura, por exemplo eu acho a nossa licenciatura muito bem elaborada e, e eu acho assim, quem quer ser professor vai fazer, porque não é um negócio que você consegue levar assim, empurrando com a barriga. Pra mim é impossível.

Professora 1: Não, não.

Aluno 8: Então assim, ou você vai querer ou você gosta mesmo, ou você é mágico. Tem essas duas opções. Aí assim, eu acho que se todos fossem assim, um não ia ter tanto professor, mas os que teriam eu acredito que seriam de ótima qualidade. Então é, é, é um ponto de pensar, que não é porque tem licenciatura que tipo nossa incrível, então ótimo.

Professora 1: Posso discordar de você?

Aluno 8: Pode.

Professora 1: Infinitos professores passaram por esta licenciatura, e esses professores são péssimos professores.

Aluno 8: É, justo.

Professora 1: Não é suficiente passar por uma excelente licenciatura, não houve transformação Aluno 8. Aí é um caso pra gente estudar. Aí é uma pergunta pra um TCC, por que que há professores que passaram pela, pressupostamente, ó muitas aspas, pela mesma licenciatura, porque não é a mesma, mas e não fazem diferente. É, essa é uma pergunta real de pesquisa. O que faz um professor se transformar? É essa a pergunta. Aí ó, já, já te, um TCC Aluno 8.

Aluno 8: Um TCC não né pro, uma incógnita, não dá nem pra elaborar em cima disso. Eu pelo menos não sei nem o que eu falo, tá tipo.

Professora 1: Não, mas calma, calma. Respira, a Professora joga sementinha e depois vai, vai. Né? Aos poucos, calma. Só respira, agora. Agora só vai pra sua sexta-feira, porque a minha tá lotada de atendimento, da reunião. Aliás, se eu não parar agora pra fazer xixi, eu não vou conseguir atender o TCC. Gente mais alguma coisa, vocês querem falar? Mas anota essa pergunta em, dica de ouro pro TCC. Beijinhos, então, gente. Bom final de semana, muito obrigada pela aula. Não esqueçam que nós fizemos essa aula, sem vocês isso não existiria, tá. Um beijo grande, obrigada tchau.

Alunos: Tchau, tchau.

Professora 1: Já, já eu mando a gravação e o chat, quer dizer já, já mais ou menos, porque demora para ele gravar aqui.

- **Aula Met Bio 1 – 19/03/21**

<b>CHAT</b>
<u>09:31:11 - Professora 1</u> : Aulas simuladas - aulas práticas diferentes das tradicionais.
<u>09:32:15 - Professora 1</u> : Pode começar a: formar os trios; escolher a data; mandar o roteiro para Professorapara devolutiva.
<u>09:34:31 - Professora 1</u> : Aluna 2 - arco e alef.
<u>09:35:30 - Professora 1</u> : Aluna 1 - Erli - esperando a assinatura do estágio
<u>09:36:43 - Professora 1</u> : Aluna 5: - Pibid como voluntária.
<u>09:37:37 - Professora 1</u> : Aluno 6 - vai verificar a escola, mas tem tempo para o estágio.
<u>09:38:30 - Professora 1</u> : Aluna 4 - Aluno 7 (Pibid) e Gustavo.
<u>09:39:29 - Professora 1</u> : Aluno 9 – Gustavo.
<u>09:39:53 - Professora 1</u> : Aluno 8 - Mayra e Felipe.
<u>09:40:49 - Professora 1</u> : Aluno 7 - Aluno 7 (Pibid).
<u>09:44:51 - Professora 1</u> : Aluna 3 – ok.
<u>09:47:13 - Aluno 8</u> : Relacionar autores - pegar uma ideia comum entre os textos e colocá-la no mesmo "lote". Sugestão: começar falando das epistemologias - o conhecimento pode ser analisado a partir de 3 perspectivas: empirista, inatista e interacionista.
<u>09:47:23 - Aluno 8</u> : Frases curtas, sujeito objeto complemento.
<u>09:49:04 - Aluno 8</u> : Na epistemologia empirista a ênfase está no experimento (prova científica), assim, temos exemplos de diversas abordagens como: citar autores.

Mizukami: comportamentalista, Freire bancária. RELACIONAR. Pensar nas semelhanças, diferenças e relações entre as ideias dos autores; fazer comparações.

09:50:05 - Aluno 8: Por outro lado, há a epistemologia inatista. Sempre ler parágrafo anterior para conectar com o posterior. Nesta epistemologia inatista, o conhecimento está no próprio indivíduo, assim o professor não tem o papel de estímulo, como explicado na abordagem humanista de Mizukami.

09:51:10 - Aluno 8: Quando consideramos que a verdade ou conhecimento não está nem no objeto nem no sujeito e sim na interação, temos a epistemologia interacionista, como representado nas seguintes abordagens: cognitivismo e sociocultural (Mizukami) e Freire libertária.

09:52:11 - Aluno 8: Mizukami apresenta 5 abordagens de ensino: A, B, C, D, E. Já para Freire, a educação pode ser dividida em bancária e libertária. COMEÇAR A RELACIONAR. O que dissemos até o momento serve tanto para aulas teóricas como práticas, (INTRODUZIR TEXTO PROFESSORA 1).

09:53:07 - Aluno 8: Referencial teórico: filiação teórica para que possamos avaliar os dados.

09:54:53 - Aluno 8: Conectivos entre parágrafos; ideias soltas.

09:59:27 - Professora 1: segunda feira à noite.

09:59:29 - Aluno 6: pra mim tbm.

09:59:38 - Professora 1: mandar por e-mail.

10:00:44 - Professora 1: Aluna 2 - mais complexo do que a pedagogia da autonomia.

10:01:19 - Professora 1: Aluna 5: - achou esse texto mais fácil.

10:01:56 - Professora 1: Aluno 8 - achou mais fácil, pois se identificou mais.

10:02:16 - Professora 1: Aluna 4 - também achou mais fácil.

10:02:42 - Professora 1: Aluna 1 - achou mais fácil, só tem um item que não entendeu nada.

<p><u>10:08:00 - Aluno 6:</u> além de fragmentada, eu diria "segmentada" ou "setorizada", tendo em mente o funcionamento de um banco, que possui vários diferentes setores ou segmentos.</p>
<p><u>10:13:46 - Professora 1:</u> que características tem que ter um professor para que possa provocar seus alunos?</p>
<p><u>10:26:54 - Aluna 4:</u> Meu nariz começou a sangrar de novo, já volto.</p>
<p><u>10:27:02 - Aluno 8:</u> eita, melhoras, Aluna 4.</p>
<p><u>10:29:06 - Professora 1:</u> liberdade - escolhas, limite, responsabilidade. Responsável pelas escolhas significa medir as consequências dos meus atos.</p>
<p><u>10:30:22 - Aluna 4:</u> Perdão pela minha câmera.</p>
<p><u>10:32:40 - Aluno 8:</u> vou ao banheiro, já volto.</p>
<p><u>10:42:37 - Aluna 3:</u> tem mts professores bancários no nosso bacharelado.</p>
<p><u>10:42:58 - Aluno 8:</u> demais.</p>
<p><u>10:44:34 - Aluno 9:</u> olha, na escola já tive muitas aulas assim.</p>
<p><u>10:47:36 - Professora 1:</u> como aplicar as ideias de Freire na prática?</p>
<p><u>10:48:36 - Professora 1:</u> Aluna 3 - questionar os alunos.</p>
<p><u>10:49:40 - Professora 1:</u> para que os alunos cheguem a conclusões que façam sentido para eles.</p>
<p><u>10:49:59 - Aluno 8:</u> pro, eu não to me sentindo muito bem, acho que minha pressão caiu um pouco... tudo bem se eu sair? 2a vez na semana que acontece isso.</p>
<p><u>10:50:32 - Aluna 4:</u> Viixi Viih, melhoras pra vc. Se cuida!</p>
<p><u>10:51:00 - Aluno 8:</u> obrigado, Aluna 4... vou sair. acho que a pro não viu o chat. bjs gente.</p>
<p><u>10:51:09 - Professora 1:</u> Se cuida Aluno 8.</p>
<p><u>10:51:13 - Aluno 8:</u> ok obgd pro.</p>

10:53:48 - Professora 1: Aluna 2 - primeiro conhecer o que o aluno já sabe.

10:54:02 - Professora 1: Problematizar - criar conflito cognitivo.

10:54:33 - Professora 1: mostrar que existem outras possibilidades.

11:05:27 - Aluno 6: tchau prô!

### **Aula Gravada**

Professora 1: Temos coisas para tratarmos hoje. Então, vamos começar pelo seguinte. Aqui no nosso cronograma tá escrito que hoje 19/03 é entrega individual da relação entre os textos. Me contem um pouco que que aconteceu. Vamo lá.

Aluna 2: Então pro, eu vou contar o que aconteceu comigo, pelo menos. Eu olhei o plano e vi que tinha entrega, aí tudo bem. Como eu tinha feito a disciplina no semestre passado, eu peguei o meu texto do semestre passado e tava arrumando. Aí na terça-feira, eu vi, eu acho que foi na terça, eu vi que você colocou o...você abriu a aba de entrega no moodle. E aí colocou a data pra hoje. E aí eu achei estranho, porque eu lembrei que no semestre passado a gente teve uma aula sobre como fazer relação entre os textos. E aí eu mandei mensagem pro Aluno 8 para ver se você tinha falado alguma coisa na aula passada, porque eu não participei da aula passada. Então fiquei um pouco confusa e aí eu mandei mensagem pro Aluno 8. Aí o Aluno 8 falou que não tava sabendo e que tinha falado com a Aluna 1. E aí a gente achou melhor é, mandar mensagens no grupo pra ver se era isso mesmo, se a entrega tava realmente para hoje e se não ia ter aula de como fazer relação entre os textos. Pelo menos foi isso que aconteceu comigo.

Professora 1: Porque que...

Aluno 8: Foi quase igual, porque eu abri o celular e tinha mensagem da Aluna 2e da Aluna 1, eu fiquei assim, calma, texto, atividade, que, o texto eu sabia, eu fiquei em choque com a atividade.

Professora 1: Tá. Vamo lá. Por que que teve orientação no semestre passado e nesse não?

Aluna 2: Ah não sei, talvez pelo, pelo tempo né, talvez a gente vá pegar feriado no dia. Não sei.

Professora 1: Não, porque vocês pediram. Tá no cronograma. Tá no cronograma. Já mandei desde o primeiro dia de aula. Como é que eu vou adivinhar que vocês estão com dificuldade de relacionar? Quando vocês me dizem: *Professora 1, vamos falar sobre a relação dos textos?* O planejamento é mandado pra vocês se planejarem gente. Tá? Então assim, não, tudo bem, ok, não é bronca. A gente pode, eu posso dar mais alguns dias pra vocês se organizarem tá. Não posso infinitamente colocar pra frente isso, porque eu tenho que ler, dar a devolutiva pra vocês me reentregar a atividade. Então não pode ser um tempo muito longo. Mas quando você olha no planejamento, que no dia 19 você tem que entregar um texto, e você tem dúvidas sobre como se faz a conexão, é obrigação do aluno, é corresponsabilidade do aluno, é...perguntar, falar ó: *eu to com dificuldade, eu não sei como relacionar*, foi o que aconteceu no semestre passado. Tá? Então essa primeira...coisa, que a gente precisa ver hoje então tá? A outra coisa é que nós estamos em 9 pessoas né, 10 com o Francisco, que eu não sei se vai frequentar. Então eu sugiro que a gente faça trios pras aulas simuladas tá. Hã...as aulas simuladas eu vou escrever aqui no chat, aulas simuladas, elas são aulas práticas diferentes das tradicionais. Tá? Então vocês lembram que o nosso maior enfoque que a gente discutiu os textos, é que uma aula prática ela não comprova a teoria? Tudo bem? Então é assim, basicamente vocês vão ter que elaborar uma aula prática que vocês vão ter que dar aqui via, hã...online hã...que não, que não seja com o objetivo de comprovar. Então vocês já podem começar a: vamos lá. Pode começar a: formar os trios, escolher a data de apresentação, mandar o roteiro para, pra mim, hã..para devolutiva. Que roteiro que você tá falando? Num material que eu mandei pra vocês, tem um roteirinho de aula prá...de relatório para aula prática, que tem assim, tema é, objetivo, hã...referencial sobre o assunto que vocês querem trabalhar, hã...então assim sigam aquele roteiro e podem me mandar as ideias. Bem cruas, bem cruas ainda. Aí eu vou dando a retributiva pra gente construir junto, mas isso já pode começar a ser feito tá. Ok? Bom dia, Aluno 7.

Aluno 7: Bom dia.

Professora 1: Tudo bem?



Aluno 7: Tudo, desculpa o atraso eu...

Professora 1: Magina. O Aluno 9, o Aluno 9 avisou lá no nosso grupo que tava com dificuldade de internet, mas ele já tá entrando também né, aqui já entrou. Bom dia, Aluno 9. Oi.

Aluno 9:Olá.

Professora 1: Tudo bem? Conseguiu?

Aluno 9:Consegui, mas deu um estresse olha...

Professora 1: Não, calma, respira, respira.

Aluno 9:Tava funcionando até agora pouco e do nada puf, só para de funcionar e já caiu.

Professora 1: Acontece, acontece...

Aluno 9:Mas, tudo bem.

Professora 1: Mas conseguiu, pronto. É...então voltando a...não, antes de voltar a questão do texto, vamo ver como é que estão a vida, como é que está a vida em relação aos estágios. Vamo lá pra gente é...cumprir né. Aluna 2? Como é que tá isso, Aluna 2? Estágio.

Aluna 2: Sim, estou preocupada.

Professora 1: Hã?

Aluna 2: Porque agora, agora, vai ter essa, essa coisa dos feriados né. Eu ia começar na semana que vem, e aí as escolas estão se planejando para tipo é...pro, pra adiantar as provas né. Então a escola que eu ia fazer por exemplo, vai adiantar todas as provas, e as provas...

Professora 1: Qual escola que você ia fazer?

Aluna 2: Eu estava vendo de fazer na, na Arco e no Alefe. São duas escolas...

Professora 1: Arco ou argo?

Aluna 2: Arco.

Professora 1: Arco e Alefe.

Aluna 2: Isso.

Professora 1: Tá.

Aluna 2: São duas escolas particulares.

Professora 1: Eu sei.

Aluna 2: As duas vão, vão tentar é...adiantar as provas por causa do, da semana do feriado né.

Professora 1: Tá.

Aluna 2: E aí eu não vou conseguir começar na semana que vem, e nem na outra, porque...

Professora 1: Ok. Já, já a gente pensa nisso tá.

Aluna 2: Humhum.

Professora 1: Aluna 1.

Aluna 1: É, eu vou fazer com o Erli, e aí tipo, eu já preenchi os documentos e nanana, e ele já mandou. Só que lá, pra pessoa assinar não é a diretora da escola, é uma rede de escolas, e quem tem que assinar é o presidente da rede. E aí parece que não é uma pessoa tão acessível assim. Então o Erli já mandou esse documento pra esse presidente já tem duas semanas. E ainda tô esperando, mas assim eu vou, eu tenho muito pouca aula da Universidade por causa da minha grade. Então, eu vou conseguir fazer bastante assim durante a semana. Então, eu não to tão preocupada, porque eu vou conseguir cumprir assim, mesmo que demore um pouco mais.

Professora 1: Tá. Agora assim ó, vamo lá. Era isso que eu ia sugerir pra Aluna 2, se eu conhecesse os professores tá. No caso do Erli, se, se faltar aula, se não, se não der por algum motivo, você pode planejar com ele aulas, porque eu tenho acesso e ele é uma pessoa que vai te atender. Então vocês bolam uma aula, depois ele aplica e te conta como foi. A gente dá um jeito. O problema é que eu não conheço os

professores, não sei se do Arco eu conheço alguém, tá. Pra gente fazer essa, esse jogo né? Pra tentar salvar o estágio. A gente vai salvar de qualquer jeito, mas, tá. Aluna 5:, tá tudo certo né, Aluna 5:?

Aluna 5: Sim, tá tudo certo.

Professora 1: Tá, porque você tá no PIBID. Certo. PIBID como, como voluntária. Tá. Hã...bom Aluna 3 não tá. Deixo eu colocar aqui. Aluna 3 não tá, ok. Aluno 6?

Aluno 7 (Aluno 6): Eu, ainda não vi a escola que eu vi essa semana só, que tive coisa de exames, depois outro dia tive enxaqueca, eu passo o dia inteiro meio mal, mas também eu to com horário tranquilo. Então tipo, mesmo que demore um pouco, eu posso fazer bastante aulas durante a semana.

Professora 1: Vai verificar a escola, mas tem tempo para estágio. Tá. Ok, Aluno 6. Aluna 4.

Aluna 4: Oi pro.

Professora 1: Diga lá sobre o estágio.

Aluna 4: Então, eu tô só um pouquinho preocupada mesmo por causa desses feriados e tudo. Até porque a escola do Aluno 7 entrou em recesso né, mas como eu tô fazendo com a Professora 2 lá com o Gustavo então tá dando. Até agora eu tenho umas 8 horas, mas eu acho que vai dar pra cumprir certinho.

Professora 1: Então, mas não dá, não, não precisa se preocupar, porque tanto com o Aluno 7 do PIBID, tanto com o Gustavo a gente pode negociar de você fazer planejamentos.

Aluna 4: Assim com o Gu a gente já, já até planejou já.

Professora 1: Aí ele me contou várias coisas.

Aluna 4: É?

Professora 1: Eu brinquei com ele e falei que eu vou saber da aula dele em mínimos detalhes no relatório. O Aluna 2 de repente, pensando aqui, a gente pode gritar socorro pra alguns desses, ex-alunos né. Não seria bom?

Aluna 4: Acho que pode gritar mais pro Aluno 7, porque eu com o Gu, a escola só deixa dois, pro Aluno 7 dá.

Professora 1: É que com o Aluno 7 coitado, ele tá a manhã, tarde, noite, ele tá tão atribulado. Ele não sabe dizer não pra mim.

Aluna 4: É, tadinho.

Professora 1: Então, eu tenho até vergonha de pedir sabe?

Aluna 4: É, ele tá com...

Professora 1: Tá bom, mas a gente, é... a gente vai pensar. Hã...Aluno 9?

Aluno 9: Olha, tá sendo com o Gustavo e tá, tá, tá, tá bem promissor.

Professora 1: Tá. Certo. É ele sempre me chama pra perguntar algumas dúvidas aí, porque ele tá começando, mas é legal que vocês acompanhem. Porque se formou uma rede né?

Aluno 9: Sim, sim.

Professora 1: Tá bom. Aluno 8.

Aluno 8: Ah pro, foi o que eu falei antes tipo do pessoal entrar. Então eu to tranquilo, porque eu já falei com a Maíra e com Felipe. Eu vou fazer com os dois. Ele tá na Green Book, e ela tá no Sesi. É a...os dois já me devolveram o documento assinado, já enviei os dois pro, pra aquele e-mail que você me mandou. Só to esperando a assinatura de volta, então tranquilo quanto a isso.

Professora 1: Tá. Mas se já puder adiantar algumas coisas, se já, já vai né, mesmo...

Aluno 8: Ah, eu já posso indo? Assim, mesmo sem a...

Professora 1: Eu acho que sim, depois você muda um pouco as datas, sei lá. Porque eu fico preocupada com isso né.

Aluno 8: Ah então beleza, então eu vou conversar, porque o Felipe falou que assim, ele tava terminando semana de prova e depois já podia começar. A Maíra também.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: Ah então beleza, eu vou falar com eles, se tudo der certo eu já começo segunda.

Professora 1: Certo. Aluno 7?

Aluno 7: Eu to com o...é, junto com a Aluna 4 fazendo aula com o Aluno 7. Assim eu...me assusta um pouco o feriado, mas acho que se fazer esse esquema que você falou de ajudar a planejar aula, então eu to tranquilo.

Professora 1: E, outra coisa que eu falei, eu não sei para quem mais, porque é tanta gente né. É...a Aluna 3 vai entrar. É que...vocês podem entrar nas nossas reuniões do PIBID tá. É gente, só um minutinho, tão tocando a campainha aqui. Eu vou ver, acho que é remédio que eu pedi. Desculpa gente, corri. É, oi Aluna 3, bom dia.

Aluna 3: Oi.

Professora 1: Como é que você tá?

Aluna 3: Tudo certo.

Professora 1: É? Então tá bom. Então eu tava dizendo pra vocês que, vocês podem entrar no, na reunião, quem tá fazendo lá no PIBID. Na nossa reunião grande do PIBID, porque tem as discussões e conta as horas tá bom? É, Aluna 3 eu to perguntando...

Aluno 7: Professora.

Professora 1: Oi?

Aluno 7: Professora, só uma dúvida, que dia e que hora que é isso?

Professora 1: Terça-feira...

Aluna 4: Terça-feira, quatro e meia.

Professora 1: Não é as quatro?

Aluna 4: As quatro e meia da tarde.

Professora 1: É, terça das quatro e meia às seis. Tá? Você me pede que eu mando o link.

Aluno 7: Tá bom.

Professora 1: Tá? Aluna 3, nós estamos falando de estágio. Tá tudo certo?

Aluna 3: Humhum.

Professora 1: Sim?

Aluna 3: Sim, eu, eu falei ontem, lembra?

Professora 1: Isso, falo. Você falou da, das escolas. Você tem, tinha até comentado que...

Aluna 3: Vai ter prova, feriado...

Professora 1: Isso, que você é muito, que você ainda não tinha feito contato com o professor, que não queria entrar assim na caruda. Lembro. Tá. Aguardando. Ok. Vamos voltar ao nosso assunto. Vamos resolver junto o que que a gente vai fazer em relação à atividade 1? Vamo lá. Eu não vou resolver sozinha. Então, primeira pergunta, precisam de orientação? Sim. É, eu vou dar as orientações, depois que eu der as orientações, a gente decide um novo prazo. Ok? Que não pode ser um prazo muito longo. Ok? Porque essa corresponsabilidade também ela precisa ser compartilhada. O que que é relacionar autores? Relacionar autores é pegar uma ideia que, que esteja nos dois textos. Uma ideia geral e colocá-los há...num mesmo mote vai. Então por exemplo, há...eu tô pedindo pra vocês relacionarem, quais textos? Vamo lá. O Gaspar. O meu texto né com a Daniela, e é...Mizukami e Freire. Tá? Eu posso começar, ó eu vou dar uma sugestão tá. Posso começar falando das epistemologias, eu posso começar assim ó, eu posso dizer que o conhecimento pode ser analisado a partir...

Aluno 8: Pro, eu to escrevendo tudo que você tá falando, se quiser ficar tranquila.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: De internet...eu to digitando tudo.

Professora 1: Tá. Mas você tá digitando aqui no chat?

Aluno 8: Aqui no chat, é.

Professora 1: Ah, então tá. O conhecimento pode ser analisado a partir de três perspectivas. Tá? A empirista, inatista e interacionista. Tá? Então, ponto. Façam frases bem curtas, bem curtas mesmo. Assim sujeito, objeto e, e, o, o complemento e acabou, ponto. Aí, vocês podem continuar assim, é... Na epistemologia empirista, há...o maior valor ou a, a, a ênfase. A ênfase está no, no experimento, na prova científica. Há...Assim, temos exemplos de diversas abordagens como, aí vocês podem citar os autores tá. Vai pra Mizukami, a tradicional e a comportamentalista pra Freire, a bancária pra...A gente ainda não leu Mauri. Bom, enfim, o que vocês acharem nos autores que cabe como abordagem aqui, vocês colocam tá? E relacionam. Então, quando Freire fala da bancária é igualzinho ao que Mizukami fala de tradicional e comportamentalista? Igualzinho? Não, igualzinho não, mas eles podem se relacionar. Então, você diz: enquanto Mizukami diz que na abordagem tradicional o aluno há...é uma tábula rasa, e o professor vai transmitir o conhecimento, Freire compara este aluno com um banco em que há o depósito. É a mesma ideia, por isso que a Aluna 5: fez assim, porque é a mesma ideia, mas eles usam analogias diferentes. Então você vai trazer a ideia de Mizukami, cita ela entre parenteses, a ideia de Freire, cita Freire e faz a relação. Tá? Por outro lado, a, a epistemologia inatista, aí você vai continuar o texto. Sempre leia o parágrafo anterior, pra conectar com o posterior. Então você faz conexões com ligações. Então por outro lado existe epistemologia, ou a epistemologia inatista. Nessa epistemologia inatista, a, o conhecimento está no próprio indivíduo. Assim, o professor não tem o papel do estímulo, tarará,tará...como explicado na abordagem, qual abordagem? De Mizukami. Lá na abordagem humanista tá? Esse talvez não tenha com quem relacionar, porque a gente não...acho que não trouxe mais nenhum autor né. Aí, como é que você poderia fazer? Você poderia dizer assim: há...se considerar, quando consideramos que a verdade ou o conhecimento não está nem no sujeito, nem no objeto, e sim na interação, temos a epistemologia interacionista que pode ser representada por diversas abordagens. E aí você traz essa abordagens. Por exemplo, de Mizukami ela fala de cognitivismo e sociocultural. E Freire fala da libertária. Tá? Presta atenção que tem uma diferença entre libertadora e libertária tá? Procurem essa, essas diferenças direitinho, porque não, não é a mesma, não é o mesmo termo. Mas, Professora eu acho isso muito difícil de fazer assim desse jeito, eu posso começar assim ó, por exemplo, outro jeito tá agora. Mizukami apresenta cinco abordagens de ensino blablá, blablá, assim. Tá, ponto. Não vou explicar as cinco. Não vou, só vou dizer que elas existem. Já para

Freire, a educação pode ser dividida em: XY, ele divide em bancária e libertária. Hã...certo. Aí você pode começar a relacionar esses dois autores. Chega no momento do seu texto que você pode introduzir a ideia assim. O que dissemos até o momento, serve tanto para aulas teóricas, quanto práticas. E aí você introduz o meu texto sobre a aula prática dizendo que...Quantos jeitos tem de você fazer um texto assim? Quantas maneiras?

Aluna 3: Infinitas.

Professora 1: Infinitas gente. Você pode começar por aula prática. Tá. Então assim, eu nunca, essa tarefa eu sempre passo pros alunos, nunca teve textos iguais. Aliás, eu, se for fazer agora de novo, o texto, eu não consigo fazer igual. Por quê? Porque você vai reformulando. Então você pensa primeiro no roteirinho do que que você quer, e vai construindo. Mas para que que se faz referencial teórico? Eu acho que é bom a gente falar nisso né, porque senão você vai fazer e não sabe nem pra quê. Referencial teórico é a nossa filiação. Filiação teórica, nossa, nosso partido para que a gente possa depois analisar os dados. Então, você tem dados lá do seu estágio tá? E aí, então o professor agiu de certa forma XYZ, pra eu poder analisar, eu tenho que ter um quadro teórico pra dizer ó, ele foi por essa linha, parece que ele foi para aquela. Ai, é para classificar? Não. Não, não. Não é pra classificar o professor em gavetas, mas é pra fazer uma análise dele. Então parece que aquele tem essas características, aqui outras. Então, é...eu tenho que ter um quadro teórico substancial. Eu estou dando os autores pra vocês. Quando a gente for fazer é, TCC, IC, mestrado, doutorado ou qualquer outro trabalho, vocês vão ter que fazer esse levantamento biográfico. Não que o orientador não ajude, mas é basicamente...você vai ter que buscar várias coisas pra poder compor o seu trabalho teórico. Tá? Relacionando os autores. Agora tudo bem, vai lá, entrega a primeira versão, eu vou ler, vou fazer meus comentários e devolver. Quais são os maiores erros, vamos dizer assim? A ausência de conexão entre as ideias, entre os parágrafos tá? Ficam estanques. É citações erradas, que aí eu vou ajudá-los a fazer citações certas. É...você pensar algo e não escrever. Então a ideia fica falha. Né? Releia com uma certa distância pra ver se você escreveu mesmo o que você queria. Acho que é basicamente isso, tá? Mas, vamos lá. Perguntas.



Aluna 2: Pro, eu tenho uma em relação à referência. É...eu usei um texto que a gente usou em metodologia de ciências 2. E eu lembro que a Professora 2, ela pediu pra gente ler de um, da página 5 sei lá, tô dando um exemplo, da página 5 a 32. Como que eu faço, é um livro, como que eu faço referência disso?

Professora 1: Mas ele tem capítulos?

Aluna 2: Eu acho que tem.

Professora 1: Você vai pegar o capítulo que você leu. Você nunca cita só as páginas que você leu. Você sempre cita o capítulo todo. Tá? Independente assim, o ideal é quando você cita o capítulo, você tá dizendo pro seu leitor que você leu o capítulo, tá. O ideal, o mundo ideal é esse, é você ler o capítulo, porque, às vezes o autor mesmo se contradiz nas linhas de, de raciocínio. Então, você tem que terminar de ler pra, o capítulo, pra ver o que, que, qual é a do autor. Tá? Qual livro que é?

Aluna 2: É o Ensino de Ciências...pera aí que eu tô...com ele aqui.

Professora 1: Por investigação, da Ana Maria Pessoa de Carvalho.

Aluna 2: Mas é o Ensino de Ciências por alguma coisa, foi o primeiro texto. Não, é da Marta e Mauri eu acho. Não.

Professora 1: Marta.

Aluna 2: Martha e Miriam. Marta e Miriam, mas eu não lembro o sobrenome.

Professora 1: Tá.

Aluna 2: Isso, Marandino. E eu acho que você até colocou naquele texto que, naquele documento que você dá uma ajuda de como fazer o referencial.

Professora 1: É...

Aluna 2: Só que, mas tipo, se for mais de um capítulo que, que eu li, e e que eu vi no texto...

Professora 1: Esse livro, se for esse livro que eu to pensando da Marta Marandino e da Miriam Krasilchik, de alfabetização científica. Se for esse, é um livrinho de bolso pequenininho.

Aluna 2: Isso. É esse mesmo.

Professora 1: Tá. Então se você leu mais de um capítulo, você praticamente leu o livro todo. Então, pode citar o livro, o livro tá. É alfabetização científica.

Aluna 2: Tá bom.

Professora 1: Eu sei qual que é, é um de capa preta.

Aluna 2: É sobre isso mesmo. Sobre isso mesmo.

Professora 1: É...tá. Que mais de dúvidas? Tá. Agora a data. Vamo lá gente. Quanto tempo?

Aluno 8: Pro, eu não sei pra...assim, eu to falando muito pra mim mesmo, eu tô tranquilo hoje e esse fim de semana. Então tipo, se fosse manter pra hoje eu acho que até conseguiria fazer, mas aí sou eu, óbvio que a gente vai dar alguns dias a mais. Tipo, eu to tranquilo então...

Professora 1: Não, mas eu, eu, eu queria que vocês entendessem gente, não to brava tá e não to dando bronca, mas eu queria que vocês entendessem que a responsabilidade é nossa. Eu já tinha colocado isso desde o primeiro dia de aula. Então assim, vocês dizerem que não sabiam não é uma justificativa, tudo bem. Aconteceu algo, a gente vai dar alguns dias, mas eu não posso dar por exemplo uma semana, não. Tá? Então o que a gente tá combinando aqui é, um final de semana. Esse final de semana basta? Segunda-feira também ajuda? É isso, eu to negociando prazos pequenos. Tá? Porque a gente precisa criar esta responsabilidade também. Ok? Domingo à noite ou segunda, é assim, é esse o prazo, mas vamo lá. Tá mutado  
Aluna 5:.

Aluna 5: É bom, só uma ideia, mas acredito que até segunda à noite.

Professora 1: Segunda à noite...Aluno 7, Aluno 9?

Aluna 2: Eu ia sugerir isso também, segunda à noite.

Professora 1: Aluna 2, Aluna 3, Aluno 6...

Aluno 6: Segunda noite tá tranquilo.

Professora 1: Tá.

Aluno 7: Ah, pra mim segunda à noite tá bom.

Professora 1: Segunda-feira à noite. Se por acaso, se por acaso eu esquecer de mudar lá no moodle tá, vocês mandam por e-mail. Se eu esquecer de mudar no moodle, aí vocês mandam por e-mail. Ok? Combinado. Mais alguma dúvida antes da gente começar a aula de hoje? Não? Então, vamo lá.

Aluno 8: Tranquilo.

Professora 1: Então é...vamos começar por, por, pelas impressões digitais, gerais, digitais...to ficando louca. Hã...Sobre a concepção bancária da educação como instrumento da opressão. Vamo lá. Impressões gerais. Ainda não vamos entrar nas minúcias.

Aluna 2: É, eu, comparando com o texto anterior, a pedagogia da autonomia, eu achei esse texto um pouco mais complicadinho assim de entender, porque eu acho que ele escreve mais...ele não escreve tão escancarado como é na pedagogia, na pedagogia da autonomia. Pelo menos eu, eu senti isso, que ele escreve mais entre linhas assim.

Professora 1: Tá.

Aluna 2: Então assim, eu senti um pouco mais de dificuldade de, para entender o texto. Entender o que ele tava falando na verdade.

Professora 1: Ok. Quem mais? Que impressões teve do texto? Eu já vou pedir uma atividade já logo, logo. Hoje a gente vai trabalhar com a atividade.

Aluna 5: Pra mim, pra mim foi ao contrário. Eu senti que aquele foi um pouquinho mais complexo, esse aqui ele já deixou mais escancarado o que ele quis trazer. Sabe? É...sabe, assim, tava muito nítido, muito explícito, assim achei esse texto mais fácil.

Professora 1: É curioso isso né? Curioso como as pessoas interpretam de modos diferentes. E a gente precisa saber acolher isso. Quer dizer pra Aluna 5, acho que o Aluno 8 também, porque o Aluno 8 balançou a cabeça né?

Aluno 8: É eu também achei mais tranquilo esse assim, não sei se foi tipo, porque...acho que eu me identifiquei mais, acho que ficou mais fácil pra eu entender esse do que o outro.

Aluna 5: Eu também.

Professora 1: Tá. Esse identificou mais. Mais alguém?

Aluna 4: Eu também achei um pouco mais fácil pro, principalmente algumas palavras que eu acho que deriva da filosofia como: the venir, ontológico. Eu gostei.

Professora 1: Tá. Ninguém vai compartilhar a ideia da Aluna 2?

Aluna 1: Não, eu achei mais fácil também. Só teve uma parte, ele é dividido em itens né? Só teve um item que eu não entendi nada.

Professora 1: Tá.

Aluna 1: Vo pegar aqui qual era. Acho que era o penúltimo. Mais de resto, eu também achei mais fácil. Mas acho que também, eu tava mais entretida assim do que o outro. Acho que outro era muita coisa né, era maior e era muita, muita coisa. Esse tipo, eu fiquei mais entretida assim.

Professora 1: Tá. Ok. É, vou compartilhar a minha tela. Hã...ó, vocês estão vendo a minha tela? Sim? Tá. Eu fiz o seguinte aqui, eu peguei e preenchi uma tabela inteira e coloquei aqui do lado educação bancária aqui, educação libertadora aqui. E aí, eu coloquei, é, eu completei a tabela. Eu fiz a lição de casa inteirinha aqui, mas é, eu escolhi algumas palavras e tirei. Tá. Hã...Pra que eu e vocês juntos pudéssemos preencher. Tá certo? Então a atividade de hoje vai ser essa. Então o Freire fala que na educação bancária o professor ele nega o diálogo, ele narra de certa. Que que vocês colocariam aqui olha, na educação libertadora?

Aluna 2: Eu colocaria dialogicidade, tá certa essa palavra? Mas, diálogo.

Professora 1: Acho que tá. Dialogicidade, existe sim. Vou marcar em amarelo aqui assim, tá, porque aí depois eu vou mandar pra vocês essa tabela que a gente preencheu junto, mas eu aceito outras palavras se vocês quiserem. Aliás, deixa eu avisar uma coisinha pra vocês, vai chegar uma hora que a gente vai começar a repetir

coisas, porque como as palavras estão absolutamente interligadas né, elas não são estanques desse jeito que eu fiz. Então você vai falar assim, mas cabe aquela palavra que eu já falei. Ok, cabe mesmo, porque tá conectada. Alguém mais sugere mais uma palavra? Fiquem à vontade.

Aluna 1: Troca?

Professora 1: Oi?

Aluna 1: Troca.

Professora 1: Troca, boa. Troca. Tá.

Aluno 6: Eu ia falar maleabilidade, mas acho que já tá meio junto é, com a dialogicidade né?

Professora 1: Maleabilidade. Não, mas eu quero que tenha a cara de vocês. Então vamos colocar sim. Tá. Hã...O, o Freire diz que na educação libertadora a, a educação ela é vista de modo integral. É o todo. Tá? E na bancária o que ele diz? Que termo que a gente usaria aqui?

Aluno 8: Fragmentada?

Professora 1: Oi?

Aluno 8: Fragmentada?

Professora 1: **Fragmentada**. Fragmentada. Mais sugestão, de mais algum termo? Tá.

Aluna 2: Pro, eu não entendi...eu não entendi tipo, é em qual sentido a educação libertadora integral?

Professora 1: Tá. Hã...Eu tava lendo uma outra coisa que eu coloquei no Facebook há 2 anos atrás né, do Freire, é...que ilustra isso. Ele diz assim: a cartilha pela qual eu aprendi, eu fui alfabetizada, era assim, a gente escrevia vá, vé, ví, vó, vú, é...bá, bé, bí, bó, bú, e era essa alfabetização né. E, a gente montava frases a partir disso. Então sei lá, a vovó viu a uva algo assim, e **Freire diz: o importante não é se ela viu a uva, é quem é esta vovó, onde ela mora e que uva é essa. Sei lá, algo do tipo contexto. Então é nesse sentido. A educação libertadora entende que o conhecimento ele precisa ser**

integral, ele precisa fazer sentido. É problematizador, não adianta eu saber por saber, eu tenho que saber no contexto. Aquilo que eu sempre falo pra vocês né. Pra que entender mitocôndrias se eu...se eu não sei nem para quê, nem como. Então a educação bancária é fragmentada. Eu pego a célula e fragmento ela em organelas, e o aluno não tem a noção do todo. Este integral aqui, pode ser o todo de uma célula, de um órgão de um corpo, de uma população, de um ecossistema há...e até da Terra ou até mais do que isso. Tá? Mas são questionamentos globais que fazem diferença na minha vida, que vão fazer diferença na minha vida. E aí eu aproveito pra dar uma dica importante, quando vocês pensarem na aula simulada de vocês pensem nisso. Pensem na dialogicidade, pensem nas questões integrais, pensem em coisas que vão fazer diferença na vida do aluno de vocês. Tá? Melhorou?

Aluna 2: Sim, melhorou.

Professora 1: Tá. A educação bancária é alienante.

Aluna 3: Eu acho que a outra, a libertadora, é problematizadora.

Professora 1: Ótimo. **Problematizadora**. Mais alguém?

Aluno 8: Eu falo conscientizadora.

Professora 1: **Conscientizadora**. Tá.

Aluna 2: E crítica. Acho que eu colocaria crítica.

Professora 1: **Crítica**. Tá. Ótimo. É...por favor, alguém quer comentar? Essa...por que que é alienante?

Aluno 8: Sim...

Aluna 5: Eu acredito...

Aluno 8: Ah, pode falar.

Aluna 5: Não, pode falar Aluno 8. Fala você.

Professora 1: Tem muita coisa.

Aluna 5: Tá. Eu acredito que assim, ela é alienadora, porque pelo menos assim no meu ver, é quando você tem um...você tem uma aula no ensino do construtivismo ali você permite que o aluno se expresse, exponha suas ideias, que ele vai percorrer né. Cada um vai percorrer por determinado caminho, mas ali você vai gerar um conflito cognitivo. Desde que o professor saiba fazer perguntas, mas que o aluno possa refletir e fazer suas relações no ensino do construtivismo. No ensino no, na educação bancária, no ensino...porque, bom, ali se pressupõe que o professor ele entende que o aluno é uma caixa vazia em que você vai depositando conhecimento ali, se deposita, deposita, deposita. Então, não tem o diálogo, não tem a, não tem como fazer ligações, refletir sobre o que tá acontecendo. Então, por isso que o aluno ele fica alienado né. E eu até entendo que isso até mesmo provoca uma desigualdade social, que você não tem a formação de cidadão crítico né e reflexivo.

Professora 1: É muito interessante, porque assim, quando a gente fala alienado a gente pensa numa pessoa completamente assim fora dos padrões, mas eu me sentia alienada até na época da faculdade. Por quê? Porque eu tinha os conteúdos, mas eu não sabia o que fazer com aqueles conteúdos. Aquelos conteúdos não me serviam como ferramenta de...discussão sabe, eu sabia mitocôndria, sabia mitose, eu sabia aquilo, mas não fazia de muita diferença na minha vida saber aqueles conteúdos. Então, o alienado não é aquele bobão que não sabe de nada não. É até um intelectual lá, que sabe muita coisa sobre, cuidado com a palavra viu? Cuidado com as palavras. Aliás a próxima é exatamente isso né, educação libertadora tem significado. E a bancária?

Aluno 8: Não tem, vazia.

Aluna 2: Com...eu lembro que ele falou...

Professora 1: É vazia.

Aluna 2: É, eu lembro que ele falou algo sobre a palavra, assim a palavra na libertadora tem um significado e na bancária é só o som.

Professora 1: Som. Um som...é o, o Aluno 8 falou é vazio. Agora de novo, eu, eu faço questão de dizer. Não é um vazio total em que a pessoa acha que sabe mesmo tá,

mas aí quando você a questiona, ela nota que não sabe. Na bancária memoriza, na libertadora...

Aluno 8: O pro, é desculpa, só deixa eu voltar no alienante rapidinho, que além do que a Aluna 1 falou, é eu também acho que não é por, pelo, pela bancária estimular esse negócio de repetição do que o professor faz, acaba bloqueando essa, essa parte da reflexão do aluno. Por isso também acho que ela seja alienante.

Professora 1: Bloqueia a...cadê alienante? Mas a gente tava falando daqui. Então aqui você gostaria de colocar que bloqueia a?

Aluno 8: A reflexão.

Professora 1: A reflexão. Não era nosso objetivo colocar aqui, mas qual é o problema né. Vamo lá. Ótimo. Memoriza?

Aluna 4: Problematizadora também.

Professora 1: Problematizadora?

Aluna 4: Isso.

Aluna 5: Reflexiva.

Aluno 7: Eu diria que tem uma construção.

Professora 1: Reflexiva. Construtória.

Aluna 5: Gera conflito cognitivo.

Professora 1: **Gera conflitos cognitivos.** Ótimo. Aí, foi a Aluna 5 que falou né agora pouco? Não foi a Aluna 1. Sobre alienante? Ou foi a Aluna 1? É...ela falou com tanto que o professor saiba fazer isso. Daqui a pouquinho, só pra garantir que dê tempo, a minha pergunta é, até vou colocar aqui no, no chat a minha pergunta. É...que características tem que ter um professor para que possa provocar seus alunos? Depois a gente vai. Se não der tempo a gente deixa isso pra depois tá. **Antipatizadora é contra educando. Isso vem de um histórico assim, quanto mais afastado um professor do seu aluno, quanto mais odiado pelo seu aluno, é, ele é melhor professor né. Então é contra mesmo. Eu to de um lado, você tá de outro. Isso, culturalmente**



vem assim, atormentando a vida daqueles professores que tentam explicar que não né. Então como é que vocês colocariam, que palavra que vocês colocariam?

Aluna 4: Companheirismo.

Professora 1: Companheirismo.

Aluno 7: É, eu colocaria empatia.

Professora 1: Companheirismo, empatia...

Aluno 8: Eu colocaria de novo, dialogicidade.

Professora 1: Dialogicidade. Eu colocaria simpatiza. Porque *sim*, patiza, porque *sim*, é de união né. Hã...É, a simpatia significa simpatiza é com né? É...educador com educando. Não é versus educando. Tá. É por que vocês acham que é difícil isso gente? Por que que, não sei. Aliás eu, eu me adiantei a pergunta. Vocês acham isso difícil? Vocês acham isso comum? Que, que, que, que passa na cabeça de vocês quando vocês acham ou quando vocês me dizem que o professor tem que ser companheiro é, empático, dialógico, simpático, neste sentido de estar com né? Que aí o professor não consegue fazer isso sozinho né? Se o aluno não quiser não dá, não tem como. Oii, vocês tão me ouvindo?

Aluno 8: Pro, você tá travando um pouco.

Professora 1: É, a minha internet gente, desculpa. Eu to perguntando...

Aluno 8: Tá travando.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: Tenta tirar o fundo, acho que melhora.

Professora 1: Tá.

Aluna 4: Tá travando. Eita. Gente, a pro saiu ou travou geral?

Aluno 8: Não, não, a pro ta aqui, ela tava tirando o fundo.

Professora 1: O fundo é.

Aluna 5: Não travou não viu, fica tranquila.

Professora 1: Voltei. Mas, eu acho que se eu ficar sem...será que se eu ficar sem a câmera ajuda um pouco? Não sei. Bom, vou compartilhar...ó lá a minha internet está instável, está me avisando. Que bom, hoje eu tenho tanta reunião né? Isso, não é um bom sinal. Bom, vamo lá. Vamo ver agora. Eu tava dizendo pra vocês, **quais são as maiores dificuldades desse item aqui de um professor e de um aluno serem companheiros, serem empáticos, porque é um professor com um aluno né, não é só a vontade do professor ou só a vontade do aluno.**

Aluno 8: É pro, teve uma hora que você falou: *vocês acham fácil, vocês acham comum?* Aí eu ia te responder assim, comum, eu assim onde eu estudei é, era relativamente comum. Tinham professores que tinham uma troca muito boa com os alunos, muito boa mesmo. Apesar de todos, assim, apesar da, do ensino nas escolas meio travado tipo, não tem como ter muita maleabilidade, mas o professor que tinha uma troca muito boa com os alunos. Sabe, muito boa mesmo com os alunos...

Professora 1: Mas...

Aluno 8: Os alunos evitavam de prestar atenção pela troca com o professor. Sabe? Mas eu não sei, eu não diria que é fácil, porque eu acho que exige tanto do professor como da reciprocidade do aluno. Você não tem como forçar alguma coisa que o aluno não queira. Entendeu?

Professora 1: Mas sabe que que eu acho? **Não sei se vocês concordam ou não, que as pessoas confundem o bom relacionamento com o aluno e aprendizagem.** Hoje eu não tive que entre aspas dar uma bronca? Tive. Eu não me eximi do meu papel. Eu não tenho receio que vocês não gostem de mim. Dá para entender isso? Eu não tenho receio que vocês não sejam meus amiguinhos que se diz, que digam: *ai a Professora não é legal*, porque o meu papel de educadora precisa ser exercido, assim como o papel de vocês como alunos. Então eu tenho receio só de que isso seja entendido por isso que eu falei. Em uma boa relação, tem professor que tem uma excelente relação com o aluno só que ele não ensina, não compartilha aprendizagem em nada, ele não é orientador. Não é? Eu não sei se você tem essa impressão.

Aluno 8: Concordo. Eu tenho essa impressão sim pro. Inclusive, também tive professores que a troca com os alunos é incrível, mas todo mundo concordava na questão de passar...de professor com a, é aquela frase: *nossa como pessoa eu amo, mas como professor eu não entendo nada.*

Professora 1: Então, mas pra que...

Aluno 8: Nossa, o que eu já ouvi, cada frase.

Professora 1: Então, mas pra que você tá indo lá em busca de ser, de ser um bom professor. Não é...

Aluno 8: Sim, sim.

Professora 1: Pessoas legais você tem que conhecer fora desse ambiente. Né?

Aluno 8: Eu concordo pro, eu concordo, mas é que tipo, isso é bem comum também.

Professora 1: Eu chamo isso, e eu acho que a gente deveria até investigar mais de sedução, que não é pelo conhecimento. **A sedução que não é pelo conhecimento.** Tá. Por isso que eu me irrito um pouquinho quando vocês falam assim: *ah, mas também fulano de tal é jovem por isso que ele tem uma boa relação com os alunos.* Gente, não é isso. Então assim, quando a gente envelhece a gente não pode ter uma boa relação? Qual é a, o âmago disso? Né? Então assim, não é a juventude que vai me garantir isso. Porque não é uma troca sedutora pela idade. Não. É uma outra coisa que tem que nos seduzir aqui. Então é, é isso tem que ficar claro né? **Bom, de um lado a educação bancária é ingênua e a, a libertadora é crítica, tá. A educação libertadora como o próprio nome diz, liberta e transforma. Essa palavra transforma é muito forte.** E a bancária que que vocês colocariam aqui?

Aluno 8: Mantém, estagna, não sei.

Aluna 4: Condiciona também.

Professora 1: Condiciona também. Desculpa Aluno 8...?

Aluno 8: Ai eu falei que ela mantém no mesmo estado ou estagna, alguma coisa assim.

Aluna 2: Oprime.

Professora 1: Mantém esta...Como é que se escreve? Mantém estagnado. Ó o Gustavo, o Gustavo não me larga gente. *Olá, bonjour êtes-vous?* Ainda vem conversar comigo em francês, é muito cara de pau. Condiciona, mantém estagnado, oprime. Mais. Nossa que calor. Condiciona, mantém estagnado, oprime. Sabe o que que eu coloquei aqui? Olha isso. Domestica. Gente. Esse termo. Esse termo domestica do Freire, é muito forte. Tão me ouvindo?

Aluna 2: Travou para vocês?

Aluna 5: Pra mim não, eu to vendo vocês.

Aluna 4: Pra mim não.

Aluno 8: Pra mim a internet travou.

Aluna 2: Ó lá, a Professora travou.

Professora 1: Travou um pouquinho né? Travou depois que você colocou a palavra. Tá. Eu to dizendo que domestica, é muito forte. Né? Porque domestica é quase não, não humano. Bom. Dita, memoriza, aqui mediatiza. Homem se relaciona com o mundo. O homem tá dentro do mundo, o mundo está dentro do homem. Como é que vocês representariam isso na, aqui na, na bancária?

Aluno 8: Que o homem tá dentro do mundo e tem que ser igual a ele.

Professora 1: Tá. É assim olha, pedaços do homem ou do ser humano né, dentro do mundo fragmentado. Como é que se disse Aluno 8?

Aluno 8: Eu falei que o homem é pedaços do homem. Você colocou pedaço né, mas eu tinha falado que o homem tá dentro do mundo para se adequar e tem que se adequar a ele.

Aluno 9: Travou de novo ou...?

Professora 1: Não. É...eu to escrevendo. Travou? É que eu tava escrevendo, eu não sei, eu parei de falar só. Tão me ouvindo?

Aluno 8: Tamo te ouvindo pro.

Aluna 5: Te ouvindo.

Professora 1: Tá, não é que eu tinha parado de falar. **A libertadora permite escolhas.**

E aqui que que se colocaria na bancária?

Aluna 5: Impõe regras?

Professora 1: Impõe regras. Deposita...

Aluno 8: Não dá escolha.

Professora 1: Não dá escolha. Arquia. Gente, ele usa um termo. Fiquei com horrorizada a primeira vez que eu vi. Engorda. Que assim olha, você vai enchendo a pessoa como se ela fosse vazia. **Então olha, impõe regras, deposita, não dá escolha, arquiva como se fosse um arquivo mesmo, engorda no sentido pejorativo da palavra né? Porque quando a gente engorda a gente acumula coisas que a gente não precisa. É muito representativo né o engorda? Bom, a bancária domina. A libertadora cresce e desenvolve. A bancária inibe a ação.** E aqui que que você colocaria?

Aluno 8: Estimula.

Aluna 5: Estimula a autonomia? Estimulação.

Professora 1: Estimula a autonomia. Que mais?

Aluna 1: Liberdade?

Professora 1: **Liberdade, criatividade. O pessoal, que que é liberdade pra vocês?**

Aluno 8: Pro eu sabia que você ia perguntar isso.

Aluna 2: O pro eu ia, eu ia te perguntar isso agora.

Professora 1: Perguntei antes. Não, mas é uma pergunta assim pra vocês. Você, quando que você disse, diz assim: *eu me sinto livre*.

Aluna 1: **Nesse, nesse, nesse contexto, pra mim é tipo a, não é a educação que vem e te fala: *você tem que acreditar nisso, nisso, nisso, igual o seu professor fala*. É a educação que te dá a liberdade de escolhas, te oferece ali as possibilidades e dentro**

disso, você tem a liberdade de entender, de acreditar no que você quiser. Então pra mim, liberdade é isso assim.

Professora 1: Então há...o tadinha da Aluna 4. É então, liberdade pra, pra Aluna 1, ela fala que assim é ter escolhas. Tá? É, eu concordo com você, mas tem mais uma pimentinha nesse, nesse caldo das escolhas.

Aluna 2: Eu acho que tem um limite, não sei.

Professora 1: É...escolhas, limite. É, fala Aluna 2, desculpa. Fiquei empolgada.

Aluna 2: É que tipo eu acho que a, a, a liberdade sem um limite, ela vira, vira bagunça. Tipo vira, eu esqueci a palavra, mas é...

Professora 1: Eu, eu ia falar **responsabilidade**.

Aluna 2: Isso. Eu acho que é isso.

Professora 1: **Porque quanto mais livre você é, mais responsável você é.** Parece paradoxal gente, mas não, porque assim, a Aluna 2 tá certa. Se não, se eu não tenho esse limite, eu sou um irresponsável na verdade. **Então o, o, a escolha eu posso fazer, mas é que eu não sou um ser sozinho, eu sou um ser social. Então, quanto mais livre eu sou, mais responsável eu sou pelas minhas escolhas. Então, responsável pelas escolhas significa, medir as consequências dos meus atos.** Vou dar um exemplo. Mas aí eu gostaria muito que depois vocês também dessem um exemplo, se vocês conseguirem pensar né? Responsável. É, desde muito pequeno o meu filho me pergunta assim: *você acha que você faz diferença na vida dos seus alunos?* Sempre foi uma pergunta. Agora ele já parou de fazer essa pergunta, mas era uma pergunta constante tá. Eu falava assim pra ele: *Mo, eu não sei, não sei mesmo se eu faço diferença na vida dos meus alunos, mas eu acho que na vida de alguns, é, sim um pouquinho é...mas eu não sei fazer de outro jeito, porque eu me sinto tão responsável. É que se eu não fizer, eu vou estar me sentindo desonesta. Eu não vou conseguir colocar a minha cabeça no travesseiro e dormir tranquila sem achar que eu estou fazendo alguma coisa pra mudar, pra tentar mudar e transformar a sociedade.* Mas nesse sentido que a Aluna 1 falou, não de catequese, mas de dar caminhos. E essa pessoa fazer boas escolhas, ser ético, ser motivado eticamente há...nas escolhas que ele vai fazer. Claro que não, obviamente que não sou só eu né, é a família, os amigos,

a...um monte de, de outras pessoas. Eu não sei se o exemplo foi bom ou não é, mas me digam se o exemplo foi bom, e se vocês querem dar outro exemplo. Vamo lá. Vamo gente. Começa dizendo se o exemplo fez sentido ou não.

Aluna 1: Pra mim fez.

Professora 1: Por quê?

Aluna 1: Ah, porque é isso mesmo, eu acho que o papel...seria legal o papel do professor ser esse de dar os caminhos e o aluno conseguir escolher, mas é isso com, sabendo que tipo, das consequências das suas escolhas. Então por exemplo, quando você diz aqui pra gente: *eu te passo, se vocês quiserem*. E fazer uma educação tradicional depois tipo, é escolha de vocês sabe. Só que a gente aqui, você, a gente, sabe as consequências. Então a gente sabe que cada tipo de educação que a gente escolher fazer, a gente aprendeu os objetivos...

Professora 1: É responsável né por ela?

Aluna 1: É. Então é uma escolha com responsabilidades, sabendo que, o que está escolhendo. Então, pra mim faz sentido.

Professora 1: E, alguém quer dar algum exemplo? A gente nunca vai saber muito bem das escolhas que a gente faz. Quais seriam as outras consequências? Isso, também a gente tem que dizer né, porque assim, a gente nunca sabe, *ah, se eu tivesse tomado outro caminho que que seria esse ser?* Não adianta muito a gente chorar o leite derramado, porque a gente não sabe que caminhos. Então é a questão de seguir né? É, renova na libertadora, não desculpa, recria. Ah, essa daqui a gente não falou né? Hã...Frustra e renova. Por que que frustra a bancária? Porque ela não, não, por tudo isso que a gente falou aqui. Ela não deixa você crescer, ela não desenvolve, ela não permite escolhas, ela não faz mediação, ela não transforma, ela não deixa você ser crítico, ela não cria significado e assim por diante. E, e, e no caso da libertadora, ela, ela renova as possibilidades né? É, a libertadora recria. E a bancária?

Aluna 4: Cópia?

Aluna 1: Reforça?

Professora 1: Recria. Fala de novo, por favor. Reforça. Eu coloquei, domina. Tá? Que mais? Alguém mais? Como eu disse pra vocês, chega uma hora que a gente vai ficar se repetindo na, nas explicações né, porque uma coisa tá ligada à outra, mas se vocês quiserem fazer algum comentário que veio à cabeça de vocês aqui.

Aluno 6: Imprime?

Professora 1: Oi?

Aluno 6: Imprime.

Professora 1: Imprime?

Aluno 6: Humhum.

Professora 1: Como assim diga pra mim?

Aluno 6: No sentido de que, enquanto a outra visa recriar, tem uma coisa nova. Essa, ela imprime uma coisa que existe várias vezes, porque só vai imprimindo nos alunos, copia e cola.

Professora 1: Como se fosse uma marca né?

Aluno 6: Isso.

Professora 1: Como se fosse uma, uma pegue? Assim só digitar, entendi. É sim. É porque eu tinha ouvido o primeiro reprimi, porque também né? Mas não caberia aqui exatamente, acho que imprime é, é melhor. Enche de conteúdo, oprime. E aqui? Que que seria? Qual o contrário disso? Quer dizer, que que seria para a libertadora?

Aluno 6: Olha, eu acho que poderia caber liberdade também de novo?

Professora 1: Liberdade. Ok.

Aluna 2: Dar possibilidades, eu acho.

Professora 1: Dar possibilidades. Ok. Que mais?

Aluno 7: Construção, acho que cabe também?



Professora 1: O sim, não, cabe construção. Ótimo. Eu to colocando...porque não tem o certo e o errado. Diga.

Aluna 3: Invés de ficar enchendo conteúdo, a libertadora ela pega alguns conteúdos e explora mais eles.

Professora 1: Isso, posso colocar problematiza? Posso? Tá. Agora tem uma coisa que vocês não falaram, não sei se perceberam o texto, que é isto daqui vou colocar até em caps lock. **INTENCIONALIDADE**. Hã...Deixa eu fazer uma perguntinha pra vocês. **O ensino bancário tem intencionalidade? O que que vocês acham?**

Aluna 2: Eu acho que sim, mas eu acho que é essa a intenção...

Aluna 5: Também, eu acho que sim.

Professora 1: Aluna 2você acha que o ensino bancário tem intencionalidade?

Aluna 2: Mas é diferente.

Professora 1: É diferente. Tá. Quem concorda com a Aluna 2? E vamos pensar um pouco mais nisso, porque assim a impressão que eu tenho, é impressão tá, a gente precisaria investigar isso. Mas, é que nem todo professor seja ele, é...tradicional, comportamentalista, inatista, em qualquer situação. Bancário, libertador. **Libertador é mais difícil, mas as vezes ele não tem consciência do que tá fazendo, não é intencional. Ele aprendeu de um jeito e ele replica daquele jeito, e ele acha...talvez isso seja a intenção, por isso que fica bagunçado. A intenção dele é passar o conteúdo, mas ele nunca parou pra pensar, que essa intencionalidade não tá surtindo efeito. Ele culpa alguém sempre.** Culpado é fulano de tal, culpado é ciclano, culpado é esse plano, culpado é a política pública, culpado é o aluno, culpado é a estrutura. **Então assim, essa intencionalidade ela tem que ser reflexiva.** Né? Essa palavra é muito forte, por isso que eu coloquei em caps lock tá gente.

Aluno 9:Professora, eu acho que eu não entendi muito bem o sentido da intencionalidade. Você pode me explicar por favor?

Professora 1: **Sim, quando eu planejo uma aula, quando eu planejo um curso, uma aula, eu tenho uma intenção forte. Uma intenção maior do que só fazer você ler Freire. Eu quero que você se corresponsabilize pela ação docente. Aí eu te pergunto Aluno**

9, quando você for dar aula de biologia. Qual que é sua intenção? O que que você quer fazer com seus alunos? Você quer formar um monte de mini biólogos, mini cientistas? Você quer que eles sejam adequados a cultura local? Você quer que eles sejam...? Toda vez que a gente pergunta pra um professor de biologia, o que que ele quer, ele fala que ele quer que seja um cidadãos plenos e críticos, mas do jeito que é dada a biologia, como é que essa intencionalidade vai chegar a de fato? Então eu não sei o quanto é intencional lá do fundo do coração. Quanto é intencional mesmo, quanto de intenção se tem a chegar, porque quando eu falo intencional eu tenho que me rever, eu tenho que tentar, e eu tenho que ouvir os meus alunos me dizerem: *olha, isso daqui está indo para um bom caminho, isto daqui não*. Então precisamos rever, né. Então essa intencionalidade é o que eu tenho como objetivo, objetivo maior. Para além de que ele saiba descrever a relação entre organelas de uma célula, que eu não estou negando que é importante. Porque parece que às vezes, quando a gente fala isso, a gente é criticado, porque diz assim: *a Professora é contra o conteúdo*. Não, claro a gente é da biologia, a gente vai ter que falar, não vamos falar de outra coisa, nós vamos falar da biologia, mas com intenção maior do que só ficar neste campo. Né? Quando eu discuto...sei lá, algum tema polêmico dentro da biologia, dentro da genética. Eu queria que meu aluno tivesse ferramentas, pra tomar decisões na vida dele. Né? Pra entender um pouco melhor esse universo que ele, que ele vive. Certo? Melhorou?

Aluno 9:Aham, sim, sim, sim.

Professora 1: Certeza?

Aluno 9:Aham.

Professora 1: Se não a gente continua conversando sobre isso. Eu não ligo que a gente não chega no final, tá.

Aluno 9:Não, não, acho que entendi sim, acho que eu consegui pegar.

Professora 1: Tá. Ok. O educando aqui na bancária, aceita, passivo. Tá? Hã...é essa daqui mesmo? É. Educando, aceita passivo. E o no, na libertadora?

Aluna 4: **O educando constrói, significa?**

Professora 1: Tá. Constrói. Que mais?

Aluna 2: Faz parte do processo.

Professora 1: Faz parte do processo.

Aluna 2: Da tomada de decisões, também.

Professora 1: Toma decisões. Ok.

Aluna 5: Faz reflexões.

Aluna 2: Faz parte do planejamento.

Professora 1: Desculpa Aluna 5? Faz reflexões. É...Faz parte do planejamento. É isso?

Aluna 2: Isso.

Professora 1: Eu não contemplei alguém gente? E aqui, a gente poderia dizer em um, por tudo isso que vocês falaram, se traduz numa palavra que assim, ativo né. **O aluno faz parte é, é disso, de modo ativo. Quando a gente toma parte das decisões, a gente também se corresponsabiliza né?** A gente...quando você é mandado simplesmente, você diz: *bom, o outro mandou eu fazer, pronto*. É, então. Muito boa essas palavras que vocês colocaram aqui, esses termos. Gente, olha essa palavra como é forte, torpor, **a educação bancária causa torpor, porque você fica aí ó quieto sem né participar. Aceita. A que cria uma meta consciência. Quer dizer você tem consciência, e você reflete sobre a sua própria consciência. Isso é o máximo. O conhecimento na bancária é crença. E aqui, o conhecimento ele é algo crítico. A bancária, manda olhar. O olhar é anestesiado é, é só você olhar pela janelinha de uma sala de aula, o professor falando, falando, falando, as pessoas quase dormindo na sala de aula né? Num estado de torpor mesmo, que nem ele fala aqui em cima. A libertadora desvela a realidade, admira. O olhar é, é diferente. Aqui, mesmice na bancária e criatividade que a gente já falou na, na libertária. Tudo homogêneo e monótono na bancária e desafiador na libertadora.** Por isso, que o desafiador aqui causa...deixa eu ver se eu, se eu uso essa palavra adequada aqui, medo talvez? O, a Aluna 3 colocou tem muitos professores bancários no nosso bacharelado. Sim, Aluna 3 tem. Sim.

Aluna 2: Acho que no nosso Brasil né?

Professora 1: No nosso bacharelado, no nosso Brasil. Mas se sabe Aluna 2, é no mundo. Sabia?

Aluna 2: Sim.

Professora 1: A gente faz crítica muito ao Brasil, mas quando a gente sai pra olhar por aí, a gente tem ilhas de excelência, lugares que tem ensinamentos diferentes sim. Mas de modo geral não, não, se iludam tá, *ai nos Estados Unidos, ai na Inglaterra*, de modo geral é também assim. Tá?

Aluna 3: Sabia que eu aprendi, que na verdade antes, tipo antigamente, os professores eles eram tipo leitores. Então, eles sentavam na frente de uma série de alunos e tipo pegavam textos, principalmente os de filosofia, pegavam textos e tipo liam pra sala, e ao longo iam comentando, tipo sei lá, cada estrofe, cada parágrafo. E aí por isso tipo no Estados Unidos, quando eles vão falar de palestra tipo, e aula também, eles falam lecture, porque é uma leitura.

Professora 1: Isso, isso mesmo Aluna 3. Mas você sabe por que Aluna 3? Faz sentido isso? Pra, pra essa época?

Aluna 3: Ah, faz, não sei, é do começo da educação.

Professora 1: Por quê? Então, mas vamos pensar juntas. Vamos pensar junto. Compara hoje, com essa época que você tá falando, que o professor sentava na sua mesa, sentava e lia, e comentava o texto.

Aluna 3: Acho que porque, não era todo mundo que tinha tipo, livre o acesso à informação, era muito diferente do que hoje em dia. Hoje em dia tipo, as pessoas têm muito mais acesso à informação. Então, os alunos eles podem pegar o livro e ler. Tipo é igual, antes não, antes não era, todo mundo que tinha aquele mesmo livro. Então, era muito diferente, tinha livro que só tinha em uma língua e o professor tinha que traduzir coisas assim.

Professora 1: Aluno 9: *olha, na escola eu já tive muitas aulas assim*. Sim. É porque o ensinar mudou, e o aprender mudou, significado de ensinar e aprender. Quando você diz assim: *que que ensinam?* A primeira pergunta que vocês têm que fazer é: *pra quem? E o que que é aprender? Pra quem?* Porque antes, ensinar e aprender era

exatamente isso que a Aluna 3 falou. Não tinha informação, não tendo informação, o professor passava a informação. Tá? Agora não, agora eu abro o Google e coloco...uma besteira qualquer aparece lá. Informação. Se tá certo ou errado, isso é uma outra coisa. E a relação que eu faço entre as informações pra gerar o conhecimento, é uma outra. Ó vocês não leram o texto do Freire? Tá. Agora aqui, o que a gente fez hoje, **não aumentou a nossa rede de ideais, de teia de conhecimento?** Aumentou, por quê? Porque a gente tá discutindo, a gente tá analisando. É, então mudou o enfoque. **O que que é ensinar, o que que é aprender? Mudou de perspectiva.** Né? E vocês então me disseram que sabem disso, a Aluna 3 acabou de mostrar que, que entendeu porque né? Hã...Tá. Aqui, o homem é abstrato, solto, porque todo mundo é igual né. Aqui, o homem é concreto, social, integrado, me interessa saber. A Aluna 4, é Aluna 4, a Aluna 3 é Aluna 3, o Aluno 9 é Aluno 9, são seres humanos diferenciados, mas que tem um social integrado. Este grupo aqui ó de metodologia 1, é um grupo ímpar. Se a gente dividir pela metade, vai ser outra coisa né, aliás, se sair só um já vai ser outra coisa. **Consciência diferente de mundo, consciência é uma coisa, mundo é outra. Então aprendizado não, não relaciona essas duas coisas. E pra libertadora, consciência e mundo estão interligados. Aliás, Freire fala que a, a educação deveria servir para hã...uma ferramenta pra mudança. Não do mundo, fala que as ferramentas servem pras pessoas, as pessoas aqui acabam permitindo esta mudança do mundo.** Né? Vamo pro chat aqui, eu tinha escrito aqui, feito uma pergunta né? Que características tem que ter um professor, para que possa provocar seus alunos? Aí eu aproveito para fazer mais uma pergunta, que tem a ver com essa. **Como aplicar as ideias de Freire na prática?** Coisinha simples assim, que a Professora perguntou né? A cara de vocês é muito engraçado. Porque tem a ver com a outra pergunta que eu fiz. Né? Ó, que características tem que ter um professor para que possa provocar seus alunos? No fundo, no fundo, é como aplicar as ideias de Freire na prática. Podem começar, vamo lá.

**Aluna 3:** Ah, eu acho...eu acho que tipo pra você criar uma educação mais libertadora e, e tipo ter essas características que a gente falou, de ser problematizadora e aí tipo de mostrar caminhos diferentes do aluno pra ele não seguir o mesmo caminho do professor, acho que um bom jeito é tipo questionar eles. Então tipo, ao invés de fazer uma aula, sei lá normal, tipo só expositiva, questionar eles a tipo, fazer com que eles cheguem nas próprias conclusões assim, de certas coisas. Mais ou menos é isso que

a gente faz pelo menos, no meu movimento juvenil. A gente...sei lá, escolhe um assunto que a gente acha relevante pra falar com eles, e aí a gente passa alguma coisa tipo por forma lúdica que tem a ver com tema e depois questiona eles. Então por exemplo, sei lá, passa o filme de Divertidamente e depois a gente senta e fala: *Ah, porque a Felicidade queria só ter ela? Ah, porque, que que aconteceu quando a Tristeza foi embora? Então será que é importante ter mais sentimentos?* E tipo, questionar desse jeito pra eles chegarem a uma, uma conclusão na mente deles que faz mais sentido assim. E dessa forma acho que eles vão ter mais habilidade, desenvolvendo essa capacidade de ir questionando as coisas e tematizar...

Professora 1: Eu tenho uma pergunta. Eu tenho uma pergunta. *Cheguei a conclusões que façam sentido para eles.* É, eu tenho uma pergunta, mais assim, é pra, pra provocar mesmo, tá. Provocando de propósito. Biologia a gente já tem culturalmente alguns termos consagrados. Então a gente tem a teoria, um modelo de membrana plasmática, a gente tem fenômenos de, de fusão e de osmose, a gente tem a fotossíntese, o modelo de DNA e assim por diante né? Tem os grupos de, de seres vivos, a divisão entre animais,, vegetais, fungos. Tá. **É...Se eu quero que meu aluno saiba biologia, e eu quero que o meu aluno saiba biologia, como é que eu vou conciliar isso que a Aluna 3 acabou de dizer de que hã...cada um pode construir as suas próprias ideias? Como é que eu faço isso na prática?**

Aluna 3: Ele pode usar...atividades problematizadoras. Então por exemplo, tipo, você dá um exemplo de um caso de uma pessoa sei lá, que tava na praia e depois ela começou a sentir tais sintomas e tal e coisa. E perguntar: *o que pode ter acontecido com aquela pessoa?* E aí depois, depois que cada um tipo falar o que eles acharam, você pode chegar e falar: existem certas doenças infecciosas que você pode pegar se você pisa no cocô do cachorro na praia, e tipo explicar coisas assim. Acho que talvez você tá juntando os dois.

Professora 1: Tá. Quem mais?

Aluna 5: Professora 1, você pode repetir a pergunta de novo, por favor?

Professora 1: Posso. Ó, eu que, eu entro numa sala de aula e eu quero que meu aluno entenda o modelo do DNA. Eu quero que ele entenda, mas ao mesmo tempo eu vou dar ferramentas pra ele construir o seu próprio conhecimento. Então quando eu faço

isso, pode ser que o Aluno 7 construa uma ideia de DNA, e a Aluna 1 outra ideia de DNA. E que talvez não seja a ideia de DNA que culturalmente é aceito pela ciência. Como é que eu fico nessa história? **Se eu quero que ele saiba o que é DNA, e a construção que ele faz é uma construção que faz sentido pra ele, e talvez não se aproxime do que eu quero?**

Aluna 5: Mas, Professora 1, não sei, posso tá errada, isso não é meio que comportamentalista? Não sei...eu vou explicar assim...

Professora 1: Não sei. Eu não quero classificar em nada. Eu só quero saber como é que vocês como professores iriam agir. Porque assim, eu posso forçar meu aluno a me responder o que eu quero. Eu posso dar uma prova em que ele decorre o que é DNA, e coloque ali, e aí eu corrijo. Eu coloco certo e aí eu digo pra todo mundo, pra vocês: meu aluno aprendeu, porque ele colocou numa prova que DNA é fita dupla hélice tarará, tarará. Isso é mentira. Isso é mentira, isso eu homogeneizei, eu forcei meu aluno que é um cara inteligente a escrever pra mim o que eu queria ouvir. Isso deixa os professores possessos quando eu falo isso. Tá. Então assim, eu não dou prova assim o que é DNA. E aí que medidas eu tenho para que ao mesmo tempo eu entenda que meu aluno sabe definir DNA, mas que eu não tô catequizando ele?

Aluna 2: Eu acho que a gente poderia tipo primeiro conhecer o que, o que o aluno pensa sobre o tema. Então o que ele conhece, o que ele já tem de rede sobre o tema, da rede dele né sobre o tema, para depois tentar problematizar a questão. Tipo, depois tenta criar um conflito nele, um conflito cognitivo. E ao mesmo tempo, é...não sei se expor, mas mostrar o, o outro lado da história. Não sei tipo, você conhece o que ele pensa, problematiza o que ele pensa, entende primeiro né o que ele pensa e por que que ele pensa daquele jeito, para depois problematizar. E para depois, é...não sei se expor, mas mostrar que existem outras possibilidades.

Professora 1: Concordam? Eu concordo com a Aluna 2. Concordo só que eu tenho um, uma...mais uma sugestão. Caramba. É...**Será que eu faço meu aluno mudar de ideia? Eu tiro a ideia anterior dele e coloca uma nova? Ou eu deixo ele pensando?** De um jeito ou de outro, de outro dependendo do, da situação cultural. Vou dar um exemplo concreto. Eu to numa roda de amigos e eu digo que eu me pesei e o meu peso é x. Tá certo essa afirmação? Que meu peso é, é sei lá 75 kg. Isso tá certo?

**Aluna 2:** De acordo com que, com que a gente sabe com a ciência e tudo, não. Isso tá errado.

**Professora 1:** Não, porque peso é massa vezes aceleração da gravidade. Então isso que eu acabei de falar é massa. Tá? Preciso numa roda de amigos em que a gente tá batendo papo, tomando um café, falar pro cara assim: *não meu querido, você não se pesou, você mediu a sua massa, preciso?*

**Aluna 2:** Não.

**Professora 1:** Não, porque culturalmente as pessoas já entenderam ali. Agora se eu to numa aula de física, então assim eu não perdi essa explicação, vamos dizer assim. Agora, numa aula de física ou sei lá numa aula de biologia em que eu preciso desse conceito, eu preciso utilizar esse conceito. Então assim, eu posso conviver com explicações diversas para um mesmo conceito. Tá? Então, hã...eu vou numa loja e peça uma blusa quentinha. A blusa é quentinha gente? Tá errado, quente não é o, a expressão correta né, porque o quente vem ali da questão da troca, calor é energia em trânsito. Mas eu vou dar uma aula de química e física pra, pra vendedora? Ela já entendeu o que eu quero. Agora, quando eu for bolar uma questão pra saber se meu aluno tarará...ele, esse meu aluno, ele sabe do outro termo? Sabe. Então eu preciso ser explícita quando eu, eu estiver trabalhando com os meus alunos pra que, pra, pra dizer assim olha: *eu não quero que você me diga se você acredita em Darwin ou não, eu quero que você me explique nas palavras de Darwin o que ele disse.* Ok. Você tem que ser capaz disso. Agora se você é criacionista. Ok. Ok, porque eu não to perguntando a sua opinião sobre a criação. Porque um dia se te perguntarem da sua opinião, você vai ter todo o direito de colocar que você acredita no criacionismo e explicar. Então isso que a Aluna 2 falou, faz muito sentido. **Eu preciso primeiro saber o que o meu aluno pensa, problematizar, mostrar que existem caminhos, mostrar que ele não é obrigado a acreditar em todos eles, mas que ele precisa entender a explicação, entender. Então ele precisa é, é discutir, me dar motivos** é, é eu posso não concordar, eu posso não concordar com as questões da ciência, da arte, da religião. Né?



Aluna 2: Pro, então assim tipo, por exemplo na questão do DNA que você deu o exemplo. É...eu preciso explicar qual é o modelo aceito de DNA, mas eu não, não, mas o aluno não é obrigado e ele...

Professora 1: Aceitar.

Aluna 2: quer dizer ele, ele não é obrigado a aceitar, mas ele tem que sair da aula, entendendo...

Professora 1: Sabendo explicar.

Aluna 2: Tá.

Professora 1: É, mas só uma coisinha que eu gostaria só de, de retomar Aluna 2. Eu não vou explicar pro meu aluno o modelo de DNA. Nós vamos chegar ao conceito adequado cientificamente ao DNA, juntos, eu vou construir junto com ele este modelo, eu não vou explicar sozinha. A gente tá construindo hoje junto, as ideais da educação bancária e libertadora. Eu não fiz a aula, eu não expliquei sozinha. Sem a colaboração de vocês, esta aula não seria a mesma aula, porque vocês construíram comigo a aula. Então quando você for dar DNA, você vai ter que construir aula de DNA junto com, vocês vão chegar a esses conceitos, você vai ter que formular perguntas, questões, provocações, atividades para ir construindo até que seu aluno seja capaz de escrever ali sozinho um registro de que DNA é. Tá? E não é você que vai chegar lá na lousa e falar: gente, hoje a aula de DNA, ó, o modelo é. O que que é modelo Aluna 2? Pra começar, o que que é modelo? Porque se seu aluno entende o que que é modelo, depois você tem várias ferramentas pra falar de membrana de átomo, de, de vários fenômenos. Né? Se ao invés de você falar de, vamo lá, ver se eu lembro. Poríferos, celenterados, platelmintos, asquelmintos, moluscos, anelídeos, artrópodes e equinodermos? Ao invés de você falar um por um, as espículas de um, a célula do outro, tudo. Por que que você não coloca isso numa imagem? Numa imagem com várias bifurcações, não linear. E você não questiona os, os, os grandes passos evolutivos? Por que que eu to falando isso? Porque se você falar de respiração, todo e qualquer tipo de respiração precisa de uma membrana ou de uma estrutura fina úmida e vacuolizada. Tá bom, ameba não, a célula, a célula não tem vaso sanguíneo, mas ok, mas fina e úmida. Se a gente trabalhar por aí, vai, vai ficar fácil

de entender osmose, difusão. Vai ficar fácil entender, absorção no nível intestinal das microvilosidades. Então assim, vamos pensar mais nesse todo. Vamos expandir.

Aluna 2: É que é, é difícil, é difícil tipo imaginar que você vai dar uma aula, é você vai construir uma aula com o seu aluno. Então você vai tipo, no fundo, no fundo, no final da aula é vocês vão chegar à uma conclusão, os alunos vão chegar à uma conclusão. Sei lá de de um tema qualquer, colocar sei lá. A planta faz fotossíntese pra produzir seu próprio alimento né, sua própria matéria. Então tipo, no fim da aula os alunos vão chegar essa conclusão, mas é difícil você mostrar pra eles que eles não são obrigados a aceitar isso. Sendo que você, é...conduziu a, a explicação aí, se entendeu?

Professora 1: Mas eu acho que você não precisa, eu acho que você né...ó gente só um segundinho, a nossa aula já acabou, já são 11:01, a Mariana já tá me esperando pra orientação de TCC. Então assim, só pra gente dar uma encerrada tá. É...eu não vou nem precisar explicitar isso, porque mesmo que eu obrigue o meu aluno gente, ele não vai comprar a minha ideia se não fizer sentido. Então assim, esquece isso. É, agora a outra coisa, é que seria um problema, é obrigar o meu aluno a comprar a minha ideia e ponto final. Tem que ser assim e acabou, ponto. Eu dou as dicas e as ferramentas e, e se ele não entender, hã...pode ser que ele não entenda a, e não compartilhe com a, a definição de DNA. E um dia lá no futuro, outras explicações façam a ficha cair e diz: *ahh, é isso daqui*, ou nunca, ou nunca, se ele não for da biologia, se ele não for fazer biologia né. Eu estudei fotossíntese a vida toda, a vida toda. **Aí quando a gente tava estudando essa ideia de perfil conceitual, perfil conceitual é essa ideia de você conviver com vários conceitos, com várias explicações pro mesmo conceito.** O nosso grupo de pesquisa se aprofundou no estudo de fotossíntese, pegamos livro da universidade e fomos estudar fotossíntese. Eu descobri que eu não sabia nada de fotossíntese, Aluna 2, nada. Sabe eu falava assim, fóton...o fóton é excitado e o elétron pula pra...o elétron pula pra uma camada, que camada? Cadeia de elétrons, cadeias z de elétrons. Eu simplesmente decorei. É muito abstrato. Se você não deixa seu aluno falar a verdade pra você que ele...Gente, eu passei a faculdade inteira quieta para não parecer burra, pra assim, que que era ATP, que entidade é essa? ATP...por quê? Porque molécula é formada por átomo, e átomo é modelo, e nunca ninguém viu o átomo. Então eu ficava quieta, porque todo mundo na minha sala parecia entender quem era o ATP. Hoje eu sei que não, mas naquela época eu não sabia. É assim, todo mundo fazia cara de paisagem e entendia que que

era ATP, então eu ficava quieta. Né? Então a gente se engana Aluna 2. A gente faz cara de paisagem e diz que entendeu. Então por isso que eu termino a minha aula de hoje com vocês com essa cara de dúvida e feliz. Pronto. A gente não sabe. A gente não chegou a nenhuma conclusão definitiva sobre como educar alguém, ponto. E a responsabilidade é nossa. Tá? Não é só minha não, é de vocês agora, porque agora vocês ouviram eu falar isso. Beijinhos. Os neurônios tão pulando ó, to vendo aqui ó, todo mundo assim com uma cara de ponto de interrogação. Adoro quando vocês ficam assim. Bom final de semana meus lindos.

Aluna 5: Pra você também Professora 1, brigada.

Professora 1: Eu mando a gravação e o chat.

Aluna 2: Brigada. Tchau.

Aluna 4: Pro, só uma coisa.

Professora 1: Hã?

Aluna 4: Seria uma sacanagem se eu não falar, você tá com filtro de sobrancelha, cuidado nas outras reuniões pro.

Professora 1: Ah é?

Aluna 4: Eu não quis interromper, mas cuidado nas outras reuniões pro, desculpa.

Professora 1: Eu vou tirar, obrigada.

Aluna 5: Ma, é...eu posso jogar minha dúvida lá no grupo?

Professora 1: Joga, joga.

Aluna 5: Tá bom, brigada.

Professora 1: Nada.

Aluna 4: Tchau pro, brigada.

Aluna 5: Tchau pro.

Professora 1: Tchau querida, obrigada por avisar.

Aluna 4: Magina.

Professora 1: Tirei, pronto.

- **Aula Met Bio 1 – 16/04/21 (Não teve falas grifadas, somente partes relevantes para o referencial)**

#### CHAT

09:24:12 - Professora 1: Rodada de dúvidas sobre estágio, fichas e relatório.

09:28:35 - Professora 1: aula simulada - Aluna 2, Aluna 1 e Aluno 8.

09:29:07 - Professora 1: Aluna 5, Aluna 4 e Aluno 9.

09:29:37 - Professora 1: Aluna 3, Aluno 6 e Aluno 7.

#### Aula Gravada

Professora 1: Vamo fazer uma rodada de, de dúvidas sobre estágio, ficha e relatório. Tá bom? Rodada de dúvidas sobre estágio, fichas e relatório. Vamo lá. Quem começa?

Aluno 8: É sobre o estágio, eu já tirei as dúvidas que eu tinha pra tirar. É...acho que a dúvida que eu tenho é uma técnica da ABNT mesmo. No...Nas referências bibliográficas tem que ter o numerozinho antes que nem nos outros tópicos ou é só referências?

Professora 1: Não, só referências. Tá? Aliás, tem uma discussão agora se é, mas isso eu não vou cobrar, mas só pra vocês saberem tem uma discussão agora se é referências bibliográficas ou só referências. Porque geralmente hoje em dia, tem mais do que só bibliográfico, tem vídeo, tem um monte de coisa. Então as pessoas só colocam referência, mas aí tudo bem isso. Tá? Mas não é numerado.

Aluno 8: Tá. A outra que eu tinha...ah ok pro. A outra que eu tinha, até comentei com a Aluna 4, que a gente, porque eu to falando com ela todo dia né, mandando mensagem pra ela no WhatsApp. É...se na discussão, tem que ser 100% em terceira pessoa? Tem?

Professora 1: Tem. Tá? E sempre trazendo o dado e a teoria. Pode ser na ordem inversa, mas sempre justificando. Tá?

Aluno 8: Tá. Tá. Ok.

Professora 1: O...o que que eu ia falar? Tá. Mais alguma dúvida, de estágio, ficha e relatório?

Aluno 6: Eu...posso ter entendido errado, mas eu tava vendo lá na...no plano de atividade falando sobre o relatório, e nessa primeira entrega agora, precisaria entregar com capa, tudo? Que uns trechos...deu a entender que a capa seria só na entrega final, desse negócio todo.

Professora 1: Quanto mais completo você entregar Aluno 6, é...mais eu vou poder te ajudar. Então por exemplo, se o índice tiver errado, eu já vou poder te dar dica. Tem gente que faz o índice e não coloca o, a numeração nas páginas. Aí que que adianta se colocar índice, se você não colocou número. E tem vários errinhos bobos, que se desde a primeira vez você entregar com tudo, eu posso já arru...já te ajudar arrumar logo de cara. Então no mundo ideal, sim, é pra entregar tudo. Tá?

Aluno 6: Ok.

Professora 1: Por isso. Não porque por burocracia, mas para que eu possa, já tirar as dúvidas gerais. E é só uma capa, um índice, então não é grande coisa. Que mais?

Aluna 4: O pro, aquela ficha avaliativa no final, é só na segunda entrega ou na primeira? Porque eu já coloquei na primeira.

Professora 1: Já coloca na primeira, coloca na primeira, aí depois não precisa colocar mais, porque eu já corrijo a partir daquela primeira né. Eu já vejo os meus comentários e comento em outra cor.

Aluna 4: Tá bom pro.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: É, a única coisa que acho que eu não vou conseguir entregar nessa primeira, é a ficha com a assinatura do professor, porque ainda não terminei o relatório.

<p><u>Professora 1:</u> Não precisa, mas a...o preenchimento sem assinatura precisa. Entendeu? Assim, aula um, horário tal...isso sim, mas...assinatura...</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Tá. Ah não...ok. Tá.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Eu nem sei se todo mundo vai conseguir mesmo, então. É...é isso tá.</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Então, beleza.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá? Hã...aula simulada. Ó, aula simulada a gente pode perguntar coisas gerais. Aí depois se precisar a gente conversa em off nos, nos grupos. Então me diz quem são os grupos por favor, porque eu já esqueci sinceramente gente. Ó, vamo começar. O grupo da Aluna 2, quem é? Aluna 2...</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Eu, a Aluna 2e a Aluna 1.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Aluna 2, Aluna 1 e Aluno 8. Então fala Aluno 8, você tem alguma dúvida geral, que não dá spoiler?</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Hã...é...que não dá spoiler não, porque eu tenho que falar do tema. Não...é.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá. Então é não. Então você me manda um áudio ou por escrito...</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Beleza.</p>
<p><u>Professora 1:</u> E eu te respondo, tá bom?</p>
<p><u>Aluno 8:</u> Ok.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Ok. É...Aluna 5. Aluna 5 quem é o seu grupo?</p>
<p><u>Aluna 5:</u> É a Aluna 4 e o...o Aluno 9.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Aluno 9. Aluna 5, Aluna 4 e Aluno 9. Vocês tem dúvidas que não deem spoiler?</p>
<p><u>Aluna 5:</u> Não, também não. A gente precisa te mandar em off.</p>
<p><u>Professora 1:</u> Tá bom Aluna 5. E aí ficou a Aluna 3 e o Aluno 6, é isso? E o Aluno 7. É isso?</p>
<p><u>Aluno 7:</u> É isso mesmo.</p>

Professora 1: Aluna 3, Aluno 6 e Aluno 7. E aí tem dúvidas sem dar spoiler? Não, não?

Aluno 7: É não.

Professora 1: Não. Então, vamo lá. É...Eu vou começar pelo texto do Coll, explicando algumas coisas que são importantes, mas eu acho assim, depois que eu falar aqui eu, eu acho melhor vocês darem uma, uma lida tá? É...eu achei que as respostas de um modo geral, não todas, ficaram bastante superficiais, isso me preocupa. Porque é um texto importante né? Então vamo lá. **Por que que o significado de ensinar é tão complexo, eles, os autores dizem? Porque pra abordagem tradicional, ensinar é assim ó, eu falo, você ouve, você aprende e você me retribui, ponto. Agora pra Coll e Solé é tão complexo, porque depende de muitas variáveis, de muitas variáveis. Inclusive da história de vida de quem você é, do momento em que você está. Então, ensinar precisa considerar muitas variáveis dentro de um contexto. Então por isso que eles falam que depende da complexidade e, do olhar de quem aprende, do olhar de quem ensina, da interação.** Né? E eles insistem muito, muito, muito de que o construtivismo não é teoria, não é teoria, desculpa. Não é...é, não é...

Aluno 8: Não é uma teoria, é um referencial.

Professora 1: É um referencial, exatamente, obrigado. Então, por que que eles dizem isso? Porque tem gente que pega a teoria como se fosse receita de bolo. Então vai lá dois ovos, farinha de trigo, tarará...e eles dizem que não é uma receita porquê? Porque você precisa adaptar a sua realidade, adaptar a seus alunos. Não é simples assim, chega lá e aplica. Então a função da teoria é ser guia da prática, assim como a prática ser guia da teoria. Eu não posso culpar a teoria por não ter dado certo. Muitos professores dizem: *sabe por que que não deu certo?* Porque...hã...é o construtivismo, o problema é o construtivismo, mas não dá pra você culpar, nem com o construtivismo, nem o tradicional, nem nada disso. Porque é na interação que isso acontece. **Então a teoria e a prática se retroalimentam. Tá? O que significa dizer que na educação deveríamos ter dimensões dialéticas interativas? Quando a gente dialoga, só dialoga, pode ser que o que eu fale não chegue a você, você não reelabore e não me devolva. É só um diálogo, você me responde sim ou não, e acabou. Agora o dialético e o interativo, tem algo mais profundo. Esse dialético e interativo, eu pego aquilo que vem de você, reelaboro e respondo. Não é causa e consequência. Sabe quando a gente**

dá choquinho na pata de rato? Isso não é dialético interativo, isso é causa e efeito. Quando eu falo aqui, você reelabora e você me faz uma pergunta, isso é dialético e interativo. Algo pode ser dialético. Não. Algo pode ser interativo e não dialético, mas o contrário não. Algo pode ser dialético e interativo, mas se for de...interativo, obrigatoriamente é dialético. Tá? Ok?

Aluno 9: Perai pro, você pode repetir? Porque eu fiquei meio confusinho.

Professora 1: A interação faz parte do dialético. Quando eu estou na dialética, porque a dialética é esse vai e vem, eu uso...é que nem você fez agora, você fala assim: *não, pera aí, eu to aqui tentando processar, mas eu não to entendendo este processo.* Então, você reformula suas ideias, então tá tendo a interação. Pra ser dialético precisa ser interativo, não tem como não, mas às vezes ele é dialético, sem ser interativo. Ok? Essa daqui vocês me enrolaram bonito, como poderemos dar conta do indivíduo e do coletivo ao mesmo tempo na educação? Vocês falaram um monte de coisa, mas não me responderam. Ó, somos um grupo, tem: Professora 1, Aluno 8, Aluno 9, Aluna 4, é...Aluno 7, Aluno 6, Aluna 3, Aluna 5. Somos um grupo. **Como é que a gente dá conta do indivíduo e do coletivo ao mesmo tempo?** Como é que eu trago, como é que eu consigo tratar Aluno 8 com as suas individualidades, mas ao mesmo tempo eu contemplo o coletivo? Me dá umas ideias disso por favor.

Aluno 8: Pergunta difícil pro.

Professora 1: Gente, desculpa, eu já tinha falado pra vocês que a gente ia interromper né? Ok? Tá. Quem que ia falar? Aluno 8 ia falar? Não?

Aluno 8: A única coisa que eu falei que é uma pergunta muito difícil.

Professora 1: Tá. É mesmo, é uma pergunta muito difícil. Como lidar...mas vamos tentar vai, vamos tentar ver, como é que a gente pensa no, da conta do indivíduo e do coletivo. Pensa no que a gente vem fazendo, no que a Professora 2 faz, no que o Coordenador faz, no que esses professores que fazem algo um pouco diferente fazem né? Porque tem o coletivo e tem o individual. **Como é que eu consigo fazer essa brincadeira, esse jogo entre o individual e o coletivo?**

Aluno 8: Ah a Professora 2, eu não sei. Eu é...assim, vendo as aulas de vocês é...eu vejo que vocês por exemplo, você e a Professora 2 trabalharam bastante com o texto



e discussão do texto. E assim, tarefas práticas né que a gente tem que botar ali a mão na massa. Eu não sei, vocês por exemplo, vocês dão o texto, a gente vai ler, aí quando a gente vai debater o texto, você, você e Professora 2 normalmente perguntam: *ah, quem que quer falar um pouco?* Aí sei lá, vamos supor, alguém fala, algumas pessoas falam. Aí você pontua, é...ou no geral, a saída foi a mesma ou individualmente. Cada...cada coisa que cada um falou, assim. Eu não sei, eu acho que você fazendo isso, você abrange o coletivo, porque você tá tratando do, do conteúdo, do conceito. Tá tentando, é que você passou com o texto, e também tá dando conta da, das falas de cada aluno. Eu não sei, acho que isso é uma forma de abranger ambos.

Professora 1: Eu acho que sim. Acho que, que sim. Eu acho que assim, quando você, um aluno fala. E aí, o, o, os outros ouvem e reelaboram, estou ao mesmo tempo dando né conta. Fala Aluno 6.

Aluno 6: **Seria de certa forma tentar montar o coletivo, a partir do individual?** Por exemplo, quando a gente tava com dúvidas no...como fazer relação entre aqueles textos, então foram dúvidas individuais, mas que se montou digamos assim...não foi atividade mais, uma aula de dúvidas coletiva. E não fazendo o oposto, tentar jogar o coletivo nos individuais.

Professora 1: Eu acho que sim, mas também tem o contrário. Entendeu? Eu acho que é aí que é dialético. **Entende o que é dialético? Porque assim, ele vai do indivíduo pro coletivo, e do coletivo pro indivíduo. A hora que eu preciso pegar o todo, eu pego o todo e vou lá no coletivo, e na hora que eu preciso ir no indivíduo, eu, eu, eu fico brincando entre ir e vir entre esses dois polos.** Você destacou um, né deles. E a gente vai e volta nesse. Então por exemplo, no momento em que vocês me entregam o relatório ou qualquer atividade, e eu dou uma devolutiva individual, eu não exponho ninguém. Eu te devolvo o relatório individual, você sabe onde você precisa, e a...o atendimento ele é tipo vai, vamos dizer assim, personalizado. Né? Porque tem gente que precisa de um pouquinho mais, um pouquinho menos, aí vai. Tem gente que fica mais ofendido, menos ofendido, mas a gente vai dando aquele jeitinho. E...e aí no, no coletivo aqui por exemplo, nesse momento, eu não sei bem o que acontece em cada indivíduo, mas tudo bem, porque eu vou saber depois nas entregas, em cada entrega, sei lá. Quer dizer, eu não vou saber tudo nunca jamais. Mas é muito difícil, vocês tem

razão sim. Né? Bom. O papel social e socializador da escola. O social é mais amplo. É o social mesmo, é aquele que me prepara como cidadão pra lidar com problema político, econômico, científico. E o socializador é aquele miudinho da sala de aula: *é o meu colega pegou a minha caneta, como é que eu vou agir, eu perdi o meu dinheiro e não.* Sabe assim, aquela coisa do miudinho da sala de aula? Aí eu pergunto pra vocês, o social e socializador, estão interligados? Sim ou não?

Aluno 8: Eu acho que sim.

Professora 1: Vamo pensar como? Esse...eu acho que sim também, mas como? Vamo lá. Se tá gripada Aluna 3?

Aluna 3: Não, to com uma alergia.

Professora 1: Ai tadinha.

Aluna 3: Rinite.

Professora 1: O meu Deus, outono. E aí? Fiz uma pergunta. Só um minutinho tá gente, só um segundinho. Então, eu tava falando do papel social e socializador né da escola. É...por isso, que as crianças pequenininhas é...colocaram mais um ano no ensino fundamental, porque antes era só oito anos, colocaram nove pra começar mais cedo pra poder socializar. Socializar, esse papel socializador né. É...isso é muito interessante né. Bom, a sexta questão o que que é aprender, vocês falaram super bem né. É só a gente cuidar dessa, desse jargão de aprendizagem significativa, porque todo mundo fala: ai, aprendizagem significativa, significativa, mas as pessoas não entendem muito bem o que que é. Então vocês disseram que aprender era reelaborar, que eu já sei, e aplicar em novas situações ações né. E isso é o que o texto traz mesmo então, ok.

Aluno 8: É mas, qual que é a diferença do papel social e socializador?

Professora 1: Peraí, só um minutinho, só um minutinho. Pessoal ó, eu vou fazer o seguinte, é...eu vou marcar uma reposição dessa aula. Ok?

Aluno 8: Ok.

Professora 1: Então a gente vai terminar. Eu já preparei também o PowerPoint da outra aula é...mas eu marco uma reposição assim que possível, tá bom? Ok?

<u>Aluno 8:</u> Tranquilo pro Ok.
<u>Professora 1:</u> Um beijo. Tchou. tchau.
<u>Aluno 8:</u> Beijo.
<u>Aluna 5:</u> Beijo, brigada.
<u>Aluna 4:</u> Tchou pro, brigada.

- **Aula Met Bio 1 – 23/04/21**

CHAT
<u>09:42:52 - Professora 1:</u> Gaspar.
<u>09:43:03 - Professora 1:</u> Francisco e PECHLIYE.
<u>09:43:13 - Professora 1:</u> Mizukami.
<u>09:43:31 - Professora 1:</u> Freire (Autonomia, Oprimido).
<u>09:43:37 - Professora 1:</u> Cool e Solé.
<u>10:13:54 - Aluno 6:</u> tipo azul e preto ou branco e dourado.
<u>10:42:17 - Professora 1:</u> Não descobrir e nem só ilustrar e sim construir - conversaria - perguntas.
<u>10:43:39 - Professora 1:</u> <b>Levantar os conhecimentos prévios dos alunos.</b>
<u>10:44:27 - Professora 1:</u> importante para que eu considere o que o aluno já sabe e possa relacionar com o que vem de novo.
<u>10:45:54 - Aluno 8:</u> é mo gostoso fazer levantamento (como aluno).
<u>10:47:09 - Professora 1:</u> Conteúdos relevantes e que façam parte do cotidiano dos alunos.
<u>10:47:35 - Professora 1:</u> permita critica, posicionamento.
<u>10:51:10 - Professora 1:</u> Professor causar certa estranheza em seu discurso.

<u>10:51:30 - Professora 1:</u> E deixar ser surpreendido pelo aluno.
<u>10:52:10 - Professora 1:</u> aguça a curiosidade.
<u>10:54:16 - Professora 1:</u> a questão não é o modo e sim a concepção.
<u>10:54:51 - Professora 1:</u> Não estamos proibidos de dar prova e o modo que entendemos o para que, porque damos a prova.
<u>10:55:46 - Aluno 8:</u> a ferramenta ne.
<u>10:55:58 - Professora 1:</u> trabalho em grupo permite mais discussões.

### Aula Gravada

Professora 1: Vamos lá. Então essas datas, o que que a gente precisa fazer hoje né? A gente precisa decidir quem vai apresentar no dia 7, quem vai apresentar no dia 14, quem vai apresentar no dia 21? Principal recomendação que eu faço, e eu acho que aí vocês vão precisar retomar talvez o texto do Gaspar, é que vocês não podem ter como objetivo comprovar a teoria. Né? Eu mandei pro grupo do Aluno 7, Aluno 6 e Aluna 3, um texto, aliás três na verdade, sobre aquele experimento da vela. Vocês já fizeram aquele experimento da vela? Em que você acende uma vela, prende ela num, num substrato né, num prato por exemplo. E aí acende, tá, coloca água em baixo um pouquinho e emborça um vidro em cima da, da vela. Quando a vela apaga, acaba de queimar o oxigênio interno ali do, do conteúdo do vidro, a água sobe. Já fizeram isso? Podem fazer em casa com um pote de maionese, com vidro de maionese tá? E muitos professores inclusive da universidade usam esse experimento para algumas comprovações e esse experimento especificamente ele comprova a teoria. E eu conheci um, um pesquisador que fez um artigo tentando mostrar por que que esse tipo de experimento não seria adequado pra gente trabalhar em nenhum nível de ensino. Ele complementa esse artigo que eu to falando, ele complementa a ideia de Gaspar de que a gente não deveria comprovar a teoria, tá? Aí eu sinto na fala assim, na, na expressão quando as pessoas escrevem pra mim e me falam disso, uma certa raiva se eu posso dizer assim, assim. Por que que então não dizem como que a gente tem que fazer ou eu não to entendendo o que que você quer? É...assim olha gente, calma né, nós estamos aí pra, pra trabalhar juntos. Tem algo que, que tá indo de mal

a pior na nossa educação, e nós estamos tentando fazer diferente. Eu não tenho resposta pra tudo, mas fazer um experimento desse tipo, hã...não vai trazer benefícios pro nosso aluno. Ele vai te falar aquilo que você quer ouvir tá? Diga Aluno 6.

Aluno 6: Quer que eu mande os três links que a senhora mandou, lá no grupo de todo mundo?

Professora 1: Por favor querido, por favor, agradeço muito.

Aluno 9: Eu acho que eu também ia gostar até, porque eu não entendi muito bem como é que funciona o experimento, sendo bem sincero.

Professora 1: Não, o experimento é simples. É pegar um prato e fixar uma vela, como se você fosse acender uma vela quando acaba a luz. Tá? Aí tá, acendeu, aí você coloca um pouquinho de água na base do prato. Um pouquinho só, tá? Aí você pega um vidro de maionese, um copo, qualquer coisa, alto né, e emborca em cima assim, da vela acesa. Quando você faz isso e tampa até o final assim né, na posição. Tá aqui a vela e você coloca até o final né na, na, no prato. É...vai queimando, a vela vai apagar conforme vai consumindo o oxigênio e a água sobe. Eles fazem este experimento pra comprovar algumas coisas e, e aí lá explica por que que isso não seria adequado fazer. Porque o aluno não tá vendo o oxigênio, e pressupõe o oxigênio, e aí tem lá umas explicações. Tá certo? Aí eu acho que, com relendo Gaspar e olhando isso, vocês vão entender muito melhor porque que eu tô batendo tanto na tecla de que o, o que vocês vão fazer, não é comprovar a teoria. Tá? Aí a pergunta que o Aluno 6 e o Aluno 7, e o, e a Aluna 3 me fizeram, foi o seguinte: *mas eu posso usar o experimento da vela sim ou não?* Pode. Pode, a questão não é o experimento em si. Aí até o Aluno 6 perguntou assim: *é o modo que eu apresento, o modo como eu faço?* Sim. É o modo como eu faço. Tá? Eu não tô dizendo que vocês não podem utilizar o experimento, mas vocês precisam ficar alertas do objetivo que vocês têm com experimento. Então depois de ler algo crítico, vocês começam a pensar como é que eu poderia incentivar o meu aluno a trabalhar esse conteúdo. Tá? Muito bem. Gente que que tá acontecendo com a nossa turminha? Cadê a Aluna 2? Cadê a Aluna 5? A Aluna 3...

Aluno 9: Eu já mandei mensagem pra Aluna 5 e pra Aluna 4.

Aluno 8: Eu mandei pra Aluna 2, mas eu acho que na situação dela talvez ela não entre.

Aluno 9: Ishi, a Aluna 4...

Professora 1: Mas ela tá mal com a covid, gente?

Aluno 8: Ela não, ela tá bem, acho que o sogro dela talvez não resista.

Professora 1: Ai gente que tristeza.

Aluno 8: Ela recebeu a notícia ontem durante o estágio, aí ela ficou super mal, nem consegui falar com ela de novo.

Professora 1: Meu Deus. Ai gente quis...que coisa né. Quando que isso vai terminar meu Deus? Bom.

Aluno 9: A Aluna 4 tinha me mandado....mandei uma mensagem agora pra ela e a Aluna 4 falou que ela tá muito mal também.

Professora 1: O meu Deus do céu, a Aluna 4 gente. Tadinha a Aluna 4 fica sensível a todas as doenças. Quando era dengue, foi com dengue, impressionante, coitada. Tá. Então, vamo lá. Eu vou...compartilhar a minha tela. Com o texto da....da Mauri tá.

Aluno 8: Pro, é...só uma dúvida. Você tem como só retomar com a gente, qual é a função social e socializadora da escola?

Professora 1: Claro.

Aluno 8: Porque essa parte real, eu não peguei.

Professora 1: Sim. Quando a gente fala em social, nós estamos falando em algo mais amplo do que a socializadora. O social é aquele papel em que me faz entender o que eu vim fazer neste mundo. Então, o meu papel de cidadão, de alguém crítico, que geralmente na escola dizem que fazem, mas não fazem. Tá? Agora o papel socializador é esse mais no miudinho, que acontece no nosso cotidiano. Você não pode morder o amiguinho, você não pode bater no amiguinho, mesmo que você sabe...mesmo que você esteja com raiva dele por algum motivo. E você vai socializando é...principalmente na escola né. Então assim, imagina que quem tem um

monte de irmãos, primos e convive muito, essa socialização já começa bem antes. Então encontros de domingo numa casa cheia de crianças, essa socialização começa bem antes. Mas é...no universo em que principalmente nas grandes capitais os filhos únicos ou só dois filhos são a característica, a escola é um lugar de muita aprendizagem de socialização, nesse sentido. Então assim, é aquelas coisas de birra que a criança faz, eu quero, e eu quero agora. Então em casa pode ser que isso aconteça, mas na escola muitas vezes ele não vai ser ouvido, e é isso que causa vários conflitos. Aí você vai me perguntar, o social e o socializador não tem relações? Claro. Óbvio que tem né, porque eu vou ser adequado ou não é...socialmente, muito provavelmente pelo que eu pude fazer na socialização também né. Então se eu sou muito mimado, muito, muito provavelmente eu não vou saber ouvir não de ninguém. Então é, tem relações, mas o social diz respeito a algo mais amplo. A esse papel da escola mais amplo. E o socializador são as coisas assim, sua mãe nunca falou pra você assim: *Aluno 8, de quem é essa borracha? Não, não é sua? Então, devolve.* Sabe assim, umas coisinhas das minúcias da socialização, de coisas éticas e morais que são da convivência, que você aprende a conviver. Nossa quantas 1000 vezes gente você não teve uma vontade de mandar alguém pra aquele lugar, mas você não manda, porque a socialização que você viveu, eu não to dizendo nem que isso é bom ou ruim tá? Eu só to dizendo que a gente passa por um processo de socialização em que você aceita normas sociais né. Hã...então, por exemplo, criança muito pequena ela morde, hã...porque ela fica muito excitada, ela tá feliz. A mordida não é...não é uma coisa pra ela vista como ruim tá, é, é um estado assim é, é quase instintivo. E ela vai aprendendo que ela não pode morder né. Eu adoro até hoje morder as pessoas que eu gosto, então eu preciso me controlar.

Aluno 8: Esse exemplo é muito bom, porque é verdade né, quando a gente é bem criancinha a mordida é algo pra representar tipo algo bom, uma felicidade, uma excitação muito grande. Mas quando você aprende que é errado e aí você ainda criancinha, mas já sabendo que é errado, você morde pra brigar com alguém. Porque eu lembro que quando eu tava na escolinha, ou eu voltava com mordida ou eu dava mordida em alguém, mesmo a gente já sabendo que não podia. Então a gente ia levar o bilhete da professora? Ia, mas a gente tava brigando e a gente se mordida. Então é engraçado esse exemplo, eu gostei, achei muito bom.

Professora 1: É que a mordida é representativa. Eu tenho vontade de morder quem eu gosto hoje, até hoje. Quem eu gosto, mas é porque assim, é muita fofura. É, mas a gente precisa se controlar. Porque socialmente é um, é uma questão da socialização mesmo, ou é dependendo do que a pessoa te diz você tem muita vontade de mandar pra aquele lugar, mas você não manda por causa das mães...Quer dizer de repente, se for muito seu amigo e você tá uma determinada sociedade, determinada situação social, você até manda né. Então assim, são as, as regras na realidade. A socialização, a função socializadora tem a ver com essa questão da, das regras né? Dos valores. Tem gente que ficaria horrorizado se você falasse assim: *ah sei lá, vai, vai à merda*, mas outras pessoas são, são tuas amigas que ela entende o contexto daquilo né? Tudo bem? Tem mais alguma questão ainda de Coll e Solé? Tudo bem de vocês fazerem gente, sem problemas.

Aluno 8: Acho que era a minha principal.

Aluno 9: Olha Professora 1, sendo bem sincero, acho que esse foi o texto que eu menos entendi.

Professora 1: Ah, então a gente pode fazer assim olha...o que a gente pode fazer? A gente pode ver o texto da Mauri hoje tá, que eu preparei aqui esse PowerPoint. E a gente pode ainda hoje ou retomar, ou há...na próxima aula que que eu tinha dito? Tem umas aulas que estão meio que livres, ou o que vocês podem fazer é assim, ir me perguntando no, no grupo do WhatsApp. *Ó esse pedaço, essa questão, eu não entendi...*que nem o Aluno 8 fez aqui e eu tento explicar lá no, no grupo mesmo. Acho que até melhor vocês se manifestarem em relação ao que vocês não entenderam, do que eu ficar falando né? Porque aí faz mais sentido. Há...mas aí eu to à disposição pra responder às dúvidas tá? Bom, Teresa Mauri é do grupo dos espanhóis que, que que faz, que estuda as questões do construtivismo. E o texto dela há...chama: O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares, tá? E...ela divide em três grandes blocos: conhecer as respostas corretas, adquirir os conhecimentos relevantes e construção do conhecimento. Eu queria perguntar para vocês, qual...eu acho que eu já fiz essa pergunta na outra sexta antes de interromper a minha aula. É...o que que, qual a relação que vocês fazem com os textos que a gente já leu né? Pra quem não lembra o que a gente já leu, eu vou colocar aqui no chat. A gente já leu Gaspar, tá. A gente já leu Francisco e Pechliye. A gente...ele colocou maiúsculo, bom.



É....A gente já leu Mizukami. A gente leu Freire. Tanto a pedagogia da autonomia, quanto a pedagogia do oprimido. Tá? E lemos Coll e Solé. Mas que aí tem algumas dúvidas. Então, que paralelo que vocês fazem com conhecer as respostas corretas, adquirir os conhecimentos relevantes e construção de conhecimento com as leituras que vocês já fizeram? Como é que vocês conseguem fazer essas comparações? Vamo lá.

Aluna 1: É...a construção do conhecimento, eu acho que eu relaciono mais com Freire e com Coll e Solé. Porque eles dizem que, que aprender tipo, que o, que o aluno precisa de...É construir mesmo né de fato, isso principalmente no construtivismo. E o conhecer as respostas corretas eu colocaria no Gaspar, disso, dessas coisas de...Não sei, não tá muito claro na minha cabeça, mas eu colocaria assim.

Professora 1: Aham. Então, mas você poderia também relacionar, você tá certa, conhecer as respostas corretas com também com Mizukami e com Freire. Por quê? Porque Mizukami fala da abordagem tradicional e comportamentalista. E Freire fala da educação bancária.

Aluna 1: Sim, sim.

Professora 1: Então dá pra fazer esse paralelo. Agora com Gaspar. Qual é a grande sacada de Gaspar? A sacada de Gaspar, é ele dizer assim olha: *todo mundo diz que as aulas teóricas estão ultrapassadas, mas as aulas práticas também estão ultrapassadas quando elas são iguais às aulas teóricas*. Elas levam o aluno pro laboratório, ou simula um ambiente de laboratório, como a gente vai simular aqui, e, e...elas fazem mais do mesmo. Elas não permitem reflexão, elas não dão autonomia ao aluno. É, vocês sabem que eu to fazendo formação de professores lá na Universidade né? São 1100 professores, mas geralmente aparecem um, em média uns 70 cada quinta-feira. Ontem teve uma formação. É...gente é, e eu convido pessoas pra virem falar, professores. A professora tava falando de pós-modernidade, tá. E tava falando que a aula teórica não era mais adequada, blá, blá, blá, ela falou meia hora sem parar. Que o modo...o jeito que ela estava fazendo não dá certo. Aí, até uma Professora 2 falou assim, mas a pergunta que você acaba de nos fazer é ainda da proposta Moderna. Não é pós-moderna. E aí gerou maior polêmica. Eu tive que dar uma interferida. Então é assim, o que eu mais me pergunto, o que mais me choca, é: *Por que que mesmo as pessoas sabendo que transmissão de conhecimento*

*não dá certo, por que continuam fazendo do mesmo modo? Será que elas não sabem, elas não conseguem? O que que acontece? Tá. Isso me incomoda demais. Por que que fazem? Por que que reconhecem que a teoria tá ultrapassada, mas na prática ainda continuam trabalhando isso? Não, não consigo ainda. Não vamo simplificar, não vamo dizer que é só preguiça, só dá trabalho, não sei. Não sei se é isso. Bom. Como é que a...como é que a Mauri define, é...conhecer respostas corretas? Vocês já acabam sabendo disso, por tanto que vocês já viram com os outros autores. Tá? Como é que ela define, conhecer as respostas corretas?*

Aluno 8: Ela fala que os professores dão a aula visando é...o objetivo, de tendo como objetivo os alunos darem as respostas corretas pra eles. É...aí eles vão medir essa, essa resposta com base em notas boas ou ruins. Gente, eu tô chorando, tipo tá saindo lágrima do meu olho, mas eu tô bem tá. É...aí ela fala que ele é...eu até anotei aqui, fiz um parágrafo sobre isso. **Ela fala que é um processo mecânico, e aí torna os alunos sujeitos passivos na própria aprendizagem, porque eles vão tá fazendo o que o professor quer.** E é muito fácil, você...quer dizer depende. Você dá a resposta certa ali pro professor, só que você não, não exigiu muito de você, não construiu nada seu, você não, não fez, você não consegue fazer os seus esquemas mentais e falar com as suas próprias palavras. Você tá falando que o professor quer ouvir.

Professora 1: Tá. É, não acaba sendo fácil sim Aluno 8, você tem razão, porque assim é, é só você entender o mecanismo que o professor quer. Né? Então, sei lá. Se foi mal na primeira prova, mas se você entender bem o mecanismo que o professor quer, você vai bem. Então conhecer as respostas corretas nada mais é do que o modo tradicional que a Mizukami coloca, ou o modo bancário que o Freire coloca. É isso né? Professor fala, aluno ouve. Só que isso já tá muito ultrapassado. Isso deu certo em algum momento na vida, quando as pessoas não tinham as informações, mas hoje as informações estão aí. A grande questão é como pegar essas informações e correlacioná-las pra que a gente tenha o conhecimento né. Agora, construção do conhecimento. Tá. Construção do conhecimento se aproxima, como a Aluna 1 muito bem falou, a **construção do conhecimento se aproxima as ideias de Freire** na, na educação libertadora. Né? E essa construção leva em conta, o, o professor, o aluno e o conhecimento. Então é a interação. A gente poderia desenhar um triângulo, um, um desses atores, cada um desses atores no, em cada ponta. E na realidade, a construção estaria no meio, na interação né. Então essa imagem mental eu até

colocaria em 3D assim pra, pra gente pensar na construção. **E é um processo demorado, é um processo que causa equilíbrio e desequilíbrio.** Na metodologia 2 a gente vai se aprofundar muito mais nessa questão da, da construção. Agora, adquirir os conhecimentos relevantes, é a primeira vista assim quando você lê, você fala assim: *nossa que legal*. Aí depois quando você vai, continua lendo, você fala assim: *não sei, se é tão legal assim*. Né? Então, esse dois causa uma certa dubiedade. Vamo lá, ó. *A informação que deve ser proporcionada aos alunos na escola são os conhecimentos organizados culturalmente e saberes ou disciplinas específicas. Tá, tudo bem. O currículo a ser elaborado, selecionado, fundamental desses conhecimentos de disciplinas visto que, como o seu nome indica elas mostram esse conhecimento em forma suscetíveis de serem ensinadas. A educação escolar consiste em informar sobre esses saberes específicos existentes na cultura: conhecimento científico, matemático, linguístico, mas não unicamente sobre seu corpo organizado de conceitos. Porém também sobre as técnicas, métodos, estratégias que essas disciplinas específicas utilizam para conseguir gerar novos conhecimentos* **Então o que que tem de melhor, em relação a adquirir conhecimentos relevantes do que adquirir respostas corretas? O que tem de melhor é que você valoriza um pouco mais o procedimento. Você conta para o seu aluno, um pouco mais sobre o procedimento. No entanto. Qual seria a grande questão aqui? Deixa eu ver. Qual seria o grande problema? É que eu continuo querendo que meu aluno adquira. Essa é a grande questão, e aquisição não é construção.** Então traz algumas vantagens em relação a primeira, que era conhecer as respostas corretas? Até traz, mas ainda não deu o pulo do gato. Né? Na construção. Hã... **Construção, ajudar os alunos durante o próprio processo de elaboração pessoal de conhecimento para garantir as relações que estabelecem entre o próprio conhecimento e o conteúdo a ser aprendido. Sejam realmente relevantes e não arbitrarias, isto é, para que não tenham apenas valor individual, particular, mas também sociocultural. Tudo isso sem descartar a possibilidade de que os alunos estabeleçam outras relações mais particulares, mais inovadoras ou menos representativas da cultura do grupo.** Então tem um sentido pra mim, mas tem um sentido também para o grupo. Eu lembro bem de um texto que eu li do **José Nilson Machado. Que ele diz assim: Um projeto meu ele tem que ter uma representação de valor pra mim, mas ele tem que caber também num valor social.** Então assim, não tem nada demais eu querer enriquecer, não tem nada demais. Eu não posso enriquecer hã...prejudicando outras pessoas. Então meu

projeto de vida particular, não pode prejudicar o projeto social. Projeto de, um projeto inserido socialmente. Então isso é interessante na, na construção do conhecimento né? Que é muito difícil né, no nosso país. Tudo bem até aqui? Vocês conseguem assim visualizar, o quanto a gente tem agora? Ó quer ver, deixa eu tentar. Eu vou colocar aqui construção do conhecimento. Pera aí, só um minutinho gente. Desculpa, minha mãe tá me chamando, pera aí. Voltei. Ó, eu vou colocar um slide aqui e vou apagar isso daqui. Vou fazer aqui junto com vocês, uma construção que seria assim, olha. Mizukami, ela divide abordagens né. Então ela fala em abordagens, ensino, ela fala em tradicional comportamentalista. Ah, eu vou fazer diferente ó. A gente há...ó comportamentalista. Comportamentalista. Mizukami. Combina com quem? Assim, as ideias são parecidas ou semelhantes com quem? É...com a educação, a educação bancária de Freire. Aqui, deixa eu pôr o maiúsculo, pra depois vocês não confundirem né. Quem mais? Quem mais a gente viu? É...respostas...Como é que ela chama aqui? Conhecer respostas corretas né?

Aluno 8: Isso.

Professora 1: Respostas, corretas, de Mauri. Ó o ano, mas eu não to fazendo...tá. Olha só isso, isso é interessante. Agora, se a gente pudesse pegar, olha só, vamo lá. **A cognitivista, cognitivista, e a sociocultural de Mizukami. Há...a gente poderia comparar com a libertadora de Freire. E com a construção de conhecimento de Mauri.** Certo? Mas Professora 1, eu posso fazer isso com outros autores? Pode, pode fazer isso com vários autores. Então você pode por exemplo, é, é fazer algo, assim olha, né. Aliás, vocês já fizeram isso, já fizeram, mas eu só vou é...só vou retomar pra que vocês possam verificar como que a gente poderia pensar um pouco né. É, vocês poderiam pensar assim, há...Por falarmos...**Por falarmos de conhecimento, podemos olhá-lo sob a perspectiva e sua origem, isto é, epistemologia.** Tá? Epistemologia. Escolhemos, escolhemos, porque tem mais **três epistemologias. Aí você anuncia: empirista, inatista e interacionista**...porque a gente depois vai ver mais uma tá, pelo menos. Epistemologia interacionista. Aqui você pode colocar, eu acho que a Mizukami fala disso. Tá? A Mizukami fala disso, aí você coloca aqui o ano. Aí olha só, na epistemologia empirista, aí você explica, explica o significado. Explica o significado, e aí você traz as abordagens. A gente acabou de colocar aqui né, tradicional e comportamentalista. Mizukami. E depois a bancária, educação bancária de Freire. E as respostas corretas de Mauri. **Sempre com frases curtas. Curtas e interligadas** né?

Interligadas. Então seria interessante você **sempre fazer um roteiro, antes de começar a escrever**. Agora por exemplo, quando eu termino de escrever isso daqui, da abordagem tradicional tarará, da epistemologia empirista. O que que eu poderia, poderia, não sou obrigada a colocar isso aqui, mas eu poderia dizer assim ó, há...Na maioria das vezes, os professores entendem que, a transmissão do conhecimento ocorre nas aulas teóricas. No entanto, Gaspar. Aí se põe o ano, tá. Aí você fala que o Gaspar o quê? Ele diz que, as aulas...Então, no entanto Gaspar revela que as aulas práticas podem ser tão transmissivas quanto às teóricas, ponto. E aí você explica o porquê. O porque que acontece. Certo? E aí vai. Agora, quando você for falar da epistemologia inatista né, você precisa fazer referência ao parágrafo anterior. Então assim, por exemplo, enquanto na epistemologia empirista o conhecimento vem do objeto, na epistemologia inatista esse conhecimento está no sujeito. Prende ou no sujeito. Né? Aí você coloca o que, no indivíduo, ponto. E aí você continua a sua explicação. Tudo bem? Isso dá mais segurança a vocês gente? Fala um pouquinho disso pra mim. Como é que ficou?

Aluno 8: Eu acho que isso é interessante, porque...É eu tava com na, na nos primeiros textos não tanto, mas nesses dois últimos, e também no seu com a Dani, eu não consegui colocar eles no meu, na minha, na minha descrição, por exemplo. E os dois últimos também não consegui colocar no referencial, acho que agora deu uma esclarecida.

Professora 1: Agora Aluno 8, vamo lá. É, é, esses...apesar de você citar Mizukami, Freire, Mauri, Coll e Solé, todos tá? Apesar de você citar, a sua escrita é extremamente original, é a sua escrita. Então, você vai usar aquilo que mais chamou a atenção. Então para, pensa assim: **o que de importante tem naquele texto que eu julgo**. É isso, é essa ideia que eu quero colocar no meu texto, que você não é obrigado a colocar todas as ideias, não é esse, não é isso. Então assim, sei lá, o que mais chamou a sua atenção, nesse nesse, nesse texto. As abordagens precisam estar aqui, ok, mas é, pega a ideia, a essência do texto tá. **Pega assim, faz um roteirinho mesmo, a essência deste texto, a essência desse texto, desse, e aí coloca na ordem que fizer mais sentido pra você. Afinal, mas estamos falando que construção do conhecimento é, precisa fazer sentido para quem aprende**. Né? Se eu começar de novo a escrever esse texto, eu vou escrever diferente gente. Tá? E vocês também, e vocês também. Deixa eu salvar isso. Bom, vamo continuar o nosso texto. O que que é um esquema

de conhecimento? De Mauri, porque ela fala em esquema de conhecimento e estrutura cognitiva. Tá? Isso é bem importante para nós na, na construção do conhecimento.

Aluno 8: Eu interpretei até aquilo que eu falei antes. O aluno entra em contato com diversos sei lá conhecimentos, diversas informações e ele vai tentar, ele vai incorporar com os conhecimentos que ele já tinha sobre aquilo. É, relevantes ao tema.

Professora 1: Tá.

Aluno 8: Então ele vai fazer essas ligações, e a partir disso vão se formar os esquemas mentais. Os esquemas se relacionam entre si. Eu entendi isso.

Professora 1: Certo. Olha só então, vamos ver se a gente consegue, eu consigo aqui fazer um, um desenho. Eu tenho, eu conheço A...estão vendo aqui? Eu conheço A...ó, sobre fotossíntese tá? Eu conheço A, sobre fotossíntese. E aí eu relaciono este A...deixo eu ver aqui, não, não é isso que eu quero, aqui. Eu relaciono esse A, com algo B de fotossíntese. Tá? Ué...vamo lá, isso. Com algo B de fotossíntese. E ao mesmo tempo, hã...com...como é que gira essa setinha, vamos lá, colabore. Isso. Aí. Com algo C. Então sei lá vai, vamo dar exemplos concretos. Se é fotossíntese é...imaginar que assim, o A...Eita, nossa, como eu tenho habilidade né, pois é, pronto. Ó, então o A, vamos supor que eu saiba que as folhas têm clorofila, e que a clorofila é o pigmento principal de absorção de luz. Tudo bem? Tá. O conhecimento B que eu tenho...Então a, vamo lá, aqui A: o conhecimento sobre clorofila. É...o B...vai me ajuda gente. Sobre fotossíntese o B poderia ser.

Aluno 8: Respiração celular?

Professora 1: Mas eu to falando sobre a, a planta mesmo, que o Sol sei lá, o Sol é a fonte primária de energia. E o conhecimento C que eu tenho, é que...tem uma cadeia de elétrons e que leva né esses, uma cadeia de elétron naquela fase de escuro, fase de claro. Tudo bem? Esse é o meu esquema de conhecimento. É o que eu sei sobre fotossíntese. Aí chega alguém e acrescenta mais um conhecimento aqui, o D. Com esse D, vamo lá. Ele pode, a Aluna 1 pode ligar este D com esse C aqui. O Aluno 7 pode ligar esse D com este B. O Aluno 6 pode ligar esse D tanto com o C, tanto com o B. Então ele modifica o esquema de conhecimento que eles, que ele tinha. Nós modificamos o esquema de conhecimento que a gente tinha. Então se D, por exemplo

for...D vamos supor que seja...outros, que plantas ó, que plantas coloridas também tem clorofila. Tá? Aprendi isso hoje. Aí, eu vou integrar. Como é que eu faço essa integração com A,B e C, é o meu modo particular. Então voltando aqui, tá. **O que é um esquema de conhecimento? É conhecimento armazenado e conectado de forma pessoal.** Tá? **O conjunto de vários esquemas de conhecimentos formam a nossa estrutura cognitiva.** Aí eu pergunto pra vocês, o meu conjunto de vários esquemas de conhecimento é igual ao conjunto de vocês, de cada um de nós? Sim, não? Como é que fica isso? Me explica um pouco pra ver se vocês entenderam gente. Fala um pouco sobre isso, sobre esquema de conhecimento de cada pessoa e a estrutura cognitiva.

Aluno 6: Pelo que eu entendi.

Professora 1: Hum?

Aluno 6: Cada pessoa e apesar de digamos assim seria as mesmas bases, como se A, B, C, D. Cada pessoa faz relação entre eles diferentes. Então assim, cada aluno, ou melhor cada pessoa, enxerga aquilo de uma forma diferente.

Professora 1: Tá. Isso.

Aluno 6: Interessante. Por exemplo, na, na...conversando com amigos sobre um assunto. Tipo se fala de um assunto de uma forma, ele vê de uma forma completamente diferente que você nunca imaginou, e é a mesma coisa.

Professora 1: Humhum. Certo. Ótimo.

Aluno 7: Eu gosto de pensar na ideia de uma pintura né, que você tem um quadro...aqueles quadros mais abstratos, cada pessoa que olhar ele, vai ter uma ideia diferente né. Mesmo estando olhando pra mesma coisa. Então pra mim, é essa mesma ideia, você dar um conhecimento e cada pessoa vai integrar de uma maneira diferente, mesmo sendo tecnicamente a mesma coisa.

Professora 1: Tá. Olha só o que diz aqui, gente. **Os esquemas de conhecimento não são coisas reais, experiências diretas, e sim representações.** Por isso, **pessoas diferentes têm representações diferentes sobre a realidade.** **O Piaget gosta de falar de representações.** Depois a gente vai ver que vamos criticar essa ideia, mas por enquanto vamos ficar com isso para não bagunçar, porque já é suficientemente



complexo. Tá? O processo de reformulação de nossa estrutura cognitiva é contínuo. Concordam? Quer dizer, a cada momento que você vive...não é na escola só não, é viver mesmo. Né? **Você sai de um lugar, vai pro outro, faz alguma coisa, conversa com alguém, a sua estrutura cognitiva está se modificando.** Tá? Hã...Agora eu tenho uma dúvida, é real essa minha dúvida. E eu queria que vocês pensassem junto comigo. É...quando vocês estão aqui por exemplo, nós estamos aqui, eu não quero que vocês entendam o que que é um esquema de conhecimento? E o que que é, hã...estrutura cognitiva? Quero ou não? Na minha aula, que vocês entendam isso.

Aluno 8: Sim.

Professora 1: Quero, mas se vocês estão me dizendo que cada um é...representa do jeito que quiser o esquema de conhecimento e a estrutura cognitiva, então...

Aluno 8: Mas eu acho que tipo a gente vai representar de formas diferentes, vai fazer ligações diferentes. O que é isso, tá ok. O que eu acho que não pode acontecer, é, ou a gente saí sem entender o que significa, ou a gente tem bases conceituais equivocadas ou erradas sobre isso. Por exemplo, se eu falar estrutura cognitiva é ponto, tá errado. Então, eu acho que é...a gente entendendo o que é, tendo as bases conceituais corretas, independente da forma que a gente vai expressar isso, eu acho que tá tudo bem.

Professora 1: Tá, mas você pode, a gente pode correr o risco de achar que entendeu correto e daqui a um tempo, você falar assim: *ahh, não era isso*. Pode?

Aluno 8: Pode. Pode.

Professora 1: Tá. E aliás, pode ser até que esteja certo o modo, mas que você faça *ahh*, por quê? **Porque aprofundou tanto, que você falou assim: *nossa, eu não tinha esta dimensão do entendimento.*** Isso é muito legal, eu gosto disso. Acho isso bastante interessante. É...tá incomodando vocês isso? Não? Porque essa questão me incomoda um pouco sabe. Eu quero que meu aluno saiba fotossíntese, mas ao mesmo tempo eu sei que a representação que ele faz de fotossíntese não é sempre a mesma que eu tenho sobre. E aí fica complicado, principalmente pros professores que querem cobrar o conteúdo. É *ipsis litteris* assim né. É fotossíntese é tal coisa. Então aí muda todo o processo de avaliação né gente. **Se eu não mudar o processo de avaliação é de como eu quero, como eu olho isso, é complicadíssimo.** Né?



Aluna 1: Professora 1, eu vi bastante isso com o Erli, porque o Erli, ele aplica esses textos todos que a gente discute nas aulas. Ele dá o máximo dele pra colocar isso lá. E aí ele fala muitas coisas que ele mostra lá, ele falando da fotossíntese, ele pergunta...É não sei, sei lá, outro exemplo, ele perguntou o que era homeostase pros alunos, os alunos responderam: *o equilíbrio interno*. Aí ele: *ok gente*. Na escola dele, ele é obrigado nas provas a colocar exercícios de vestibulares, exercícios da apostila. Aí ele falou: *ok*. Na, nas perguntas lá da apostila essa é a resposta certa lá, porque essa resposta que vão pedir em vestibular. Assim a resposta que vão pedir nos exercícios, mas aqui a gente vai debater por que que isso não tá certo, porque lá se você pensar no, na bomba de sódio e potássio não tá equilibrado. Então tipo, ele explica, ele mostra, que existe um outro jeito de pensar que você pode entender o que é equilíbrio interno, mas que você tem que entender que lá dentro não é exatamente um equilíbrio. Mas que na avaliação, talvez eles vão ter que, que ter esse né, então, livre...

Professora 1: É um equilíbrio, mas é um equilíbrio dinâmico.

Aluna 1: É. É que ele queria dizer que...enfim, você entendeu, mas, mas ele faz isso com tudo. Tipo de falar, aqui a gente vai debater por que que não é exatamente isso que a gente tá falando, por que que lá na prova você vai ter que falar isso, mas então ele faz isso. Porque é isso. Se você quer, se você vai passar tudo igual tá na prova, você não vai conseguir permitir essa construção mais aberta né, mas mais livre, mas ainda dentro do, com esse direcionamento.

Professora 1: Eu fazia a construção durante a aula, durante as aulas. E a prova era pró-forma.

Aluna 1: Humhum.

Professora 1: Entendeu? Então assim, durante as aulas eu já ia, já ia fazendo a construção. Essa conexão que eu fiz aqui com vocês ó, aqui. Ao falarmos de conhecimento, podemos olhá-lo, eu, eu já fazia estas conexão. Então eu dava pra eles exercícios em aula assim: *peçoal, a gente acabou de ver a importância do ferro, vamos fazer um texto que relacione ferro, anemia e oxigênio, vai lá, vamos escrever isso*. Quando eles relacionavam e me entregavam, e eu fazia os meus comentários, isso a noite na sétima série tá. É, e eles me entregavam. Eu dava devolutiva. Depois

da prova eu podia perguntar pra eles: qual a relação? Tudo bem. Qual a relação entre...era uma prova, sem consulta, com uma questão, tarará, tarará vinha para mim, mas eles já tinham exercitado. Todo mundo tirava 10? O que vocês acham? Não, não era essa questão. Não era esse o intuito de todo mundo tirar 10, ou...mas todo mundo ia razoavelmente bem, porque é a, as relações estavam claras. Então o que, qual é, o que que você faz questão na verdade de, de trabalhar com os seus alunos né. Não é fácil, não é fácil. Hã...Deixa eu ver onde é que eu parei, aqui tá.

Aluno 8: O pro.

Professora 1: Hã?

Aluno 8: Sobre isso que você falou tipo, dos alunos é...você quer que os alunos sabem fotossíntese, mas eles vão entender e se expressar de forma diferente. Aí você perguntou como que a gente se sente. Tipo eu acho isso muito legal, tipo muito legal. Porque, tudo bem, vai vamos supor que eu dou aula numa escola, e a escola tem gabarito pronto da prova. Tipo vamos supor assim, ok, é...o gabarito tá ali, mas se quem tá corrigindo sou eu, eu vou corrigir do jeito que eu entender. Então assim, se eu ver que o meu aluno não colocou aquilo, mas ele entendeu o processo, eu sou obrigado a dar uma nota pra ele. Ele vai tirar uma nota boa, porque ele entendeu aquilo, ele só não expressou da forma como a escola queria. Entendeu?

Professora 1: Humhum.

Aluno 8: Eu acho isso muito interessante, porque isso mostra que cada um entende de um jeito, cada um se expressa de um jeito. E a individualidade....e a gente, a gente respeitar isso é muito importante né, porque no dia a dia...Beleza o aluno aprendeu, aí ele vai, vamos supor, ele recebe uma nota, porque o aluno se mede por 9, isso é fato, isso aí a gente sabe que acontece. Ele vai receber uma nota baixa, ele vai falar: *mas, eu achava que eu tinha entendido*. Eu vou ter que falar pra ele: *não, você não entendeu*. Eu não vou fazer isso, tipo ele entendeu e isso é muito bom.

Professora 1: Então, mas eu acho que o aluno se mede por nota, mas é eu concordo e discordo. Por quê? Eu acho que você não pode sancionar. Você não pode sancionar uma nota antes que você faça ele passar por um processo, porque se você faz ele passar por um processo e você deu sei lá um 4,0 ou um 5,0, e você permitiu que ele

refizesse, visse onde estavam os erros, tudo bem. Mas você categorizá-lo como 4,0 para sempre e não deixá-lo refazer, esse é o problema. Esse é um problema né.

Aluno 8: Concordo, concordo.

Professora 1: A função da escola, ela diz: seria enriquecer as estruturas cognitivas né. Então das muitas há...dos muitos esquemas de conhecimento que cada um de nós tem, porque culturalmente, politicamente, economicamente, tudo nós somos diferentes. Então pra gente enriquecer nossa estrutura cognitiva, que seria o conjunto todo dos nossos esquemas de conhecimento, a função do professor é desequilibrar, é provocar conflitos. Há...E aí esses esquemas de conhecimento vão chegar a novos equilíbrios. Então equilíbrio, desequilíbrio, é isso que a Aluna 1 estava falando da, da questão da homeostase. Equilíbrio dinâmico, é um equilíbrio que nunca chega a...igual. O equilíbrio não significa igualar né. E aí eles destacam aqui no texto, trabalho em grupo, né, tanto no desequilíbrio, quanto na busca do novo equilíbrio. E eu adoro essa parte quando ela fala da memória compreensiva, porque é uma memória, que não é uma memória mecânica que eu te pergunto assim: *o que é isso?* Aí você diz: X. Não, é uma memória compreensiva, porque há um contexto, há um significado, você diz: a Professora 1, sei lá, vou chutar um exemplo que eu não sei se vocês sabem, mas condensação de cromossomos tem a ver com leite condensado? Sim, claro. O leite é líquido, quando ele é condensado, ele é engrossado, ele é, é sei lá, é engrossado. O, a condensação do cromossomo também, ela é enrolada, condensado é o mesmo termo. E invaginação e vagina? Tem relação? Tem. É uma dobra. Na embriologia, invaginação, por isso que se chama vagina. Porque ela surgiu de uma invaginação, tem uma memória compreensível, uma memória que eu, eu decoro essas coisas não simplesmente como eu decoro capitais e só. É mas, porque tem compreensão. Quando eu vou pra um lugar, e esse lugar me chama atenção, eu tenho é, é um sentido, um significado, eu lembro da capital, mas não só porque eu decorei, porque há uma compreensão por de traz disso. Há, há um contexto né? Por isso que a gente decora no, número de telefone ou algo assim, ou antes era assim né, porque agora o celular é a nossa memória. Quando a gente tem interesse, né. Quando a gente tem interesse de decorar, se não né. Para trabalharmos com memória compreensiva, precisamos considerar os erros dos alunos. Considerar erro do aluno, não é provocar erro no aluno. Considerar o erro, é o erro que vem. Então por exemplo, vocês estão conversando aí comigo, eu cutuco, vocês conversam, eu cutuco, vocês

conversam. Aí vocês falam alguma coisa e eu falo assim: *ah tá, então vamo lá*. Vamos falar sobre isso, porque essa é uma questão que a gente precisa né. É então causar conflito cognitivo tudo bem, mas a gente precisa considerar o erro, a gente precisa acolher o erro. Alguém ia falar e eu interrompi.

Aluno 7: Eu, eu só queria comentar esse negócio de relacionar com outras coisas. É, a palavra fotossíntese pra mim pessoalmente, eu sempre relaciono fotossíntese, fóton de foto, é uma máquina de foto, lembro de flash, eu relaciono com luz. Então só tem uma latinha...eu só não tive coisas latino, nessa lógica. Eu acho melhor...relaciono com outra coisa.

Professora 1: Mas é isso mesmo, fóton é luz, vem de foto mesmo, é luz, isso mesmo. Né? E é muito interessante mesmo a gente trabalhar com a origem das palavras, eu acho o máximo. Né? Vira uma memória mais compreensiva. Aliás, dizem que as pessoas que decoram um monte de coisa, aquelas sequências de números, tarará, elas, elas fazem disso uma nora compreensível. Elas fazem associações né? Não sei, porque eu não tenho esse tipo de memória. Mais alguém quer...?

Aluno 8: Eu sou bom de decorar número pro, eu faço associação.

Professora 1: É? Eu, eu não, eu sou péssima.

Aluno 8: Eu fico vendo por exemplo, prova de reality show, que eu adoro. Se tem que decorar número, eles têm opções de decorar por exemplo, número ou nome, ou a cor. Eu vou sempre no número, sempre número. Apesar de eu não ser bom com número, tipo matemática. Eu consigo decorar muito mais número, do que tipo nome ou cor, fazendo associação.

Professora 1: Mas você tem uma técnica né? Você associa.

Aluno 8: Sim, sim.

Professora 1: Tá. Agora, olha só que linda esta frase. E isso eu tenho sido criticada, mas eu sei. Porque na formação de professores que a pessoa que saiu e eu entrei no lugar né, pré-supostamente estava tudo bem, mas agora ela começa a me criticar dizendo que eu não valorizo os conteúdos. Eu valorizo os conteúdos. A questão é diferente, assim olha, os conteúdos escolares não são um fim em si mesmos, mas um meio para a transformação dos alunos. Então assim, não é que eu não acho

importante trabalhar com mitocôndria, quando eu fico enchendo o saco de vocês perguntando pra que mitocôndria, pra que mitocôndria. Não to dizendo que não é importante gente, conteúdo é importante. Aliás, por que que a gente é biólogo? Quer dizer, se não é pra trabalhar com conteúdo de biologia, a gente pode fazer qualquer outra coisa. Conteúdo é importante, mas ele não é o importante em si mesmo. Ele é importante pra modificar algo, pra transformar algo. Então, por isso que eu encho tanto saco de vocês perguntando assim: *mas por que vertebrado terrestre, porque a minhoca, mas por que fotossíntese, mas por que o experimento da vela, mas por quê?* Pra vocês começarem, a vocês mesmos se perguntarem, quando forem propor um conteúdo. *Mas, por que eu quero ensinar isso? Isso é mesmo importante?* Eu acho que é importante sim, mas você tem que saber justificar. Eu, eu ontem na formação falei uma coisa assim: eu, eu gostaria que meus alunos fossem felizes e adequados, sem serem bobos ingênuos. **Felizes e adequados, sem serem bobos ingênuos. Adequados, adequados a situações, a, as questões sociais, políticas, econômicas. Felizes não no sentido de darem risada à toa, mas feliz com aquilo que fazem né, na, no sentido da adequação.** Se você souber, decoro, o que é mitocôndria, organela da célula, isso não vai te fazer mais adequado. Agora, saber das relações, sim, talvez. Né? **Por isso deveríamos sempre nos perguntar: para que se ensinar, o que se ensina.** Isso não é nem meu, é da página 103 é, é literal né? Hã...Ai de novo. De novo, porque a gente já viu. **É, segundo o Vygotsky né, tem um nível real de que uma pessoa sabe. Ela pode saber zero ou saber um pouco, e tem um nível potencial que ela pode atingir.** O Vygotsky dá um exemplo de amarrar cadarço de, de tênis, sapato né. Então assim, eu não sei amarrar. Uma criança por exemplo, não sabe amarrar, alguém adulto fica do lado dela e vai ensinando. Faz assim, faz assim. Primeira vez ainda não, segunda vez, terceira vez, 1000 vezes, e aí um dia esta criança aprende amarrar sozinha o sapato. **Essa, esse lugar imaginário, esse lugar virtual entre o que eu não sei, o nível real do que eu não sei do que eu consigo chegar é a zona de desenvolvimento proximal.** Zona de desenvolvimento proximal. Quando eu aprendo, colaba, não existe mais essa região. Então, eu não sabia andar de bicicleta. Aprendi a andar de bicicleta, a minha zona de desenvolvimento proximal para andar de bicicleta zerou. Agora, pra fazer manobra, andar naqueles montam bike tarará, é outra coisa né? Então eu tô, eu devo ter sei lá, zilhões de zonas de desenvolvimento proximal de coisas que eu não sei fazer né?

Aluno 9: Professora, você falou isso, eu consegui tirar um paralelo muito grande pra aprender a dirigir.

Professora 1: Sim.

Aluno 9: Porque no início era uma dificuldade do caramba. Agora tipo, faz uns 3 anos que eu dirijo. É um negócio totalmente automático, tipo eu vou fazendo, nem penso, só vou trocando de marcha, o negócio vai acontecendo, vai fluindo, e só vai.

Professora 1: Exatamente. Aham. Agora, se aparecer alguma coisa na sua frente de repente que você não está acostumado, ou se você machucar o dedinho do pé ou da mão, é...essa zona reaparece e em pequeno limite, porque você não tá na, na, na sua, na sua zona de conforto. Você não tá. Agora a zona para dirigir em situação normal, ela tá colabada, sim, sim. Né? Mas imagina, eu não sei tocar nenhum instrumento, eu devo ter uma zonas aí de desenvolvimento proximal gigantes, pra absolutamente todos os instrumentos né. É um monte de coisa pra ritmo, leituras em outras línguas, é um monte de coisa que a gente não, não sabe. Então as nossas possibilidades de aprendizagem são muito grandes nesse sentido, mas não são lugares reais tá gente, não são lugares reais. E aí eles, nesse capítulo eles falam em **aprender conceitos, procedimentos e atitudes** que vocês já tiveram com a Professora 2 e ainda vão ter comigo no semestre que vem. Tá? Então aprender conceitos importantíssimo, mas procedimentos também e atitudes. **Aqui conceitos, seria: saberes. Procedimentos: saber fazer. E as atitudes: saber ser e conviver.** O que a gente mais faz na vida na escola, é só isso daqui. Saber, saber, saber, saber, saber, entucha o cara. Não quer saber nada, do saber ser e conviver. Procedimento às vezes num laboratório, mas mesmo assim muito pouco. E aí eu aproveito pra trazer aquela tabela de verbos que vai ficar eternamente na cabeça de vocês que são os objetivos segundo Zabala. Eu coloquei modificados, porque eu...eu acrescentei alguns. **Então saber né, objetivo de saber: eu analisar, aplicar, assinalar, comparar e assim por diante. Saber fazer: coletar, compor, comunicar, confeccionar. E saber ser e conviver: apreciar, comportar-se de acordo com, estar sensibilizado, obedecer, perceber, obedecer.** Obedecer aqui gente, precisa ver bem o contexto né, que às vezes obedecer não é o que eu quero que o aluno faça ou melhor, a pessoa né, porque não aqui nesse caso, não é só o aluno. Muito bem. Impressões gerais agora do texto da, da Mauri. Vou parar de compartilhar, vou salvar e vou mandar pra vocês.

Aluno 8: Pro, eu achei o texto...primeiro eu demorei muito pra ler ele, porque ele tinha tipo 43 páginas.

Professora 1: Sim.

Aluno 8: Mas, apesar de ser um texto longo, eu entendi. Eu acho que eu consegui entender o texto bem, bem mais que Coll e Solé, que tinha sei lá 20. Então, eu acho que eu consegui entender bem o texto. Eu gostei, achei interessante. Acho que é fácil da gente perceber como as, as proposições que ela faz no texto acontecem no dia a dia assim, na escola, na faculdade e tal.

Professora 1: Tá. Quero ouvir mais, porque eu tenho uma pergunta.

Aluna 1: É pra mim, o fato do, ah foi naquela semana de relatório né e nanana. Então foi um, foi um texto meio complexo pra mim assim. Tipo eu não tinha entendido tanto, acho que eu tinha lido meio por cima assim. Agora ficou mais claro, mas eu sinto que agora eu quero reler tendo visto isso tudo que você falou, sabe.

Professora 1: Isso é importante, Aluna 1.

Aluna 1: É, acho que ficou tudo meio solto pra mim assim.

Professora 1: É uma leitura importante sim. Quem mais? Alguém mais? Aluno 6, Aluno 9, Aluno 7 querem comentar?

Aluno 9: Olha eu tava meio perdido, mas com a aula de hoje deu pra pegar bastante a ideia dele, tava meio abstrata, aí eu consegui organizar um pouco melhor.

Professora 1: Eu sou completamente contra aula teórica assim, como eu fiz aqui né, mas é eu fiquei com muito receio de vocês...A gente perdeu duas aulas. Eu fiquei com muito receio de vocês ficarem inseguros e perdidos. Então eu, eu resolvi fazer assim. Se bem que eu conversei com vocês mesmo assim né, mas eu decidi organizar um pouco as ideias pra mim e pra vocês. Como é que foi isso Aluno 7, essa experiência?

Aluno 7: Acho que o...o que o Aluno 9 e a Aluna 1 falou, eu concordo, eu acho que essa aula ajudou a entender melhor as ideias do texto. Então eu acho que foi legal essa relação que você fez com os textos anteriores. Acho que ajudou também a entender as ideias.

Professora 1: Tá. Aluno 6 fez um...É agora vamos pensar um pouquinho gente, assim ó. É, Gaspar fala de Piaget e de Vygotsky, falando um pouco da questão da aula prática não ser a comprovação da teoria. Em Francisco e Pechliye, a gente viu que, os professores de modo geral, professores universitários, ainda fazem muito aula prática como comprovação da teoria. Nas pedagogias de autonomia e do oprimido, Freire traz muito a questão da, da necessidade ou da validade da educação, como algo libertador. Né? Então, se o conteúdo que eu tiver trabalhando, se a minha relação com as pessoas com quem eu convivo não promoverem a transformação, de nada adianta. Então, nada de nada adianta saber mitocôndria se esta pessoa não consegue entender o quanto ela é oprimida pelas questões políticas. E mesmo com a mitocôndria, eu consigo talvez fazer isso. **No texto do Coll e Solé, talvez seja um primeiro texto que fale diretamente, explicitamente, sobre as questões do construtivismo né.** E fala que o construtivismo ele não é... Ele é uma referência apenas, porque como que ele disse isso? Ele diz que a teoria e a prática precisam se conversar né, não adianta eu pegar um referencial e usá-lo como se fosse uma receita de bolo né. Eu preciso adequá-lo a minha realidade, ao, ao público que eu tenho, respeitar esse, esse grupo de pessoas com quem eu trabalho né? Hã...E finalmente Mauri. No texto de hoje traz a divisão de três grandes abordagens, fala de esquema de conhecimento e de estrutura cognitiva. E traz os três principais objetivos educacionais que são conceituais, procedimentais e atitudinais, que como eu já disse, nós vamos ainda visitar tá. Então a pergunta que fica depois desse apanhado geral....que que eu fiz? Como que eu faço pra aplicar tudo isso na prática? Que coisas assim olha, alguém chega pra você e fala assim: *você teve aula com a Professora 1?* Se fizeram aulas aí e leram esses textos, que elementos que a gente pode pontuar aqui, colocar aqui, que eu vou usar na minha aula simulada? Né? Pra eu não repetir os mesmos erros. Eu não vou dar aula hã...de transmissão de conhecimentos. O que que eu preciso considerar? Vamo lá. Eu vou fazer a listinha aqui junto com vocês, vocês vão me falando. O que eu to tentando fazer com vocês? Pegar toda teoria e aplicar na prática. O que que você consideraria? O que que você faria? Gente, vocês sabem que aqui não tem essa coisa de errar, acertar, ninguém vai ficar né, então assim, fiquem livres, falem o que vocês quiserem, a gente adapta o que vocês falarem. Vamo lá.



Aluna 1: É, o que mais vem pra mim, é a coisa da construção do conhecimento. E não, não a descoberta ou a transmissão né. Então, eu tava pensando né, tipo, ah a gente vai fazer um experimento na, na nossa aula simulada. Ele não pode ser pro aluno descobrir e ele também não pode ser uma coisa que só vai ilustrar né. Então, que o aluno tem que conseguir construir aquele conhecimento, que o professor tem que estar ali pra ajudar nessa construção. Pra que ela seja ainda, uma construção que faça sentido né?

Professora 1: Você...é ótimo, é isso mesmo. Você tem algo prático que você diria assim: então eu faria? Sabe assim, então eu utilizaria tal, tal modo e não tal modo, que o não você já disse. Não é descobrir e nem ilustrar, e sem construir, na prática.

Aluna 1: Eu acho que, tentaria fugir do expositivo.

Professora 1: Tá.

Aluna 1: Pra ir mais pra uma...pra isso, sei lá. O Erli, ele faz muito, tipo uma, é uma conversa mesmo de tipo...

Professora 1: Se conversaria.

Aluna 1: É. Tipo ir fazendo perguntas que possam, tipo perguntas menores que no fim tipo, eu quero chegar numa pergunta maior assim, mais perguntas menores que vai dando pra ir. Entendeu?

Professora 1: Tá, ok. Então a Aluna 1 faria perguntas. Tá? É isso? É isso que eu quero que vocês me digam. Só que a Aluna 1 começou já explicando uma linha de raciocínio dela pra chegar a isso, tudo bem, não tem problema. Ela disse que ela conversaria com os alunos dela, e conversaria via perguntas. Pra isso, já vou avisando, você conversar com seus alunos fazendo...você tem que estudar. Tá? Ok, ótimo. As perguntas precisam ser provocativas, porque se você ficar perguntando: *o que é isso? o que é aquilo*. O aluno não entende a sua pergunta ou responde é tal coisa, e você fica assim: *vocês não conversam comigo*. Né? Não, você tem que, pra conversar com o professor você precisa fazer perguntas que te peguem na alma né, que, que que tenham, que façam sentido. Então, vamo lá. Qual foi mesmo a minha pergunta? A minha questão foi assim ó: O que que vocês pegariam da teoria de tudo que a gente

viu, e como que vocês colocariam isso em prática? A Aluna 1 falou que faria perguntas, e vocês?

Aluno 7: É...posso falar? Eu, porque assim, já falo como me sinto, como a Aluna 1 falou, de fazer perguntas. É, eu acho que também é uma pergunta muito importante, se alguma coisa, alguma pergunta que lhe permitia saber, qual é o conhecimento prévio do aluno? E já trabalhar em cima disso. Assim...

Professora 1: Então a coisa prática seria, levantar os conhecimentos prévios.

Aluno 7: Acho que esse seria o ponto de partida, na minha opinião.

Professora 1: Tá. Você....Os conhecimentos prévios dos alunos. Você quer falar pra a gente por que que você acha tão importante Aluno 7? O que que vem a sua cabeça? Porque assim, eu concordo com você plenamente.

Aluno 7: Assim. Pra gente construir conhecimento, a gente, o aluno não tem que relacionar a nova informação com a informação que ele já tem. Então eu preciso saber o que ele, a informação que ele já tem, pra poder relacionar com a nova.

Professora 1: Tá. Então você tá dizendo que é importante, pra que eu considere, eu professor, considere o que o aluno já sabe e possa relacionar com o que vem de novo. Agora, deixa eu fazer uma perguntinha para vocês. Aluno 7, se você já fez levantamento de conhecimentos prévios duas, três, quatro vezes na sua carreira, lá com a sétima série, toda vez você precisa fazer levantamento de conhecimentos prévios?

Aluno 7: É, considerando que eu vou tá com uma turma diferente, eu vou.

Professora 1: Isso, isso, porque é...eu no PIBID, no PIBID foi curioso porque o...uma aluna me falou: *eu já fiz levantamento de conhecimento prévio, já sei o que o aluno pensa sobre isso, é sempre mais ou menos igual.* É verdade, mas só que, quando você faz levantamento de conhecimento prévio, é pra você e pro aluno também. Pra ele ter dúvida. Então sempre fazer levantamento de conhecimento prévio, o aluno vai se sentir instigado né?

Aluno 7: Acho que isso deve ser essencial pra cada novo conteúdo né que você vai apresentar pro aluno. Pra todo novo conteúdo que você vai apresentar, mudando de assunto acho que tem que fazer isso de novo, eu acho.

Professora 1: Não, que eu tô dizendo assim, pro mesmo assunto às vezes, você professor já sabe mais ou menos o que o aluno vai responder, mais ou menos, mas o que eu to dizendo aqui é legal, porque pro aluno é uma provocação. Quando você faz levantamento de conhecimento prévio e o aluno fala assim: *eu não sei*. Ele já se sente meio curioso. Né? Ótimo. Quem mais ajuda? Então olha só. Hã...É muito gostoso fazer levantamento com o aluno. Sim. Então ó, perguntas, mas não são perguntas quais queres, são perguntas é...provocativas, é levantar conhecimentos prévios. Vamo lá. Olha quanta coisa que a gente tá contribuindo pra aula simulada de vocês em gente. Vamo lá.

Aluno 8: É...que graça. Eu acho que, a gente tem que pensar pro, em trabalhar conteúdo com os alunos que sejam, que eles possam fazer relações com, não sei, talvez o cotidiano deles ou eles mesmos, pelo menos do meu grupo né, a miniota. Será que o aluno sabe o que é uma miniota?

Professora 1: Não, não dá spoiler.

Aluno 8: Ai, desculpa, não sabia.

Professora 1: Conteúdos...

Aluno 8: Não sabia, desculpa gente.

Professora 1: Conteúdos relevantes e que façam parte do cotidiano dos alunos. Tá? É...ótimo. E às vezes do cotidiano do aluno não é aquilo que ele vai usar direto ali no dia, no dia né, mas do cotidiano né. E que de preferência, então já que você falou disso, que permita...o que? Que permita crítica, que permita posicionamento. Né? Não sei. Eu pelo menos vejo que a biologia permite isso muito né, gente?

Aluno 8: Com certeza.

Professora 1: É que...Vou ser muito honesta, eu acho que permite, porque eu sou bióloga né, porque eu não consigo ver isso em outras. Não, quer dizer, consigo ver em outras áreas, mas por exemplo, matemática eu não consigo, de verdade gente.

Física eu consigo, química eu consigo, português eu consigo, agora matemática eu não consigo.

Aluno 8: Eu também não consigo pro, porque eu acho que a imagem, a imagem e as relações que a gente faz com matemática é muito quadrado, muito exato né.

Professora 1: É, o meu é trauma mesmo.

Aluno 8: É. Não, concordo, te entendo, compadeço.

Professora 1: Tá. Mas isso a gente resolve na, na terapia. Então tá. Que permita crítica e posicionamento. Muito bem. Gente, vocês são o máximo né, olha só, olha vocês estão fazendo a lista. Vamo lá. Que mais? Não tenham vergonha de falar. Deve tá passando alguma coisa na cabeça aí do Aluno 9, do Aluno 6. Vamo ver. De tudo que a gente já leu, o máximo que vai acontecer é tá errado, e daí.

Aluno 9: Olha então, é que eu na minha questão, é que eu tipo, eu tô tentando acrescentar algo novo, mas pelo menos pra mim tá um pouco redundante. Eu acho que tipo, se eu for falar, eu vou tá acabando repetindo o mesmo. Mas olha. Eu acho muito importante essa parte do, da, do levantamento dos conhecimentos prévios. E eu observei isso muito numa aula que o Gustavo deu. Porque ele foi explicar, era uma aula do sexto ano, explicar um pouco sobre transformações de energia. E ele começou a aula perguntando se tipo, se as crianças elas acham que sofreram uma mudança do dia anterior pro dia de hoje. E a partir disso, ele fez um paralelo com a mudança da energia da, da energia mecânica e da hidrelétrica pra energia elétrica, e da energia elétrica dos fios ele passou pela energia mecânica de novo, do ventilador. Eu fiquei tipo...ele fez um levantamento do conhecimento da mudança do que as pessoas têm normalmente com a gente, foi fazer umas paradas, aí chegou no ventilador e tipo, eu achei isso genial. Não sei se contribui com alguma coisa, mas eu achei muito legal.

Professora 1: Não, é um exemplo interessante, um exemplo interessante. Eu sempre digo pra vocês que pegar exemplos que parece que não tem nada a ver, parece que não tem nada a ver, e unir, é...chama atenção do aluno. É difícil o aluno não prestar atenção nisso né? Mesmo aquele que tá meio assim, distraído, ele, ele fala assim: nossa, que esse cara tá falando né, do que que ele tá falando. Então assim, eu acho que o que você diz é assim: causar...vamo colocar assim, professor, tá vendo como colabora, professor causar certa estranheza. Estranheza há...em seu discurso. E

também, porque não deixar né, deixar ser surpreendido e...deixar ser surpreendido pelo aluno. Tá? Sabe assim, você diz assim: nossa não tinha pensado em tal coisa. Você deixar mesmo que o aluno se surpreenda né, assim como você ficou surpreendido aí com a aula né? Então sim, então olha só Aluno 9, você colaborou sim com uma questão que eu por exemplo não tinha lembrado. Essa coisa do professor surpreender o seu aluno, com essas comparações né. Você vai lá longe e isso traz a curiosidade né. Aguça, aguça a curiosidade.

Aluno 8: Isso é muito comum. Eu vi muito isso no estágio, tipo o Felipe, ele faz isso muito, ele faz direto isso. Tipo ele tenta, ele manda uma assim pros alunos que eles ficam tipo meio assim, aí eles tentam, aí eles ficam tão assim curiosos, tão interessados que eles tipo, eles vão tentando responder. Sabe, independente se tá certo ou errado, eles vão tentando responder, isso é muito legal, muito legal.

Professora 1: Aluno 6, quer tentar? Vamo lá?

Aluno 6: Olha pro. Não sei se incluiria também aqui no tema, mas to fazendo também a matéria de...agora me fugiu o nome. De avaliação. De avaliações.

Professora 1: Ah tá, certo.

Aluno 6: Em uma das aulas, ela falou justamente que por exemplo, na questão das avaliações, a forma como você vai ver se os alunos adquiriram tal conhecimento. Pode ser feito com perguntas ou com uma prova por exemplo, depois da, da aula prática do experimento. Só que, você também tem que tomar cuidado com a forma como você considera os dados que se obtém daquilo. Botou até uma situação lá, de os professores falando: *nossa, você bota uma provinha escrita que os alunos marcam lá, isso é tradicional, você não pode fazer isso, etc e tal*. E a ideia é justamente...o problema é que eu não sei a forma como você obtém esses dados pra saber se os alunos entenderam, mas o que você faz com os resultados disso.

Professora 1: Tá.

Aluno 6: Ou com as respostas das perguntas que eles dão.

Professora 1: Aham. Tá, muito bom. To tentando é, é digerir isso pra colocar, que quer dizer hã...é eu acho que isso é o fundamental. A questão, a questão não é o modo, e sim a concepção. Então é assim, é...Não, não somos ou não estamos, não estamos,

não estamos proibidos de dar prova, por exemplo. É o modo que entendemos. Para que? Por quê? Né? Estamos a prova. Isso, muito bom. Isso é profundíssimo Aluno 6. Isso eu sempre falo pra vocês, quer dizer assim, o pessoal fala assim pra mim: *passar vídeo é tradicional?* Não sei. Não sei. *Pode passar vídeo?* Pode, claro que pode. Agora assim, o que que você vai fazer com isso? Como? Qual que é a sua concepção sobre? Se você for passar um vídeo, pediu um resumo, e, e, e nem ler o resumo e dar uma devolutiva pro seu aluno. É, é um coco, não é nem aula isso. Agora se você faz um roteiro, você estuda junto, você dá uma devolutiva, você faz um trabalho legal junto a esse vídeo. Então assim, não é o, o, o que o Aluno 6 está dizendo não é o, o elemento em si né. É na verdade a questão da interação. E eu vou contribuir então dizendo que trabalho em grupo permite mais discussões né. Então vocês acabam trocando entre vocês com mais liberdade né. Agora levantamento de conhecimento prévio, a gente tem que tomar bastante cuidado, não é você só perguntar pro seu aluno assim: *o que é isso?* Não. Você tem que utilizar o que o seu aluno fala, por exemplo, eu ouvi atentamente cada um, o que vocês falaram, tentei reelaborar com as minhas próprias palavras e coloquei aqui no chat pra gente usar. Tá? Isso é considerar conhecimento prévio do aluno. Não é você perguntar pro aluno e depois ele fala alguma coisa, e você ignora o que ele fala e segue o seu script como se nada tivesse acontecido. Isso não é levantamento de conhecimento prévio. Tá? Tem que tomar bastante cuidado, porque tem muito professor que pergunta, e ignora. Pergunta, o aluno responde, aí ele simplesmente segue a vida como se nada tivesse acontecido né?

Aluno 8: É ou só tipo utiliza o que for ok com o roteiro dele.

Professora 1: Correto.

Aluno 8: É exato. A resposta tá de acordo com o roteiro? Então beleza, então vamo usar. Senão, próximo.

Professora 1: Então, pra que?

Aluno 8: É por quê?

Professora 1: Então, você tem que contemplar quando o aluno acerta, quando o aluno erra, quando o aluno erra não ser sarcástico, não ser maldoso. É perguntar de novo, dizer pra ele assim olha: isto daqui é legal que você falou, agora isto daqui a gente pode pensar de tal forma. É o modo também como você se coloca né? Hã...eu to

lendo um livro no grupo de pesquisa que é esse aqui: Pensamento Sistêmico. Ela tem umas afirmações maravilhosas aqui, pra gente não começar a falar, a conversar, a negar, a dizer pra pessoa não, não, você está errado. Pra começar de uma outra forma, é, explicando a situação pra levá-la a entender, mas não usar a negativa já de cara, porque a pessoa já fica meio bloqueada, ela já reage de um modo ruim. Né? Interessante. Bom meninos, com certeza tem mais coisa né, mas eu acho que isso já ajuda bastante lá nas aulas simuladas. Vocês trabalhem por situação problema, trabalhar situação problema é uma grande sacada. Fazer situação problema viu gente. A comanda da situação problema não é uma coisa fácil, mas é gratificante, é gratificante. Tá bom? Mais alguma pergunta? Então um beijo grande pra vocês, bom final de semana, espero que fiquem bem.

Aluno 9: Professora, rapidinho. A Aluna 5 pediu pra avisar que hoje ela teve um problema pessoal, e pediu desculpa por não ter conseguido aparecer na aula.

Professora 1: Obrigada por avisar Aluno 9. Muito obrigada. Espero que ela esteja bem também. Tá bom? Beijinhos. Bom, depois a gente tira as dúvidas do pessoal que faltou, vocês me ajudam tá bom? Então tá jóia, bom final de semana a todos, gente, obrigada.

Alunos: Obrigado pro. Obrigada. Tchau.

Professora 1: Tchau, tchau.